revista

Barbante

ANO IX - Nº 34 - 21 DE FEVEREIRO DE 2021
ISSN 2238-1414

BARBANTINHA
Caderno especial escrito por crianças

Carta ao leitor e à leitora

A Revista Barbante está de parabéns! Nove anos de muita literatura, arte e ciência de todos os cantos do Brasil e do mundo! Não nos faltam motivos para comemorar! Uma revista que nasceu tímida, quase morreu nos seus primeiros anos de vida e que, de repente, desabrocha como uma menina travessa, atravessando oceanos e subindo montanhas, com seus textos, fotografias e desenhos. Parabéns para todos nós que construímos esta revista linda!

Para comemorarmos os nove anos de aniversário, trazemos uma notícia maravilhosa: a Barbante agora será mensal! Sim, vamos reduzir o número de páginas e passaremos a publicar mensalmente! Isso não é legal? Logo divulgaremos os critérios para a seleção mensal de textos e outras contribuições!

Nesta edição especial de aniversário, novamente, corremos vários mundos e andamos pelo Brasil quase todo! Recebemos tantos textos que precisamos, pela segunda vez, fazer uma edição em dois volumes! Este é o primeiro. Ufa! Obrigada pelo carinho que vocês dedicam à Barbante!

Neste volume, o fotógrafo Cícero Batista de Oliveira Júnior contribuiu com mais de cinquenta fotos sobre o carnaval de Natal, Rio Grande do Norte. Sim! Não houve folia pelas ruas do Rio de Janeiro e São Paulo, mas a Barbante desfilou pelas passarelas de Natal, mostrando a todos que o Pierrot e a Colombina não podem parar de sorrir!

Na seção "Artigos", vocês encontrarão textos de Maria da Conceição Santos, Daniel da Rocha Silva e Edilene Oliveira da Silva Feitosa, Rejane Souza Santos e Ednalva Bezerra da Silva Teixeira, Ricardo Santos David, Vânia Maria da Silva Franco e Washintiane Patrícia Barbosa da Silva Carvalho.

Na colorida seção "Cartuns", Rosângela Trajano traz-nos um pouco de esperança e belezura para o meio ambiente.

Na seção "Contos", uma grandiosa surpresa! Muitos autores escreveram contos belíssimos, são eles: Altamiro Fernandes da Cruz, Apresentação Oliveira, Ariane de Medeiros Pereira, Bernardete de Lurdes Bielinski, Calikcia Vaz, Daniel Rocha, Jaciara Dias, Leidiane de Oliveira Costa, Luana Santana, Luís Amorim, Márcia Batista Ramos, Marise Castro, Nara Minervino, Rosangela Mariano, Tex Rocketann e Wedson Oliveira de Santana. Agradecemos, especialmente, à escritora argentina Araceli Otamendi, que contribuirá mensalmente com a

Barbante, enviando texto para uma das seções. Desta vez, ela nos ofereceu um conto. Aproveite a oportunidade para praticar espanhol!

Na seção “Cordéis” trazemos os maravilhosos cordelistas Carlos Silva, Francisco Luiz Mendes e Severino Honorato.

Na seção de “Crônicas” estão as contribuições de Arnor Milton, Dartagnan Ferraz, Emecê Garcia, Ieda Freitas, Isabel Delfino, Luis Fernando Almeida, Nara Minervino, Odair Schirmer e Pacomolina.

Em “Ensaios”, apresentamos textos de Elane da Silva Plácido, Luciana Novais Maciel, Mario Roberto Guimarães, Simone R. Carvalho e Tatiana Cíntia da Silva.

Para deixar a Barbante mais elegante, apresentamos uma estreia: a seção “Fábulas”, com a querida Nara Minervino.

Na seção “Resenhas”, as valiosas presenças de Naican Escobar e Samuel de Souza Matos.

E em “Tirinhas”, Everton Pessan nos brinda e privilegia, mais uma vez, com o seu humor educativo.

Ainda como evento comemorativo, a Barbante apresenta a caçula Barbantinha, um caderno especial escrito por crianças do mundo inteiro! Convidem as crianças para participarem mensalmente desse caderno encantador e cheio de beleza de mundos imaginários que só as crianças conseguem chegar!

Já já anunciaremos o segundo volume!

As editoras

Artigos

"O CALABOUÇO" DE RAMALHO E O *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA* DE SARAMAGO: AS RELAÇÕES DE INTERTEXTUALIDADE E AS ALEGORIAS CONCEITUAIS EXISTENTES

Maria da Conceição Santos

Mestranda PPGL/UFS

Resumo: Este recorte crítico tem por objetivo analisar comparativamente elementos constituintes do conto "O Calabouço", extraído de *Dança no espelho e outros contos* de Christina Ramalho (2018) e o *Ensaio sobre a Cegueira* de José Saramago (1995). Na leitura desenvolvida, ambas as narrativas reverberam um exame das sociedades trazendo a alegoria da cegueira e da prisão enquanto mecanismo de subversão de uma ordem. Os procedimentos metodológicos adotados constituem uma revisão da literatura sobre o tema. Ao arcabouço teórico, somam-se as contribuições de Agamben e a teoria do *dispositivo* (2009) e os estudos de Calbucci (1999) sobre Saramago. Os resultados da análise indicam que as interfaces entre os textos revelam um diálogo interessante entre o tema 'central' abordado pelo escritor português e a autora brasileira. Nesse seguimento, a cegueira, a prisão e a liberdade tornam-se elementos intertextuais que servem de norte para uma reflexão das sociedades retratadas nas obras.

Palavras-chave: Intertextualidade; Dispositivo; Cegueira; Prisão; Liberdade.

INTRODUÇÃO

José Saramago é um dos expoentes da literatura contemporânea que reverberou em sua obra aspectos da condição humana de forma profunda. O escritor português, ao longo da sua trajetória, se mostrou um exímio observador da alma humana, bem como de suas mazelas, observação essa que é acentuada em seu romance *Ensaio sobre a Cegueira de* 1995.

Nessa seara, tornou-se relevante para os estudos literários a análise comparativa entre as narrativas destacadas, evidenciando as possíveis relações de intertextualidade e dialogismos existentes na obra de Saramago com o conto "O calabouço" da brasileira Christina Ramalho. Ambos os escritores são de nacionalidades e épocas diferentes, mas em seus textos há um entrecruzamento de temas e conceitos. Tal análise infere que tanto o romancista como a contista tratam as relações e os conceitos relacionados à cegueira e à falta de visão, de luz e de conhecimento, e também à escuridão e à ignorância, mas, sobretudo, ao despertar da liberdade.

Conquanto, ainda que os textos fomentem o mesmo tema, a maneira como cada autor compõe a narrativa se difere. Em o *Ensaio sobre a Cegueira,* por exemplo, vemos uma sociedade alienada dentro de uma ordem de dominação. No enredo, a partir de um 'mal branco' há o encontro de uma verdade existencial até então desconhecida. Em "O Calabouço", vemos um personagem que subverteu, possivelmente, a dominação um dia sofrida. Ele, cuja identidade não é revelada, transfere para o calabouço uma acepção diferente do significado convencional. Esse mesmo espaço, típico de uma prisão, em Ramalho assume uma outra conotação. O calabouço passa a ser uma forma de liberdade encontrada pelo personagem que preferiu não se deixar manipular pelo sistema, porquanto nele existe uma porta que dá acesso ao mundo, mas o personagem

prefere mostrar-se indiferente a esse fato, o que reforça a tese de que, para o personagem, aquilo que seria uma escuridão prisional passa a ser a luz de uma verdadeira liberdade. Passa a ser um encontro dele consigo mesmo.

1 ANÁLISE DAS NARRATIVAS

Com efeito, a contemporaneidade, com sua estrutura organizacional e hierárquica, tende a imputar poder sobre o sujeito moderno. Existe uma ordem invisível das coisas que se quer fazer acreditar que 'tudo' se encaminha para o bem-estar da sociedade. Entretanto, parafraseando Agamben (2009), vivemos hoje imerso em um cruel jogo de poder em que a liberdade do sujeito é colocada sob suspeita. Do mesmo modo que a busca por um bem comum que se quer fazer acreditar é na verdade a tentativa de reprodução de poder da classe dominante, da classe hétero, branca e detentora de poder.

Agamben retoma o conceito de 'dispositivo' de Foucault para reforçar a ideia de que a liberdade hoje se tornou um bem negociável, uma vez que somos livres dentro de um padrão, dentro de um limite comportamental. É cada vez mais estreito os espaços para a diferença, para o questionamento. O homem se tornou um 'objeto' possível de manipulação mesmo usufruindo de todo um excesso de liberdade.

O sujeito moderno é controlado por mecanismos de controle que Agamben vem chamar de 'Dispositivo'. Assim,

> Disse que o dispositivo tem natureza essencialmente estratégica, que se trata, como consequência, de uma certa manipulação de relações de força, de uma intervenção racional e combinada das relações de força, seja para orientá-las em certa direção, seja para bloqueá-las ou para fixa-las e utilizá-las. O dispositivo está sempre inscrito no num jogo de poder (...) (AGAMBEN, 2009, p. 28)

Nessa seara, um dos caminhos possíveis para romper com a força dos dispositivos é, para Agamben, a 'profanação'. A profanação consiste em tornar natural aquilo que é do próprio homem. Nesse contexto, podemos pensar a busca por liberdade como forma de 'profanação', pois a liberdade é, por excelência, um aspecto natural da condição humana. Somando-se a essas assertivas, refletiremos a seguir sobre a forma como Saramago (1995) e Ramalho (2018) representam artisticamente esses conceitos.

"O calabouço", extraído de *Dança no espelho e outros contos* de Christina Ramalho (2018), narra a história de um homem, cuja identidade não é revelada, salvo no final do texto, em que a narradora deixa uma pista interpretativa de que esse homem poderia ser ou é o pai de uma segunda personagem que aparece no conto, que, alheio a toda uma conjuntura de sociedade organizada dentro de uma ordem, optou por isolar-se em um calabouço e criar ali seu mundo, sua verdade.

Diferentemente da acepção de calabouço enquanto prisão, esse espaço no conto não assume essa dimensão, uma vez que existe uma porta em seu interior, porta esta que o personagem sabe que existe e ainda assim prefere se manter alheio. Posto isso, a escuridão com a qual o personagem se defronta é a luz que o faz produzir seus poemas nas paredes. A escuridão é a sua inspiração, a sua paz, o seu equilíbrio, a sua verdade. Estar e permanecer no calabouço é para o personagem o próprio movimento de profanação. O movimento de subversão dos dispositivos que cegam e alienam.

Em o *Ensaio sobre a Cegueira* vimos um homem que, ao parar em um sinal vermelho, é acometido por uma cegueira repentina e diferente: *o mal branco.* Em seguida, essa cegueira começa a se espalhar por toda cidade, começando pelas pessoas que têm algum tipo de contato com o 'primeiro cego' e logo para os demais, como uma espécie de epidemia sem precedentes.

No demais, o governo da cidade hipotética, como forma de conter a epidemia, trancafia os afetados em um manicômio abandonado, sem quaisquer auxílios, deixando-os à mercê da própria sorte, definhando em sua própria humanidade.

Assim, conforme mencionado, na narrativa de Saramago há uma metáfora da cegueira, no entanto, essa cegueira é positiva, pois representa a subversão de uma ordem de dominação. Desse modo, grande parte dos personagens, uma vez infectados pelo 'vírus' da cegueira, passaram a enxergar o mundo com uma única cor, a cor branca, o que gerou estranhamento entre os próprios personagens, pois entendia-se por cegueira o não enxergar a luz e eles a enxergavam, mas ainda assim estavam cegos em meio a uma neblina que se formou em suas visões. Assim: "O cego ergueu as mãos diante dos olhos, moveu-as, Nada, é como se estivesse no meio de um nevoeiro, é como se estivesse caído num mar de leite, Mas a cegueira não é assim, disse o outro, a cegueira dizem que é negra" (SARAMAGO, 1995, p.13).

Nessas reverberações, segundo Calbucci (1999), a cor branca é caracterizada pela mistura de todas as cores, gerando assim uma cor luminosa. Por outro lado, com a cor preta ocorre o inverso, essa surge devido à falta de cor, à falta de luminosidade. Diante disso, inferimos que essa cegueira branca se deu como uma forma de fuga contra o excesso de conhecimento sobre o mundo e pouco de si. O sujeito contemporâneo 'cega' em meio ao seu próprio ego, em meio as formas de dominação impostas. A cegueira foi em Saramago a estratégia da profanação da qual Agamben (2009) menciona. Nesse sentido, a cegueira branca traz para os personagens o esclarecimento sobre as coisas que antes estavam obscuras em si mesmas. Essa claridade se tornou permanente, ofuscando aquilo que as personagens acreditavam ser, fazendo-as se desvencilharem das diversas formas de alienação que a sociedade as impunha.

Ressalta-se ainda outro ponto que deve ser ponderado para a legitimação do dialogismo presente em ambos os textos. Esta outra similaridade debruça-se sobre a ideia de libertação das personagens relatadas nas narrativas. Tanto em Ramalho como em Saramago, esse fato acontece pela interiorização para dentro do manicômio e do calabouço. Todo o processo de conhecimento sobre si e sobre os outros reverberam dentro desses espaços que representam cenários formativos que possibilitaram a cristalização da identidade pessoal e coletivas dos sujeitos envolvidos.

Outro ponto bastante interessante nos textos é a falta de nomeação das personagens. Não há nomes próprios nas narrativas, o que reforça a ideia de que para além da liberdade e o despertar desta, os processos de identificação de um sujeito ou dos sujeitos também constituem questões centrais elencadas nas obras. Assim, na narrativa de Saramago as personagens são identificadas somente com algumas características pessoais ou estéticas, como por exemplo, "o médico, a mulher do médico, o primeiro cego, a rapariga de óculos escuros", dentre outras formas de identificação subliminar. De modo semelhante, lemos em "O calabouço", a seguinte descrição do personagem principal, bem como da secundária:

> Há anos escrevia poemas nas paredes do calabouço usando as unhas longas e pontiagudas. Cabeludo, malvestido, de aspecto sombrio, vivia ali, solitário e ensimesmado, completamente alheio a qualquer coisa que não fosse a parede, suas unhas e a poesia.

> Não tinha qualquer noção de tempo, esquecera-se das dimensões de outros espaços, não se recordava de qualquer pessoa ou acontecimento de uma vida passada, que provavelmente vivera. Era, enfim, a sombra exígua de uma existência perdida em meio às metáforas poéticas que brotavam de suas mãos.
>
> /.../
>
> Um dia a porta abriu-se, silenciosamente. Ele nem se deu conta. Ali entrou, igualmente silenciosa, uma mocinha, descalça, trajando um vestido simples, de algodão azul. Seus cabelos, longos e negros, escorrendo pelos ombros e os olhos, doces e assustados, conferiam-lhe menos idade do que talvez tivesse. (RAMALHO, 2018, p. 51)

Como vimos, em Ramalho, também não há nomeação dos personagens, bem como nomes próprios. Em vista disso, o recurso estilístico empregado por ambos autores, para além de questionar a essência do sujeito humano, também tece críticas para a supressão da identidade. Vimos em Saramago a representação de uma sociedade que dá mais relevância para aquilo que o sujeito tem e faz – mulher do médico, médico, policial, ladrão - em detrimento daquilo que o sujeito é ou pode vir a ser. Em Ramalho, também acontece o mesmo movimento, destaca-se aquilo que os personagens fazem e não o que são.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas nos encaminham para reflexões sobre o sujeito contemporâneo. Na obra de Saramago, a visão, um dos principais sentidos humanos, é eliminada pela cegueira branca. Entretanto, é essa cegueira que possibilita o despertar para uma nova realidade. No conto de Ramalho, o personagem principal está preso em um calabouço, aparentemente de forma voluntária, como uma espécie de tentativa de fugir de uma realidade que não representa mais a sua verdade. O personagem decide desvencilhar das amarras condicionais que a civilização impõe. Nesse sentido, podemos dizer que Ramalho também trata do tema da cegueira, mas de forma subliminar. A cegueira, nesse caso, está diante daqueles que vivem nos moldes da ordem imputada, daqueles que assumiram a sua 'liberdade' de sujeitos no próprio processo de assujeitamento.

Ressalta-se ainda que os textos apresentaram sujeitos que tentaram, à sua maneira, subverter os mecanismos de controle não coincidindo plenamente com a sua época. Com efeito, essas questões vão ao encontro com a teoria do 'dispositivo' de Agamben (2009), que nos diz que aquele que adere sem atritos ao seu próprio tempo, em harmonia total, não é contemporâneo, pois somente podemos compreender e problematizar a realidade não se adequando a ela. Precisamos está externo, mas não alheios.

Assim, *Ensaio sobre a Cegueira* e "O calabouço" reverberaram questões de liberdade, 'cegueira' e identidade que envolvem o sujeito contemporâneo. É nessa relação entre os autores, os sentidos e as ideias que a intertextualidade e o dialogismo se torna presentes nas narrativas analisadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios***.** Tradutor Vinicius Nícastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

CALBUCCI, Eduardo. Saramago: um roteiro para os romances. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

RAMALHO, Christina. *Dança no espelho e outros contos*. / 2.ed. – Natal/RN: Lucgraf, 2018.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

REPUBLICAÇÃO[1] DE: A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO EM "DIÁRIO DE UM DETENTO" DO RACIONAIS MC'S[2]

Daniel da Rocha SILVA (PPGL-UFS)

Edilene Oliveira da Silva Feitosa (SEDUC-FSA)

RESUMO

Este trabalho objetiva discutir a construção do sujeitona canção "Diário de um detento" dos Racionais Mc's. Como ponto de partida, analisaremos o discurso conforme o teórico francês Michel Pêcheux e as considerações da professora pesquisadora Eni Orlandi. Dada a sua importância para essa linha de análise linguística, pretendemos afunilar à medida que temos como alvo as discussões acerca do que é o "sujeito". Com isso, levamos em consideração os estudos pêcheutianos da terceira fase para a análise do *corpus*, por considerar o discurso heterogêneo a partir de suas relações em sociedade. Consideramos ser o sujeito a principal concepção de interpelação da materialidade discursiva às características sociais presentes na canção que remontam o analista a depreender uma perspectiva de exclusão social de perfis negros, pobres e de comunidades subalternas.

Palavras-chave: Análise de discurso.Linguagem. Prisão. Sujeito.

1 INTRODUÇÃO

A Análise do Discurso (doravante AD) de matriz pêcheutiana surgiu nos anos 60, na França, e vem adquirindo abordagens outras quanto ao seu *corpus*, haja vista a necessidade de análises da "[...] política da língua que se materializa no corpo do texto [...]" (ORLANDI, 2005, p. 10). Desse modo, interessa-nos a abordagem materialista que se constitui como a terceira época dos estudos de Michel Pêcheux, em que se considera o dito histórico presente na realização do discurso. Com isso, problematizamos o sujeito histórico atravessado na/pela língua de uma canção intitulada "Diário de um detento" que retrata a realidade de um ex-detento do Carandiru, sobrevivente do massacre.

Objetivamos, com esta abordagem, compreender "discurso" na concepção de Michel Pêcheux, do seu início até chegarmos à terceira fase; ainda, afunilar as definições/conceitos acerca do que é o "sujeito" para o teórico francês e perpassar tais arcabouços em "Diário de um detento" do grupo de *rap* paulistano Racionais Mc's. Para atender aos nossos objetivos e enriquecer ainda mais as análises, consideramos também as compreensões da professora Eni Orlandi, uma das principais estudiosas do discurso pêcheutiano no Brasil.

---

1 Estamos reconsiderando esse texto já publicado na Revista Barbante, Ano VIII, nº 33, 18 de dezembro de 2020, no intuito de corrigir alguns pequenos equívocos.

2 Uma primeira versão desse texto foi apresentado no I Congresso Nordestino de Linguística Aplicada – CONELA 2020 realizado pela UFCG/Campus Cajazeiras – PB e será publicado nos Anais do referido evento.

O grupo Racionais Mc's foi fundado em 1988 e, desde então, é composto por quatro integrantes: Paulo Eduardo Salvador, vulgo Ice Blue; Edivaldo Pereira Alves, o Edi Rock; Kleber Geraldo Lelis Simões, conhecido por KL Jay; e Pedro Paulo Soares Pereira, o Mano Brown, considerado o líder da banda e também uma das personalidades mais influentes do país. Apesar de sua formação se anteceder aos anos 90, foi apenas nessa década que os *rappers* saem da periferia de São Paulo e conquistam outras comunidades de grandes centros urbanos através do seu mais famoso álbum, "Sobrevivendo no inferno", lançado em 1997, que vendeu mais de um milhão de cópias e tornou-se livro em 2018 publicado pela editora Companhia das Letras, além de tornar-se leitura obrigatória em um dos mais importantes vestibulares do Brasil, o da Unicamp. Suas canções são compostas por palavras arrojadas que retratam a situação vivida pelos moradores de comunidades, além de chamar a atenção para problemas considerados históricos, tais como racismo, pobreza e violência policial.

Com os novos *corpora* adentrando às análises discursivas, justificamos nosso estudo através da necessidade de uma abordagem da materialidade linguística histórica presente nos *raps*, que, outrora, é uma de suas características, quiçá a principal; mas que também apresentemos novos objetos para análise e de como o sujeito se constrói na língua através de sua historicidade. Como metodologia, estamos assistidos por uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e descritiva, dada a maneira como abordamos o nosso objeto, de modo que o *corpus* utilizado foi extraído do livro "Sobrevivendo no inferno". "Diário de um detento" encontra-se na página 83 e sua autoria pertence a Jocenir (ex-detento sobrevivente do Carandiru) e Mano Brown, líder dos Racionais Mc's. Como a canção detém mais de vinte estrofes, analisaremos os versos mais pertinentes diante dos nossos objetivos, pois entendemos, assim, que os mesmos já serão contemplados tendo em vista a nossa proposta. Nossos fundamentos teóricos estão representados principalmente por: Pêcheux (1995), Orlandi (2005) e Brito (2012). Com isso, consideramos que o sujeito é afetado pelas historicidades e por condições de produção e que se reafirma enquanto tal a partir da ideologia que o interpela e o caracteriza à sua formação discursiva.

2 AS ÉPOCAS PÊCHEUTIANAS: BREVES CONSIDERAÇÕES

Sabemos que as fases referentes ao teórico francês Michel Pêcheux são complexas e de um arcabouço vasto. Dito isso, os estudos pêcheutianos são divididos em três momentos, visto que o teórico considerou importante reconsiderar suas próprias concepções. Embora esta abordagem esteja voltada para a materialidade da linguagem, que representa a terceira fase, consideramos pertinente apresentar um esboço acerca dos outros dois momentos.

A priori:

> A AD de filiação pecheutiana nasceu nesse entrecruzamento do Materialismo Histórico com a Linguística e a Psicanálise, reunindo certo número de inquietações sobre o sujeito, a linguagem e a história a partir de um modo específico de ler essas estruturas como relativas, contraditórias e heterogêneas (DALTOÉ; FERNANDES; FONSECA, 2019, p. 127).

Isso significa que Pêcheux encontrou uma lacuna nos estudos estruturalistas vigentes até então. Dessa maneira, a dicotomia saussureana *langue/parole*(língua/fala) recebeu críticas, pois "Se, por um lado, a exclusão da fala foi suficiente para delimitar o objeto da linguística e permitir analisar o funcionamento da língua, por outro, essa exclusão não permite a constituição de um novo objeto – o discurso." (BRITO, 2012, p. 548), o que nos permite depreender que o discurso, conforme Pêcheux, constitui-se principalmente através do que se apresenta na historicidade do dizer.

Contudo, a primeira fase pêcheutiana datada do final dos anos 60 também está voltada para um discurso fechado, apesar do próprio estruturalismo já apresentar uma decadência em sua formulação teórica diante dessa perspectiva de fechamento. Considerada pelo próprio Pêcheux como uma maquinaria discursiva, compreendeu que o discurso estava restrito ao "sujeito-estrutura", conforme Brito (2012, p. 547), portanto, fechado a partir dessa estrutura que considerava apenas a homogeneização discursiva. Dessa maneira, e influenciado pelos estudos de Louis Althusser, o estudioso francês "[...] determina os sujeitos como servos assujeitados e suportes de seus discursos, recusando, portanto, tanto o sujeito intencional como origem enunciadora de seu discurso quanto o sujeito universal" (BRITO, 2012, p. 547). Tal particularidade passa a ser foco de análise na segunda fase, momento de reestruturação da teoria pêcheutiana do discurso, embora ainda o considerasse enquanto maquinaria.

Dito isso, Pêcheux se revisita em 1975, com uma inserção no entendimento de sua fase anterior. Aqui, o teórico francês passa a considerar a exterioridade na formação do discurso, "[...] cujas evidências linguísticas são fornecidas por pré-construídos e discursos tranversos (elementos que vêm de outro lugar e invadem uma formação discursiva).", corrobora Brito (2012, p. 553). Percebemos que é atraves da segunda fase que os estudos pêcheutianos começam a alavancar a heterogeneidade para as suas análises quando considera o pré-construído, "[...] em que a discursividade é sempre atravessada, constituída e constitutiva de formações ideológicas" (FRANÇA, 2016, p 2), embora nessa fase não tenha havido tantas mudanças em relação a anterior, visto que a maquinaria ainda era considerada.

Em sua terceira fase, Pêcheux desconsidera a sua maquinaria a partir do que Brito (2012, p. 555) classifica como "desconstrução/desestabilização" da mesma. Assim:

> Em 1983, dá-se a publicação de Discurso – estrutura ou acontecimento, texto que baliza a 3ª época dos estudos pecheutianos e que apresenta o conceito de acontecimento como determinante para a análise discursiva. Nesse estudo, o acontecimento discursivo é tomado como uma conjuntura que deve ser analisada como um todo, levando-se em consideração os discursos e os sujeitos como constituintes da discursividade. Aqui o sentido deve ser tomado como algo que emerge do imbricamento dos elementos do acontecimento com as tomadas de posição dos sujeitos inscritos no interior desse acontecimento (FRANÇA, 2016, p. 2).

Diante da chamada materialidade, o analista do discurso tem como objetivo observar o imbricamento discursivo que contribui para a formação da noção de sujeito, saindo, portanto, do artefato fechado em si. Desse modo, leva-se em consideração todo o exterior de um determinado momento como influenciador do discurso. Em outras palavras, "Convoca-se uma materialidade discursiva que se encontra em torno de um tripo real: o da língua, o da história e o do inconsciente" (BRITO, 2012, p. 555), e essa relação é indispensável para a compreensão do chamado sujeito assujeitado.

Outra questão importante é que as análises materialistas da linguagem não estão mais remetidas aos objetos de outrora. A AD pêcheutiana ganhou novos *corpora* e adentrou também em outros departamentos além dos estudos linguísticos. Por mais que Michel Pêcheux tenha tido uma formação política de esquerda forte, e por isso tenha levado suas considerações para essa vertente, atualmente a sua teoria já não se prende a tais particularidades somente. Dessa maneira, consideramos ser enriquecedora esse novo horizonte discursivo, visto que acarreta em estudos alhures para a AD francesa em suas diversas correntes teóricas.

2.1 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO SUJEITO PÊCHEUTIANO

Considerar a noção de sujeito é antes disso, compreender o processo ideológico, vindo de Althusser. É através da interpelação ideológica do indivíduo que o torna sujeito (ORLANDI, 2012). Logo, a ideologia é o efeito da relação existente (e necessária!) entre o sujeito e a lígua, não é conjunto de representações, vai além disso. O sujeito é submisso à língua. Essa é a base do assujeitamento ideológico.

Para tanto, precisamos compreender o que seria uma explicação necessária na delimitação do sujeito através de dois esquecimentos, apresentados ainda em sua segunda fase e que nos trouxe também mais algumas novidades, como a noção de dispersão dentro do discurso. Diz-se que:

> A noção de dispersão, ao atravessar o modo como a AD concebe o sujeito assujeitado e, consequentemente, sua concepção de linguagem, propõe que o sujeito é duplamente afetado pela criação ilusória de uma realidade discursiva através do *esquecimento nº 1* (o sujeito tem a ilusão de estar na fonte do sentido) e do *esquecimento nº 2* (ancorado em sua situação de enunciação, o sujeito tem a ilusão de que "sabe o que diz"); recusa-se a ideia de que o sujeito é marcado por uma unidade e deflagra-se uma dispersão que lhe é constitutiva (BRITO, 2012, p. 554).

Nesse sentido, conforme Orlandi (2012), a ideologia é o que "transforma" o indivíduo em sujeito, mediante a língua. Ele é afetado por realidades discursivas ideológicas, ainda que tenha a ideia de que seja a fonte do dizer ou saiba o que diz (esquecimentos). O sujeito pêcheutiano é, portanto,posição ideológica, construído na e pela linguagem, e quanto à subjetividade, entende-se que ela ocorre em relação à língua com ahistória/memória.

Ou seja, o sujeito está sempre em relação à língua, está assujeitado a ela, no sentido de existir por ela. Sem língua não se tem sujeito, e sem história não há língua, como corrobora Orlandi (1999):

> Com isto estou dizendo que quando se afirma que o sujeito é assujeitado, não se está dizendo totalmente, parcialmente, muito, pouco ou mais ou menos. O assujeitamento não é quantificável. Ele diz respeito à natureza da subjetividade, à qualificação do sujeito pela sua relação constitutiva com o simbólico: se é sujeito pelo assujeitamento à língua, na história. Não se pode dizer senão afetado pelo simbólico, pelo sistema significante. Não há nem sentido nem sujeito se não houver assujeitamento à língua. Em outras palavras, para dizer, o sujeito submete-se à língua. Sem isto, não tem como subjetivar-se (p.11).

É nesse sentido que a AD em sua terceira fase compreende o sujeito enquanto assujeitado. Certo disso, construímos nosso aporte teórico-metodológico e fixamos nossa análise do sujeito considerando sua subjetividade à língua, à história, à memória. Ressalta-se, entretando, que o sujeito atualmente é uma questão aberta, como afirma Possenti (2003), visto que muitos estudos surgiram e há muitas concepções acerca da função-sujeito. Nesse sentido, até o próprio Pêcheux retificou sua proposta, ao pontuar que a noção do assujeitamento oriunda de Althusser é uma afirmação marxista muito genérica (GREGOLIN, 2004). Sabe-se que os indivíduos são interpelados por ideologias e, assim, constituem-se sujeitos. Contudo, nessa retificação, ao analisar à luz da psicanálise, entende-se que os sujeitos resistem à ideologia, visto que "não há dominação sem resistência" (PÊCHEUX, 1995, p. 304), ainda que incosciente. Pêcheux propõe, então, um cruzamento entre ideologia e inconsciente. Afirma, nesse sentido, que a resistência se manifesta na/pela linguagem.

Desse modo, analisaremos a seguir, através da linguagem da materialidade linguística "Diário de um detento" dos Racionais MC's,discursos que se deslocam para a construção do sujeito detento/pobre/preto, marginalizado que, em partes da linguagem, ainda que incosciente, mostra-se resistente, interpelado por discursos de resistência.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO DO *CORPUS*

Pêcheux (1995, p. 154) afirma que o sujeito ideológico é "[...] aquele que diz ao falar de si mesmo: "Sou eu!")". A priori, o título da canção "Diário de um detento" já se nota o "sou eu" pêcheutiano atravessado

nessa materialidade. Com isso, corroboramos que "[...] o sujeito é um indivíduo que foi interpelado por sua ideologia e ocupa um lugar, que é o espaço de onde enuncia, isto é, emite o seu discurso" (PEREIRA; MORO; COSTA, 2017, p. 656), portanto, "detento" subjaz o não dito "presídio", que especificamente remete-se ao Carandiru. Bem como traz sentidos oriundos de uma realidade social "descartável", deslocando sentidos tais para comunidades negras, pobres, sulbaternas. Tal situção fica ainda mais reforçada pelos seguintes versos: "O dia tá chuvoso, o clima tá tenso / Vários tentaram fugir, eu também quero / Mas de um a cem, a minha chance é zero" (RACIONAIS MC'S, 2018, p. 83), em que somos levados a depreender, pela historicidade na língua, que se trata de um detento em uma prisão social, não apenas entre grades de cadeia.

Além disso, o exterior faz-se constituição considerável na formação do discurso. Então, são concepções que basilam essa terceira fase e que, de certo modo, reconsideram as fases anteriores do teórico francês, ou seja, ele mesmo se reconsidera. Mas, de lá, já nos oferecia caminhos do que viria a acontecer a partir de 1983, "Em outras palavras, o discurso é um lugar de rupturas, assim como a língua e a história que o engendram" (BRITO, 2012, p. 555). Por considerar a ruptura no discurso, então já não podemos compreendê-lo enquanto maquinaria fechada e, portanto, homogênea.

Dar início, a partir de então, à interpelação, i.e., o discurso do outro que atravessa no interlocutor elimina qualquer possibilidade de unicidade discursiva. Dito isso, os discursos, que se materializam através dos sujeitos, estão sempre marcados por ideologias diversas advindas de outros discursos já proferidos. A dispersão constitui-se justamente dos outros discursos já ditos por outros sujeitos que influenciam no discurso que o indivíduo enquanto sujeito profere. Para Orlandi,

> É assim que suas palavras adquirem sentido, é assim que eles se significam retomando palavras já existentes como se elas se originassem neles e é assim que sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas mas, ao mesmo tempo, sempre outras(ORLANDI, p. 36, 2012).

Essas particularidades foram encontradas em alguns versos de "Diário de um detento", tais como: "Vai pegar HIV na boca do cachorro, [...], Adolf Hitler sorri no inferno / O Robocop do governo é frio, não sente pena / Só ódio e ri com a hiena" (RACIONAIS MC'S, 2018, p. 89), há citações históricas nesses versos que nos levam a depreender ser um discurso de outrora, visto que o HIV é uma doença presente no cotidiano das penitenciárias brasileiras, e não apenas lá. O que faz Adolf Hitler aí? Ele sorri porque foi realizada uma tirania com muitos internos do Carandiru assassinados sem direito à defesa, então, uma relação com o que foi o período liderado por Hitler na Alemanha;assim, uma produção de sentidos entre o nazismo e a chacina.

Além disso, falar do sujeito pêcheutiano leva qualquer analista a citar o conceito de memória, que, por sua vez, remete-se ao interdiscurso. Orlandi explica a memória como: "[...] o já-dito que torna possível todo o dizer. De acordo com este conceito, as pessoas são filiadas a um saber discursivo que não se aprende, mas que produz seus efeitos por intermédio da ideologia e do inconsciente" (ORLANDI, 2005, p. 11), ou seja, os discursos são reproduzidos. Nas palavras da mesma autora, o interdiscurso se dá na relação da linguagem com o externo (ORLANDI, 2005), chamado por Pêcheux de estrutura e acontecimento, respectivamente.

Dito isso, em "O ser humano é descartável no Brasil" (RACIONAIS MC'S, 2018, p. 89) faz-nos considerar ser um discurso já dito que interpela esse sujeito a reproduzi-lo de acordo com a realidade em que vive, i.e., uma materialidade histórica que nos permite interpelar, enquanto sujeitos analistas, sua historicidade e sua ideologia. Pois, quem é descartável no Brasil certamente é a população negra, pobre e que mora em comunidades subalternas, essa população é a carcerária em sua maciça maioria. A interpelação dá-se de modo tal que vem automaticamente sem ao menor esforço, a não ser que seja um leitor comum. Quanto a isso,

> Seu mérito é também de mostrar esse vínculo de uma maneira tal que o teatro da consciência (eu vejo, eu penso, eu falo, eu te vejo, eu te falo, etc.) é observado dos bastidores, lá de onde se pode captar que *se* fala *do* sujeito, que *se* fala *ao* sujeito, *antesde* que o sujeito possa dizer: "Eu falo" (PÊCHEUX, 1995, p. 154).

As relações entre a materialidade e o não dito no discurso camuflam um sujeito com muito a dizer, embora o mesmo deixe pistas em decorrência da historicidade presente na linguagem. Nesse sentido, são essenciais as palavras de Orlandi (2005, p. 11) ao se remeter à AD pêcheutiana, "A prática de leitura proposta por Pêcheux, que constitui propriamente a Análise do Discurso, expõe o olhar leitor à opacidade (materialidade) do texto, objetivando a compreensão do que o sujeito diz em relação a outros dizeres, ao que ele não diz." O desafio do analista está justamente em depreender o que o sujeito não disse e relacionar ao por que de não ter dito.

Percebemos, dessa maneira, efeitos de sentido dispersos no termo "Diário", visto que remete a discursos do contínuo, do cotidiano. Deslocam-se para a construção de um sujeito sofrido cotidianamente, constituindo-se, desse modo, um sujeito marginalizado, preto, pobre, inferiorizado, mas, "não dito".

No que diz respeito à memória discursiva, nela estão textos/textos-imagens/discursos, ou seja, acontecimentos; que são atualizados em dizeres, pelo interdiscurso. Entendemos acontecimento, a partir de Pêcheux (1990), como um fato que produz instabilidade, que rompe com o contínuo e é cheio de fissuras.

Discursos diversos atravessam. Ele é absorvido pela memória. Logo, a memória discursiva é um espaço heterogêneo, composta de múltiplos discursos, transversos, antagônicos.

> [...] uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização [...]. Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos (PÊCHEUX, 1999, p. 56).

Nessa perspectiva, o acontecimento tão esperado, a "liberdade", remete a discursos transversos, que liberdade seria essa? O sujeito constrói-se nesse assujeitamento frente à ideia de liberdade que, incosciente, constitui-se na mesma prisão. Um conflito polêmico, mas, resistente, quando diz: "mais um metrô vai passar / com gente de bem, apressada, católica / lendo jornal, satisfeita, hipócrita / com raiva por dentro..." (RACIONAIS MC'S, 2018, p. 85). Pela linguagem, numa relação de antonímia "gente do bem", percebe-se um bom sujeito e um mau sujeito. Em contrapartida, contraditório, visto que constitui-se preso também "com raiva por dentro". Quem está livre? Quem está preso? Percebe-se, desse modo, que o sujeito em "Diário de um detento" é construído nesse jogo discursivo prisão x liberdade, afetado por dispersões de discursos religiosos, éticos, de etnia, classe social; contra-discursos que apontam para um deslocamento de sentidos transversos a cada verso da canção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A AD pêcheutiana apresenta novas análises *corpora* e, com isso, novas interpretações quanto à sua teoria, haja vista que apenas pelo prisma de dizeres de candidatos delimita a AD de tal modo que não nos permite avançar em busca de outras discussões.

Em "Diário de um detento" fica notório a presença de um sujeito materializado através de seu discurso e que expõe uma segregação imposta pelo Estado. São acontecimentos históricos que tornam o Brasil reconhecido justamente pela sua desigualdade social, além de apresentar uma das maiores populações carcerárias do mundo, com um perfil específico composto por negros, pobres e favelados, discurso resistente nas análises como vimos, "bom x mau sujeito".

As comunidades das grandes cidades, tal como as paulistanas de onde originaram os Racionais Mc's, são passivas diariamente de uma violência policial que mata. E, desde os anos 90, apesar de já se apresentar uma conjuntura mais rigorosa para a punição de agentes públicos que cometem tais atos, é uma violência incessante para combater o "bom" sujeito.

Sabemos que o *rap* propicia espaço para denúncias em seus textos, e esse discurso resitente, de denúncias encontram-se presentes em "Diário de um detento", em que constatamos a partir das análises.

REFERÊNCIAS

BRITO, Luiz André Neves de. (Re) Lendo Michel Pêcheux: como a análise do discurso de linha francesa apreende a materialidade discursiva?. **EUTOMIA: Revista de Literatura e Linguística**, v. 1, n. 09, p. 542-562, 2012. Disponível em: < https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/967> Acesso em: 21 jul. 2020.

DALTOÉ, Andréia da Silva; FERNANDES, Carolina; FONSECA, Rodrigo Oliveira. A contemporaneidade dos estudos de Pêcheux: ressonâncias e atualizações em solo brasileiro. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 19, n. 1, p. 125-131, jan./abr. 2019. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-76322019000100125> Acesso em: 23 jul. 2020.

FRANÇA, Thyago Madeira. Um olhar sobre o conceito de memória discursiva de Miche Pêcheux. **INTERLETRAS**, ISSN nº 1807-1597, v. 4, Edição número 22, de Outubro/2015 a Março,/ 2016. p: 1-10. Disponível em: <http://www.interletras.com.br/ed_anteriores/n22/artigos/17.pdf> Acesso em: 27 jul. 2020.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso:** diálogos e duelos. São Carlos: ClaraLuz, 2004.

ORLANDI, Eni P. Michel Pêcheux e a Análise do Discurso. **Estudos da Língua (gem)**, Vitória da Conquista, n. 1, p. 9-13, 2005. Disponível em: <https://www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/4/3> Acesso em: 21 jul. 2020.

_____, E. **Escritos 4.**In: Laboratório de estudos urbanos- LABEURB-NUDECRI São Paulo: UNICAMP, 1999.

_____, E. **Análise de discurso: Princípios e Procedimentos.** 2. ed.Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi [*et al*.]. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

_____, Michel. "Análise do discurso: três épocas" (1983). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Ed. Unicamp, 1990, p. 311-318.

_____. Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre; et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

PEREIRA, Maiara Cano Romero; MORO, Naiara de Lima; COSTA, Natalina Sierra Assêncio. Formação ideológica e os efeitos de sentido presentes em Diário de um detento, de Racionais Mc's. **Revista Philologus**, ano 23, n. 67, Supl.: Anais do X SINEFIL. Rio de Janeiro: CIFEFIL, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO23/67supl/040.pdf> Acesso em 27 jul. 2020.

POSSENTI, Sírio. Dez observações sobre a questão do sujeito. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 3, Número Especial, p. 27 - 35, 2003. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/244/252> Acesso em: 27 jul. 2020.

RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo no inferno.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

A relevância dos argumentos que fundam a estrutura do real em vídeos da youtuber Jout Jout

Rejane Souza Santos[1]

Ednalva Bezerra da Silva Teixeira[2]

RESUMO: Este trabalho se alinha ao projeto "Multidimensionalidade da argumentação: princípios e práticas sociais" e objetiva fazer uma análise de dois **vídeos de Julia** Tolezano, uma influenciadora digital com imenso sucesso entre os jovens desde 2014, cujo canal no Youtuber "Jout Jout Prazer" aborda diversas temáticas sociais, como: amor próprio, relacionamento abusivo, entre outros. Para tanto, buscou-se compreender como as dimensões retóricas, interacionais e afetivas da argumentação se fazem presentes na comunicação multimodal, compartilhada em espaço digital. Com base em uma metodologia bibliográfica, apoiada nos conceitos da Nova Retórica, e documental (GIL, 2002). Concluiu-se que, por meio de um ambiente digital é possível persuadir um público diversificado no sentido de tentar alterar o modo de pensar e agir do outro por meio do discurso.

Palavras-chaves: Argumentação; Nova Retórica; Perspectivismo; YouTube

Introdução

Diante das diversas teorias da argumentação, que envolvem o entendimento sobre a Nova Retórica, como instrumento válido para sustentar discursos, torna-se essencial levar em consideração os postulados de Chaim Perelman (1996), que formulou sua teoria da argumentação, baseando-se nas técnicas argumentativas em três vieses: os argumentos quase-lógicos, argumentação baseados na estrutura do real e nas ligações que fundamentam a estrutura do real, sendo este, nosso objeto de trabalho.

A argumentação por um desses vieses passou a ser definida, segundo Perelman, como uma ação que visa provocar ou aumentar adesão do auditório. Sendo assim, diante a diversidade e abrangência que essa temática tem sido discutida e observada em diversos meios, como, exemplo, audiovisuais, textos e discursos

1 Graduanda do curso de Licenciatura em Letras portuguesa da Universidade Federal de Sergipe (rejsstos@hotmail.com);
2 Graduanda do curso de Licenciatura em Letras-português e Francês da Universidade federal de Sergipe (ednalvabst@hotmalil.com); (áreas de interesse: linguística, ciências humanas).

orais, em que há abertura para discussões, percebe-se que a argumentação se tornou bastante discutida em múltiplas áreas do conhecimento, tais como Filosofia, Direito, Sociologia e nas situações comunicativas que nos envolvem cotidianamente.

Dessa forma, contemplamos a argumentação como diálogo e técnicas instrumentais, para chegar a um acordo sobre valores e motivações, de modo, a expressar as razões do orador ao alcançar seu objetivo de persuadir o seu auditório. Sendo assim, os efeitos da argumentação se dão por meio do orador, da adesão e do auditório que pretende ser aceita "[...] uma argumentação eficaz é que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção)[...]" (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 50).

Neste trabalho, analisaremos a partir da perspectiva da argumentação das ligações que fundamentam a estrutura do real conforme Perelam e Olbrechts-tyteca (1996), Bauer e Gaskell (2017), dois vídeos do YouTube que possuem temáticas sociais e que têm um número expressivo de adesões (É OBVIO QUE VOCÊ TÁ ANSIOSO, 2017 e EEEEEEEE ERRINHOS, 2018) da youtuber Jout Jout, para compreender como um recurso de comunicação acessível ao público materializa as abordagens argumentativas. Também levaremos em consideração os pressupostos de Ferreira (2015) e Grácio (2013) que nos permitem identificar como os aspectos argumentativos fundam o real e que estão presentes nos canais de vídeos dos youtuberes, além disso, analisaremos como as construções se modificam por meio de mudanças de ordens comportamentais.

1. Fundamentação teórica

1.1 O orador e seu auditório

No livro *Tratado da argumentação: a Nova Retórica* é possível identificar um elemento importante no processo argumentativo que é levado em consideração pelos autores: o orador e seu auditório. Para a retórica, o auditório pode ser definido como o "[...] conjunto daqueles que o orador quer influenciar com a sua argumentação". (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 22). Diante disso, na Nova Retórica, toda construção argumentativa, dependerá do orador que estará disposto a construir o real se adequando a cada público.

Neste sentido, segundo Perelman e Obrechts-Tyteca (1996), para se atingir a argumentação é fundamental que o orador se adapte ao auditório, de maneira adequada, com características próprias e diferenciadas, para então de fato, se consiga atingir um determinado auditório seja ele particular ou universal. "É, de fato, ao auditório que cabe o papel principal para determinar a qualidade da argumentação e o comportamento dos oradores" (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 26).

A argumentação passou a ser realizada em diversos campos comunicativos, por meio de discussões, que exprimem relatos, experiências ou fatos, com intuito de suscitar no ouvinte um interesse. Sendo assim, diante de todo processo argumentativo que o orador estará envolvido, ele precisará construir um discurso por meio de técnicas e estratégias argumentativas, tais como: *Ethos, pathos e logos* em que, o primeiro refere-se ao orador e a credibilidade que estabelece em seu auditório, já o segundo, está associado às emoções, sentimentos e paixões, e o último, diz a respeito do próprio discurso do orador e toda organização que é usada para sustentar sua tese, que, segundo Bauer e Gaskell (2017), faz da argumentação, uma relação com as partes da análise retórica de maneira mais clássica.

Assim, neste trabalho, foi possível perceber que o orador constrói sua imagem, por meio, exclusivamente das emoções, associando o seu discurso ao *pathos*.

1.2 **Persuadir X convencer**

De acordo com Perelmam e Obrechts-Tyteca (1996), os termos persuadir e convencer possuem distinções. Por muito tempo, a Retórica baseava-se na concepção sofística de que o ato de persuadir um auditório estava somente relacionado com "a arte do bem falar". Os autores abordam essa diferenciação propondo "chamar de persuasiva uma argumentação que pretende valer só para um auditório particular e chamar de *convincente* àquela que deveria obter a adesão de todo ser racional" (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 31, destaques do autor). Sendo assim, Perelmam e Obrechts-Tyteca trazem que no ato de persuadir, os indivíduos estão em contato com razões afetivas e pessoais, já o ato de convencer, usa-se de argumentos lógicos que levem a ação, mas que não adianta convencer sem persuadir.

1.3 **A representação do real nos modelos audiovisuais por meio da argumentação**

Conforme Ferreira (2015, p. 166-168 apud PERELMAN; OLBRECHT-TYTECA, 1996, p. 297), os argumentos que fundam a estrutura do real são aqueles que "generalizam aquilo que é aceito a propósito de um caso particular (ser, acontecimento, relação) ou transpõem para um domínio que é admito num domínio determinado". Assim, no processo argumentativo, o discurso proferido pelo orador se valerá do exemplo, do modelo, da analogia e da metáfora para a construção do real segundo a Nova Retórica.

Além disso, segundo Rose no livro *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som* os meios audiovisuais são repletos de sentidos que possibilitará diversas alternativas para serem analisadas. "[...] os meios audiovisuais são um amalgama complexo de sentidos, imagens, técnicas, composições de cenas e muito

mais" (ROSE, 2017 apud BAUER; GASKELL, 2017, p. 343). Com base nessa noção, observamos que os conteúdos presentes nas esferas audiovisuais possuem efeitos especiais, expressões, iluminações, entre outros, que contribuem para a análise retórica em questão.

Diante disso, a argumentação está diretamente ligada à noção de interação e que as mídias contribuem para tal fato, pois, segundo Grácio (2013), o ato registar imagens e cenas acabam promovendo abordagens eloquentes com discussões que acabam contribuindo para argumentação persuasiva evocando os usos das técnicas argumentativas no espaço digital.

2. Metodologia

Para a realização desta pesquisa, no primeiro momento, partimos para um estudo explanatório que tem como objetivo aprimorar o aperfeiçoamento entre o pesquisador e o objeto a ser analisado. Sendo assim, esse estudo promove uma familiaridade sobre a temática que será trabalhada, possibilitando o pesquisador a criar suposições, questões e identificações dos aspectos que deverão ser analisados durante a pesquisa.

A partir disso, estre trabalho, foi observado o canal de YouTube " Jout Jout Prazer" como objeto de trabalho. Nele, buscamos analisar como os recursos argumentativos são articulados pela oradora conseguem fundar a realidade de maneira a combinar o verbal com o não-verbal. Assim, para complementar ainda mais o estudo sobre a pesquisa em questão, foi feito um levantamento bibliográfico que colaborassem com a análise retórica dos aspectos que fundam o real.

Além disso, esta pesquisa se constituiu de uma abordagem qualitativa. "A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação" (GIL, 2002, p. 133), com o objetivo de compreender e estudar a problemática em questão.

Este trabalho, considerado como uma pesquisa documental, que consiste em uma análise dos mais diversos materiais e formatos. De acordo com (GIL, 2002, p. 46):

> [...] na pesquisa documental, as fontes são muito mais diversificadas e dispersas. Há, de um lado, os documentos "de primeira mão", que não receberam nenhum tratamento analítico. Nesta categoria estão os documentos conservados em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, tais como associações científicas, igrejas, sindicatos, partidos políticos etc. Incluem-se aqui inúmeros outros documentos como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins etc.

Esse tipo de pesquisa permite ao pesquisador a explorar o objeto à medida que possa verificar os recursos e constituir a análise. Em relação à seleção dos vídeos, optamos especificamente, pela plataforma do YouTube e que tivessem temáticas parecidas, como, por exemplo, autoestima, inclusão, entre outras, que possuísse um número expressivo de visualizações. Foi a partir disso que se originaram os critérios de inclusão

e exclusão, priorizamos esses critérios, pois por meio deles foi possível identificar os recursos argumentativos e como eles são construídos.

A seleção dos vídeos foi realizada entre os dias 29 a 31 de agosto de 2019, foram vistos cerca de seis vídeos, mas escolhemos somente dois, pois se enquadram nos critérios de inclusão e exclusão. Em seguida, os vídeos foram sistematizados e categorizados para serem analisados com o objetivo de separar o *corpus*, buscando a fundo relacionar as teorias estudadas com a prática na análise dos vídeos. Essas duas etapas foram fundamentais para pesquisa, pois foi por meio delas que passamos a relacionar as teorias com o objetivo da pesquisa, a fim de conhecer os aspectos que fundam o real existente no ambiente digital.

3. Análise

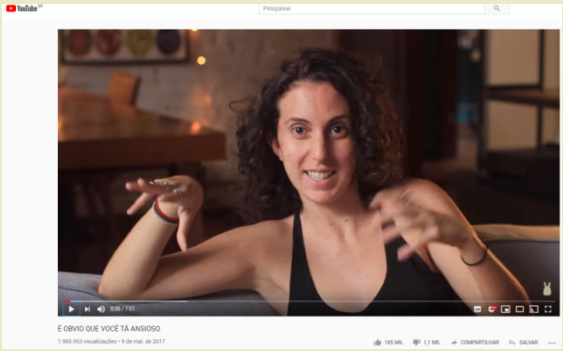
Na contemporaneidade, os recursos audiovisuais têm ocupado largas dimensões no meio digital. O YouTube, tornou-se um meio com grande visibilidade para esse recurso, com isso, foi identificada a importância de analisar as ligações que fundamentam a estrutura do real por meio de vídeos. Procuramos selecionar vídeos advindos do canal do YouTube, por possuírem na atualidade um dimensionamento social das tipologias multimodais, e por causarem inovações, interações que atingem um teor de sociabilidade nos mais variados temas sociais e interpessoais.

Visto que essa dimensionalidade se interliga e causa alterações e indagações, em discursos construídos com fundos argumentativos pelo orador nos mais variados temas. Iremos analisar sobre os efeitos das técnicas argumentativas dois vídeos de uma *vlogueira* que costuma ter um número de aceitação expressivo e que se utilizada dos recursos argumentativos com intuito de persuadir e aumentar a adesão do seu auditório (público do canal).

Análise1: É óbvio que você tá ansioso

O vídeo foi publicado em 09 de maio de 2017, com duração de 7 minutos e 1 segundo. Foi possível identificar os aspectos argumentativos e persuasivos construídos a partir da generalização de analogias, tendo os gestos e a entonação da fala combinando com as ações (*action*), segundo os pressupostos de Aristóteles, utilizando das manifestações verbais e não-verbais para exemplificar e ilustrar o discurso, fundamentando uma realidade baseada na confiança e segurança colocada pela youtuber “Jout Jout”. Por conseguinte, a oradora faz construções por meio de interações da linguagem e codificação externa do ambiente, selecionada, especificamente, para seu auditório que se identifica com o canal e a temática abordada.

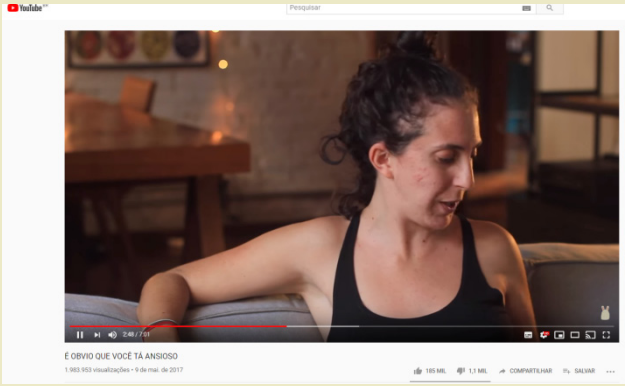
Figura 1 – Ansiedades/Sociedade



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=vLI_Dn258ug&t=323s

Logo na primeira cena do vídeo, podemos identificar um ambiente pouco iluminado, a camiseta de cor preta que a oradora está usando e a maneira de prender e soltar os cabelos repetidamente, nos leva a reconhecer aspectos codificados para construir uma imagem, que naturaliza uma realidade condizente com uma pessoa ansiosa. Jout Jout recorta para seu auditório diversas situações ligadas às experiências vividas por ela e por uma boa parte da sociedade, como "ter um namorado", "fazer uma faculdade", "ter emprego", "ganhar bem", "ajudar o próximo", ilustrando e reforçando ordens de comportamentos, inspirado pela sociedade, que visa como bem sucedido o indivíduo que alcança esse modelo linear. Além disso, a oradora se apoia na experiência pessoal para falar de uma situação vivencial que outras pessoas têm, com isso, ela se utiliza do gesto de intensidade para afirmar e construir o real.

Figura 2 – Vida

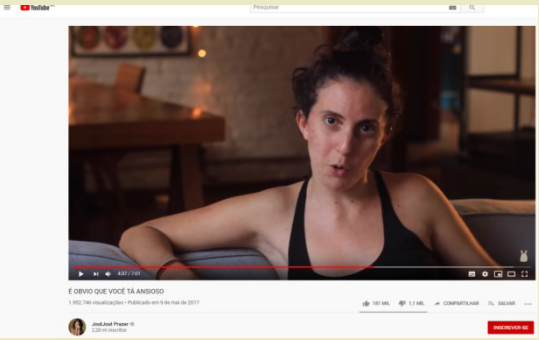


Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=vLI_Dn258ug&t=323s

No segundo minuto, Jout Jout formula um argumento baseado em uma situação vivida por ela. Para fundar a realidade, ela se apropria de um exemplo de experiência pessoal para ilustrar e reforçar o tema, quando diz ter um "amigo ansioso", dando ênfase em sua fala, para reafirmar os sentimentos de inseguranças e expectativas que nos cercam a todo o momento. A oradora ainda metaforiza com a expressão "Se você tá ansioso, trata isso, no nível pesadão", em seguida, ela dá uma pausa de alguns minutos, demonstrando em seu

olhar um aspecto de tristeza, e em seguida, acaba concluindo sua fala com “Vamos falar com um psicólogo”, para tentar simplificar, defender e dar força a seus argumentos ao mencionar “psicólogo”, recuperando sua ideia principal, em indicar caminhos e alternativas, demostrando intimidade com o assunto ao fazer analogias.

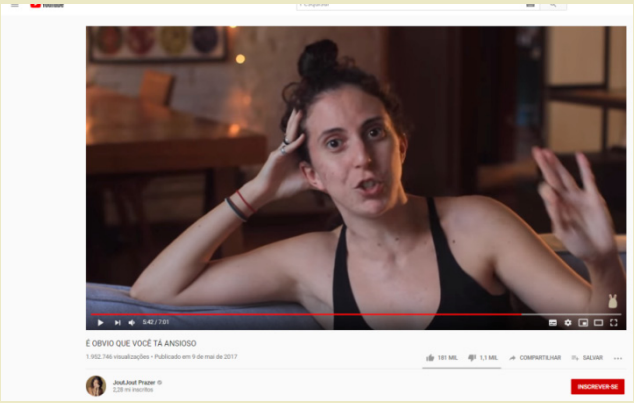
Figura 3 – Paradigmas



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=vLI_Dn258ug&t=323s

No quarto minuto do vídeo, a oradora destaca a ditadura dos padrões de beleza como um ato condicional que estimula a sociedade em torno do consumismo, “a vida inteira você recebeu estímulos de todo os lugares para você ficar insatisfeita com o seu corpo”, percebe-se então que, Jout Jout formula sua ideia a partir daquilo que o auditório acredita ser real. Diante desse argumento, ela provoca seu auditório por meio de um olhar de confiabilidade e como o ideal é posto pela sociedade e reforça, “Olha os clipes da Britney Spears e Jhenifer Lopes, a barriga delas era a que eu queria”, ela utiliza uma analogia entre duas sequências na intenção de justificar um modelo construído para uma situação particular.

Figura 4 – Desmocratizar



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=vLI_Dn258ug&t=323s

No sexto e último minuto, a influenciadora digital, lembra que as expectativas e ansiedades devem ser repensadas aconselhando seu público. Ao fazer isso, ela se vale de gesticulações excessivas e posições

que indicam ociosidade, para tentar fazer distinções de uma vida melhor, procurando evitar padrões sociais, salientando a necessidade da quebra de paradigmas.

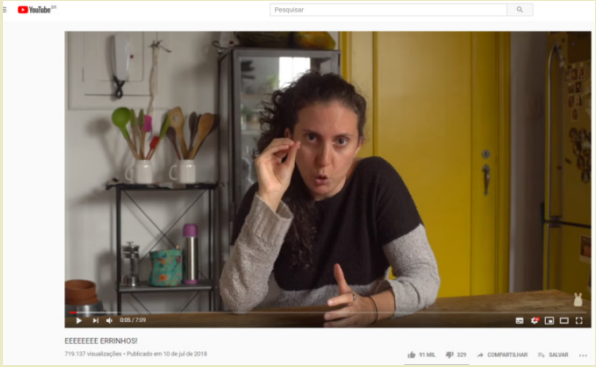
Portanto, a partir dessa análise, percebe-se que por meio de um ambiente digital é possível persuadir o auditório frente a um discurso que é construído com pressupostos de bases verbais e ações de desempenho gestuais.

Análise 2: EEEEEEEE ERRINHOS!

A análise do vídeo "EEEEEEEE ERRINHOS!", do canal Jout Jout Prazer, foi publicado em dez de julho de 2018, com duração de 7 minutos e 10 segundo. Por meio dele, pretende-se analisar como a influenciadora utiliza aspectos argumentativos e persuasivos, nas ligações que fundamentam a estrutura do real, com as construções de imagens como significante e áudio como significado, naturalizando o texto com técnicas nas bases verbais e audiovisuais, ilustrando a fala com gestos e relacionando-as com frases metafóricas.

Ao longo do vídeo, Jout Jout demonstra autonomia em relação às combinações das linguagens, constrói argumentos sobre temas sociais com objetivo de transmitir um discurso coerente e alcançar um número expressivo de adesões do auditório.

Figura 5 – Persuasão

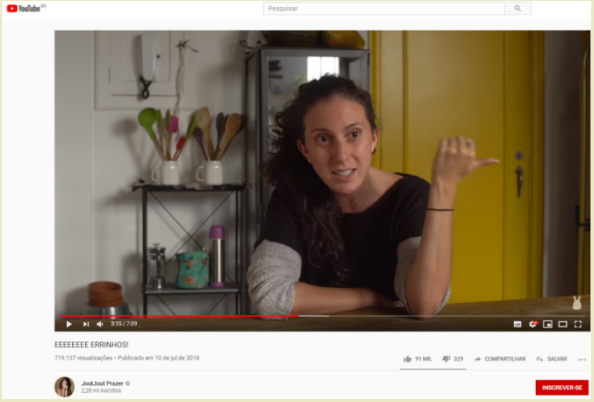


Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=uzObcIfqHqo

No início dos primeiros segundos do vídeo, podemos identificar a expressiva relação do tema com a codificação do ambiente. A oradora escolheu uma cozinha, ambiente preferido dos brasileiros, conservando um espírito de intimidade, destacando as cores alegres e o acolhimento que o tema do vídeo sugere ao come-termos erros.

Em seguida, selecionamos a imagem nos três primeiros segundos quando ela fala, “é preciso acompanhar, se concentra” para denotar o seu posicionando com ênfase na força do seu discurso. Ela continua construindo seus argumentos baseados nas ilustrações de gestos e entonação da fala, com a frase, “esse é um vídeo que vai passar por muitas etapas, então se concentra!”, Jout Jout utiliza do seu poder de influenciadora para dar força a seu argumento com a intenção de alcançar a adesão do público, e assim, sua mensagem ser aceita pelo auditório.

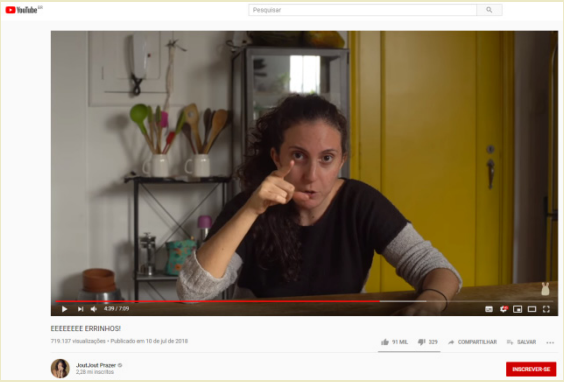
Figura 6 – Seus dilemas como estruturas



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=uzObcIfqHqo

No segundo minuto do vídeo, a oradora reúne as seguintes expressões: “Nossa relação esquisita com o erro”, “e aí, por causa disso, nós temos Post-it”... “Nós temos a minha carreira no YouTube, que só aconteceu porque tudo deu errado no que eu tinha planejado”. A imagem escolhida com 3 minutos e 46 segundos remete a uma construção ancorada das falas anteriores, ela levanta o braço direito e fala “essa coisinha deu errado”, para reforçar o que foi dito anteriormente, e sustenta sua tese na intenção de persuadir seu auditório, pois ao admitir em seu discurso alguns acontecimentos vivenciais, ela estabelece um modelo e antimodelo para estimular as ligações que fundamentam a realidade de uma situação particular, transladando para outra situação particular, com intuito de comover seu auditório.

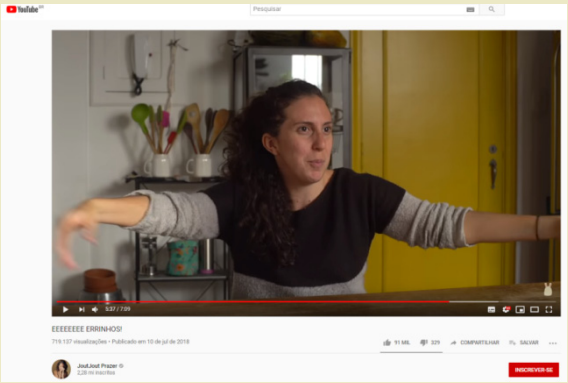
Figura 7 – Atitudes



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=uzObcIfqHqo

No quarto minuto, Jout Jout utiliza a seguinte expressão “O erro pode fechar portas, mas pode também abrir outras, então fique atento para essas novas portas”. Nessa proposição ela traz uma sequência metafórica, implicando um confronto nas analogias, onde a primeira proposição estabelece o status denominado como base para estabelecer um raciocínio sequencial, isto é, ela intensifica a importância de fazer escolhas. O recorte da imagem nos 5 minutos e 46 segundo do vídeo, comprova a posição que ela se constrói a todo o momento, a oradora faz uma pergunta com postura irônica apontando o dedo para dar ênfase a seu raciocínio “quer uma ideia para ficar biliardário e mudar o futuro da nação e do mundo?” e continua destacando, que há empecilhos externos, mas também existem as construções de metas para alcançar objetivos quando tiramos aprendizados com os erros.

Figura 8 – Aprendizados



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=uzObcIfqHqo

Nos minutos finais do vídeo, a youtuber conclui: “a vida é um aprendizado, então aprenda com os erros”. Nessa parte do vídeo, a oradora dá ênfase aos recursos persuasivos voltados à afetividade metaforizando e marcando, excessivamente, as ilustrações. A paralização da imagem nos 6 minutos e 30 segundos do vídeo,

traz expressões corporais em que a oradora abre os braços para demonstrar a libertação de rótulos sobre os erros cometidos por uma pessoa e fala "há! Você errou toma confetes" continuando a falar, Jout Jout interage com o cinegrafista, que, fornecem um diálogo dando opiniões sobre como os erros podem produzir aprendizados para reforçar a confiabilidade do tema.

Considerações finais

Assim, ao longo desta pesquisa, observou-se como a youtuber faz uso da retórica argumentativa, com características da Teoria da Argumentação de Chaiim Perelman, as *ligações que fundam a estrutura do real*, tendo como alvo no discurso, a adesão do auditório. No decorrer das análises encontramos diversificação de estratégias onde a oradora procurou formulá-la por meio de cada discurso, seguindo uma sequência analógica, visando processos de construções que são recuperáveis, e que servem para avaliar a eficácia da persuasão, reconstruindo a argumentação a todo o momento.

Foi relevante observar as estratégias linguístico-discursivas que permitiram identificar como a interação entre o orador e o auditório se constroem, tendo como finalidade, estabelecer generalizações de um determinado caso particular como uma regra ou subdividindo-os de maneiras distintas em modelos e antimodelo, onde a metáfora também tem um alcance que se articula às analogias constituídas, entre formas gestuais e conteúdos linguísticos.

Logo, essa pesquisa buscou conferir a escolha dos temas que a youtuber argumenta; identificar quais valores e crenças se fazem presente em cada ambiente construído e compreender o seu raciocínio no uso das técnicas para garantir a construção de argumentos entre as diferenças e divergências sociais.

Nota-se que a mídia audiovisual de forma intencional ou não, mostra uma realidade pelo olhar do orador por meio de ideias e visões tecnicamente construídas, por isso, a Nova Retórica tem assumido papéis educativos, ideológicos e culturais, tendo como protagonista o discurso sendo construído para refletir e persuadir o público alvo.

Referências

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017. p. 203-362.

FERREIRA, Luiz Antônio. *Leitura e persuasão*: princípios de análise retórica. São Paulo: Contexto, 2015. p. 296-365.

GIL, Antonio C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRÁCIO, Rui Alexandre. *Perspetivismo e argumentação*. São Paulo: abril, 2013.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da Argumentação*: a Nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

YOUTUBE. É obvio que você tá ansioso. Disponível em:< https://bit.ly/33SMOT7>. Acesso em: 16 set. 2019.

YOUTUBE. EEEEEEEE ERRINHOS! Disponível em:< https://bit.ly/2VZPjjq>. Acesso em: 16 set. 2019.

TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Ricardo Santos David[1]

Resumo: O contexto social atual de pandemia e distanciamento social provocado pela COVID-19 (*SARS*-CoV-2), expôs a necessidade de intensificar o trabalho pedagógico de leitura com a utilização de diferentes recursos tecnológicos e o auxílio das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. Este artigo tem como objetivo geral compreender o modo como as ferramentas de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) podem contribuir para os processos de ensino e de aprendizagem da Língua Portuguesa de alunos inseridos no 9º ano do Ensino Fundamental. O uso das metodologias digitais é fundamental para que os alunos tenham acesso ao ensino em um período onde encontram-se impedidos de frequentar as escolas de maneira presencial. A análise realizada no sistema *Aula Paraná* evidenciou a inserção e o uso de tecnologias para o ensino da literatura. Espera-se que este artigo auxilie os professores na inserção destes espaços digitais motivando-os ao ensino dos diferentes gêneros da literatura com o auxílio de metodologias tecnológicas.

Palavras-chave: Ensino Língua Portuguesa. Tecnologia no Ensino Aprendizagem. Leitura.

DIGITAL INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES IN PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING

Abstract: The current social context of pandemic and social distance caused by COVID-19 (SARS-CoV-2), exposed the need to intensify the pedagogical work of reading with the use of different technological resources and the aid of Digital Technologies of Information and Communication. This article has the general objective of understanding how the tools of Digital Technologies of Information and Communication (TDIC) can contribute to the processes of teaching and learning the Portuguese Language of students in the 9th grade of Elementary School. The use of digital methodologies is essential for students to have access to education in a period when they are prevented from attending schools in person. The analysis performed in the Aula Paraná system showed the insertion and use of technologies for teaching literature. It is hoped that this article will assist teachers in the insertion of these digital spaces, motivating them to teach different genres of literature with the help of technological methodologies.

Keywords: Portuguese Language Teaching. Technology in Teaching Learning. Reading.

Considerações iniciais

As aspirações humanas foram, ao longo dos anos, associadas à busca por melhorias, inovações constantes, praticidade e bem-estar no contexto de vida cotidiana, direcionaram os seres humanos, ao longo

1 Pós - Doutorado em Educação: Formação de Professores e Novas Tecnologias, pela FCU - IESLA, Doutorado e Mestrado em Comunicação: Audiovisual e Educação: Formação de Professores e Novas Tecnologias, Especialista em Docência Ensino Superior e Linguística Aplicada, pela UCAM/RJ.

da história, à dedicação e ao investimento físico e financeiro em novos projetos de criações, invenções e reinvenções. Como resultados, obtiveram-se a identificação de soluções de problemas, a transformação de diferentes processos e o surgimento de novos e modernos produtos (VÁSQUEZ, 1968).

Sobre este último aspecto, o mesmo autor aponta que todo e qualquer instrumento criado ou modificado pelo homem, para facilitar o trabalho por ele desenvolvido, é classificado como tecnologia.

Juntamente com as modificações sociais decorrentes da inserção das tecnologias nos mais diferentes contextos e espaços, observa-se o surgimento da cibercultura, isto é, uma cultura contemporânea promovida pelos novos ciber avanços, intimamente ligados às tecnologias digitais. Entre as áreas da cibercultura que recebem destaque nos ciberespaços, Lévy (1999) aponta a comunicação e a informação com rapidez, constituídas principalmente pela ausência de necessidade física do homem na instituição de diálogos comunicacionais e relacionamentos.

Nos últimos anos as tecnologias têm se inserido, também, nos espaços escolares e se destacado como relevantes ferramentas no processo de organização e aplicação metodológica representadas pelas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). Em razão disso, os autores afirmam que os profissionais envolvidos na educação, devem fazer uso das tecnologias a fim de proporcionar aos alunos uma amplitude no processo de aprendizagem, por meio do estabelecimento de conexões entre as informações e a diversidade dos conteúdos trabalhados e aprendidos em sala de aula (LÉVY, 1999; CRUZ, 2008).

Embora esteja claro que a ciência, a tecnologia e a sociedade se correlacionam em um formato de tríade a fim de garantir a qualidade do ensino e da aprendizagem dos alunos de forma crítica e reflexiva compatível ao cotidiano e às necessidades tecnológicas do século XXI, observa-se que o incentivo e a promoção do interesse e da motivação dos alunos pela leitura dentro e fora das salas de aula, associado ao desenvolvimento de habilidades para a análise e a compreensão dos diferentes textos, ainda é um desafio enfrentado por educadores da Língua Portuguesa (PINHEIRO, 2007).

Verifica-se que a educação exige reestruturação, abandonando a forma tradicional de aprendizagem e adotando novas técnicas e ferramentas para que o processo de ensino-aprendizagem seja alcançado, a partir do desenvolvimento de estratégias que possibilitem a ampliação de competências e de habilidades para a produção, a compreensão e a interpretação linguístico-textual, levando em consideração a diversidade do alunado em suas formas de compreensão e, atendendo a demanda desta nova geração que emerge na utilização das TDIC, oferecendo aos alunos ferramentas para motivação e aproximação do educando à leitura. Neste contexto, o papel do professor é fundamental, pois é considerado um "incentivador que torna-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos, em vez de fornecedor direto de conhecimentos" (LÉVY, 1999, p. 158).

O contexto social atual de pandemia e distanciamento social provocado pela COVID-19 (*SARS*-CoV-2), expôs a necessidade de intensificar o trabalho pedagógico de leitura com a utilização de diferentes recursos tecnológicos. Devido a suspensão das aulas presenciais em todo o território brasileiro no mês de março de 2020, a solução encontrada para a continuidade ao processo de ensino de milhares de estudantes da rede estadual no Estado do Paraná, foram as aulas a distância por meio do ensino remoto, com o auxílio das TDIC.

Considerando os cenários tecnológicos e contextos sociais acima destacados, surge a seguinte questão que move a pesquisa: "Como as TDIC podem auxiliar e maximizar o processo de ensino, aprendizagem e incentivo ao desenvolvimento das habilidades de leitura de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental e quais estratégias têm sido empregadas no cenário atual?"

Para responder às questões acima destacadas o presente artigo tem como objetivo geral compreender o modo como as ferramentas de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) podem contribuir para os processos de ensino e de aprendizagem da Língua Portuguesa de alunos inseridos no 9º ano do Ensino Fundamental. Os objetivos específicos do estudo são: (1) Verificar como a leitura é concebida na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e discutir a leitura em relação aos multiletramentos e às TDIC; (2) Compreender as modificações e os impactos nos processos de ensino e aprendizagem no contexto atual de Pandemia da COVID-19.3- Realizar uma breve análise das ferramentas de incentivo à leitura empregadas na *Aula Paraná* e apresentar sugestões de metodologias capazes de auxiliar o ensino neste período, maximizando o uso das TDIC no processo de ensino-aprendizagem de leitura.

O atual contexto de crise de saúde pública instalada pela COVID-19, torna ainda mais urgente a necessidade da realização de pesquisas como esta, tendo em vista a necessidade de o professor rever as metodologias e as ferramentas pedagógicas contemplando o uso das TDIC como aliadas nos processos de ensino e aprendizagem nas áreas de leitura e de comunicação. Frente ao exposto, justifica-se a realização deste estudo.

Os procedimentos metodológicos utilizados para a organização da presente pesquisa foram baseados em uma pesquisa de revisão bibliográfica da literatura, de abordagem qualitativa e de caráter descritivo. Os materiais para a composição do artigo foram selecionados com base nas palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa, Tecnologia no Ensino Aprendizagem, Leitura, as quais permitiram a identificação e a seleção dos artigos científicos nas bases de dados Scielo, Banco de Teses e Dissertações do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), site de busca - Google Acadêmico, plataforma de compartilhamento de vídeos – Youtube, além de documentos oficiais da educação como, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (PCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O artigo está dividido em três partes: a primeira parte direciona-se a uma sucinta investigação do modo como a leitura é concebida na Base Nacional Comum Curricular, estabelecendo uma relação entre os multiletramentos e as TDIC. A segunda parte trata da contextualização dos novos modelos de ensino e aprendizagem remotos decorrentes dos impactos no contexto atual de Pandemia. Em seguida, na terceira parte é realizada uma breve análise de uma sequência de aulas de leitura para o 9º ano do ensino fundamental, disponibilizadas na plataforma Youtube - canal *Aula Paraná*, associada à sugestão de algumas metodologias direcionadas à maximização dos processos de ensino-aprendizagem e o desenvolvimento das habilidades de leitura frente ao trabalho dos multiletramentos.

A leitura na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e as novas formas de transposição de informação e conhecimento

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que reúne normas e diretrizes para a aprendizagem ao longo da vida escolar do educando. Definida de acordo com § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional LDB (Lei nº 9.394/1996) e aplicada em todos os níveis e

modalidades de ensino, tal documento é utilizado como referência para a elaboração de currículos escolares e busca a promoção da equidade e unificação dos sistemas públicos ou privados, em todo o território nacional. Os textos do BNCC servem como base para as noções de desenvolvimento de competências e habilidades de acordo com cada ciclo da formação escolar (BRASIL, 2017).

Com relação ao modo como a leitura é concebida no documento, ao Ensino Fundamental, observa-se:

> [...] nos Anos Finais do Ensino Fundamental, os conhecimentos sobre a língua, sobre as demais semioses e sobre a norma-padrão se articulam aos demais eixos em que se organizam os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento de Língua Portuguesa. Dessa forma, as abordagens linguística, metalinguística e reflexiva ocorrem sempre a favor da prática de linguagem que está em evidência nos eixos de leitura, escrita ou oralidade (BRASIL, 2017, p.139).

Observa-se que a linguagem deve ser trabalhada na sua íntegra tornando o educando capaz de refletir, realizar e expor o seu conhecimento. O aluno necessita desenvolver habilidades de leitura, escrita e oralidade para que seja capaz de transcorrer também pelas demais disciplinas oferecidas. Além da aprendizagem das normas da língua as quais devem ser elencadas, assim como descrito:

> Alguns desses objetivos, sobretudo aqueles que dizem respeito à norma, são transversais a toda a base de Língua Portuguesa. O conhecimento da ortografia, da pontuação, da acentuação, por exemplo, deve estar presente ao longo de toda escolaridade, abordados conforme o ano da escolaridade. Assume-se, na BNCC de Língua Portuguesa, uma perspectiva de progressão de conhecimentos que vai das regularidades às irregularidades e dos usos mais frequentes e simples aos menos habituais e mais complexos (BRASIL, 2017, p.139).

Neste contexto os conhecimentos prévios não são desprezados, mas considerados por meio da intercomunicação reconhecida na necessidade de interpretar e fixar os saberes.

A prática da leitura, de acordo com a BNCC, dentro do ensino fundamental, compreende as práticas de linguagem, realizadas a partir da interação ativa criada entre os personagens, sendo: o leitor, o ouvinte, o espectador e os textos, podendo ser estes escritos, orais ou multissemióticos. Outro fator importante diz respeito aos aspectos trabalhados no ensino da leitura, como: a interpretação, a fruição estética de textos e obras literárias, a pesquisa e o embasamento de trabalhos escolares, o conhecimento, a discussão e o debate acerca dos temas sociais, e a aquisição do conhecimento estendido para projetos sociais e outras possibilidades. O mesmo documento indica que este ensino seja feito de forma progressiva, assim, nas atividades de leitura o professor deve intermediar a ampliação dos vocábulos, além de oferecer leituras diferenciadas, proporcionando uma apresentação de novos conteúdos e aprendizagens. Neste âmbito, observa-se uma transformação do aluno que, com a prática da leitura, desenvolve diversas formas de interpretação de mundo e habilidades cognitivas mais complexas (BRASIL, 2017).

Considerando as práticas de leituras sociais pós modernas, em que os leitores são expostos à informações que intercalam a presença de signos escritos, *layout* e imagens visuais, sons, objetos 3D etc., constituídas pelos diferentes tipos de letramentos: matemáticos, literários, jurídicos, digitais, entre outros, nos últimos anos, diferentes pesquisas têm sido realizadas com o intuito de contribuir com as correntes linguísticas direcionadas

à multiculturalidade, característica das sociedades globalizadas, bem como as consequentes multimodalidades de textos representados pelos multiletramentos (ROJO, 2012).

Como forma de promoção dos fundamentos pedagógicos e da integralidade da educação, a BNCC oficializa, reconhece e investe nos conceitos de multiletramentos no ensino da Língua Portuguesa no Brasil, valorizando-os como uma importante forma de abordagem no ensino da área de linguagem, no que diz respeito à preparação do educando para os desafios encontrados nos diversos espaços ocupados por ele, seja na vida social, profissional, bem como no exercício da cidadania, dando, assim, uma nova amplitude para a utilização das novas TDIC, corroborando para ideias de inclusão e democracia defendidos pelo documento (BRASIL, 2017).

Conforme Barbosa (2004), o termo dos multiletramentos foi desenvolvido na década de 1990 por um grupo de pesquisadores da Austrália, denominado *New Group*, com o intuito de ampliar as abordagens tradicionais acerca dos letramentos que focavam os estudos, unicamente em textos escritos, formas de linguagem formais, monolíngues e monoculturais, baseadas em regras gramaticais, como correlação entre letra e som. A intenção deste novo conceito é promover uma reflexão crítica acerca dos diferentes aspectos socioculturais, formas e práticas de letramento que surgem em meio às culturas heterogêneas, periféricas e digitais, proporcionando a conscientização, a inclusão e a valorização de todos os tipos de cidadãos.

A definição de multiletramentos envolve uma multiplicidade de culturas e linguagens provenientes destes contextos sociais contemporâneos, incluindo as digitais, os quais refletem a multiplicidade semiótica de constituição dos textos. Sobre o aspecto da associação com as TDIC, Rojo e Moura (2012, p. 23) apontam que:

> [...] Diferentemente das mídias digitais anteriores (impressas e analógicas como a fotografia, o cinema, o rádio e a TV pré-digirais), a mídia digital, por sua própria natureza "tradutora" de outras linguagens para a linguagem dos dígitos binários e por sua concepção fundante em rede (web), permite que o usuário (ou o leitor/produtor de textos humano) interaja em vários níveis e com vários interlocutores (interface, ferramentas, outros usuários, textos/discursos etc.).

Em sala de aula o trabalho com os multiletramentos pode ser voltado ao desenvolvimento de atividades de ensino e de aprendizagem com o intuito de promover a leitura e a escrita frente às diferentes práticas sociais das linguagens. Neste formato de ensino, a atribuição dos sentidos e mensagens são adquiridas a partir de textos, fotos, desenhos, ilustrações, livros didáticos, leituras de cordel, propagandas, revistas e, em especial, pelos veículos virtuais, digitais, audiovisuais e multimodais que permeiam a diversidade cultural, na qual as TDIC se inserem, tornando o ensino mais interativo, colaborativo, híbrido em linguagens, mídias e culturas (BARBOSA, 2004).

A BNCC (2017) complementa que os multiletramentos transpassam as aulas de Língua Portuguesa, uma vez que têm a possibilidade de integrar, em um único ensino, diferentes conteúdos e disciplinas, interligando os assuntos e tornando-os multidisciplinares. O mesmo documento elenca que a linguagem deve ser trabalhada plenamente, tornando o educando capaz de refletir, realizar e expor o conhecimento de forma prática, efetiva, crítica e reflexiva a partir da utilização dos novos mecanismos digitais, como é o caso das TDIC.

Deste modo, Barbosa (2004) apresenta os multiletramentos como uma nova proposta de "pedagogia de alfabetização" com o foco direcionado sobre os eixos da comunicação e das variâncias dos significados existentes nos diferentes cenários da vida cotidiana, em consonância com as multimodalidades provenientes

dos novos meios tecnológicos de informação e comunicação, tendo em vista que a alfabetização focada nas regras gramaticais tornou-se insuficiente, demonstrando a necessidade de preparar o aluno para aptidões que possam proporcionar o contato e o conhecimento de múltiplos ambientes sociais pelos quais a comunicação transcorre.

Essas diferenças são influenciadas por fatores culturais, classe social, gênero, experiência de vida, campo de trabalho, disciplinas exploradas no ambiente acadêmico. Assim, os multiletramentos proporcionam uma alfabetização exploratória onde se transita pelas diversas formas de expressão da língua (BARBOSA, 2004).

Nos últimos tempos, a BNCC (2017) passou a mostrar-se mais flexível quanto à liberação do uso das TDIC em sala de aula, reconhecendo tais ferramentas como importantes no processo de ensino aprendizagem, um direito de aprendizagem nas competências a nível infantil, fundamental e médio. Segundo o documento, a diversificação de linguagens, incluindo a digital deve ser utilizada no ensino com o intuito de expressar e partilhar informações, expressões, experiências e sentimentos nos mais variados contextos, favorecendo, assim, a compreensão mútua. Para isso, é importante que as tecnologias digitais de informação sejam criadas, compreendidas e utilizadas de forma crítica, significativa, reflexiva e ética, inserida nos diferentes contextos e práticas sociais de disseminação da comunicação e informação. Tomando como base as considerações expostas pela BNCC, acredita-se, de acordo com Viegas (2020), que o uso de *softwares,* plataformas e TDIC de um modo geral, contribuam de forma lúdica, para a motivação, o interesse e o aprendizado de alunos que se encontram em formato de ensino remoto ou híbrido.

Ensino e aprendizagem em tempos de Pandemia

Os efeitos provocados pela Pandemia COVID-19 (*SARS*-CoV-2) no ano de 2020, em virtude da necessidade de isolamento e de distanciamento social como medida fundamental para o enfrentamento da doença e a redução de seus avanços, impactaram de forma negativa diferentes setores sociais e de atividades humanas em todo o mundo, incluindo o campo da educação, uma vez que paralisou as atividades realizadas em unidades escolares, creches, pré-escolas, escolas preparatórias, técnicas, universidades, etc. (SENHORAS, 2020).

As tecnologias, de modo geral, conforme Antunes Neto (2020), nunca foram tão necessárias e utilizadas como no presente momento. O novo cenário de ensino modificou a rotina dos alunos e, principalmente dos educadores em decorrência dos novos desafios e a necessidade de modificação e/ou aprimoramento de metodologias de ensino alternativas inovadoras até então não utilizadas por muitos educadores no ambiente natural de sala de aula onde lecionam (MARQUES, 2020).

Assim, o ensino remoto promovido pelo uso das tecnologias digitais on-line apoiadas pelas TDIC, que antes tratava-se de uma prática mais comumente observada no cenário de Ensino a Distância (EAD) em nível superior, considerado uma ferramenta opcional e adicional às aulas em formatos presenciais, como citam Formosinho; Machado e Mesquita (2015), na situação atual, tornou-se uma alternativa educacional de adaptação à nova realidade para que os alunos das demandas dos ensinos infantil, fundamental e médio

pudessem ser atendidos de forma ativa com continuidade no processo de ensino e aprendizagem e minimização dos prejuízos decorrentes da suspensão do ano letivo desde março de 2020.

Para os professores que já se apropriavam destes recursos em sala de aula a introdução dos novos formatos de docência foram mais fáceis, em contrapartida, aqueles que não possuíam familiaridade com as ferramentas tecnológicas se viram diante de um novo desafio: o de aprender como utilizar os novos recursos, a fim de oferecer um ensino com o mesmo (ou semelhante) padrão presencial aos educandos, proporcionando a todos um ensino igualitário e de qualidade. Deste modo, conforme Marques (2020), os professores e toda a equipe gestora tiveram que repensar acerca das práticas de ensino até então utilizadas, e modificar as metodologias e práticas pedagógicas em uma velocidade compatível às necessidades emergenciais exigidas pela Pandemia.

O mesmo cenário de necessárias e emergentes modificações educacionais atingiu os alunos quanto às novas formas de desenvolvimento do aprendizado. De acordo com Antunes Neto (2020), os educandos se depararam com uma situação inusitada tendo que assumir a responsabilidade de protagonismo e autonomia frente ao próprio processo de estudo, em decorrência da ausência de tutor diário e presencial para o auxílio na execução das tarefas. Tais modificações resultam na possibilidade de construção de novos hábitos e liberdade de aprendizagem.

Outra questão tão importante quanto o uso das tecnologias por parte dos professores, diz respeito ao acesso dos alunos a estes veículos tecnológicos, uma vez que o Brasil é marcado por uma desigualdade social econômica a qual distancia boa parte dos alunos do contato com instrumentos necessários para o ensino e aprendizagem remotos, como televisão, celular e computador. Verifica-se que mesmo aqueles que possuem equipamentos adequados para as aulas, nem sempre têm a acessibilidade ao sinal de internet necessário (BURGESS et al., 2020). Este fato é confirmado pelos dados disponibilizados por uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia – IBGE (2019), o qual aponta que cerca de 46 milhões de brasileiros não possuem acesso à internet.

Antunes Neto (2020) e Burgess et al. (2020) apontam que paralelamente aos esforços dos professores e dos alunos, e não menos importante, destacam-se a dedicação das famílias que também se empenham e se sobrecarregam a fim de monitorar as presenças e acompanhar as atividades de modo a auxiliar o processo de promoção da educação domiciliar de forma efetiva ao aprendizado das crianças e adolescentes.

Análise das práticas pedagógicas de incentivo à leitura no cenário de ensino remoto na Pandemia do COVID-19 no Estado Paraná

Como forma de estratégia de enfrentamento à Pandemia, a Secretaria Estadual da Educação e do Esporte - SEED (2020) do Estado do Paraná, criou o *Aula Paraná*, atendendo a Coalizão Global de Educação lançada pela Unesco para dar a crianças e jovens acesso a várias opções de aprendizado inclusivo durante o período dessa interrupção súbita e sem precedentes na educação. O *Aula Paraná* é um sistema de aulas não presenciais que engloba cinco ferramentas que representam estratégias adotadas para garantir a continuidade das aulas:

> [...] as estratégias são a transmissão de videoaulas na tv aberta, o uso dos aplicativos aula paraná e *google classroom*, disponibilização do conteúdo também no youtube e a entrega de material impresso (agência de notícias do paraná, 2020).

Com a adoção dessas estratégias, o educando assiste às aulas disponibilizadas, tem a possibilidade de rever as aulas apresentadas e os slides com os conteúdos exibidos pelos professores, realiza as atividades e avaliações propostas, posta as tarefas sugeridas e interage com o professor para tirar dúvidas, tendo possibilidade de fazê-lo tanto de forma conjunta no mural do *Google Classroom* e grupos de *WhatsApp* ou de modo privado, e dar ciência da sua presença respondendo a chamada no *link*. Há, ainda, o *Google Meet*, uma sala virtual em que alunos e professor podem interagir em tempo real. É importante destacar que, na impossibilidade de acesso, todos os materiais e conteúdos trabalhados são distribuídos de forma impressa, garantindo que todos os alunos sejam atendidos (SEED, 2020).

O ensino remoto por meio do *Aula Paraná* tem se apropriado de recursos tecnológicos que possibilitam aos professores a exploração de novos meios de comunicação. As aulas três[2] (43m42s) e quatro[3] (43m), voltadas ao 9º ano do Ensino Fundamental II disponibilizadas na Plataforma *Aula Paraná - Youtube*, no dia 13 de abril de 2020, e aula cinco[4] (54m39s) voltada a mesma turma e exibida no Canal, no dia 14 de abril de 2020, tiveram como objetivo proporcionar aos alunos o ensino e o desenvolvimento da habilidade de leitura, interpretação e compreensão de textos por meio do uso do gênero textual literário: contos. As videoaulas analisadas estão descritas a seguir.

A aula três e a aula quatro, continuação do conteúdo anterior, foram utilizadas para a apresentação e a análise do conto "O diabo e outras histórias", na aula cinco o conto trabalhado foi: "O grande tigre de bengala". As aulas três e cinco foram iniciadas com uma breve discussão acerca do gênero textual conto a partir de questionamentos específicos, como: o que é? Quais as características? Quais os tipos? Qual a aproximação com outros textos e contextos? etc., a fim de promover o interesse e a motivação à leitura do texto. Em seguida, a professora lançou aos alunos a proposta e a leitura apresentação do conto, orientando-os a acompanhá-la em tempo real por meio do apoio do material escrito disponibilizado no livro didático. É importante destacar a presença dos recursos de voz utilizados pela professora com o intuito de atrair a atenção dos alunos, sendo, a entonação, modulação vocal, o ritmo e a prosódia aplicados durante a leitura. Após, foi realizada uma breve apresentação acerca da biografia do autor, de modo que os educandos compreendessem o contexto histórico no qual os textos encontravam-se inseridos quando escritos, as escolas literárias pertencentes, entre outros aspectos. Os passos seguintes trataram da explanação de perguntas interpretativas acerca do texto utilizando-se de estratégias de retomada de trechos, a fim de identificar as relações estabelecidas entre os personagens, o narrador, o tempo, os aspectos gramaticais e a ideia central do texto, buscando o desenvolvimento completo das habilidades leitoras. Ao final de cada aula foram disponibilizadas atividades avaliativas por meio de *quiz* a fim de identificar o aprendizado dos alunos frente aos conteúdos apresentados.

---

2 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CN3GM3AiIyQ&list=PLnGI1S4-A8ru5yesAVeiEOnl5ZvY9SxEc&index=3. Acesso em: 06 set. 2020.

3 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xREb1tsUkFc&list=PLnGI1S4-A8ru5yesAVeiEOnl5ZvY9SxEc&index=4. Acesso em: 06 set. 2020.

4 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NNeY9JztQPI&list=PLnGI1S4-A8ru5yesAVeiEOnl5ZvY9SxEc&index=5. Acesso em: 06 set. 2020.

Por meio da análise realizada quanto à apresentação das propostas sugeridas para trabalhar os contos, observa-se que, embora trate-se de uma exposição sem a presença física dos alunos, em decorrência do ensino remoto, todas as aulas foram realizadas com a utilização de uma sequência didática planejada e organizada em seguimento às orientações apresentadas pelo livro didático e com base em uma postura construída por uma perspectiva interacionista e discursiva da linguagem (CEREJA, 2004). Autores como Cereja (2004), indicam sobre o uso da perspectiva dialógica interacionista de ensino da leitura, com a justificativa de que a prática leitora é constituída de um hábito adquirido a partir de um contato complexo e gradual com os diferentes textos que, por sua vez, capacitam os alunos a um aprendizado crítico e reflexivo das leituras.

A apropriação desta teoria é verificada no momento em que a professora fornece espaços contextualizadores e dinâmicos marcados por pausas utilizadas para trocas e reflexões (ainda que virtuais), de modo a aproximar os alunos dos cenários e dos conteúdos literários, corroborando com o interesse, a motivação, a compreensão dos materiais estudados e a consequente formação de leitores autônomos intelectualmente, críticos e questionadores. De acordo com Strogenski e Soares (2011), a contextualização da temática e do gênero literário quando realizada por meio de uma discussão, trocas de vivências, experiências, conhecimentos, leva os alunos a construção de percepções quanto aos aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos atuais e da época estudada, favorecendo a interpretação, compreensão, análise crítica textual e correlação com os aspectos contemporâneos.

Verifica-se, então, o esforço da professora em promover trocas ainda que por meio de compartilhamento de experiências, tendo em vista a ausência de possibilidade de diálogo entre os alunos, promovendo, assim, o incentivo às diferentes formas de leitura, nesta aula representada pelo conto e favorecendo o desenvolvimento das habilidades de leitura.

Antunes Neto (2020) aponta que no período atual de ensino remoto no qual a sociedade encontra-se inserida, uma importante parte do sucesso das aulas e da aprendizagem dos alunos depende do domínio tecnológico do professor, do uso das interfaces operacionais, aplicativos, plataformas, entre outros recursos. As tecnologias são utilizadas como uma ferramenta dependente da tutela dos educadores e exige habilidades diferenciadas das estabelecidas em tempos e espaços socioculturais anteriormente estabelecidos. A experiência interativa das aulas, ainda que simples e objetiva devem ser sustentadas pelas tecnologias sendo capazes de atrair e manter a atenção dos alunos durante as aulas. Segundo o autor, o progresso tecnológico aqui alcançado será, provavelmente irreversível e estendido também ao período pós pandemia, por isso a necessidade de aperfeiçoamento.

Entretanto, o uso das tecnologias de forma isolada não é suficiente. É fundamental que estas ferramentas não sejam engessadas pelos conteúdos e as técnicas transformando o ensino remoto em uma extensão das aulas tradicionais, por outro lado, visa-se a necessidade da utilização tecnológica de forma crítica, a fim de transformar os novos espaços em cenários próprios permeados pelo conhecimento, a criatividade e a interdisciplinaridade. Para isso, deve-se levar em consideração a inserção destas metodologias no planejamento pedagógico de mediação, a partir de aspectos específicos dos sujeitos envolvidos, como: a faixa etária educacional, a realidade social, cultural, econômica etc. (SANTOS, 2010; GOEDERT; ARNDT, 2020).

Um recente estudo realizado por Médici; Tatto e Leão (2020) investigou a percepção de 105 alunos matriculados no ensino médio de uma rede de educação pública quanto a experiência nas aulas remotas no período de Pandemia. Dos entrevistados, 29,9% classificaram o ensino como excelente ou bom, 38,6% como

regular e os demais 31,7% como ruim ou péssimo. Ao serem questionados se estão aprendendo da forma como deveriam 95% respondeu que não ou em partes, dentre os respondentes, 16% disseram que o ensino apresenta deficiências quanto a estrutura e metodologias e 07% queixaram-se quanto a necessidade de evolução na implantação de tecnologias.

Em relação a este assunto, verifica-se que apesar da qualidade dos conteúdos, da organização e da abordagem observadas nas aulas de contos expostas no canal *Aula Paraná*, o modo de lecionar apresentado nas videoaulas ainda é baseado em um formato expositivo com inserção tímida das diferentes possibilidades e recursos disponíveis para o uso das TDIC em sala de aula, virtual ou presencial. É natural que isso aconteça, tendo em vista a velocidade com que os professores precisaram se readaptar ao "novo normal" e aprender como utilizar e aplicar ferramentas tecnológicas, oferecendo uma aprendizagem de qualidade, bem como a ausência de políticas e legislações que regulamentem o Ensino a Distância nesta faixa de ensino.

Com relação aos instrumentos utilizados, além do livro didático, a educadora apropriou-se do uso de materiais como: lousa, imagens, ferramentas digitais e TDIC como: notebook, recursos de apresentação dos slides e o vídeo-aula propriamente dito. As ferramentas utilizadas proporcionaram o acompanhamento dos textos e a execução das tarefas de forma fácil e didática. Frente a mudanças rápidas como as visualizadas, surgem diferentes prerrogativas: Quais outras ferramentas tecnológicas podem auxiliar os educadores no contexto atual de aulas remotas? Como os professores podem otimizar e maximizar o ensino e a aprendizagem da leitura a partir de estratégias digitais de multiletramentos?

Goedert e Arndt (2020) apontam que, antes de se pensar em respostas a estes questionamentos, é fundamental lembrar que o formato de educação disponibilizado atualmente pela educação básica não se trata de um ensino EaD, mas, um modelo que se apropria de metodologias desta modalidade. Embora o ensino totalmente híbrido ou remoto em virtude do distanciamento social trate-se de um assunto recente, o uso de metodologias e tecnologias para a educação a distância tem sido uma temática bastante discutida pela literatura ao longo dos últimos anos.

Um estudo realizado por Moreira et al. (2020) investigou as propostas de educação, ensino-aprendizado e metodologias ativas utilizadas em todo o país para a educação em tempos de Pandemia provocada pela COVID-19. Após o levantamento, os autores identificaram a utilização de aulas síncronas semelhantes às aulas a distância por meio das ferramentas *Youtube*, *Google Classroom, Google Meet,* Plataforma *Zoom* (com participação por meio de áudio, vídeo e *chat*), a disponibilização da ferramenta *Plurall,* redes sociais comunicadoras (WhatsApp), redes de relação interpessoal (Facebook), e utilização de ambientes virtuais – AVA como o *Moodle,* as quais permitem a partilha de *e-books* e textos em formatos PDF com o intuito de incentivar a leitura, a última citada possibilita ainda, a disponibilização de diferentes tipos de atividades e avaliações do desempenho dos alunos. Além das metodologias mais utilizadas, os autores destacam, ainda, a existência de importantes e atrativas plataformas lúdicas que baseiam o ensino e o aprimoramento da leitura por meio de jogos e *gamificações,* são elas a *Kahoot* e a *Kademi.*

Na mesma perspectiva Silva e Leite Filho (2020) destacam a existência de um *software* voltado ao auxílio do ensino da leitura e da Língua Portuguesa no período de Pandemia e atividades remotas. O *software* "Luz do Saber" é uma ferramenta de ensino totalmente on-line e gratuita, disponibilizada pela Universidade Federal do Ceará. Além desta, outras ferramentas de outras disciplinas também se encontram disponíveis, como: o *software* Células Virtuais, voltado ao ensino de Biologia; o Ludo Químico, direcionado à disciplina

de Química; o Efeito Fotoelétrico, relacionado ao ensino e aprendizagem de Física; e o Laboratório Virtual de Matemática.

Outro *software* disponível para o estímulo da Literatura é o HagaQuê elaborado por Viana et al. (2019), uma plataforma gratuita voltada à promoção do desenvolvimento da leitura, interpretação textual, criatividade, escrita e inclusão digital a partir da criação de histórias em quadrinhos. Vale destacar também a existência de um site denominado Racha Cuca, indicado pela Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo. Este site possui incentivos à leitura por meio da aplicação de jogos como caça palavras e jogo da forca (LANDIN, 2015).

Além das ferramentas listadas os *Podcasts* e os *audiobooks* também se destacam como importantes estratégias metodológicas digitais multimodais voltadas ao trabalho com a Língua Portuguesa. Tais ferramentas fornecem aos alunos a leitura de uma forma mais instigante uma vez que disponibilizam conteúdos de leitura/auditiva que possibilitam o aprendizado de histórias de literatura, contos, poemas, narrativas entre outros gêneros literários.

A continuidade das atividades educacionais de forma remota, apoiadas nas TDIC impactam diretamente na redução da evasão escolar e na manutenção do envolvimento e comprometimento dos alunos, tanto para o período atual de Pandemia, quanto para o período posterior de retomada das atividades presenciais, assim, enfatiza-se a necessidade de estudo, investimento e planejamento para o uso adequado e consciente das metodologias e ferramentas digitais, favorecendo um ensino de qualidade (SENHORAS, 2020).

Considerações finais

O contexto de distanciamento social acarretou importantes desafios e mudanças para a educação, paralelamente, intensificou outros questionamentos pré-existentes, como a inserção das tecnologias junto ao planejamento e currículos tradicionais. Neste sentido, diferentes e importantes debates têm sido realizados em torno do uso das TDIC no cenário do ensino em formato remoto.

O uso das metodologias é fundamental para que os alunos tenham acesso ao ensino em um período em que se encontram impedidos de frequentar as escolas de maneira presencial. Entretanto, vale relembrar que os educadores continuam sendo um elemento fundamental de exploração do potencial pedagógico destas tecnologias e mediação do ensino, no que diz respeito ao planejamento, condução, transmissão de conhecimentos e propagação do processo educativo, mesmo frente a tantas ferramentas e estratégias atrativas e motivadoras.

A análise realizada em algumas das aulas disponíveis no sistema *Aula Paraná* evidenciou a inserção e o uso de tecnologias para o ensino da literatura. Por outro lado, destacou aspectos passíveis de serem aprimorados, favorecendo uma maior e mais efetiva aprendizagem na área da Língua Portuguesa. Com o intuito de auxiliar a maximização do ensino por meio do planejamento de educadores, buscou-se deixar destacado neste estudo, algumas das ferramentas e metodologias disponíveis na literatura direcionadas ao ensino remoto, principalmente no período de Pandemia provocada pela COVID-19 na qual o país encontra-se atualmente.

Sendo assim, espera-se que este artigo auxilie os professores na inserção destes espaços com qualidade, motivando-os ao uso das práticas de ensino e incentivo da leitura com o auxílio de metodologias que contemplem a diversidade de gêneros e tipos textuais que compõem a Língua Portuguesa, a partir do uso das TDIC.

Referências

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DO PARANÁ. **Ensino a distância cobre 99,7% do Estado**. 2020. Disponível em: http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=107089. Acesso em: 06 set. 2020.

ANTUNES NETO, J.M.F. Sobre ensino, aprendizagem e a sociedade da tecnologia: por que se refletir em tempo de pandemia? **Revista Prospectus**, v. 02, n. 01, p. 28-38, ago. /fev., 2020.

AULA PARANÁ. **9º Ano Língua Portuguesa Aula 03 - Conto:** O diabo e outras histórias. 2020. (45m51s). Disponível em: **https://www.youtube.com/watch?v=CN3GM3AiIyQ&list=PLnGI1S4-A8ru5yesAVeiEOnl5ZvY9SxEc&index=3.** Acesso em: 19 ago. 2020.

AULA PARANÁ. **9º Ano Língua Portuguesa Aula 04 - Conto:** O diabo e outras histórias. 2020. (42m59s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xREb1tsUkFc&list=PLnGI1S4-A8ru5yesAVeiEOnl5ZvY9SxEc&index=4. Acesso em: 19 ago. 2020.

AULA PARANÁ. **9º Ano Língua Portuguesa Aula 05 – Conto:** O grande tigre de bengala. 2020. (54m38s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NNeY9JztQPI&list=PLnGI1S4-A8ru5yesAVeiEOnl5ZvY9SxEc&index=5. Acesso em: 19 ago. 2020.

BARBOSA, E.D. **Letramentos e multiletramentos:** um estudo etnográfico com professores em uma escola pública estadual na cidade de Itabuna. 2014,108p. (Dissertação) Mestrado em Letras: linguagens e representações - Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus – BA, 2014.

BRASIL. **Ministério da Educação. Leis de Diretrizes e Bases da Educação nacional. Lei nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996.** 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 17 ago. 2020.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica Parâmetros Curriculares Nacionais. Secretaria de Educação Básica – Brasília. DF.** 1997 Disponível em: chrome-extension://oemmndcbldboiebfnladdacbdfmadadm/http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01. Acesso em 17 ago. 2020.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.** 2017. Disponível em: chrome-extension://oemmndcbldboiebfnladdacbdfmadadm/http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 18 ago. 2020.

BURGESS, S.; SIEVERTSEN, H. H. **"Schools, skills, and learning: The impact of COVID-19on education"**. VOX CEPR Policy Portal. 2020. Disponível em: https://voxeu.org/article/impactCOVID-19-education. Acesso em: 19 ago. 2020.

CEREJA, W.R. **Ensino de Literatura:** uma proposta dialógica para o trabalho com literatura. São Paulo: Atual, 2005.

CRUZ, J.M.O. Processo de ensino-aprendizagem na sociedade da informação. **Educ. Soc.,** Campinas, v. 29, n. 105, p. 1023-1042, set./dez. 2008.

FORMOSINHO, J.; MACHADO, J.; MESQUITA, E. Formação, trabalho e aprendizagem. **Tradição e inovação nas práticas docentes.** Lisboa: Edições Sílabo, 2015.

GOEDERT, L.; ARNDT, K.B.F. Mediação pedagógica e educação mediada por tecnologias digitais em tempos de pandemia. **Criar Educação, Criciúma**, v. 09, n. 02, Edição Especial 2020.

INSTITUTO BRASILEITO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua PNAD Contínua Mercado de Trabalho Brasileiro**. 2019. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html. Acesso em: 19 ago. 2020.

LANDIN, R.C.S. **Softwares educativos no contexto da alfabetização e do letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. 2015. 169p. (Dissertação) Mestrado em Educação - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos - SP. 2015.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARQUES, R. A ressignificação da educação e o processo de ensino e aprendizagem no contexto de pandemia da COVID-19. **Revista UFRR**, ano II, v. 03, n.07, Boa Vista, 2020.

MÉDICI, M.S.; TATTO, E.R.; LEÃO, M.F. Percepções de estudantes do Ensino Médio das redes pública e privada sobre atividades remotas ofertadas em tempos de pandemia do Corona vírus. **Revista Thema**, v.18, especial, 2020.

MOREIRA, M.E.S. et al. Metodologias e tecnologias para educação em tempos de pandemia COVID-19. **Braz. J. Hea. Rev**., Curitiba, v. 03, n. 03, p.6281-6290. 2020.

PINHEIRO, N.A.M., et al. Refletindo acerca da ciência, tecnologia e sociedade: enfocando o ensino médio. **Revista Iberoamericana de Educación**, n.44, maio-agosto, 2007.

ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTOS, M. et al. **Ensinar e aprender com a metodologia Syllabus**. Revista de Educação, Brasília, n. 150, ano 38, jan./jun. 2010.

SECRETARIA ESTADUAL DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE - SEED. **AULA PARANÁ.** 2020. Disponível em: http://www.aulaparana.pr.gov.br/. Acesso em: 19 ago. 2020.

SILVA, J.P.B.; LEITE FILHO, D.M. Softwares educacionais e suas aplicações em tempos de pandemia: estudo sobre possibilidades de aplicação. **J. of Develop.,** Curitiba, v. 06, n. 07, jul. 2020.

SENHORAS, M. Coronavírus e educação: análise dos impactos assimétricos. **Revista UFRR**, ano II, v. 02, n. 05, Boa Vista, 2020.

STROGENSKI, M.J.F.; SOARES, S. Ensino de Literatura: uma proposta por unidade temática. **Revista Ao pé da Letra,** v.13, n.02, 2011.

VÁSQUEZ, A. S. **Filosofia da Práxis.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

VIANA, F.B., et al. **Hagá Quê: software educativo auxiliando na produção textual com turmas do ensino médio na disciplina de Língua Portuguesa**. In: ANAIS DA SEMANA DE INFORMÁTICA, CESIT/UEA, v.7, n.2, Manaus, 2019.

VIEGAS, A. **Como o uso da tecnologia é previsto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC)?** 2020. Disponível em: <https://www.somospar.com.br/como-o-uso-da-tecnologia-e-previsto-pela-base-nacional-comum-curricular-bncc/>. Acesso em: 02 jul. 2020.

LITERATURA INFANTOJUVENIL NA ESCOLA: UM ESPAÇO PARA FORMAR LEITORES

Vânia Maria da Silva Franco

Graduada em Letras pela Universidade Estácio de Sá – RJ

Discente do Curso de Especialização em Literatura e Ensino

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN

Washintiane Patrícia Barbosa da Silva Carvalho

Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Orientador do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN

RESUMO

O trabalho buscou por meio de uma análise das respostas dadas ao questionário investigar como vem sendo desenvolvida a leitura Infantojuvenil na sala de aula, uma vez que o contato com essa literatura é um importante recurso para o processo de ensino aprendizagem no que se refere a formar leitores e pensando nesse valioso recurso que é a leitura literária para despertar as várias habilidades e conhecimentos dos alunos que buscou-se, conhecer melhor a maneira como são tratados na sala de aula entre os docentes e discentes. O nosso trabalho teve o objetivo de investigar os motivos que levam os alunos a demonstrarem pouco interesse e contato com os textos literários. Os autores como: Colomer – (2007), Freire – (2011), Lajolo –(2000), Coelho – (2000), foram utilizados como referências para o embasamento teórico. É fundamental para o desenvolvimento dos alunos o trabalho com a literatura infantojuvenil e com isso poder dialogar com os conteúdos do currículo, sendo assim uma forma de poder buscar novos conhecimentos que possam levar a uma reflexão sobre o papel das nossas escolas nos dias atuais, pois sabemos que é preciso conhecer o todo para falar do meio, sendo que a escola precisa pensar globalmente para formar o aluno para atuar na sociedade. Diante do que foi percebido sobre a forma de contato e a utilização da literatura infantojuvenil na escola Izabel Moura de Andrade mediante as respostas no questionário dos 36 alunos do 6º ano, ou precisamente na sala de aula, não deixa dúvidas de que precisa necessariamente de uma mudança nas práticas pedagógicas com esse meio tão importante para o desenvolvimento do ser humano que é a literatura.

PALAVRAS-CHAVES: leitura literária, sala de aula, reflexão.

ABSTRACT

The work sought, through an analysis of the answers given to the questionnaire, to investigate how children's reading in the classroom has been developed, since the contact with this literature is an important resource for the teaching learning process in terms of training readers and thinking about this valuable resource that is the literary reading to awaken the various skills and knowledge of the students sought, better understand the way they are treated in the classroom between teachers and students. Our work aimed to investigate the reasons that lead students to show little interest and contact with literary texts. The authors such as: Colomer

- (2007), Freire - (2011), Lajolo - (2000), Coelho - (2000), were used as references for the theoretical basis. It is fundamental for the development of the students to work with the literature on children and adolescents and with this, to be able to dialogue with the contents of the curriculum, thus being a way of being able to seek new knowledge that can lead to a reflection on the role of our schools in the present day, because we know that we must know the whole to talk about the environment, and the school must think globally to train the student to act in society. In light of what was perceived about the contact form and the use of the juvenile literature in the Izabel Moura de Andrade school through the answers in the questionnaire of the 36 students of the 6th grade, or precisely in the classroom, it leaves no doubt that it necessarily needs a change in pedagogical practices with this medium so important for the development of the human being that is literature.

Keyword: literary reading, classroom, reflection

1. INTRODUÇÃO

O trabalho buscou por meio de a leitura bibliográfica conhecer melhor sobre a literatura infantojuvenil, haja visto que ela é fundamental para o desenvolvimento dos educandos, o contato com os professores e alunos também contribuiu para saber como vem sendo trabalhada a literatura infantojuvenil em sala de aula, uma vez que a mesma é um importante recurso para o processo de leitura no que se refere a formação de leitores e pensando nesse valioso recurso que é a literatura infantojuvenil para despertar as várias habilidades e conhecimentos dos alunos, que buscou-se conhecer melhor a maneira como são tratados na sala de aula entre os docentes e discentes. O tema abordará saber sobre a utilização da literatura literária citada junto aos estudantes e a forma como esses alunos vêm adquirindo conhecimentos diante dos trabalhos de leitura e contato com os livros de literatura, como também:

-Identificar as práticas de leitura literária na sala de aula na turma do 6º ano;

-Identificar os motivos que levam os alunos a demonstrarem pouco interesse e contato com os textos literários;

-Analisar como os professores e alunos se relacionam com os textos literários infanto-juvenil.

O nosso trabalho teve o intuito de identificar os motivos que levam os alunos a demonstrarem pouco interesse e contato com os textos literários e diante dos resultados fazer uma análise. Sendo que esta pesquisa foi dividida em dois processo metodológico para ter momentos de desenvolver melhor, o primeiro foi o contato com professores e alunos da escola onde se realizou à pesquisa para uma conversa amigável sobre o trabalho pretendíamos desenvolver com os mesmos. Depois foi aplicado um questionário com 8 questões aos estudantes do 6º ano para uma análise dos dados coletados.

Segundo Coelho (2000, p.27),

> Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão. Cada época compreendeu e

produziu literatura a seu modo. Conhecer esse "modo" é, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade em sua constante evolução.

Sendo a literatura um caminho para o conhecimento e principalmente para formar cidadãos críticos, que devemos buscar as diversas maneiras de trabalhar em sala de aula, mostrando as épocas em que cada literatura foi produzida e sua história como mostra as marcas do tempo e as características do próprio autor fazendo uma comparação da forma que eram escritas as literaturas do passado com as de hoje.

Como afirma Coelho (2000, p. 32), "para que o convívio do leitor com a literatura resulte efetivo, nessa aventura espiritual que é a leitura, muitos são os fatores em jogo. Entre os mais importantes está a necessária adequação dos textos às diversas etapas do desenvolvimento infantil/juvenil."

Compreende-se, que a literatura infantojuvenil é um meio fundamental para o processo de ensino aprendizagem nas escolas, uma vez que ela pode proporcionar caminhos que ligarão a realidade com o imaginário e dessa forma o aprendizado ficará mais significativo para que o aluno possa atuar na sociedade de maneira reflexiva e criativa diante da sua vida.
Independente das metodologias empregadas no processo de ensino aprendizagem com a Literatura, o professor(a), de qualquer ensino deve guiar seus procedimentos levando em consideração duas indagações:

a) Quais competências e habilidades devem ser desenvolvidas visando à formação do leitor?

b) Como devemos agir para desenvolver o conhecimento literário nos alunos?

A partir dessas indagações, buscou-se alternativas de trabalho com a Literatura infantojuvenil no ensino básico, etapa em que observar-se a necessidade de um contato mais íntimo entre os alunos e às obras literárias. Para Cosson (2012, p. 17), "a literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos." Ler, não é uma atitude passiva, não se reduz a uma simples decodificação de sinais gráficos, mas pressupõe uma atividade de reconstrução de sentidos. Ela não é um ato solitário porque envolve o diálogo com o interlocutor, que pode ser diversos escritores.

Dessa forma, é fundamental que o professor (a) – e não só o de Língua Portuguesa aproprie-se de seu papel na formação de leitores, uma vez que é um trabalho interdisciplinar.

Conforme Smolka (2010), a atividade de leitura é, uma prática discursiva, um trabalho simbólico. As atividades de leitura são também ações de linguagem, interações do leitor com o texto e consigo mesmo. Podemos falar de leitura não como mero hábito adquirido, mas como atividade de envolvimento psicológico, no sentido de que os processos e os efeitos dessa atividade de linguagem transformam os indivíduos enquanto medeiam a experiência humana [...] da leitura como mediação, como memória e prática social.

Como afirma o autor, a leitura é uma prática discursiva, além de ser uma interação do leitor com o texto e também com ele próprio, uma vez que por meio dessa dinâmica constante poderá ocorrer uma transformação na história de vida do indivíduo no sentido de relacionar suas memórias com o texto lido e com às práticas sociais identificadas em seu contexto.

Compreendemos a maneira de proximidade e o desenvolvimento da utilização da literatura infantojuvenil na sala de aula dos alunos do 6º ano "A" do ensino fundamental da escola municipal Izabel Moura de Andrade na

cidade de São Pedro-RN. Diante do que foi observado sobre o pouco contato e uma utilização fragmentada da literatura infantojuvenil na sala de aula, sendo essa trabalhada apenas no livro didático de Língua Portuguesa onde os estudantes liam para responderem as atividades citadas pela professora, sendo que os estudantes dessa escola Izabel Moura não demonstram um interesse significativo com a leitura literária é, que compreendemos a necessidade de pesquisar a respeito desses fatos que parece de muita relevância e que os dados coletados contribuíram de maneira positiva para um conhecimento mais amplo do problema apresentado.

Nosso de trabalho é fundamentado no princípio de que a escola é, hoje, o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo leitor. E, nesse espaço, privilegiamos os estudos da importância de desenvolver atividades sobre os textos infantojuvenil, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações. Foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa o contato e o diálogo com os professores e alunos sobre a literatura infantojuvenil, e assim poder buscar fundamentos e conhecimentos para uma reflexão referente a utilização e o interesse dos estudantes diante dessa literatura que tem um papel relevante para formar o cidadão para atuar na sociedade onde vive, pois é preciso pensar a literatura infantojuvenil como uma aliada no processo de ensino-aprendizagem levando em consideração o seu valor que é indispensável para a formação dos discentes.

2. A LITERATURA INFANTOJUVENIL NA CONSTRUÇÃO DO NOVO SENTIDO.

De acordo com as ideias de Cademartore (2010), a obra literária recorta o real, sintetiza-o e interpreta-o através do ponto de vista do narrador ou do poeta. Sendo assim, manifesta, através do fictício e da fantasia, um saber sobre o mundo e oferece ao leitor um padrão para interpretá-lo. Veículo do patrimônio cultural da humanidade, a literatura se caracteriza, a cada obra, pela proposição de novos conceitos que provocam uma subversão do já estabelecido.

A Literatura infantojuvenil na formação de leitores se apoia em uma metodologia descrita com clareza, coerência, persistência dos caminhos trilhados para o conhecimento. Portanto, se o leitor buscar um contato concreto com a leitura literária encontrará, com certeza, um mundo de possibilidades para uma aprendizagem significativa.

> A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 2011, p. 19-20)

O processo que envolve uma compreensão crítica no ato de ler não se esgota apenas na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa na leitura do mundo, uma vez que antes de chegar à escola a criança traz consigo todo o conhecimento que adquiriu com a família e no ambiente onde vive e essa leitura irá somar as diversas leituras na escola.

Segundo Freire (2011), em sua reflexão sobre o ato de ler, podemos perceber em suas palavras que o texto deve fazer uma relação com o contexto e que ler não é apenas decodificar as palavras, sendo assim, a leitura poderá ligar a vida dos envolvidos no processo entre leitor/texto buscando trazer a realidade dos alunos para o momento da leitura literária e com isso trabalhar por meio dessa relação que será mais proveitoso para o aprendizado.

Portanto, o trabalho com a literatura na sala de aula contribui positivamente para formar leitores críticos e comprometidos com o mundo onde vive através de sua participação consciente no contexto da sociedade.

Para que os professores consigam alcançar os seus objetivos que é de formar alunos leitores, será necessário que os mesmos desenvolvam uma metodologia voltada para a formação desses alunos de maneira interdisciplinar, que rompa com a fragmentação do conhecimento e a segmentação presentes na organização das disciplinas. Parafraseando Paulo Freire, na obra "Pedagogia do Oprimido", podemos dizer que a educação tradicional conhecida como "educação bancária" é simplesmente depositar na cabeça dos alunos muitos conteúdos que não estão relacionados com a realidade dos mesmos, ou atividades desenvolvidas fora do contexto.

Os professores de todas as disciplinas devem procurar trabalhar na sala de aula com as obras literárias fazendo uma ligação com sua matéria de estudo, sendo capaz de dialogar com os colegas de outras turmas ou disciplinas para juntos proporcionarem aos alunos um ensino de boa qualidade. Fica a critério dos docentes pesquisarem formas de desenvolver atividades significativas para estimular o gosto pela leitura literária.

Segundo o pensamento de Held, com o qual eu tenho o prazer de concordar porque o texto literário tem o poder de conduzir o leitor um mundo de imaginação e sensibilidade:

> Um texto é recebido não apenas ao nível da inteligência, mas também ao nível da sensibilidade e da imaginação, que vem igualmente alimentar. É a magia do verbo, sob a forma múltipla das sonoridades, ritmos, encantamentos, pequenas fórmulas e qualquer tipo de linguagem selvagem que virá enriquecer, afinar na criança, as possibilidades imaginativas (1980, p. 207).

O espaço da literatura como texto na sala de aula trata dessa necessidade de aprendizagem que demanda tanto o contato permanente com o texto literário quanto a mediação do professor na formação do leitor. Só assim o exercício do imaginário, que permite à criança viajar sem sair de casa em um dia de chuva, terá a mesma base daquele que oferece ao jovem palavras e formas para manifestar seus sonhos e ao adulto a certeza de que todos os mundos são possíveis: o exercício da leitura literária. O espaço da literatura em sala de aula é, portanto, um lugar de desvelamento da obra que confirma ou refaz conclusões, aprimora percepções e enriquece o repertório discursivo do aluno. Para tanto, não se pode temer o fantasma da análise literária (COSSON, 2006).

3. AS MÚLTIPLAS EXPERIÊNCIAS DE IMAGINAÇÃO DO LEITOR.

A literatura tem vários caminhos que podem levar o leitor para descobrir novos significados para sua vida e sua história, além de conhecer o seu passado e de outros povos é uma ferramenta que não pode ficar esquecida na escola por ser tão relevante para o ser humano. A escola precisa estar em parceria com a literatura para que os alunos possam aprender de forma consistente os conteúdos trabalhados uma vez que ela ajuda a melhorar no processo de leitura e escrita.

> Fenômeno visceralmente humano, a criação literária será sempre tão complexa, fascinante, misteriosa e essencial, quanto a própria condição humana. Em nossa época de transformações estruturais, a noção de literatura que vem predominando entre os estudiosos das várias áreas de conhecimento é a de identifica-la como um dinâmico processo de produção/recepção que, conscientemente ou não, se converte em favor de intervenção sociológica, ética ou política. Nessa "intervenção" está implícita a transformação das noções já consagradas de tempo, espaço, personagens, ação, linguagem, estruturas poéticas, valores éticos ou metafísicos. (COELHO, 2000, p. 28)

Diante do pensamento de Coelho citado acima, podemos perceber o valor da literatura para cada indivíduo que vai ao longo do tempo construindo o seu aprendizado por meio da leitura literária e assim consegue sentir a transformação que a mesma faz permitindo o confronto de ideias e discussão para estabelecer novos conceitos, pois quando o leitor começa a interpretar o texto ele percorre por caminhos imaginários dos personagens como também de todo desfecho da história.

É muito interessante a maneira como as experiências humanas se expressam através da participação cultural por meio da linguagem e do discurso explícito de forma narrativa ao longo da nossa história, o autor expressa o que se segue:

> O que importa é que as vidas não servem como modelos. Só as histórias servem. E é duro construir histórias nas quais viver. Só podemos viver nas histórias que lemos ou ouvimos. Vivemos nossas próprias vidas através de textos. Podem ser textos lidos, contados, experimentados eletronicamente, ou podem chegar até nós, como os murmúrios da nossa mãe, dizendo-nos o que as convenções exigem. Qualquer que seja sua forma ou o meio pelo qual nos cheguem, essas histórias nos formaram a todos nós; e são as que devemos usar para produzir novas ficções, novas narrativas. (BRUNER, 1986, p.37)

Na prática escolar é evidente que a leitura literária acessível aos alunos ganhou espaço nas aulas... Na etapa secundária que refere-se ao fundamental II, quando os conteúdos passam a ter um peso maior, a carência de uma programação consistente é bem maior e no primário que é o ensino fundamental I faz com que aumente a desorientação sobre a função das leituras. Embora os docentes destas etapas se inclinem cada vez mais por oferecer obras de leitura juvenil, vista como continuação da leitura do primário para o secundário, fazem-no como "um mal menor" ante a pouca prática leitora de seus alunos e percebem-no como algo radicalmente distanciado de suas crenças sobre aquilo que é "realmente" a literatura, de modo que a leitura se propõe em paralelo como algo totalmente desvinculado do programa literário seguido nas aulas. (COLOMER, 2007)

A formação do leitor literário passa por uma tarefa educativa que integra na maioria das reflexões os programas curriculares, uma vez que o objetivo do trabalho literário deve ser formar leitores para atuarem na sociedade por meio de práticas educativas voltadas para o desenvolvimento amplo do leitor.

A obra literária recorta o real, sintetiza-o e interpreta-o por intermédio do ponto de vista do narrador ou do poeta e manifesta no fictício e na fantasia um saber sobre o mundo, oferecendo ao leitor modos de interpretá-lo. A literatura é um veículo do patrimônio cultural da humanidade e se caracteriza pela proposição de novos conceitos que provocam uma subversão daquilo que está estabelecido (CADEMARTORI, 1986).

A literatura infantojuvenil é capaz de produzir conhecimentos, não porque esteja na escola, mas por dar conta de épocas, geografias e estilos de vida que não vivemos, mas que têm estreitas relações com o que somos e vivemos hoje. A busca de leitura prazerosa não exclui a aquisição de conhecimento, pois jamais deixa de trazer informações ao leitor, pelo contrário, é por meio dela que adquirimos múltiplos conhecimentos significativos. Nem tudo o que se lê na escola precisa ser discutido, interpretado e avaliado dentro dos padrões estabelecidos pelo contexto escolar, pois a leitura precisa ser vista com um olhar contextualizado de possibilidades extraordinárias para ampliar o mundo do aluno leitor.

4. METODOLOGIA / QUESTIONÁRIO APLICADO

Este estudo trata-se de uma pesquisa com coleta de dados por meio de um questionário com perguntas abertas e fechadas que foi aplicado aos discentes do 6º ano "A" da escola municipal Izabel Moura de Andrade - localizada na cidade de São Pedro-RN - cujo ensino ofertado é Fundamental e EJA, nos três turnos. Esta escola recebe poucos recursos oriundos do caixa escolar e do FNDE, como também do programa MAIS EDUCAÇÃO, necessitando também ser reestruturada na sua parte física. Já a população escolar possui um nível socioeconômico baixo, no entanto este motivo não impede que os estudantes se tornem grandes profissionais.

As respostas dadas ao questionário pelos alunos serviram para análise do conhecimento e da utilização da literatura infantojuvenil na escola com o intuito de ter uma compreensão mais clara sobre o tema em discussão, como também identificar as formas de metodologias trabalhadas na sala de aula dos alunos do 6º ano do ensino Fundamental dessa escola pública, que têm em média 515 alunos, uma vez que sua estrutura física é pequena necessitando de ampliação, inclusive a sala de leitura não comporta uma turma para realizar atividades de leitura. Quanto ao corpo docente, todos possuem formação superior em sua maioria na área de pedagogia.

Durante a pesquisa, tivemos a participação de 36 alunos que têm em sua maioria uma faixa etária entre 11 e 12 de idade, no primeiro momento foi apresentado o questionário por meio de uma conversa informal que dialogamos acerca da impotência da leitura para a vida e sendo assim a literatura infantojuvenil poderia contribuir bastante para o aprendizado deles como para a formação de cidadãos comprometidos com os direitos e deveres, também falei que era muito relevante para mim que todos respondessem as questões porque iria servir para uma análise de conclusão do meu curso que estou a fazer no IFRN. Em seguida o questionário foi

entregue para que respondessem de acordo com a compreensão deles.

A pesquisa serviu para adquirir novos conhecimentos acerca do ensino da Literatura infanto-juvenil no ambiente escolar, uma vez que a utilização da mesma pode conduzir os alunos para um mundo encantado da fantasia e diante disso a leitura literária possa os conduzir para lugares jamais conhecido porque ela tem a magia de transpor para um novo mundo fora da realidade, além de fazer uma relação do imaginário com o real.

4.1 Etapas da coleta

Primeiramente, encontramos – nos com os professores convidados para falar sobre a pesquisa sendo que os quatro docentes que se disponibilizaram em contribuir com a pesquisa demonstraram interesse sobre o assunto, uma vez perguntado se trabalham com a literatura infantojuvenil na sala de aula, os mesmos revelaram que esporadicamente fazem esse trabalho, porém não realizam com frequência porque precisam ministrar os conteúdos do bimestre para que os estudantes alcancem bons resultados nas avaliações, além de informar que o tempo das aulas é pouco.

Neste diálogo, os professores também foram questionados sobre a metodologia que utilizam no ensino/aprendizagem de literatura infanto-juvenil na sala de aula. Falaram que costumam ler para os alunos e pedem para que façam roda de leitura e teatro sobre o livro lido, pois acham relevante que a leitura deve ser compartilhada e também questionada sobre os personagens, enredo e o desfecho da história.

Depois aplicou-se o questionário com 8 questões para os estudantes do 6ºano "A "da referida escola. Os estudantes ficaram interessados sobre o assunto e perguntei se costumam ler na sala de aula, responderam que as vezes a professora de português manda lê no livro didático e também perguntei se eles pegam livro de literatura na sala de leitura para ler em casa, muitos responderam que não, então novamente perguntei o porquê e eles disseram que não gostam de ler. Diante desse fato fui explicar sobre a importância da leitura para que eles possam ser cidadãos atuantes e participativos na sociedade onde vivem, além de mostrar que a literatura faz bem para o corpo e a alma das pessoas como também para o aprendizado das coisas que precisamos na vida.

Posteriormente, aplicou-se os questionários a turma sendo que os discentes se adaptaram bem as questões, apenas uns 8 alunos tiveram dificuldade na compreensão das perguntas fazendo com que fosse lido outra vez para esclarecer melhor. Contundo, foi um trabalho realizado com sucesso e gratificante, pois responderam as questões em 45 minutos, ou seja, em uma aula o que se pode perceber foi o entusiasmo deles em estarem diante de algo novo. Todos os estudantes que estavam na sala de aula responderam com satisfação e ainda ficaram comentando sobre os livros que já leram. Foi um momento gratificante para todos que estiveram envolvidos com esta pesquisa.

5. RESULTADO DA PESQUISA

O trabalho com a literatura infantojuvenil proporciona aos estudantes um novo olhar como também um aprendizado mais global, pois as leituras compartilhadas na sala de aula estabelece vínculos entre os leitores e a escola deve velar para que assim seja, a literatura precisa estar relacionada com o novo contexto de leitura escolar contextualizada.

Questão 1: *você gosta de ler livros literários?*

Respostas	Porcentagem
SIM	75%
NÃO	25%
TOTAL	100%

Fonte: Elaborado pelo autor do trabalho (2017).

Percebe-se que apenas 25% dos entrevistados não gostam de ler livros literários, pois, de acordo com as crianças, a leitura é chata. Esse percentual está diretamente ligado, talvez, a uma leitura desinteressante, ou pelo fato do leitor não ter interagido com a leitura por meio de aspectos sociais e históricos, gerando significado ao lido, pois segundo Tendero e Carvalho (2011 : s/p), " [...] entendemos que na escola as crianças devem ter acesso à materiais literários de qualidade e as leituras literárias devem concorrer para formação do leitor nas escolas da infância, entendendo-se essa formação como processo de integração à práticas que possam suscitar interesse, capacidade e gosto pela leitura." Em detrimento a esse percentual, 75% gostam de ler, pois consideram a leitura como uma atividade muito importante para a vida.

Questão 2: *você considera a leitura literária importante para sua vida?*

Respostas	Porcentagem
SIM	98%
NÃO	2%
TOTAL	100%

Fonte: Elaborado pelo autor do trabalho (2017).

Percebe-se que apenas 2% dos entrevistados não considera a leitura literária importante, pois de acordo com os estudantes não prejudica em nada a sua vida. Talvez esse percentual esteja ligado a uma falta de conhecimento mais precisa sobre o assunto. Podemos refletir nas palavras de Cosson (2012, p. 21), "no ensino fundamental, a literatura tem um sentido tão extenso que engloba qualquer texto escrito que apresente parentesco com ficção ou poesia [...] devem ser compatíveis com os interesses da criança, do professor e da escola, preferencialmente na ordem inversa." Em detrimento a esse percentual, 98% considerarem a leitura literária importante, é pelo fato de ajudar no aprendizado e na atuação na sociedade como também na própria vida.

Questão 3: *Que tipo de leitura que você prefere?*

Respostas	Porcentagem
Revista de futebol / livro de culinária	5%
Narrativas, poesia, piadas e revistas em quadrinhos	95%
TOTAL	100%

Fonte: Elaborado pelo autor do trabalho (2017).

Percebe-se que apenas 5% dos entrevistados têm preferência por futebol e culinária, pois revelaram ser uma leitura muito divertida. Talvez esse percentual esteja ligado ao dia a dia deles um motivo que também pode influenciar bastante no gosto da leitura. Segundo Magnani (2001, p. 136), "pode-se aprender a gostar de ler textos de qualidade literária (e gostar de aprender). Saber e prazer não são excludentes como querem aqueles que temem a ruptura, porque não querem perder o poder que o saber lhes confere." Em detrimento a esse percentual, 95% declararam preferir textos variados porque são mais legais de ler e também para não ficar

lendo apenas um texto.

Questão 4: *A turma costuma realizar leitura de livros na sala de aula junto com o professor(a)?*

Respostas	Porcentagem
SIM	17%
NÃO	83%
TOTAL	100%

Fonte: Elaborado pelo autor do trabalho (2017).

Percebe-se que apenas 17% dos entrevistados disseram que realizam leitura de livros na sala de aula com o docente. Talvez esse percentual esteja relacionado ao fato de não haver uma programação direcionada na escola para a leitura. De acordo com as palavras de Cosson (2012, p.120), "ser leitor de literatura na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos." Em detrimento a esse percentual, 83% declararam que essa forma de realizar leitura com todos juntos não acontece na sala de aula deles.

Questão 5: *Qual o nome do último livro lido pelo professor (a) em sala?*

Respostas	Porcentagem
LIVRO LITERÁRIO	0%
LIVRO DIDÁTICO	100%
TOTAL	100%

Fonte: Elaborado pelo autor do trabalho (2017).

Percebe-se que 0% dos entrevistados responderam no livro literário, talvez seja porque não foi programado ainda leituras no livro de literatura pelo docente. De acordo com o PCN, Língua Portuguesa (1998, p. 26), "o texto literário constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética. Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua." Em detrimento a esse percentual, 100% declararam que as leituras realizadas em sala de aula têm sido por meio do livro didático.

Questão 6: *Quando você termina a leitura, é difícil responder as atividades em sala?*

Respostas	Porcentagem
SIM	64%
NÃO	22%
NÃO RESPONDERAM	14%
TOTAL	100%

Fonte: Elaborado pelo autor do trabalho (2017).

Percebe-se que 64% dos entrevistados têm dificuldades para responder as atividades depois da leitura, talvez seja pelo fato de acharem difícil encontrar as respostas em virtude de não entenderem a questão. Segundo os autores Paiva, Maciel e Cosson (2010, p. 43), "não é necessário confundir literatura com textos que apresentem uma roupagem de literatura, mas que são próprios para o ensino de algum conteúdo escolar.

Sem dúvida, há textos literários e não literários. O primeiro emociona, trata das paixões humanas, o segundo ensina conteúdos, atitudes e posturas[...]. Uns e outros circulam pela sala de aula, no entanto, por meio de uma mediação consciente, o professor precisa saber discernir qual é o momento para cada um." Em detrimento a esse percentual, 22% declararam que não sentem dificuldades, pois quando não compreendem a questão voltam a lê novamente. Com referência a essa porcentagem 14%, não responderam ao questionário, talvez ainda não estivessem seguros sobre o que responder.

Questão 7: *Na sua família, alguém costuma ler para você?*

Respostas	Porcentagem
SIM	47%
NÃO	53%
TOTAL	100%

Fonte: Elaborado pelo autor do trabalho (2017).

Percebe-se que 53% dos entrevistados disseram que ninguém ler em sua família, talvez seja porque não são alfabetizados ou não tenham livros. Para os autores Paiva, Maciel e Cosson (2010, p. 46), "é inegável que as histórias lidas e ouvidas na infância criam laços afetivos entre quem diz e quem ouve, ou quem lê com o livro entre as mãos. A literatura, assim, não seria apenas o instrumento de uma possível expansão do domínio linguístico das crianças, como o hábito da leitura ou para escrever melhor, mas sua função seria a de propiciar novas possibilidades existenciais, sociais e educacionais." Em detrimento a esse percentual 47%, declararam que os membros de sua família costumam ler para eles.

Questão 8: *Você costuma ir à biblioteca pegar livros?*

Respostas	Porcentagem
SIM	31%
NÃO	69%
TOTAL	100%

Fonte: Elaborado pelo autor do trabalho (2017).

Percebe-se que 69% dos entrevistados não costumam ir à biblioteca pegar livros, talvez porque não tenham um incentivo constante já que na escola e na cidade existe bibliotecas disponíveis para todos. De acordo com os autores Paiva, Maciel e Cosson (2010, p. 110), "O incentivo à leitura, à busca de livros e à frequência a bibliotecas pode ocorrer tão logo as crianças comecem a tomar contato com a escola, fazendo com que compreendam e valorizem a cultura escrita. Enquanto as bibliotecas públicas são abertas a todos os cidadãos, as escolares são abertas, a princípio, apenas aos alunos e à comunidade escolar." Em detrimento a esse percentual 31%, disseram que costumam pegar livros na biblioteca da escola e gostam muito de ler as histórias.

Vimos que os alunos precisam ter mais experiências com a literatura infantojuvenil para o seu crescimento pessoal e social, pois o leitor quando está fazendo sua leitura ele encontra vários sentidos e significados para seus questionamentos. Isso proporciona informações que ajudará a desenvolver cada vez mais o aprendizado útil em todas as linhas de complexidade existente para que possa concluir cada etapa necessária para a compreensão leitora de crianças e adolescentes.

6. CONCLUSÃO

Diante do que foi percebido sobre a forma de contato e a utilização da literatura infantojuvenil na escola pesquisada mediante as respostas dos alunos do 6º ano, ou precisamente na sala de aula, não deixa dúvidas de que precisamos necessariamente de uma mudança nas práticas pedagógicas dos professores com esse meio tão importante para o desenvolvimento do ser humano que é a literatura, visto ser construída de sentidos para a vida fator fundamental na construção dos conhecimentos e aprendizados literários.

A literatura infantiljuvenil aponta para outras maneiras de ser, outros caminhos a serem percorridos, que no plano real seria quase impossível. Aprende-se e conhece-se por meio da leitura do texto literário, no entanto, não há necessidade de imporem-se conhecimentos, formatando o leitor dentro de princípios racionais que idealizam o ser e o elegem como alguém que deve tornar-se estritamente cumpridor de deveres. Literatura também não é um texto acabado que nos obriga aceitá-lo de forma passiva, mas um processo contínuo de descoberta.

> O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. (PNC, LÍNGUA PORTUGUESA, 1998, p. 27)

Conceber que a literatura infantojuvenil é uma forma de expressão, que exprime do ser humano sua imaginação e atua em sua formação, e faz isso segundo práticas pedagógicas que proporcionem leituras com sentidos positivos e significativos. Assim, ela é um elemento apresentado aos estudantes com clareza sobre o que realmente o professor deseja alcançar nas aulas para auxiliar no processo de leitura dos alunos. Trata-se da tarefa de estimular o leitor a entender e a compreender elementos do encadeamento narrativo como também descrever personagens. É um exercício que se dá no plano da percepção cognitiva, mas que não significa só o fator leitura por si só, sem relacionar com os elementos que fazem parte do ambiente de vida do próprio leitor.

As respostas que os estudantes deram ao questionário tiveram um significado relevante para uma compreensão mais ampla do que de fato vem sendo trabalho na escola com a literatura infantojuvenil de maneira que podemos identificar vários pontos negativos como: o fato dos estudantes mostrarem que apenas realizaram leitura no livro didático, não irem a biblioteca pegar livros e não fazer leitura literária sempre na sala de aula. Com relação aos pontos positivos podemos identificar que eles gostam de ler e até citaram os tipos de leituras que gostam realizar.

> O texto literário está livre para romper os limites fonológicos, lexicais, sintáticos e semânticos traçados pela língua: esta se torna matéria-prima (mais que instrumento de comunicação e expressão) de outro plano semiótico na exploração da sonoridade e do ritmo, na criação e recomposição das palavras, na reinvenção e descoberta de estruturas sintáticas singulares, na abertura intencional a múltiplas leituras pela ambiguidade, pela indeterminação e pelo jogo de imagens e figuras. Tudo pode tornar-se fonte virtual de sentidos. (PCN, LÍNGUA PORTUGUESA, 1998, p. 27)

Os elementos apresentados foram importantes para dar maior clareza sobre o tema tratado, uma vez que o professor pode desenvolver vários tipos de atividades para auxiliar o aluno no momento da leitura caso ele

esteja com dificuldade. Trata-se da tarefa de estimular o leitor a entender os códigos de imagem e a compreender elementos do encadeamento narrativo. É fundamental que seja estimulada a percepção cognitiva, mas que não significa ler pelo aluno ou fixar um determinado tipo de leitura: auxiliá-lo a perceber os elementos mais aparentes da narrativa, para que ele venha a ler com autonomia não um determinado livro, mas diversos livros.

A tarefa do professor é complexa, pois precisa estimular sempre seus alunos para que possam adquirir o gosto com a leitura literária e insistir em evitar que o aluno leia erradamente determinadas histórias, pode ter iniciativa de realizar atividades criativas e dinâmicas. Por outro lado, o docente deve deixar que a quantidade de livros lidos pelos alunos sejam escolhas deles, por si mesmos, tornem-se um leitor melhor, para compartilha sua experiência com a do livro, ou seja, com a história lida. Os limites da intervenção devem ser observados em cada contexto, em cada livro, a partir das características de cada turma e, se possível, de cada aluno. Os resultados desse envolvimento com a leitura literária só ajuda no crescimento individual e social dos leitores motivo pelo o qual deve-se trabalhar de maneira constante na sala de aula.

REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly. **Estão Mortas as Fadas?** (Literatura Infantil e prática pedagógica) Petrópolis, Vozes/ EDUFRN, 2º edição, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. PCNs: **língua portuguesa**. Terceiro e quarto ciclos. Brasília, 1998.

BRUNER, J.**Realidad mental y mundos posibles. Los actos que dan sentido a la experiência**. Madri: Gedisa, 1986.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CADEMARTORI, Lígia**. O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. In: Ciência e Cultura. SBPC, v. 24, n. 9, set. 1972.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática** – 2. Ed. 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2012.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. (Tradução Laura Sandroni). São Paulo: Global, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: 51. ed. Cortez, 2011.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. Trad. De Carlos Rizzi.

São Paulo, Summus, 1980.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2000.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura: literatura e escola**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PAIVA, Aparecida; Maciel, Francisca e Cosson, Rildo. **Literatura: ensino fundamental**. IV. Brasil. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica, 2010.

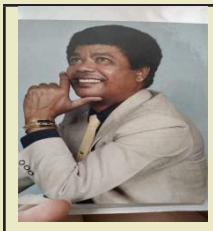
SMOLKA, Ana Luiza B.; NOGUEIRA, Ana Lúcia H. (Org.). **Questões de desenvolvimento humano: práticas e sentidos.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.

Z1LBERMAN . R **. A literatura na escola**. São Paulo: Global. 1981.

Cartuns

Desculpe-me, mamãe!
Eu só queria brincar
um pouco!
Dando

Contos



Altamiro Fernandes da Cruz; Oficial PMQOR; Bacharel em Direito; Membro Efetivo Curricular Grau Ouro, Cadeira nº 4 da ALJGR – Academia de Letras João Guimarães Rosa; Membro Efetivo Curricular, Cadeira nº 10 da ALTO – Academia de Letras de Teófilo Otoni-MG; Membro do IHGM – Instituto Histórico e Geográfico do Mucuri.

O FIM DA INOCÊNCIA

... Olho-as! E elas parecem me dizer: -"Vamos! Embarque-se em nós para encetarmos mais uma saudosa viagem!"

O irresistível convite é – de imediato – aceito de bom grado. As Asas das Minhas Elucubrações, ao formularam-me o convite, o fizeram por conhecer-me o bastante, a tal ponto de entender o quão saudoso estou. E as saudades eram oriundas de uma inocência perdida. Hoje, chego – não sei se a tanto – ao óbvio entendimento que, grande parte da violência reinante está na perda, muito cedo, da inocência de nossas crianças.

Coloco as Asas das Minhas Elucubrações, enceto a saudosa viagem ao passado de minha infância perdida, encrustada nos anais da história. Chego e encontro os amigos de sempre, prontos para os nossos inocentes folguedos de crianças. Éramos – como os nossos brinquedos e brincadeiras – criativos e inocentes. Acreditávamos em tudo que os mais velhos diziam. Se um avião passasse rasgando os ares, lá estávamos saltitando e gritando:

-"Avião, traz um nenê para mim!" E, ainda, com os olhares rútilos e fixos no horizonte que as encostas das montanhas delimitavam, ficávamos a observar a rota do avião. Ato seguinte – aos percebermos o exato '*ponto de sumiço do avião'* – para lá, aflitos, nos dirigíamos para vermos onde o avião deixara o nosso bebezinho. Isso demonstra o ápice de nossa inocência. Acreditávamos que os nenês eram trazidos pelos aviões, ou mesmo gerados em um pé de alface ou, talvez, couve – sei lá. É cabível uma pergunta: Pode isso? Para as nossas inocentes mentes, sim – podia! Tudo era válido.

Também, eram inocentes os brinquedos produzidos por nossa criatividade. As velhas e imprestáveis latas não eram descartadas em lixões. Eram transformadas em instrumentos musicais, usados nos nossos *'desfiles militares'*. Com insofismável garbo, os nossos desfiles, em nada, vale dizer, deixavam a desejar. Éramos, no nosso pensar, mais garbosos que os exércitos das repúblicas de países de regimes ditatoriais, onde os *"militares racham o solo"* com o seu imponente marchar. O povo – carente de recursos para a diversão – nos aplaudiam de pé como quem aplaude a um *3º Ato de Rigoletto*.

As latas menores eram transformadas em telefones (E funcionavam – creiam!) usados nas nossas comunicações. Jogávamos peladas nas ruas, bem como, bolinhas de gude. Os rápidos carrinhos de rolimãs – feitos com velhos rolamentos que ganhávamos nas oficinas mecânicas – eram eles, uns dos nossos brinquedos favoritos. Aos gritos, acenos e sorrisos, descíamos as íngremes ladeiras em desabaladas, tontas e louquíssimas – hoje sei – corridas. Havia quedas? Havia sim! Braços, pernas e peitorais ralados? Havia, sim! Mas, creia, isso era o que menos

importava. As alegrias das inocentes brincadeiras só traziam preocupações às nossas zelosas mães. As nossas gargalhadas sofreavam as preocupações delas. Relembro-as dizendo: - "Estes encapetados meninos não têm juízo algum!"

Soltávamos papagaios (ou pipa de varetas, como são conhecidos em algumas regiões do Brasil); nadávamos em rios sujos – já, infelizmente diga-se – poluídos, vítimas que foram de ação predatória do homem. Brincávamos de "*passar o anel*"; de fotógrafos que tinham, como *"máquinas fotográficas",* a embalagem de uma caixa de esparadrapo. Explico como *"funcionava"* o brinquedo: O invólucro tem, internamente, um eixo onde o esparadrapo era e – ainda é enrolado. Então, abríamos a caixa – geralmente, redonda – colocávamos em uma posição do clique e, pronto. Na prática, não funcionava. Na nossa imaginação – é óbvio e claro que sim! E esta certeza era proporcionada pelo som do clique que produzíamos ao fechar a máquina (Ops!) caixa de esparadrapo. E as bolinhas de sabão? Nossa... como era gostosa a brincadeira de se fazer "*bolinhas de sabão*" – um brinquedo simples e encantador que nos extasiava.

As meninas brincavam com bonecas, já se preparando para cuidarem dos futuros rebentos. Brincavam de amarelinha, bem como de fazer comidinhas, para suas "*esfomeadas bonecas*". Brincavam de cantigas de roda – inocentes brinquedos! Brincavam, também, de costureiras e de hábeis professoras dando aulas para as suas bonecas/alunas!

O tempo, inexorável tempo, passa célere. Elas, as Asas das Minhas Elucubrações, olham-me de soslaio e ordenam-me: – Vamos, temos que ir embora! Mesmo contra a minha vontade – retorno! Despeço-me dos grandes, fiéis e inesquecíveis amigos.

É um triste retorno a um presente no qual constato a morte da inocência. E a morte da inocência levou de roldão ao suicídio – ou assassinato – dos inocentes brinquedos de então.

As peladas nas ruas – e nem as ruas para as peladas – não há mais! As ruas – com a morte da inocência – estão infestadas de violência. As latas velhas, nossos instrumentos musicais – não há mais! As "*latas*" são, hoje, embalagens plásticas a poluírem o, já degradado, meio ambiente. O telefone de latinhas? Foram substituídos pelos – hoje, cada vez mais – caros e modernos celulares. Não há mais as coloridas pipas de varetas – há *drones* cortando os ares! Máquinas fotográficas feitas com velhas embalagens de esparadrapo e que, graças às nossas inocentes imaginações, *"funcionavam"* – não há mais! Os inocentes carrinhos de rolimãs – não há mais – são, hoje, os skats! A inocente correria em busca do local onde o avião *havia deixado o nosso nenê* – não há mais. As bolinhas de gude, não há mais! Nada mais há, nem mesmo as mágicas e nostálgicas "*bolinhas de sabão*" – encanto da garotada!

E o fim da inocência fez gerar a pior de todas as mortes: A da inocente forma de geração de uma criança. Hoje – infelizmente, diga-se – as meninas não mais brincam de passar o anel; pular amarelinha; fazer comidinhas para bonecas, de costureiras e de hábeis professoras dando aulas para as suas bonecas/alunas! Algumas – não todas claro está – não são mais inocentes meninas. Não são, mais, crianças. São adultas e adúlteras que já estão *"brincando com os próprios filhos"* por terem 'perdido a sua inocência muito cedo. Não tiveram tempo de brincar com as bonecas – mesmo porque, bonecas, para elas não houve, não há! Agora, não *"brincam"* – estão ocupadas, cuidando dos filhos. Elas foram frutas, colhidas ainda verdes, sem, contudo, estarem amadurecidas para a vida.

As nossas crianças se transformaram em escravas de uma exacerbada e louca tecnologia. São hábeis com os dedinhos, contudo, deixam a desejar por não terem a criatividade bastante para criar os seus próprios e saudáveis brinquedos.

É esta louca tecnologia escravagista que está assassinando a inocência das crianças, fazendo, com isso, recrudescer uma, já, exacerbada violência!

Prostro-me a imaginar que sou; que você é; que cada um de nós é José – sim, aquele José do poeta Drummond.

E, parodiando o poeta e mestre Drummond, ouso perguntar:

-E agora, José? E agora o Eu, José? E agora, o Você José? E agora, o Nós José? E agora? E agora?

Tomara que "*a festa não tenha se acabado";* que a *luz não tenha se apagado; que o povo não tenha sumido; que a noite não tenha se esfriado!"* Que não "*sejamos sem nome; que não zombemos dos outros*". Mas, e acima de tudo, que possamos "*fazer versos como quem ama... como quem protesta".* Que, "*mesmo estando sem mulher*", possamos *fazer um discurso* contra o assassinato da inocência. Mesmo que a tecnologia queira calá-lo, José, ao lhe deixar *sem carinho*, *impedindo-o de beber, de fumar* – não desista, José! Mesmo que *não possa cuspir* – grite! E, se *o dia não veio*; *se o bonde não veio*; *se o riso não veio* – lute José! E se *não veio a utopia*; *se tudo acabar*, não lamente. *Se tudo fugir*; *se tudo mofar*, não se prostre a lamentar. Use *sua doce palavra*, seu instante de febre que arde com o desejo de gritar: -Viva a inocência!

Sua *gula não pode saciar-se* ao ponto de pedir *o seu jejum*. *Sua biblioteca – que é sua lavra de ouro; o seu terno de vidro; bem como a sua incoerência e o seu ódio* devem recrudescer com o grito de ressuscitação da inocência que fora perdida. *A chave que tens nas mãos será para abrir as portas* – mesmo *que não existam portas*. Se quiseres *morrer no mar*, hás de ver que *o mar secou.* E, se quiseres *vir para Minas*, hás de ver que *Minas não há mais! Se você gritasse, gemesse...* se você fosse músico para tocar *a valsa vienense*; *se você dormisse devido ao cansaço; se morresse?* Não! Não morra José! Bem sei: *Você é duro, José.* Vejo-o *sozinho no escuro qual bicho-do-mato* (Quero estar contigo nessa luta.) *sem teogonia; sem parede nua*. Vejo que não tens *onde encostar e nem mesmo o cavalo preto para que pudesse fugir a galope.* Agora, deve-se dizer que você, José, é um forte, pois – mesmo sem saber para onde – *você marcha, José!* Marcha na luta pela ressurreição da inocência perdida!

Altamiro Fernandes da Cruz

OS QUATRO REIS MAGOS

Introito:

O sol parecia querer por à prova a resistência daquelas vidas que, pelo deserto hostil se aventuravam. O deserto, com suas areias escaldantes, e o sol com o seu calor sufocante, minavam as já combalidas forças do pequeno asno que, nas suas costas uma preciosa carga levava: era uma jovem senhora, prestes a se tornar Mãe. O jumentinho parecia entender o sofrimento e a angústia do seu valioso fardo, e isso lhe dava novo ânimo, novas forças adivindas (Há quem poderia contestar?) dos céus!

Guiado por um senhor, que orientado pelo instinto era, o jumentinho seguia-o.

- Como estais senhora minha esposa? – quis saber o guia!

- Estou bem, senhor meu marido! Respondeu a jovem Senhora! E prossegue: - A minha preocupação é com o nosso Filho que está prestes a nascer. Teremos que encontrar o mais rápido possível, um abrigo, pois a noite vai em breve chegar. Estou pressentindo que o nascimento do nosso Filho será hoje!

-O senhor, marido da jovem, balançou a cabeça no afã de afastar os atros pensamentos que nela afloravam. E eram muitas as preocupações. A principal era a segurança do Primogênito. Soubera ele que, por ordem do Rei Herodes, todos os primogênitos que viessem a nascer, a partir de então, deveriam ser mortos. O Rei temia pelo nascimento daquele a quem os escravos apregoavam "*seria O Libertador* – o único e verdadeiro Rei!" E isso era motivo – mais do que justo, diga-se – para causar pânico e temor em toda a cúpula palaciana.

- Matem todos os primogênitos – dissera o Rei!... Todos os soldados do meu reino deverão munir-se de armaduras, lanças e espadas para decapitar todos os primogênitos nascidos sob meu domínio. E, enfático, vocifera: - Nenhum deverá viver! O filho daquele que, segundo o povo, será um novo e poderoso Deus, e que virá para ser o Salvador, um Rei – deverá morrer! Ninguém usurpará o meu trono! E, colérico, esbraveja: – "Ninguém!... – ninguém"!

O senhor que seguia em frente ao cortejo, guiando o jumentinho, levou as mãos à cabeça, cofiou os grisalhos cabelos em desalinho com o fito de afastar as nefastas preocupações – os tenebrosos pensamentos!

Parte I:

O sol bocejante, preguiçosamente procura o descanso por trás das dunas. O negro véu da noite, devagarzinho, chegava. As minúsculas estrelas – até então, ofuscadas pelo brilho do astro rei – salpicavam o céu juntamente com os astros súditos que, agora, timidamente apareciam. Uma lua, em fase nova, enfeitava o céu com o seu formato de uma boca a sorrir. E ela sorria. Sorria saudando a minúscula *Caravana Divina*. Saudava, antecipadamente, ao Rei que estava por chegar ao mundo**.** *Saudava ao Filho de Deus!...*

Os chocalhos das ovelhas que pastavam, animaram e deram novas forças ao Senhor guia. Aguçando os ouvidos, fez deles os olhos que o guiariam até o aprisco onde o rebanho se encontrava. O balido, agora, se mesclou ao alarido dos pastores que juntos a uma fogueira se encontravam, aquecendo-se do frio que a noite trouxera. O deserto, em se tratando de sensações térmicas, é uma eterna lide entre a tese e a antítese. Durante o dia, o sol se faz abrasador, o calor sobe a níveis insuportáveis. À noite, contudo, o frio chega à temperatura capaz de enrijecer ossos de esquimós. Daí, explica-se a necessidade da fogueira na qual os pastores se aqueciam.

Alertados pelos tropéis dos viandantes, os pastores volveram as cabeças e olhares na tentativa de identificar os forasteiros nômades que se aproximavam. Notaram, porém, que havia um halo de luz celestial a formar uma aura em torno dos que chegavam.

-Aproximai-vos estranhos – dissera aquele que, parecia, era o chefe da tribo dos pastores! Desfrutai-vos do calor que emana da fogueira e dos nossos corações. Sejais, pois, bem vindos ao nosso modesto acampamento!

-Obrigado!... Queremos, tão somente, um pouco da vossa água e...

-A água é vossa – apressou-se em dizer o chefe do clã!... Tomai, pois, da nossa água! Comei da nossa modesta comida. Saciai-vos a sede e a fome. Descansai dos vossos atribulados dias. A nossa tenda será o vosso abrigo, os nossos corações o vosso aconchego.

-Obrigado! Novamente agradeceu o recém-chegado e acrescentou: - O Senhor esteja sempre com todos!... Em seguida, com redobrado carinho e cuidado, ajudou à senhora sua esposa no descimento de sua montaria e, virando-se para os pastores, apresentou-se:

-Eu sou José e esta é a minha esposa Maria. Estamos em fuga por temermos a ordem emanada pelo Rei Herodes, que é a de matar a todos os primogênitos. O nosso Filho está por nascer e tememos que ele possa vir a sofrer os horrores da ira real, sendo mais uma vítima inocente do Rei.

- Estejais-vos tranquilos. As nossas tendas não oferecem a segurança que a situação exige e da qual preciseis. Seriam elas as primeiras a serem vasculhadas pelas tropas do Rei. Contudo, há uma gruta, cujo caminho somente nós e as ovelhas conhecemos. Lá, vossa família estará em segurança – credes! Agora, comei e bebei! Saciai-vos as vossas sede e fome!...

-Obrigado!... Novamente, obrigado por tudo – agradeceu o patriarca José!...

Parte II:

Depois do lauto jantar José quis conhecer a gruta e para lá se dirigiram. Ela era aconchegante. Graças à bondade dos pastores, algumas mantas por eles doadas foram espalhadas por sobre as palhas e formaram uma excelente cama onde Maria apressou-se em repousar. Uma lamparina, abastecida de azeite, provia o ambiente com uma mortiça luz, suficiente, contudo, para José e Maria se acomodarem. Vendo que a Divina Maria – seu mais precioso tesouro – estava já acomodada, e por já estar vencido pelo cansaço, José, de imediato, se viu nos braços de Morfeu

a dormir o sono dos justos. O sono, todavia, foi curto. Um pouco depois, Maria começou a sentir os primeiros sintomas do esperado nascimento. Ela o chama:

-José – meu marido e senhor – acordai!

-Sim, Maria!... O que houve?...

-Estou sentindo que é chegada a hora do nascimento do nosso Filho!...

José se apavora. Aquele momento era de há muito esperado e ansiado por ele e toda a humanidade – era previsível. Porém – e por mais preparado que estivesse – ele se viu acometido por uma aflição incontrolável.

Sorrindo um riso angelical, Maria o acalmou:

-Senhor meu marido, acalmai-vos!... Ide lá fora, preparai uma jarra com água quente, pois dela irei precisar. Ide e trazei-a para mim. E, ainda sorrindo, disse-lhe: nosso Filho está nascendo, querido – ide bem depressa!

Boquiaberto ante tanta força e coragem, José sai da gruta em busca da ajuda dos pastores. Chegando ao acampamento, apavorado, expõe aos pastores o seu "*drama*". Os pastores, também, se apavoram. Era, para eles, um caso inusitado, raro. Somente o velho chefe do clã se mostrava calmo, sereno. E essa serenidade acalmou a José e aos demais.

-Providenciem lençóis limpos, toalhas, óleos e água quente para cuidarmos daquele que está por chegar – dissera!

Munidos e "*armados para a batalha do parto*", partiram: José e o chefe do clã em direção à gruta. Contudo, ao se aproximarem da entrada desta, foram surpreendidos pelo forte choro de criança. Apressaram o passo. Aflito, José quase corria, tendo nos seus calcanhares, bufando e resfolegando, a resoluta figura do bondoso velho e todo o clã do providencial pastor. Adentram a gruta e, de súbito, param. Os olhos de todos brilham de emoção e por estarem banhados em lágrimas. O que eles veem é algo de indescritível beleza: a Divina Maria estava assentada e ao colo trazia o recém-nascido. O hálito quente que emanava das bocas das ovelhas e do jumentinho o mantinha aquecido. Uma reluzente luz – vinda não se sabe donde – sobre Ela e o Bebezinho pairava e se espargia por toda a gruta. Ao lado, uma falange de Anjos Celestiais cuidava da parturiente e do Baby Rei – o seu precioso pimpolho! O velho pastor se prostra de joelhos e chora. Chora e ora. Ora em louvor ao Deus Menino que acabara de nascer. José se prostra. Nos olhos as lágrimas turvam-lhe a visão. No colo de Maria o jovem, agora, sorria: um Anjo lhe afagava a rósea e rechonchuda bochechinha.

Parte III:

Lá fora uma nova caravana era guiada pela luz ofuscante da imensa estrela que brilhava no espaço, indicando-a o caminho ao qual deveria seguir para se chegar à manjedoura. A caravana seguia a luz. A luz guiava Melchior – Rei da Pérsia; Gaspar – Rei da Índia e Baltazar – Rei da Arábia. Era a Caravana dos Três Reis Magos. E eles, ávidos, buscavam chegar à maternidade

do Salvador do Mundo. Levavam nos baús: ouro, mirra e incenso. Levavam nos corações: a fé em Deus na salvação do mundo.

Mas sozinha não estava a caravana dos Três Reis Magos. Seguindo-a de longe – e de há muito – um quarto Rei a tudo observava. Queria, também, encontrar-se com o Salvador do Mundo. Carregava consigo preciosas e caríssimas pedras de ofuscantes e raras belezas. Levava consigo um coração cheio de amor e fé. Carregava consigo a certeza de que haveria – com o nascimento do Rei – a paz tão sonhada, a liberdade tão ansiada, o amor tão almejado e a salvação tão procurada.

Notando estarem sendo seguidos, os Três Reis Magos se enveredam por entre as dunas, palmeiras e tamareiras, se desvencilhando do seu seguidor. Passado o provável perigo, os Três Reis Magos adentram a gruta, se prostram de joelhos. Depositam as oferendas ao Salvador, beijam-Lhe os pés, oram... se despedem e se vão. A pressa era justificável: estavam temerosos. Havia um seguidor nos seus encalços e eles temiam ser algum dos espiões de Herodes, com a funesta missão de matar o *Primogênito Salvador – o Baby Rei!*

Saem da gruta e retornam por uma vereda diferente da qual vieram. Era uma forma de despistar o seguidor – possível espião do Rei assassino. Todavia, no caminho escolhido se encontraram com o Quarto Rei que os indaga:

-Onde é o local em que nasceu e se encontra o Menino Rei, o Salvador do mundo? Gostaria de, também, venerá-Lo, presenteá-Lo com algumas modestas pedras preciosas do meu reino!

Temendo pela segurança do Menino Rei, os Três Reis Magos indicam-lhe um caminho errado, por entre as dunas, bem adverso do por eles trilhado. Mentiram para salvar ao Filho de Deus. Outros, mais tarde, mentiram para se salvar! E o Quarto Rei se enveredou pelo falso caminho e se perdeu sem encontrar-se com o Salvador.

Nas suas andanças, ele se depara com uma tropa do rei Herodes que, cumprindo as ordens recebidas, estava na eminência de assassinar uma centena de indefesas crianças. Os pais, sem nada poderem fazer pela salvação dos seus bebês, choram copiosamente! Oram com fervor pedindo ao bom Deus um milagre! Ao ver a cena, o Quarto Rei da tropa se aproxima. Chama o Comandante desta e a ele oferece a metade das pedras preciosas em troca das preciosas vidas dos inocentes primogênitos. O Centurião Comandante aceita – as criancinhas, enfim, estão a salvo!...

Parte IV:

Retorna o Quarto Rei ao seu caminho em busca do Salvador. A busca, contudo, se torna vã. Resolve, então, voltar ao seu reino onde passa o trono ao príncipe herdeiro, seu filho, a quem diz:

-Filho, reine com sabedoria, lealdade e justiça! Prepare o seu reino para um Rei maior: Deus!... Sairei pelo mundo em busca do Filho Dele que já está entre nós. Encontrando-O, e

depois de Dele absorver conhecimentos e graça para difundir a Sua palavra, voltarei para, juntos, governarmos o nosso Reino sob as bênçãos do Nosso Senhor Deus!... Vou pelo mundo à procura de um Rei – o maior de todos eles – o Filho de Deus, o verdadeiro Rei de Todos os Reis.

E o Quarto Rei retoma sua incansável e frenética busca.

Parte V:

O tempo, todavia, é inexorável e passa ligeiro. E o Rei sente o baque provocado pelo célere calendário. Agora, velho e alquebrado, vê as suas forças se exaurirem. Mesmo assim – retirando do âmago do seu coração o que de forças restaram – busca resistir para não desistir da sua incansável lide. E elas, as suas tênues forças, o levam a uma cidade – Jerusalém é o seu nome! O sol a pino obriga-o a fazer uma parada junto a um poço onde pede um pouco d'água às mulheres que enchiam os seus vasilhames.

- Usai dos nossos cântaros e saciai a vossa sede – dissera Madalena, uma das mulheres, ao mesmo tempo em que lhe entregava uma terrina desprovida de tampa, na qual a sua sede saciou!

A bondosa mulher comenta:

- A cidade está um rebuliço! Hoje, o povo irá assistir a um julgamento e, sob as ordens de Pilatos, todos deverão comparecer à praça!

- Quem será julgado? Perguntou ávido, o velho Rei!

A mulher, enxugando as lágrimas no seu surrado avental, balbucia:

- Um inocente! O Filho de Deus. Seu nome é Jesus. E Ele somente veio ao mundo para nos salvar – dissera a lacrimejante mulher.

A terrina cai das trêmulas mãos do velho Rei e se parte ao tocar o solo. O velho Rei desaba ao chão e, de joelhos, chora! Chora e lamenta tê-Lo encontrado tão tardiamente. Em desabalada carreira sai em busca do Messias, o Salvador. Encontra-O. Ele está maltrapilho, maltratado, ferido e espezinhado. Contudo, há firmeza no seu olhar, coragem nas suas atitudes e fortíssima determinação na sua voz.

O velho Rei, Dele se aproxima. Afasta corajosamente a furiosa multidão que Nele cospe o cuspe das obscenidades, vociferando impropérios. Ato seguinte empurra um centurião que, de chibata em punho, covardemente O chicoteava. Chega, enfim, junto ao Mestre. Ajuda-O com sua pesada cruz, abraça-O chorando e, humildemente, beija-Lhe os pés em chagas. Em seguida, afaga-Lhe o dorso desnudo de onde o *Sangue Sagrado* brotava – era uma vã tentativa para conter a cascata hemorrágica. A furiosa multidão, momentaneamente, se cala e, parva, assiste aquela cena de indescritível coragem; de amor; de fé e abnegação!

O velho Rei, lamentando e chorando diz entre soluços:

- Meu Deus e Senhor**!...** Tenho tanto por Vós procurado! Por desertos, cidades e campos

sem, contudo, encontrar-Vos. Somente agora (soluços!) Senhor, eu Vos encontro. Os presentes que havia reservado para Vos ofertar, eu...

- Eu sei filho meu – interrompeu-lhe Jesus –, eu sei!... Eu estive sempre contigo desde o meu nascimento para o mundo. Nos quentes dias do deserto – quando vagavas nas tuas peregrinações a buscar-Me – Eu fazia o vento soprar em torno do teu corpo para amainar o calor que a ti afligias. Nos cruciais momentos em que a tua fome urgia, Eu lhe oferecia o maná para saciar-se. Nas gélidas noites, sob as tamareiras e coqueiros, Meu sagrado manto ao teu corpo aquecia enquanto Eu velava o teu sono. Escorpiões e najas que tentavam a te atacar foram enxotados com as Minhas mãos, com o Meu cajado. Quando sentias sede, Eu transformava as escaldantes areias em gélidas águas de um fresco oásis. Quando as tuas forças estavam exaurindo, Eu – em meus braços – te carreguei. Tudo por ti Eu fiz, filho meu, porque na noite em que Nasci, Vi que destes as oferendas – que eram para Mim – ao Centurião romano, chefe das tropas de Herodes. O teu nobre gesto – prossegue Jesus – salvou, de prematura morte, centenas de criancinhas indefesas. A partir daquele momento, a Minha morada passou a ser dentro do teu bondoso e nobre coração!

(Jesus faz uma pausa – era o cansaço, eram as sofridas dores a atormentá-Lo.) Todavia, e já refeito, Jesus retoma a palavra:

-"Estarei em breve, no Reino – junto ao Meu Pai – e junto a Mim tu estarás!" "Levanta-te! Venha a Mim filho meu! O Reino do Meu Pai está a nossa espera!"

Epílogo:

Uma nuvem negra paira sobre justos e pecadores – mais pecadores que justos! Mesmo sendo uma tarde de abrasante sol, o céu – pasmo pela maldade e parvoíce dos homens – se escurece! Era um eclipse da vergonha a pairar sobre todos que a Ele abandonaram e O negaram por três – ou milhares de tantas outras – vezes!

Uma coroa de espinhos é colocada na cabeça de Jesus fazendo o Sangue Sagrado cascatear pela sua face e dorso. Jesus é colocado sobre o madeiro em forma de cruz – seu instrumento de tortura! A parva multidão a tudo assiste, todavia, ninguém ousa ir de encontro ao vil assassinato que ora se perpetrava contra o inocente Filho de Deus e nosso Salvador.

O martelo sobe e desce por variadas vezes batendo no prego. O prego dilacera as carnes das mãos e pés do Cristo Jesus. A cruz é erguida levando nela pregada aquele que viera pregar o amor ao mundo e para ao homem salvar.

Em um único momento de fraqueza humana Jesus chora, lamenta e pergunta:

-"Pai, porque Me abandonaste?"...

O velho Rei, súdito do maior de todos os Reis, abraça a base da cruz. Um dos centuriões munindo-se de uma lança usa-a para traspassar o tronco de Jesus. Era um gesto de piedade – queria minorar os dolorosos sofrimentos impostos ao torturado!

O sangue da coroa de espinhos – se misturando aos dos ferimentos causados pelos pregos e a lança – desce cascateando pelo dorso nu de Jesus. E a cascata hemorrágica do Sagrado Sangue de Cristo segue escorrendo e banha o corpo do velho Rei.

Jesus – em um ato de imensurável grandeza e bondade – ainda encontra forças para implorar: -"Perdoa-lhes, meu Pai! Eles não sabem o que fazem!"

Jesus sente sede e pede:

– Água, por favor – implora o Salvador! Servem-Lhe uma esponja embebida em vinagre que, em nada serviria para saciar-lhe a sede sentida. Jesus ergue os olhos aos céus e diz:

-Pai, tudo está consumado!

O quarto Rei, abraçado ao madeiro da cruz, fecha os olhos e queda por terra no exato momento em que Jesus fecha os Seus olhos para a vida terrena, abrindo-os, todavia, para a vida eterna junto ao Deus Pai, ascendendo-se às alturas celestiais!

Altamiro Fernandes da Cruz

****

Este conto foi inspirado na obra de Henry Van Dyke: "O Quarto Sábio". Nela o autor em epígrafe narra a épica e emocionante história de um sábio homem na busca frenética do verdadeiro sentido da vida: Deus!

Em "Os Quatro Reis Magos" há uma narrativa, não menos épica, da história de um sapiente Rei que busca encontrar-se com o maior de todos os Reis, Jesus Cristo, desde o dia do Seu nascimento para o mundo!

(Notas do autor: Altamiro Fernandes da Cruz)

SONHOS DE UMA NOITE DE VERÃO

Introito:

A noite estava quente. O ar parado, sem que uma só brisa soprasse. O calor anunciava: essa é uma típica noite de um verão abrasador. Mais quente, contudo, estavam elas, "tipo assim", passeando pelos becos, vielas, ruas, por sobre muros e telhados. Buscavam – ávidas, diga-se – a companhia de fogosos gatões. Sim, era isso que buscavam: Gatos! Gatos para saciarem o gritante e fogoso cio aflorado.

O mormaço da noite arrefecia o calor que a natureza fazia efervescer no âmago daquelas lindas gatinhas angorás. Peludas, cheirosas, conseguiram – com certa dificuldade, convenhamos dizer – driblar a rigorosa vigilância da zelosa dona, para, juntas, caírem na farra, na gandaia, partir para a balada!

A oportunidade singular surgira juntamente com o cio gritante no ego. É hoje ou nunca – lembrou-se Roxana de ter dito à sua amiga Teteia:

- Se vamos ter que "partir para a luta", querida, terá que ser nessa noite. Oportunidade como essa (Ah, minha amiga!...) nunca mais! É agora ou nunca.

-Concordo! Aquiesceu a amiga, dando a Roxana razões para prosseguir com o voluptuoso e lascivo plano. No ato da concupiscência – e já antevendo os tão sonhados resultados – se lamberam e deram lânguidos miados. Lembraram que a tão zelosa dona havia esquecido aberta, uma das, sempre fechadas, janelas, facilitando, sobremaneira, a fuga. Deram miados e eróticos risinhos. É hoje, bela!... É hoje ou nunca mais. Rindo – como se houvessem ensaiado – disseram em uníssono: - Vamos nessa que vai ser bom à beça!

-Tá bom, tá bom!... (Mais risinhos!) Agora, vamos à caça dos nossos gatos porque já não suporto mais tanto fogo, tanta ansiedade. Deram lânguidos miados; lamberam as patinhas e, passando-as pela cara, imitaram o ritual feminino de retocar suas maquiagens. Então, sentindo o quão bonita estavam, partiram para as conquistas.

Gatas na quebrada:

Andaram por um bom tempo e quando já estavam desistindo da busca, Roxana exclama:

-Uau! Uau!... Miau, miau, miau, miau!... Olha só, Tetéia! Lá estão dois gatões solitários, dando sopa. Vamos nessa?...

-Claro amiga!... Vamos lá!... E "no vamos lá", lá foram elas.

Mas – e como "à noite todos os gatos são pardos" – somente depois da aproximação é que puderam ver a gritante diferença existente entre eles, os pretendentes. Um era, exatamente, o oposto do outro – a antítese! Pierre – era esse o nome do mais charmoso – era um Gato no mais amplo sentido da palavra. De pelos bem cuidados – cheirosos, brilhantes e penteados – trazia,

adornando-lhe o pescoço, uma linda coleirinha da qual pendia uma placa onde se lia, além do nome, o seu "pedigree". Possuía um miado aveludado, suave, empostado de vários erres a identificar a sua origem francesa. Tonhão – nome do outro gato – era um tremendo vira-latas. Vadio, liberto – brigão e valente –, se postava como sendo o dono da área. Ali, ele era "O Rei do Pedaço". Nascera no lixão do bairro, e – ainda muito 2 cedo – aprendera a dureza que é a luta pela sobrevivência. Com a vida aprendera que, para viver o amanhã, deveria peitar o hoje. Teria que, com a barriga, empurrar o mundo numa constante luta sem trégua, sem quartel, sem descanso – agora e sempre!

As Gatinhas, ao perceberem a tamanha diferença entre os pretendentes, resolveram confabular entre si. Precisavam decidir o: "quem ficará com quem?"

-Olha – dissera Roxana – aquele Gatão charmoso, cheiroso e gostoso, será para mim. E rindo, emendou: – Mesmo porque, (Né?) fora eu quem os viu primeiro – concorda? Portanto, nada mais justo que eu fique com o melhor, o mais cheiroso e gostosão do pedaço.

-Está bem – concordou Teteia. Afinal, estamos no mesmo barco e a perigo, não é? E nessas situações, qualquer coisa serve. Vamos lá!... Vamos enfrentar as "feras" e seja lá o que Deus quiser!

Divisão feita, elas partiram para as conquistas. Rabões felpudos, empinados; os mais eloquentes ronronados; sensuais e roucos miados, assim, elas, deles se aproximaram. Roxana, colocando a patinha direita à altura da orelha, sacode a cabecinha e os cumprimenta:

- Olá, rapazes!... Linda noite, não?...

- É!... Legal, pacas! Respondeu – com voz grave e rouca – Tonhão, para, em seguida, botar para fora todo o seu quixotismo verborrágico ao avançar dizendo:

- E aí? O que fazem estas lindas, charmosas e gostosas gatinhas nestas ruas escuras – e ainda por cima – só, desacompanhadas?

- Sabe?... É que... bem... está um calorão danado, né? Daí, nós saímos para dar um role, um giro – dar umas voltinhas para conhecer a área, entende?

- Hum, hum! Sei... bem sei! Olha, mina, eu sou o Tonhão. Esse ai é o Pierre é (- Prazer! Disseram em uníssono as gatinhas!) o meu amigão. Peça fina – sacou?

- Eu sou Teteia e esta é a minha amiga Roxana!

Feitas as apresentações, Tonhão dispara a sua mais nova cantada:

- Legalérrimo, Gata!... E aí, "*tás afins*" de passear comigo? Conheço um telhado joia e de onde a gente pode sacar um luar "manero pacas". Topas "dar um giro, um role por lá, topas?".

- Topo! Assentiu a Teteia, encostando-se, toda lânguida ao seu fedido Gatão Tonhão, deixando a amiga Roxana a se entender com o afrancesado Pierre. E lá foram eles a ronronarem juras de amor eterno, por sobre os muros e telhados.

A quente noite de amor:

Algum tempo depois, uma janela se abre e dela se assoma a possessa figura de uma irritadíssima mulher:

- Gatos malditos, filhos da (%#¢£)!... Parem com essa zoeira danada, essa gritaria dos infernos! Quanto escândalo, pô! Ato contínuo atira, em direção do forte alarido, um pé de chinelo. De pouco adiantou. A festa do Tonhão e da Teteia estava no auge. Eram miados e rugidos que mais se pareciam com gritos humanos a gozarem os prazeres da carne em lascívia. Teteia estava chegando – mais uma dentre as inúmeras vezes – ao Nirvana, ao Paraiso do deus Felino Eros!

Numa outra casa, um velhote nervoso, irado, revirou-se na cama soltando suas imprecações:

-Gatos desgraçados!... Toda vez é a mesma coisa. É só entrarem no cio para começarem com essa barulheira infernal, a todos perturbando.

Contrastando com a opinião do velho, a esposa carente entra em defesa dos Gatos:

-Pelo menos, eles estão fazendo amor, não é? – dissera! Aliás, amor é coisa que, de há muito, não se faz nessa casa. E dando vazão ao seu repúdio – e em defesa dos Gatos – abriu a janela e aos berros jogou para fora todas as suas decepções de alcova:

-Vamos nessa, gatinhos! Manda brasa "*gataiada*"! Manda ver! Gozem à vontade, danadinhos!

O velho, fazendo ouvido de mercador, virou-se de lado, dormiu ou fingiu que dormia.

Epílogo:

Amanhece o dia! O sol começa a desvirginar a escuridão empurrando-a para o outro lado do mundo. Por trás das cacundas das montanhas já se denota um forte colorido mesclado pelo tom vermelho-alaranjado, anunciando o alvorecer de um novo dia.

E os primeiros raios do sol vão encontrar a Teteia totalmente despelada, língua pra fora, olhar rútilo e boca trêmula. O seu andar é trôpego, vacilante. As pernas, semiabertas, mal conseguiam sustentar o arrasado e despenteado corpo. A cara de sono demonstrava que não dormira durante a noite inteira. O cansaço, contudo, não conseguia esconder a enorme cara de incontida felicidade nunca dantes experimentada, como a daquela noite de amor ao lado do seu fedorento Gatão Tonhão. Sua face felina era – tão somente, diga-se – uma máscara de felicidade, de um amor nunca vivido, de prazeres nunca dantes sentidos, de gozos nunca dantes desfrutados. Estava rouquíssima de tanto miar durante as folias do deus Eros.

Encontrando-se com a amiga Roxana, comenta:

-Minha amiga, não te conto nada (Mas, e entre desavergonhados risinhos, contou!):

Aquele Gato é um louco varrido. Eu estou (Ufa!) mortísssiiimma! Fizemos amor (Hum!... Ai, ai!) à noite inteirinha! Teve um momento, amiga (E a Roxana a tudo – impávida e com cara de poucos amigos – escutava!) que um pé de chinelo passou voando, zunindo perto das nossas cabeças, indo explodir numas telhas ao nosso lado. Nós nem ligamos, sabe? (E a Roxana – com raiva, calada, tensa – a tudo ouvindo!) A mulher, dona do chinelo, estava possessa. Olha minha amiga, vou te contar: se depender do número de vezes (Com a patinha direita tenta tampar a boca para esconder uns risinhos sem vergonha.) que fizemos amor, dentro de mim deve ter – no mínimo – uns trinta gatinhos. Ufa! Estou morrrtaaa!

E você? Como foi a sua noite de amor com o... Pieeerrre? Tudo bem? Ele é, também, um (digamos) gostosão e doidão varrido igual ao meu Tonhão? – quis saber!

-Ah minha amiga!... Nem te conto. Eu, também, não dormi nem um segundo nesta noite finda. O Pierre passou a noite inteirinha contando a sua triste história do dia em que ele fora capado.

Altamiro Fernandes da Cruz

****

HISTÓRIA DA AVÓ MARIA II

Num pacato bairro da cidade de Natal, mora uma senhorita de nome Ioneide. Ela trabalha numa fábrica de tecidos no distrito industrial de Extremoz. Levanta cedo para cumprir uma jornada de 10 horas semanais. Ioneide, por não ter rendimento suficiente que pudesse pagar um plano de saúde, buscava ajuda no SUS sempre que precisava quando seu frágil corpo necessitava de atenção médica.

Certa vez, estando com uma forte dor de dente, procurou o referido atendimento do SUS para mais uma ajuda. A dor que ela vinha sentindo há dias era tão grande que ao ser atendida e anestesiada a bendita não fez efeito. Mas mesmo assim calada sentindo todo o seu corpo padecer não pronunciou um ai, sequer.

Quando o cirurgião dentista mostrou o dente para Ioneide, disse toda feliz:

- Pronto, Dona Ioneide, a senhora está vendo? Trei quem estava te maltratando.

Ao ouvir aquela voz, Ioneide branca como cera, respondeu:

- Estou vendo nada não seu dentista.

Nesta hora foi uma correria imensa, e ela acordou em um hospital assistida pelo cirurgião dentista, um médico e uma enfermeira. Então ela falou:

- Seu doutor eu tou viva? Senti o Senhor tirando meu dente mais a dor que eu vinha sentindo há dias era maior do que a dor da extração. Senti uma dor forte no meu coração quando o Senhor falou comigo e depois não vi mais nada.

Ao que o cirurgião dentista respondeu:

Nossa Dona Ioneide, a senhora é muito forte. Isto não se faz, pensava tê-la matado com uma extração dentária.

E todos sorriram com o ocorrido. Ioneide voltou feliz pra casa e pediu ao cirurgião dentista aquele dente que a fez sofrer muito. Foi prontamente atendida no seu pedido. Ao chegar em casa pegou um martelo e quebrou bem miudinho aquele dente símbolo do seu sofrimento.

Hoje, Ioneide é banguela. Usa dentadura. E dessa dor? Não lembra mais...

Sorri contando essa História para todas (os)

Apresentação Oliveira

CONTO RETIRADO DO LIVRO: FORÇA, FAGULHAS E FÉ. JANEIRO 2018. 1ª EDIÇÃO. EDITORA MMO GRAF.

CARTAS AL MEDIODÍA
(A LA MANERA DE CORTÁZAR)

Araceli Otamendi

¿Cómo empezar? ¿Por el principio, el final o por el medio? ¿Por el cuadro de Héctor Borla o por R. R? ¿Por Walter o por Anabel? ¿Por la gorda de Fellini o por quién diablos? El papel está puesto en la máquina. Sí, es hora, ya es hora de empezar a teclear, uno, dos, tres espacios. Así está mejor. Querido Walter. No me gusta. Pasan las horas y te extraño. Mucho peor. Pero debo seguir. Ella vendrá al mediodía. Desde que te fuiste, te juro, no he conocido a otro hombre. Pero si me dan ganas de llorar. A mí. ¿A quién va a ser? Aquella tarde en que nos conocimos pude sentir que había algo diferente en vos. ¿Quién lo diría de un triste marinero que recaló en Buenos Aires? Y ahí viene uno de los R. R. tan pulcro como siempre, bien vestido, con su perfume a colonia de violetas. Y debo continuar, como conclusión creemos necesario implementar el sistema en el menor tiempo posible. Así que elevamos a usted el presente informe. Me detengo. Elevamos, elevamos, como si las palabras pudieran elevarse. Pero así les gusta, me enseñaron eso. Buenos días R. Buenos días. Tantas estupideces pueden decirse en un informe, hay que justificar las funciones, tantas cosas que no tienen justificación. Y es por eso señor director que creemos imprescindible implementar dicho sistema en el menor tiempo posible para reducir tareas manuales y por consiguiente reducir los costos en un cincuenta por ciento de su valor actual. Otra mentira más, lo pone tan contento al R., después firma y se va. Ya se fue. Sigo con Anabel o con Walter. Sos el único hombre que he amado en mi vida. De verdad ¿quién lo creería? Las once y media, arranco la hoja de la máquina y me voy. El informe sobre el escritorio. Salgo a la calle, al puro asfalto y cemento de la City, la comida del comedor no me gusta, parece goma, guiso, no sé qué es. Cruzo el túnel de la Galería Guemes, entro en la librería Florida, compro «Actos de amor», de Elia Kazan, el director de cine. Tengo media hora para comer y camino rápido. El restaurant se llama El ciclista, todos los ejecutivos comen ahí, confiere estatus, hay que cuidarlo. En la calle no hay un solo árbol, todo es gris. El amarillo, único color de la calle, es el de la Iglesia de la Merced. La mesa de siempre y la comida de siempre. Dentro de un rato llegará Anabel. Abro el libro de Elia Kazán. Supuse que era el libro de cine

para filmar, actos de amor. Es la historia de una mujer que se casa con un griego pero el suegro es un perverso que la persigue hasta que se acuestan. En mi bolsillo tengo la carta sin terminar, la de Anabel. Entran los R. R. Me concentro en la carta. Aquella tarde en que nos conocimos, decidí cambiar de vida ¿Por qué no? Si no doy más. ¿Los gatos no tienen siete vidas? ¿Por qué no darse una oportunidad? Llegué a pensar que las horas se alargan cuando vos no estás. Eso lo piensa cualquiera, menos R. R. Se sumergen en la conversación, pero no tanto, un cóctel de tasas flotantes, plazo fijo ajustable con cláusula dólar, no sé qué otras yerbas más, tratan de enterarse a dos mesas de distancia, quieren saber qué leo. Sospechosa. Cualquiera que intenta salirse de los sistemas y de los números es sospechosa. Como aquél día cuando uno de los R. jugando con un dupont de oro me dijo: ¿Y por qué te gustan tanto las novelas? ¿Y a vos no?, le dije, y se quedó pensando, entrecerró los ojos de pescado, fijó la mirada en la aburrida pared de enfrente y contestó: Sí, sí, claro. Después que el mozo apareció con el café ya era casi la hora y Anabel no había llegado. Por favor contame, describime qué hacés en el puerto de Hamburgo.

El marinerito le había dicho que había trabajo para ella en Saint Pauli. Y por la puerta de la esquina apareció Anabel, lucía un tapado de piel hasta el suelo, las piernas descubiertas, apenas vestida con una minifalda, la cara muy pintada, casi una mascarita de carnaval, arañas de rimel en los ojos oscuros, bermellón en los labios. Se sentó frente a mí. Los dos R. miraban. Dentro de un rato vendría la pregunta: ¿Quién era esa vivorita que estaba en tu mesa? En lugar de decirle qué te importa, le diría: Una conocida y cambiaría de tema. Anabel pidió una botella de agua tónica con hielo y me dijo con aire inocente: ¿Ya está? No era un biscochuelo, una torta que se pone en el horno a cocinar, había que seguir escribiendo. Le entregué el borrador, mientras tomaba el segundo café y ella leía. Pensé cómo diablos esta mujer había hecho para que yo contestara su carta. Había sido un día de esos en que todas las mesas se ocupaban y yo, concentrada en un libro me había sobresaltado ante la pregunta ¿puedo sentarme? Y sí, claro, sientesé, le dije. Y ahí empezó la historia, el marinero, la carta, me imaginé al marinero jadeando a su lado, emborrachándose con cerveza en el puerto, una carta mentirosa después y por último el olvido. Ella seguía creyendo y él le ofrecía trabajo de prostituta lujosa en el puerto de Hamburgo. Recordé a Sor Juana Inés de la Cruz, por aquello de «hombres necios». Como aquél taxista que me llevó a casa el otro día , hablábamos del frío, la lluvia, el viento y comentamos el partido de la noche anterior, hasta que pasamos por un hotel alojamiento. Parada en la puerta había una gorda inmensa como aquél personaje de Amarcord. La cara de muñeca Betty Boop ajada por los años, rulos rubios, pintarrajeada como una puerta, las piernas eran dos cilindros, apenas cubiertas. Casi diría que parecía el doble del personaje de Fellini en Amarcord. La gorda esperaba bajo la lluvia algún cliente y enseguida el chofer del taxi me dice: Mire, esa gorda, ¿ve?, ¿a quién va a enganchar?, ¿quién se va a acostar con ella? A mí me daría asco. Y debe cobrar bien, e hizo el cálculo de cuánto ganaría. ¿Y las enfermedades? El

hombre hablaba y hablaba. Lo vi por el espejo, los ojos le brillaban como un animal escondido en la madriguera. Habíamos llegado a casa. Me bajé y antes de entrar a casa vi cómo giraba el auto y enfilaba para el hotel donde habíamos visto recién a la gorda. Y Anabel se reía, me dijo que le gustaba la contestación y que muy pocas veces había estado enamorada como lo estaba de Walter. Ya casi era la hora de volver. Los dos R. Se retiraron al unísono. Chau, hasta luego. En minutos volveríamos a vernos las caras, yo, una empleada, ellos, los gerentes. Me despedí de Anabel, en mi bolsillo llevo la carta sin terminar. Faltan cinco minutos para volver a la oficina. Cruzo la calle, entro en «La casa de Antonio Berni». La rutina dentro de la rutina se llama subrutina. Entonces esta era la subrutina del mediodía dentro del sistema de mi vida. Miro los cuadros de Héctor Borla tan realistas. Había que volver a terminar el informe. Y por consiguiente señor director, estoy harta de escribir tantos correctos informes. Harta del gris y harta del teléfono. Por consiguiente señor director prefiero sentir el perfume del óleo, navegar en el barco del cuadro vecino al de Borla, escuchar el rugido del tigre que está detrás. Todo es tan simple señor director, tan simple y tan complicado al mismo tiempo. Las tasas líbor subieron medio punto, la algarabía de algunos debe haber aumentado también y yo estoy aquí señor director, tratando de contestar la carta de Anabel.

© Araceli Otamendi – Todos los derechos reservados

En el año 2006 el cuento “Cartas al mediodía”, a la manera de Cortázar, fue teatralizado y representado en el espacio cultural Las mil y un artes de la ciudad de Buenos Aires.

Araceli Otamendi é escritora e jornalista. Nasceu na cidade de Quilmes, Província de Buenos Aires, Argentina. Diretora das revistas digitais Archivos del Sur e Barco de papel (infantil) fundadas por ela em 2002. Graduada em Análise de Sistemas pela Universidad Tecnológica Nacional - Facultad Regional Buenos Aires. Publicou o romance policial Pájaros debajo de la piel y cerveza, que ganhou o premio Fundación El Libro-Edenor em 1994. Em 2013 publicou o romance policial Extraños en la noche de Iemanjá, em formato e.book, na revista Aurora Boreal (Dinamarca). Parte de sua obra (contos, ensaios, fragmentos de romances, entrevistas) foi publicada em diversas revistas culturais e acadêmicas, sites, jornais argentinos e de outros países. Ela escreveu três romances policiais, um deles inédito e atualmente está escrevendo outro romance policial. Como jornalista, trabalhou em diferentes meios de comunicação na Argentina: revistas La Maga, El Grito, Cultura Segunda Época, outras revistas culturais e um jornal. Também foi colunista e produtora geral de um programa de cultura na Radio del Plata. Em 2000, sua antologia Imágenes de New York, seleção de textos de autores hispanoamericanos, foi parcialmente traduzida para o inglês por James Fernández e apresentada no Centro Español Juan Carlos I da New York University (NY) para acompanhar a mostra fotográfica com mesmo título. Participou de diversas antologias de autores argentinos e de outros países. Atualmente colabora em diversos meios de comunicação na Argentina e no exterior e coordena oficinas literárias de contos, romances e romances policiais. Suas produções também são divulgadas aqui no Brasil em https://www.ramalhochris.com/el-dorado-literatura.

As veredas misteriosas dos sertões potiguares: Ana Amélia e Esmeralda

Ariane de Medeiros Pereira[1]

Em um pequeno recônvaco dos sertões potiguares, terras distantes do litoral, vivia Ana Amélia uma menina/mulher de temperamento forte, altiva e dizia que ninguém a dominava. Assim, Ana Amélia passava seus dias a lidar em meio a vegetação dura da caatinga, cultivando gados, flores e imaginações férteis que devaneavam em sua mente perspicaz. O que aquela mulher sertaneja, do século XIX, tinha de incomum as demais mulheres que habitavam os sertões daquela espacialidade?

Ana Amélia em face ao ambiente social no qual o homem era figura de poder, de mando e de decisões começa a quebrar seus grilhões dentro de sua própria moradia. Custódio, seu pai, a proibia da lida com o gado e os animais de grande porte, pois aquilo era serviço de homem forte e viril. Mulher tirando leite, cortando capim, tratando bicheiras em campo aberto, onde já se viu?

Ana Amélia fazia de conta que seu pai nada a imporá. Muito menos atendia aos pedidos insistentes de sua mãe Graciosa, quando esta rogava que a menina deixasse os trabalhos laboriosos para os homens e viesse para casa aprender os dotes de toda menina do sertão. Nossa sertaneja precisava a desenvolver a arte da costura, do cozinhar, do cuidar das crianças, do tecer fios de algodão. Para isso as mulheres sertanejas haviam nascido para ser mãe e esposa. Entretanto, Ana Amélia passava por longe desses desígnios e com verdadeira repulsa.

Todos os dias ao raiar do sol, nos horizontes daquelas serras sertanejas, começavam a ladainha[2] atrás de Ana Amélia. Cadê Amélia? Será que já esta no campo? É possível?. Contudo logo cedo, antes mesmo do sol sair, a menina se revestia em seu gibão[3] e partia por aqueles cercados adentro, dos sertões, em busca das vacas, das cabras e das ovelhas. Ela precisava tirar o leite daqueles animais, e que, para Ana Amélia consistia em um ritual sagrado. Todavia, em sua casa a história era outra: essa menina precisa aprender a ser mulher; Amélia deve deixar a roça e os animais; o que vamos fazer com Ana Amélia? Assim, sua família resolve encontrar uma solução: trancar Ana Amélia em casa.

---

1 Licenciada e Bacharel pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN/CERES. Especialista em História dos Sertões – UFRN/CERES. Mestra em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN/CCHLA. Atualmente professora do Colégio Diocesano Seridoense/Caicó/RN. CV: http://lattes.cnpq.br/9605340405648462. E-mail: ariane1988medeiros@hotmail.com.

2 Ladainha, aqui, é entendida como os mesmos dizeres e questionamentos diários feitos pela família de Ana Amélia.

3 Roupa feita de couro. Utilizada, por vaqueiros, na vegetação da Caatinga.

Passou-se o dia e Ana Amélia havia desenvolvido suas tarefas agrícolas, porque ela se dedicava a plantar e colher seus tubérculos, suas melancias, seus prazeres, além do trato com seus animais. Ao chegar em casa feliz, ao se recordar do cotidiano rural e das flores que colheu para abrilhantar sua casa, foi recebida com a dura sentença que no outro dia ela não iria mais para o campo como fazia diariamente, mas ficaria em casa com suas mãe e suas irmãs. Quem já se viu uma menina quase mulher, vaqueira? Isso era uma vergonha para a família.

Ainda era madrugada quando Amélia resolveu sair em busca de suas pastagens, de seus animais e de suas plantas, todavia não esperava que seu quarto estivesse trancado pelo lado de fora. A porta de seu quarto era feito de uma madeira resistente impossível de quebrar, mesmo que ela tentasse. Ana Amélia sofre seu primeiro impacto da reclusão. Trancada, solitária, perdida em tantos questionamentos. Não poderia se contentar com aquela situação, que para ela era injusta. Qual o problema de se dedicar ao campo, aos animais, a semeadura e a colheita? Havia distinção entre o trabalho? Qual era a causa de sua prisão?

Ana Amélia não poderia se conformar com o cárcere que sua vida se tornaria, presa longe de seus amores laborais e de sua liberdade. Quando sua irmã Angélica trouxe seu café da manhã pediu para que deixasse sair, mas Angélica recusou o seu pedido. Disse mais: você ficará neste quarto até aprender a ser uma boa mulher. Ana Amélia permanecia com aquelas palavras em sua mente. O que era ser uma boa mulher? Seria ser uma dona de casa como sua mãe e submissa como suas irmãs? Se fosse isto, Ana Amélia preferia continuar a ser a rebelde, a traquina, a desobediente.

A semana se passava e Ana Amélia continuava em sua prisão domiciliar, pensava e pensava e não encontrava uma solução. Quando sua irmã Amália trouxe sua comida, Amélia rogou que a deixasse sair. Amália lhe falou que seria muito perigoso, pois todos se encontravam em casa e, logo, Amélia estaria em seu quarto novamente. Amália não concordava em Ana Amélia está trancada, e planejou com sua irmã uma fuga. Durante a noite Amália pegaria a chave do quarto e abriria a porta para que Ana Amélia fugisse. Agora, a irmã tinha que ir para longe, do contrário, se fosse pega em fuga as duas seriam punidas pela família.

Ana Amélia escutava atenta, as considerações de Amália, e resolveu seguir com o plano da fuga. Assim, como tudo foi combinado, durante a noite Amália abriu o quarto da irmã e aquela sorrateiramente saiu em busca ao campo de seu pequeno sítio que tanto adorava. Passou por seus animais, plantas e, em seguida, despediu-se de todos e daqueles torrões sertanejos. Ali não poderia mais viver, não em uma condição de cativa e apática de sua própria vida. Logo, seguia madrugada adentro em meio aos cactos, juremas, faveleiras e angicos. Seu intuito era certo encontrar alguém que pudesse a levar daquelas terras sertanejas.

Ao chegar à rodovia Ana Amélia ficou escondida observando os carros a passar. De longe averiguou que vinha uma mulher em seu carro. Não hesitou em pedir parada, mas não obteve sucesso. Novamente tentou mais algumas vezes, até que em dado momento, uma senhora parou para Ana Amélia e resolveu levá-la. Amélia contou sua história a Esmeralda que ficou consternada com a infelicidade de Amélia e acrescentou: ser mulher no sertão, do século XIX, é ter sua vida ditada, normatizada e disciplinada. E como nunca ninguém tinha percebido Ana Amélia como um indivíduo ativo e pulsante de sua vida, Esmeralda a surpreendeu com a seguinte pergunta: Ana o que você deseja fazer de sua vida?

Ana Amélia foi pega de pasmo e respondeu apenas: gostaria de cuidar de meus animais e plantas. Esmeralda escutou, pensou e ponderou, logo falou: você não acha melhor escolher apenas uma categoria para cuidar? Penso que é muita coisa para você dar conta Ana. Ana sorriu para Esmeralda e falou: se eu tivesse que escolher ficaria com os animais. Esmeralda impressionada com resposta de Ana Amélia, disse: Ana vejo que você é uma mulher decidida e como você sai do sertão em busca de novas perspectivas de vida, assim, vou te ajudar. Primeiramente vou colocar você para estudar, já se passou muito tempo sem você ter o conhecimento das letras ou estou errada? Ana respondeu: realmente a senhora tem razão nunca fui à escola, até porque, nos sertões não existe uma. Os filhos dos fazendeiros aprendem em casa.

Ana Amélia ficou admirada com a oferta de estudo e com o desejo de Esmeralda ficar com ela em sua casa. Logo, como foi conversado entre as duas mulheres, Amélia passou a estudar e, posteriormente, a cursar veterinária. Nesse espaço de tempo, Ana Amélia se aproximou cada vez mais dos animais e seu amor somente crescia por sua profissão. Passou o tempo, Ana Amélia se formou e começou a exercer sua profissão. Tornou-se uma das melhores médicas veterinárias do litoral norte-rio-grandense. Assim, caminhava trabalhando e ao lado de Esmeralda. Esta sempre muito próxima de Ana Amélia, mas mantinha em sua expressão uma tristeza em seu olhar.

Certo dia, ao chegar, em casa Ana Amélia percebeu que Esmeralda havia chorado por seus olhos ainda continuar molhados e perguntou a Esmeralda o que havia acontecido. Esmeralda apenas se virou tristonhamente e disse: carrego em minha alma uma grande dor do passado. Assim, como você, deixei os meus sertões anos passados, tendo em vista que, fui uma mulher que transgrediu as leis dos sertões e envergonhei minha família. Tornei-me mulher por amor e, desse amor, nasceu uma menina que tive que tê-la a duras penas. Passei minha gravidez trancada em meu quarto, na casa de minha irmã, enquanto ela se passava por grávida, caso contrário, meus pais teriam me obrigado a abortar. Minha irmã me aceitou em sua casa até que eu tivesse minha criança longe dos olhos dos vizinhos.

A minha ausência foi sentida do convívio social dos parentes, amigos e vizinhos, mas sempre com a justificativa de que eu estava doente, fraca e apática e que não se recomendava visitas. Assim, passaram-se os meses, até que o grande dia, o nascimento da minha filha. Logo, ao nascer minha irmã tomou como dela, e a mim, somente restava o silêncio e abnegação, pois era preferível vê-la nos braços de outra mãe do que morta. Aquela dor me consumia dia após dia. Até o ponto que resolvi deixar aqueles sertões e seguir minha vida distante da minha natureza, como você um dia decidiu.

No começo daquela manhã em que te encontrei na rodovia me dirigia àqueles sertões que outrora havia deixado em busca de conseguir encontrar os caminhos que me levassem a casa da minha irmã, todavia, encarei o nosso encontro como um sinal divino e preferi retornar ao meu litoral, onde fiz minha vida e me tornei fértil. Ao te ajudar, pude devolver ao universo o muito que ele me deu ao sair daquelas terras áridas. Mas, carrego na memória a lembrança e o sofrimento permanente de minha filha deixada nos sertões. Hoje sinto o desejo de voltar a casa na qual tive minha filha e, talvez, encontrá-la.

Ana Amélia escutou toda a história com muita atenção e propôs a Esmeralda, em um ato de ousadia, voltar àqueles sertões que tanto havia tirado delas. Ana Amélia seria a bússola de Esmeralda na busca e possível encontro com sua filha e Esmeralda seria âncora de Amélia no encontro com seus pais. Assim, as duas concordaram em enfrentar os fantasmas do passado e combinaram que dentro de uma semana viajariam aos sertões. Assim, seguiram com seus planos e viajaram munidas de perspectivas, de medos e de desejos ocultos.

Ao chegarem às terras sertanejas as duas estavam tomadas de emoção. Decidiram que, primeiramente, passariam pela casa dos pais de Ana Amélia para que ela pudesse reencontrar sua família. Apesar dos anos, aquelas terras continuavam familiares a Ana Amélia e cada quilômetro percorrido seus olhos reviviam as lembranças. Do mesmo modo, Esmeralda reconheciam aqueles caminhos que a cada instante a deixava mais nervosa e com medo de enfrentar o passado. A estrada era percorrida e os corações começavam a se apertar. Ana Amélia e Esmeralda pareciam não acreditar no que a visão te proporcionava.

Ao longe via aquela casa familiar de tempos passados e ao passo que se aproximava mais lembrança inundavam as duas. Ana Amélia disse a Esmeralda é aquela casa que minha família mora. Esmeralda mal podia acreditar nas palavras e no que os seus olhos viam. Ao descer do carro, Ana Amélia caminhava em direção a porta para chamar por sua mãe. Que surpresa teve Graciosa ao ver Ana Amélia e Esmeralda. E como a voz trêmula, falou: vocês duas juntas? Meu Deus, o passado voltou. Logo, Esmeralda compreendeu que Ana Amélia pertencia a sua família, pois aquela senhora era a sua irmã que a muito tempo não a via.

Ao adentrar o interior da casa puderam esclarecer muitas nuanças que haviam de ser ditas. Ana Amélia passou a entender que sua mãe conhecia Esmeralda e que havia um vínculo familiar entre elas. Ao ponto que as peças do quebra-cabeça foram se juntando tanto para Esmeralda quanto para Ana Amélia e ali perceberam que estavam diante de mãe e filha. Se em tempos pretéritos, aquelas terras sertanejas e seus costumes, as haviam separados, estes mesmo sertões misteriosos tinham as unidos naquele começo de manhã em uma rodovia que era de despedidas, mais, sobretudo, de um novo recomeço e oportunidades.

O BLAZER

Bernardete de Lurdes Bielinski

A trama do tecido do blazer que eu vestia absorveu o aroma do perfume que ela usava na última vez em que nos encontramos.

Através do seu perfume, eu podia relembrar todos os nossos carinhos e beijos trocados. Suas mãos macias já não aqueciam as minhas. Seus cabelos, longos e sedosos, já não mais balançavam como asas à procura do voo. Seu sorriso largo e intenso que revelava a sinceridade de seus sentimentos evaporou no ar e, por mais que buscasse, eu já não poderia retribuir seu afeto, pois, agora, meu sorriso eram duas grossas lágrimas a escorrerem por meu rosto.

Abraçava meu paletó na esperança de que seu perfume revelasse meu engano, mas ela não mais estava ali. Sua viagem foi rápida e não me deu sequer a chance da despedida. O abraço se desprendeu de meus braços, meu beijo ficou retido em meus lábios, meu olhar embaçado já não percebia seu vulto.

Mais uma vez abracei meu agasalho. O perfume era o que restava para me consolar.

Como faria agora com os planos que tínhamos traçado para nossas vidas? Como faria agora para não adivinhar seus pensamentos e ela, os meus?

Tudo se distanciou no tempo e a aca dia eu a amava mais. A ansiedade me consumia e, no enlouquecimento de minha tristeza, eu saía à sua procura. Dias após dias, eu me vi assim.

E novamente aspirava o seu perfume, que, em meu pensamento, era o que ela me havia deixado, para que eu nunca mais a esquecesse.

Ela estava certa.

Bernardete de Lurdes Bielinski é mineira, nascida em 1943. Autora do recém-lançado *As cores da rosa*. Crônicas (2021).

A DIARISTA

Dona Eva tirou a louça do café da manhã, arrumou-a dentro da pia e a lavou com cuidado, como de costume, aos seus quase 90 anos. Pegou a vassoura, o balde e o pano, vagarosamente começou a esfregar o chão.

- Vovó acho que a senhora está esfregando o chão sem sabão! Agora me diga, por que está limpando a casa se a diarista vem amanhã?

- Glorinha, imagine que vergonha a moça chegar amanhã e encontrar a casa toda suja, ela nunca mais vai querer voltar.

- Vovó a dona Benta trabalha conosco há quase cinco anos.

Calikcia Vaz

Meu parque de vaquejada

Era dezembro, tarde quente, afinal o sol queimava a terra no agreste que mais parecia sertão sergipano. Até aí, nenhuma novidade. A alegria do vaqueiro era selar o cavalo, pasto a dentro, tudo seco.

A vida sempre foi árdua no povoado em que nasci, me criei e formei a minha família. Tirar o sustento da roça era certeza de trabalho suado para o resto da vida, embora nunca houvesse pensado que a minha vida seria tão curta. Até porque, e mesmo com as dificuldades, viver, para mim, sempre foi uma alegria constante.

Criei meus filhos com muito suor, debaixo daquele sol forte. Quando tomei gosto pelas corridas de vaquejadas, fiz das pistas de derrubar boi na faixa a minha segunda casa. Era o meu sonho construí o meu parque. Só de imaginar ele frequentado por vaqueiros, cavalos e bois bem tratados, meus olhos neblinam, é inevitável segurar as lágrimas.

Sempre gostei de pensar adiante. E isso fez com que eu nunca desistisse de nada, coisa de sertanejo mesmo. Meus dias eram na roça, quase ininterruptamente, pois da agricultura familiar tirava meu sustento. Perdi meus pais cedo. Com isso, casei cedo também. Não por achar que precisava de alguém pra cuidar de mim, mas foi tesão de homem mesmo, aconteceu.

Durante as durezas que enfrentava, cheguei a pensar em outro destino, a me questionar do porquê daquele. Sem respostas, continuava. E quando lacrimejavam os meus olhos, mudava de pensamento, largava tudo naquele momento e saía por aí até encontrar os velhos amigos da equipe de vaqueiros que eu participava. Entre uma cerveja e outra, só conversas sobre o futuro, acertos dos erros na corrida até a faixa.

Nunca tive oportunidade para estudar, lá em casa sempre nos foi apresentado ou isso ou aquilo, ou seja, sem opções. Como comecei a trabalhar na roça muito cedo, sentia-me cansado para estudar. Por isso, parei. Nem planejei nada, quando me dei conta já não estava mais indo à escola, confesso que também não senti muita falta. As correrias do meu dia cobriam qualquer vazio que eu pudesse sentir. Nunca me deram o luxo de pensar por algum tempo em algo, que já tinha o que fazer. Trabalho de roça é assim, acham que a gente não faz nada, mas nunca ficamos de braços cruzados.

As festas de vaquejada eram as melhores. Sempre me realizei em todas que ia, e vivia tudo aquilo como se fosse minha última vez, parece que eu já presumia o que viria a acontecer.

Os cavalos sempre foram uma outra paixão. Comecei a montar ainda pré-adolescente, e sem medo. Tratava-os como se fossem humanos, parte da família. Quando algum adoecia, meu coração ficava machucado. A rotina do vaqueiro com o cavalo é diária, não há um minuto

que um não pense em como o outro está. Para correr vaquejada, há a necessidade de afeto com quem você está montando. É uma relação de amizade inexplicável.

Sendo ainda mais sincero, jamais passou pela minha cabeça sofrer algum acidente durante a corrida até o puxar do rabo do boi. Sempre me perguntei de onde vinha essa minha aptidão, já que na minha família só eu era adepto, embora ninguém fosse contrário a isso. Deduzi que por ser presença marcante e a festa mais tradicional de onde eu morava que me influenciou, até porque era só o que tinha de lazer. E consegui unir diversão com trabalho.

Lembro-me bem da minha primeira vez, é isso mesmo, a gente nunca esquece. Quando montei para correr pela primeira vez em uma vaquejada de verdade, valendo premiação, com locutor, admiradores e tudo que se tem direito: e eu chorei. Embora eu já treinasse na fazenda dos outros, não era a mesma coisa. Aquele sabor ninguém tiraria de mim. Um dos momentos mais felizes da minha vida. Eu e meu parceiro ganhamos só experiência, passamos longe dos primeiros colocados e dos prêmios. Essa primeira vez era a história garantida nas rodas de conversas com a vaqueirama. Queria que eles sentissem o meu orgulho de estar ali. E que, apesar do cansaço, a felicidade transbordava.

Quando comecei a dar cara ao meu parque de vaquejadas senti tudo como se fosse aquela primeira vez. E por mais que andasse pelos arredores da pista todos os dias, nada tirava de mim aquele prazer. Só pensava na inauguração. Faria um bolão para amigos próximos da equipe que me acolheu.

Pensei em todos os detalhes. Eram fotos e fotos nas redes sociais para compartilhar minha alegria. Afinal, um sonho estava por se realizar. Todas os dias acordava e agradecia; pois, o maior deles eu já havia realizado, a construção da pista, o espaço para os cavalos, bois, o estacionamento. Só faltava a festa.

A primeira corrida, ali, no meu lugar, não saía dos meus pensamentos.

Era só mais uma tarde quente e árdua de dezembro, vou cumprimentar meu cavalo, velho amigo de luta. Nunca o maltratei, porém confiei demais na natureza do animal. Do nada, um coice abaixo do umbigo. Percebo que começo a sangrar e senti que não estava bem. Dei-me conta de alguém me levando, de um hospital, de enfermeiros em minha frente. Não deu tempo, era o fim do meu sonho.

Daniel Rocha

Aprendiz do tempo

Metamorfose ou evolução? Um transforma o indivíduo em outro ser na aparência, no estado e no caráter. Essa mudança drástica, física e moral é um divisor de águas, tanto para o bem, quanto para o mal.

Na evolução o indivíduo segue um ritmo lento, contínuo e de forma harmônica. Nesse sentido, ele é preparado para se adaptar às condições existentes. Ao longo do tempo, o homem sofre mutação e evolui de acordo com suas necessidades.

Não existe um formato fixo, invariável e universal. A sociedade é baseada em grupos que seguem normas de conduta e regras de convivência, com finalidade de um bem estar coletivo.

O que pressiona tais variações comportamentais ao ajuste do sistema. Vale ressaltar, que só existem dois caminhos a seguir, a progressão para manter a ordem e a modificação do pensamento para absorver o conhecimento.

Não é faculdade do homem social agir livremente, fazer o que bem quiser, sem ônus, e ainda pertencer ao grupo. Nesse caso, quem não reza a cartilha da vida, aprende com o tempo, que é professor.

Jaciara Dias

Palco da vida

O mundo enlouqueceu. É derretimento da calota polar, neve no deserto de Saara, urso polar com inanição por mudança climática, doenças endêmicas virando pandemias, testes nucleares e armas biológicas são brinquedos de potências, segregação pluralizada, economia falida, política privatizada, eleitor desgarrado, comunicação fragilizada, conflitos de identidade, colapso social, inversão de valores, ética seletiva, sentimento amordaçado, virtude extinta, cultura de ódio, mentira colegiada, verdade de nada, dúvida de tudo, confiança quebrada, Deus invenção humana, droga analgésico, conhecimento fragmentado, educação comportamental transferida para a escola, amor fora de moda, casamento contrato de gaveta, família desajustada, união marca de açúcar, poder arma genocida, felicidade efeito dos psicoativos, esperança inseto verde, rede social sinônimo de relacionamento, pesquisa na internet coletor de gostos, povo problema social, estado advérbio de modo, emprego modo de uso, saúde interjeição de espirro, casa própria do banco, novela reprodução social, jogador de futebol profissional mais bem pago, professor desvalorizado, doutor pronome de tratamento, mídia formadora de opinião e veículo de alienação, ENEM mais um sistema de exclusão, FIES dívida ativa do cidadão, bolsa família distribuição de renda equitativa, político mentiroso regulamentado e a vida palco de arte.

Jaciara Dias

O Brasil dos meus sonhos

Quero um Brasil diferente, com carga tributária convertida para a população. Sem sede e fome, sem lixo e tiro, sem divisão e exclusão. Um Brasil com representantes menos insanos e mais humanos.

Decerto, que não será substituto de Jesus, mas que não sobrecarregue o peso de nossa cruz. O Brasil carrega um estigma de corrupção, prostituição e vulnerabilidade social.

Mas isso é mensagem de colonizador, que além de roubar o que pôde transportar, deixou um ranço cultural. Em todos os lugares vemos situação igual, mesmo em menor grau.

O Brasil dos meus sonhos não vive deitado em berço esplêndido, nem preso a um ato heroico do passado. Ele é ativo e luta para continuar vivo.

O que nos falta é uma boa educação, melhoramento na saúde, saneamento básico ampliado, geração de emprego e renda, político comprometido e um povo com voz.

Não adianta reclamar, tem que participar, e quem não representa, fiscaliza. A população tem que acordar e acreditar que o caminho é estudar. O conhecimento é a base de tudo.

Outro fator importante é a integridade, a honestidade, a lealdade e a ética. Ninguém pode cobrar dos outros valores que ele próprio não alimenta, no mínimo, é imoral exigir respeito fazendo igual

Antes de querer um Brasil diferente, desejo que a mudança aconteça com a gente.

Jaciara Dias

O MISTÉRIO DA CASA NO CAMPO

Leidiane de Oliveira Costa

Fim de ano letivo, iniciando as férias das crianças, a família de dona Ana resolveu fazer uma pequena viagem para o interior. Alugaram uma casa no campo, um lugar pouco povoado, pois a intenção da família era descansar.

A casa alugada era uma casa típica de interior aconchegante, com uma vista perfeita para o campo, de frente para um lago, bem arejada, com varandas largas, diversas janelas que clareavam a casa, fogão a lenha na cozinha. As crianças nunca tinham visitado um lugar como esse. Ficaram encantadas. A família costumava sempre viajar para a praia, cidades grandes, fazer viagens internacionais. Então dessa vez foi diferente.

Ao chegarem à casa as crianças ficaram encantadas com a beleza da natureza, os animais que ali habitavam soltos no mato, ouvindo uma linda melodia dos pássaros. O lugar para eles era algo novo que só tinham visto pela televisão. A família entrou na casa e conheceu seu interior e em seguida foram guardar a bagagem. Enquanto Alice a filha mais nova ficou apreciando a casa.

— Mamãe aqui não há vizinhos? Perguntou Alice.

— Não, filha aqui as casas ficam distante uma das outras. Respondeu a mãe.

Alice queria saber como era vida de quem vive no campo. Dona Ana seguiu arrumando a cozinha para fazer um lanche para a família. Abriu a janela próximo ao fogão e foi cozinhar. Enquanto seu Álvaro marido de dona Ana brincava com as crianças na varanda. Assim que o lanche estava pronto, sentaram-se a mesa para comer.

— Após o lanche podemos conhecer o campo? Perguntou Júnior o filho mais velho do casal.

— Sim! Respondeu o pai

— Quero conhecer um pouco da vida de quem vive no interior.

— Certo, meu filho.

Entraram no carro, as crianças apressadas, pois queriam conhecer cada detalhe da vida de quem mora no campo. Então fizeram uma parada na venda do seu Chico que ficava perto da casa onde estavam hospedados. Era um pequeno comércio que abastecia os moradores daquela região. Todos que estavam ali ficaram curiosos, olhando a família descer do carro.

— Boa tarde! Cumprimentou dona Ana.

— Boa tarde! Em que posso ajudar? Respondeu seu Chico.

— Estamos passando alguns dias de férias aqui no campo, alugamos uma casa a duzentos metros daqui.

— Sejam bem-vindos. Respondeu seu Chico com um sorriso no canto do rosto. E completou.

— Mas qual é a casa em que estão hospedados?

— Aquela próximo ao lago.

Seu Chico respirou, olhou para Maria sua esposa que estava do seu lado trêmula, pois aquela casa tinha fama de mal-assombrada, pois o antigo dono havia morrido próximo ao lago e a causa de sua morte era desconhecida. Pessoas comentavam que a noite ouviam barulhos, risos, choros e até mesmo gritos.

— Vocês sabem por que os donos não frequentam mais aquela casa?

— Os donos não têm boas recordações da casa, pois o pai faleceu na mesma, e esse fato deixa a família triste, apesar de vários momentos bons que viveram ali.

— Apenas por isso mesmo? Ou tem mais alguma coisa?

— Sim! Respondeu seu Chico com um ar meio desconfiado.

Seu Álvaro demonstrou ter ficado um pouco tenso com o comentário sobre a morte do dono da casa onde estava hospedado e ficou um pouco desconfiado. Achou que seu Chico poderia não ter revelado tudo que sabia sobre a casa, mas acabou permanecendo quieto. Então, depois de uma longa conversa sobre os costumes do povo que ali habitava, despediram-se da família do seu Chico e retornaram para casa.

Naquela noite ventava muito. Era noite de lua cheia, iluminando todo o campo. As crianças ficaram encantadas com a beleza da noite. Jantaram e, assim que terminaram, todos se recolheram para os seus quartos para dormir, pois o dia foi cansativo por conta da viagem. Próximo à meia noite, seu Álvaro acordou assustado, pois ouviu um barulho que vinha lá da cozinha. Barulho dos partos e talheres se mexendo. Seu coração estava acelerado. Passou um filme na sua cabeça, lembrou da história contada por seu Chico. Toda a casa estava escura. Seu medo só aumentava. Ele pensou que poderia ter alguém ali ou poderia ser o fantasma do dono que estava incomodado com a presença da sua família naquele lugar.

Ele tentou se levantar da cama sem fazer barulho para não acordar a esposa e seus filhos. Olhou pela janela não viu ninguém, abriu a porta e acabou fazendo barulho, dona Ana ainda sonolenta. Perguntou:

— Amor, o que está acontecendo?

— Nada. Respondeu Álvaro, com um tom de voz nervoso.

— Mas por que está assim tenso?

— Levantei para buscar um copo com água.

Quando Álvaro parecia estar calmo e estava fechando a porta, as panelas começaram a mexer. Agora dona Ana também começou a ouvir todo o barulho e ficou assustada. O medo voltou. Estava estampado em ambos os rostos. Então seguiram na direção do quarto das crianças, mas por lá estava tudo tranquilo. Resolveram tentar enfrentar o medo e verificar o que acontecia na cozinha. Desceram as escadas sem olhar para trás, a luz da lua brilhava na janela, o barulho do vento fazia eco.

O barulho recomeçava. O medo era cada vez maior. Não sabiam como iria chegar até lá. Não tinha ninguém para ajudá-los. Então, juntaram as mãos e seguiram na direção da cozinha. Aquele barulho só aumentava cada vez mais. Não existia saída. Seu Álvaro pegou um pau que estava próximo a porta e dona Ana acendeu a lanterna que estava em cima da mesa da sala. E ao chegar na porta da cozinha... Era dois gatos comendo os

restos de comida que ficaram nos pratos.

— Ufa! Que susto nós passamos! Exclamou dona Ana.

E os dois caíram na risada ao achar que na casa poderia haver um fantasma. E lembraram das velhas lendas das noites de lua cheia.

Sobre a autora

Leidiane é sergipana, natural da cidade de Itabaiana nascida no ano 1990, gosta muito de conhecer pessoas, tirar fotos, conversar, sair com amigos e conhecer outros lugares. É amante da literatura, coleciona em um diário alguns relatos escritos sobre sua vida e também registros fotográficos em seu celular.

O texto a seguir foi baseado no enredo de algumas histórias, a saber: “A Bela e a Fera”; “Branca de Neve”; “Cinderela”; “Frozen” (Elsa) e “As Crônicas de Gelo e Fogo” (alusão aos sete reinos e o nome do rei Tywin Lannister).

ERA OUTRA VEZ

Luana Santana

No dia de seu aniversário, o rei dos sete reinos, Tywin Lannister, convidou todos os reis e suas famílias para comemorarem seu dia com um grande baile. Todos estavam muito ansiosos para essa grande festa, pois seria a primeira em que todos os sete reinos estariam presentes.

No dia do baile, príncipes, reis, princesas e rainhas chegaram para parabenizar e curtir a festa. Em um canto do salão, estava Bela, Branca de Neve, Cinderela e Elsa. As princesas se queixavam dos seus príncipes, pois enquanto elas ficavam sozinhas em um canto, eles estavam chamando outras mulheres para dançar. Enquanto isso, a rainha Elsa ouvia as queixas das princesas silenciosamente, mas querendo falar muitas coisas.

Depois de algum tempo, Elsa, inquieta, perguntou para as princesas:

— Vocês realmente são felizes nos seus relacionamentos? Os “felizes para sempre” foi real? Todas as princesas ficaram sem reação e, ao mesmo tempo, pensativas e tristonhas. No entanto, Bela respondeu:

— Bem, nossos “felizes para sempre” durou apenas no primeiro ano de casamento. Depois que o Adam se transformou novamente em príncipe, deixando de ser fera, ele passou a ir atrás de outras mulheres, traindo totalmente minha confiança. Mas como não podemos terminar, para mantermos a aparência, sou obrigada a ficar com ele, mesmo sofrendo.

Ao ouvir isso, as outras princesas ficaram abismadas, mas, ao mesmo tempo, compreenderam, pois passavam por situações semelhantes. A partir do que Bela falou, Branca de Neve tomou coragem e respondeu à pergunta da Elsa:

— Eu também não tive os “felizes para sempre” como muitos falam por aí. Primeiro que ele disse que estava apaixonado por mim sem ao menos me conhecer, falando que era amor à primeira vista e blá blá blá. Vocês sabem as técnicas dos homens para conquistar as mulheres,

né? Depois que ele beijou-me, sem o meu consentimento, e eu acordei, nos casamos. Um ano e meio depois minha vida virou uma tortura. Ele começou com um empurrão, mas eu achei que tinha sido apenas no impulso, pois tínhamos brigado. Depois, deu um tapa, mas relevei, e com o passar do tempo começaram as agressões. Ele me bateu quando eu estava grávida da nossa primeira filha. Mas quando nossa filha nasceu, eu continuei com ele somente por causa dela. Cinderela, no entanto, ouvia tudo, mas ainda tinha receio de falar. Então Elsa perguntou mais uma vez diretamente para Cinderela:

— E você, Cinderela? O "feliz para sempre" que contam por aí da história do seu casamento foi real?

— Não, não fui e nem sou feliz, e possivelmente nem serei. (contando isso, as lágrimas caíam entre os lábios de Cinderela). Sofri muito no tempo em que eu morava com minha madrasta e as filhas dela, mas saí de lá para outro inferno. Meu sonho não era conseguir um príncipe por ser bonita, mas ir apenas ao baile e dançar com um vestido bonito, foi tudo o que eu pedi à fada madrinha. No baile, o príncipe me viu arrumada e logo me desejou, fazendo de tudo para encontrar a dona dos sapatinhos de cristais que deixei cair ao dar meia noite. Ele não se interessou pela minha essência, mas sim pela estética. Se ele me visse desarrumada, garanto que nunca nem olharia para mim. Mas, depois que ele me encontrou, nos casamos e minha vida virou outro inferno. Ele começou a me agredir, passava na cara o tempo inteiro que ele me sustentava, não me deixava sair e não deixava eu me arrumar. Ele achava as moças de fora lindas, desejava e ficava com elas, mas em casa só me humilhava, dizia que eu estava feia, que eu não era aquela moça bonita do dia do baile, falava que eu tinha engordado e que eu não prestava e quando eu reclamava de algo ele ainda me chamava de maluca.

Elsa, após ouvir o relato das princesas, ficou reflexiva. Ela sempre defendeu direitos iguais entre homens e mulheres e criticava o patriarcado. Olhando nos olhos das princesas, Elsa falou:

— Olhem para vocês, vocês são lindas, inteligentes e incríveis. O problema não está em vocês, está neles que não valorizam a mulher que tem. Amor não machuca, amor não traí, amor não humilha, amor cura. Violência não é apenas olho roxo, vai muito além disso e temos que termos coragem para sairmos desse ciclo de sofrimento. Vão em buscar dos seus sonhos, não esperem por um príncipe encantando em um cavalo branco, sejam protagonistas de suas vidas. Em um mundo dominado pelo patriarcado, em um mundo onde mulheres são interrompidas nas suas falas, são desacreditadas e subjugadas como seres intelectualmente e emocionalmente inferiores, é preciso levantar a voz, é preciso fazer um "era outra vez". Ousem sair da torre, pulem a janelas e descubram o mundo incrível que espera por vocês,

matem o dragão, acordem sem beijo, vivam, empoderem-se.

Quando o baile terminou e todos voltaram para seus reinos, as princesas ficaram pensativa quanto ao que a Elsa falou, no dia seguinte todas se separaram dos esposos e foram em buscar

de seus sonhos. Bela viajou o mundo e entrou para o curso de gastronomia, pois era seu sonho.

Branca de Neve abriu sua empresa e colocou os sete anões para trabalhar com ela e Cinderela também abriu uma empresa de vendas de tênis femininos. E quanto a Elsa? Bom, a Elsa continuou lutando a favor do empoderamento feminino.

Luana Santana é graduanda em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Sergipe (UFS)/ Campus Prof. Alberto carvalho – Itabaiana/SE. Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e voluntária no Programa Residência Pedagógica DLI/UFS.

A boneca de louça

A boneca, camponesa na sua ocupação principal e integrante do rancho folclórico da sua aldeia, de louça adornada em vestido branco, verde e diversas tonalidades de rosa, escolhido para o modelo de escultura no propósito de ser o oficial do folclore ambiente, chamou seu branco canídeo para integrar retrato a ser esculpido e pintado como oficial, parecendo dançar para ele ao que iria perdurar como imagem no certo pelo tempo fora. Desse modo, em modelo de louça, boneca e cão tinham sorriso pronto no sempre de ocasião para quem os podia ver e apreciar, o que começou a verificar-se há cerca de sessenta anos. Seu primeiro acolhimento foi numa residência de grandes dimensões no lugar de Parede, com vista para a ferroviária linha e de jardins bem resguardada no acesso à vivenda branca e verde com pequenos tijolos no acabamento complementar das paredes, apenas as mais próximas do chão ajardinado que não até ao topo em dois repletos pisos de áreas bem generosas. Apesar de grandes salas, quartos, biblioteca, sala de costura, corredores que mais pareciam adicionais divisões, a boneca e seu fiel amigo estiveram cerca de uma dezena de anos pela churrasqueira, a todos visitantes sorrindo, no mais das vezes quem por lá habitava: casal de idade, já sem os dois crescidos filhos por companhia, morando em paragens outras, ao invés de jardineiro, empregada doméstica, também nas funções de cozinheira e sua amiga costureira ali vivendo. Estaria a personagem deste enredo descansando por tal espaço de refeição para que as pratas das zonas mais nobres da casa não a invejassem pelo seu traje de folclore tão característico. Mas isso é apenas suposição do presente, visto no recordar de gerações passadas não haver registo de semelhantes intenções por quem no seu perfeito direito. Certo dia, volvidos dez anos, senhora dona da vivenda ofertou à sua empregada a boneca de conto este e lá foi esta sempre acompanhada, no recurso de táxi até Porto Salvo, onde ficava a própria habitação, uma casa de primeiro andar numa vivenda. Ainda hoje, a casa amarela pode ser vista por quem saiba onde a mesma se edifica, inserida em bairro de grande tranquilidade. Continuaria, a exemplo dos momentos anteriores, bem segura ou não tivesse a seu lado, protecção de seu amigo, o rafeiro branco. Mas a estadia foi curta, apenas seis meses, pois que nova casa no paciente estado de espera, aguardava como definitiva pelo verbo transferir, para si com o que havia no tudo, em Oeiras. Houve ajuda de transporte oficial, ainda que não no previsto inicial dia motivado por curiosa bastante embaraçosa avaria, até esse novo apartamento igualmente assente em zona sossegada, acolhendo no seguinte dia ao agendado em prévio, mudança toda incluindo o par de louça no então para terceira residência. Uma vez por aí, seu poiso feito conheceu distintas vistas, algumas de horizonte por rio ou até mar, pela justificação do ponto de foz mesmo defronte acenar desde sul enquadramento, com ou sem navios passando. Assim, foi pela sala comum ou quarto, ambos virados para envolvência de mais raios solares do que na restante habitação que eles mais tempo estiveram, não sem adicional paragem no comprido e largo corredor. De permeio, com as presenças traquinas de crianças, duas na precisão de enredo, o pobre rafeiro de louça viu serem-lhe subtraídas as constantes orelhas, ainda por cima ambas, embora em ocasiões distintas, o que resultou no aspecto que nos dias hoje perdura. Um dos jovens de então, o dos tais momentos infelizes para o canídeo, ficou como afilhado da costureira, a que residia na casa espaçosa da localidade nomeada como Parede. Ela não chegou a ver o resultado daquela acção, mas decerto não aprovaria, pois que escultura essa, era e continua sendo uma obra de arte, a qual no instante presente e já com seis dezenas de anos repousa em museu divisão, que a casa reservou em especial como acolhedor espaço junto de outras preciosidades ou raras curiosidades. Deste modo, continua ela, a boneca sob o olhar atento do cão na sua ainda tonalidade branca, não se devendo esquecer algumas manchas castanhas no seu dorso, percebendo-se como que dançando para ele e dando as boas-vindas por ambos, pela sua aldeia, mais folclore de então geração sua que ainda perdura, em sorriso genuíno e pleno de sinceridade.

Luís Amorim

Oeiras, Portugal

UN TRISTE ASTROLABIO

Márcia Batista Ramos

Siempre que llueve, sin querer, hago una travesía temporal ya que la lluvia logra conectar el presente con mi pasado. Aunque no logro escapar de la fragmentación del presente, porque es la misma fragmentación que me acompaña desde siempre y que dura toda mi vida.

Las primeras lluvias representaban la llegada de la vida misma**,** se presentaban entre los meses de septiembre y octubre y solo duraban unos pocos días, posiblemente, incluso una semana, pero eso era justo el tiempo y la cantidad necesaria de agua que la tierra endurecida y agrietada, por la estación anterior seca, necesitaba para comenzar a ser arada.

Regularmente, las lluvias eran ligeras, pero el efecto en la tierra de esas primeras lluvias del ciclo agrícola, era absolutamente milagroso. Dejaba al suelo nutrido y humedecido para luego de haberla arado y sembrado, comenzar a surgir los primeros brotes tiernos que alegraban el paisaje.

Recuerdo que era tiempo de lluvias tempranas o primeras lluvias cuando les pedí un astrolabio…

No sé a dónde fue a parar el caleidoscopio que me regalaron cuando les pedí un astrolabio.

Seguramente, como era de esperar, no me preguntaron para qué yo quería un astrolabio y no se les ocurrió que me podría gustar la astronomía y que yo sabía a la perfección como usar un astrolabio.

Sin el astrolabio, todo el interés que tenía por las matemáticas desapareció, pues ya no calcularía la altura y posición de las estrellas. Además, por no tener un astrolabio, perdí la oportunidad de aprender a medir distancias por triangulación.

Para calcular la hora yo no lo necesitaba, tenía un reloj, pero, para saber la dirección de La Meca, sí, me hizo falta el astrolabio.

Empero, el caleidoscopio fue muy importante en mi infancia, las imágenes conspicuas y brillantes que producía, me permitían soñar con un cosmos irreal, que existía solo para mi deleite y satisfacción.

Las imágenes multiplicadas simétricamente, me permitían viajar por mundos mágicos y coloridos; obviamente silenciosos.

Fue en ese entonces, que el silencio dominador en su transparencia, se quedó impregnado entre la niñez incomprendida y el resto de mi vida.

Las lluvias torrenciales, llegaban diluyendo el tiempo, después de las lluvias tempranas, más o menos en los meses de noviembre y diciembre. Esas lluvias no eran un mero elemento del paisaje, no solo bañaban los campos ya sembrados y le daban vida volviéndolos fértiles, sino que también llenaba los depósitos de agua para todo el año.

Con su repetición incesante y monótona alcanzaba a convertirse en metáfora del deterioro, de lo ineludible y de la insignificancia de la vida humana frente a los elementos naturales y a su propio destino.

La tierra ya entregaba sus primeros frutos; el verdor de las hierbas y su diversidad de aromas inebriaba los sentidos.

Al ocaso yo miraba el horizonte manchado de grises y sangre y, pensaba: ¿cuál será la dirección correcta de La Meca?

Pero en las noches, mirando al cielo, pensaba que me gustaría saber la distancia de las estrellas…

Las lluvias tardías o las últimas lluvias, eran las lluvias de marzo, que cerraban la estación lluviosa y servían para completar la maduración de los granos como el trigo y la cebada, entre otros. Estas lluvias eran leves y se alternaban con días de sol. Llegaban para llevar el verano y dar paso al otoño que teñía el verde de naranja y rojo, en una escala cromática de inigualable belleza.

El cambio en el color del bosque anunciaba los meses sin lluvias, la siega y trilla; también, anunciaba, ahora lo sé, que la vida empezaba a deshojarse y que venía inconfundible, por su insobornable variedad a llevarlos de mi vida, a cambiarme de paisaje; a dejar la infancia silenciosa y mustia en un espacio indefinido como una especie de paraíso perdido en una lejanía tan remota que, aun hoy, cuando cavilo, me siento desolado.

No sé a dónde fue a parar el caleidoscopio

y la vida;

ni las estaciones bien marcadas por las lluvias

y por la falta de lluvias…

Ahora, cuando muchas cosas cambiaron, pero, en cierta manera, todo sigue igual, solo queda una segregación amorfa y caótica de imágenes coloridas gracias al caleidoscopio, creo.

Un hoyo enorme aquí adentro, en el pecho, se amplía con la lluvia que logra conectar el presente con mi pasado.

Esta extenuación que provoca mi desconcierto perpetuo e impenetrable es lo que hace desear una ordenación y una coherencia en mis días, aunque sean artificiales, parciales y completamente inadmisibles.

Por eso, sería bueno, poseer, por lo menos, un triste astrolabio… para buscar las estrellas, poder localizar los astros, observar su movimiento y poder medir distancias por triangulación… Aunque La Meca, para mí, ya no importa.

Márcia Batista Ramos nasceu no Brasil e vive na Bolívia há mais de vinte anos. Licenciada em Filosofia, é gestora cultural, escritora, poetisa e crítica literária. É colunista da Revista Inmediaciones, La Paz, Bolívia e do jornalismo binacional Exilio, Puebla, México. Publicou: Mi Ángel y Yo; La Muñeca Dolly; Consideraciones sobre la vida y los cuernos; Patty Barrón De Flores: La Mujer Chuquisaqueña Progresista Del Siglo XX; Tengo Prisa Por Vivir; Escala de Grises – Primer Movimiento; Escritoras Cruceñas, Caballero, Reck & Batista; Escritoras Contemporáneas Bolivianas, Caballero, Decker & Batista; Caspa de Ángel - antología de cuentos, crónicas y testimonios del narcotráfico (Batista Ramos & Carvalho Oliva).

Labelle

“Meu nome é Labelle! Minha mãe me deu esse nome por causa dessa música” - Ele leu nos comentários do site de filmes e vídeos musicais. E o jovem se apaixonou por alguém de quem tinha apenas um nome e a região onde morava, porque ela fez uma declaração para o lugar ao final do comentário: “Nordeste, tenho orgulho de ti”!!! Assim mesmo, com três exclamações, como a dizer que o seu orgulho era imenso.

Labelle!

Dia e noite ele pensava em como seria a moça que o tinha encantado apenas pelo seu nome. Quantos anos teria? Qual seria a cor dos seus olhos, dos seus cabelos? Do que mais gostava, além da canção que a ele também encantara? Quais seriam os seus sonhos e anseios?

Labelle! Que lindo nome! Um nome vindo do amor de mãe pela filha recém-chegada e que só as mulheres têm o privilégio maior de entender. Uma inspiração vinda de uma bela canção que, por sua vez, resultava da inspiração vinda do título de um filme antigo de Buñuel visto pelo compositor: *La Belle de Jour*.

E ele a imaginava como a canção a descrevia: “La Belle de Jour era a moça mais linda de toda a cidade”. E pensava se seus olhos também seriam azuis como a letra dizia: “Seus olhos azuis como a tarde, na tarde de um domingo azul”, e imaginava-se em passeios nos domingos ao seu lado sob um lindo céu azul.

Labelle e seu lindo nome que a transformava em um ser angelical e puro, apenas pela beleza do batismo.

Mas Labelle era alguém inalcançável. Além da distância física e de não se conhecerem, ele estava anos distante do dia em ela publicou seu comentário e que somente agora tinha lido.

Só restava ao romântico jovem enamorado sonhar com a sua imaginária bela da tarde nos domingos azuis.

Labelle!

Marise Castro

16/04/2020

Sem Mais

Naquele dia elas chegaram mais cedo e cantaram mais alto que nos dias anteriores, como um despertador ao lado da cama a querer despertá-la. Mas as aves estavam alto, bem alto no céu inalcançável. Mesmo assim a acordaram e ela espreguiçou com um longo bocejo e apressou-se. Apesar de ser domingo tinha um dia longo pela frente. Havia decidido ir embora e ainda faltava arrumar algumas peças de roupa nas malas já abarrotadas. Logo todos acordariam também e não queria despedidas. Queria conhecer outros caminhos e se contasse tentariam dissuadi-la do sonho já de tempos. Estava, por fim, saindo de casa.

Escovou os dentes durante o banho, arrumou a cama depois de vestir-se e desceu as escadas se equilibrando com as pesadas malas. Abriu a geladeira, tomou um copo de leite, pegou uma maçã, escreveu um rápido bilhete dizendo que amava a todos e saiu sem fazer barulho. O táxi a esperava lá fora. Já acomodada no carro, olhou para a janela do seu quarto e viu que as cortinas balançavam como se lhe acenassem um adeus. E ela sorriu triunfante.

Foi ser feliz!

Marise Castro

26/04/2020

MAIS UM RETRATO DA VIDA

Já passava das 22 horas, e eles ainda estavam lá, sujos, maltrapilhos. Um mais esperto que o outro. Devia ser o mais velho. Uns dois anos de diferença, possivelmente. O outro, mais cansado, mas não com menos necessidade, buscava encontrar forças naquele a quem tinha como protetor. Com eles, só a esperança de concluir o trabalho: vender os latões vazios de margarina ou manteiga que ainda restavam sobre a carroça velha, puxada por um animal não menos faminto e cansado.

Podia-se perceber entre eles uma cumplicidade familiar. Aquele, o primeiro, protegia o menor como que se o quisesse livrar das amarguras do pesado serviço. Fez um sinal para que se deitasse em seu colo, mas teve seu pedido negado. Seria menos forte aquele que primeiro se entregasse ao cansaço.

Eram eles duas crianças, apenas. Um com dez, aproximadamente, e outro com possíveis oito anos. Vinham famintos pela avenida, sendo constantemente ameaçados pela estupidez dos motoristas que por ali passavam, fervorosos por chegarem em suas casas e se deitarem nos lençóis macios e quentes, desejo esse que os impedia, talvez, de ver essa discreta crueldade pueril.

Os pais? Não foram flagrados. Deviam estar em casa, cuidando ainda da dúzia de filhos que tentavam colocar para dormir. Não tinham tempo. Precisavam dessa ajuda. Eles iriam dormir? Sim, é certo que iriam, tão certo quanto não daria tempo de chegar em casa para relaxar. Mas... Já estão acostumados, afinal, a dormirem num lugar amplo e livre - inseguro e desconfortável, é verdade -, que acolhe qualquer um que precise, sem distinção. Se já tiveram, em várias noites, o frio por companhia, nessa noite não haveriam de estranhar. Afinal, para que servem também os jornais? Melhor para eles, porque amanhã não precisaram, ainda, vestir-se para o trabalho. Acordariam já prontos e arrumados.

O interessante nisso tudo é que entre esses dois jovens trabalhadores, pretos e pobres, havia algo de mágico, algo capaz de mover céus e terras e de tornar a todos mais humanos e fraternos.

Entre eles podia-se ver cumplicidade. Entre eles podia-se ver amor.

Nara Minervino

O presente

Rosangela Mariano

- Minha filha, seu presente!

Eu aceitava com calor e louvor o presente a mim dedicado. Segurava-o entre meus dedinhos, apertando contra o peito, amorosamente, aquela relíquia. Não abria logo. Queria saborear o mistério de sonhar com o conteúdo do pacote enfeitado.

Pensava: abrir rápido, pra quê? Perdia o encanto! Precisava pensar em mil coisas que ali existiam... Porém, rezava só por uma...

Dobrava, esmagava o presente colorido de fitas esvoaçantes e suspirava. Quase uma dor! Claro, era meu, ora...

Então, aquela voz adulta e fria rasgando toda magia...

- Abra logo, "queridinha"!

Olhando o pai do alto dos meus cinco anos, queria responder, furiosa:

- Não!!! – enroscava-me junto ao embrulho. A ânsia de escondê-lo e esconder-me também.

Bati o pezinho delicado. Só ia abrir quando a imaginação se esgotasse. Novamente, a pressão:

- Abra logo, você já sabe o que tem aí! Por que tanta demora?

O pedido me feria. Não entendiam a magia? É preciso sonhar, imaginar, fantasiar!

Adultos de alma cinzenta - pensei, emburrada.

- Vamos, menina, abra de uma vez este presente! Chega de fazer manha!!

Cabeça baixa. Poeira no encantamento. Meus dedinhos ingênuos despedaçando o momento. Pedaços de papel gemendo despedida. Fantasia morta! Assim de vez?

Finalmente, em minhas mãos, o presente nu: **o livro almejado**. Fruto do mistério.

Nada me impediria de sonhar, agora... Nada!!

O Direito de Caber (medidas extremas)

Por: Tex Rocketann

Chutou a balança, jogou o manual da bicicleta ergométrica pela janela do apartamento. Escreveu uma mensagem no WhatsApp para a Luciana Gimenez dizendo que aquela dieta da sopa emagrecedora era mentira. Igualmente decidida, encomendou 3 pizzas e foi atrás de 4 caixas de chocolates que estavam guardadas havia já muito tempo. Colocou um anúncio no Mercado Livre, decidida a vender o espelho enorme onde se fitava durante a rotina fitness da quarentena. Apagou a luz do quarto, não esquecendo de deixar na porta o aviso de "NÃO INCOMODE". Quando se deitou, já com as 3 pizzas da vingança na mão, notou algo estranho na posição dos móveis do quarto de solteira onde iria se trancar e nunca mais tentar fazer qualquer dieta como aquela que de nada havia adiantado, pois a roupa mais linda que pegou no guarda-roupa não tinha entrado no corpo – conservada que estava, guardadinha junto com as outras peças que brevemente iria reinaugurar ao final da pandemia. Sim, que coisa estranha nas posições dos móveis...! Foi então que a Ennídia se deu conta que desde o início da revolta (após o almoço) estivera enfurnada no quarto da irmã mais nova e adolescente, a quem pertencia a roupa que ela havia provado e, obviamente, não coube no seu corpo porque a diferença nos figurinos era enorme – apesar das roupas serem sempre de mesmo estilo. Então, aliviada, compreendeu que havia quase morrido por causa daquela roupinha que lhe confundiu e que tentou vestir e não coubera, de jeito nenhum, no seu corpo sarado.
- Que roupinha opressora! Tirana roupa!

E a Ennídia então reconciliou-se com a vida, voltando para o seu quarto onde todas as roupas lhe couberam com folga!

A ESCOVA de SOFIA (baseado em orelha de livro)

Por: Tex Rocketann

Sofia ficou bonita? Sofia não ficou bonita?

O salão é bom, sim! Mas a pergunta é: a Sofia ficou bonita?

Pedro, o marido, não diz nada! Mas, só pode! Chegou bêbado depois que saiu com os amigos!

A sogra morava longe, a mãe noutro Estado...! Que sofrimento!
Vizinhas? Conhecia poucas, pois eram moradores novos – Sofia e o marido.

- "Já sei! Vou à igreja, que lá fiz já amizade com as irmãs mais jovens. Elas me viram antes de eu dar essa escova no cabelo. Certamente me dirão a opinião!" – raciocinou Sofia, nos seus 35 de idade.

Chegou na porta da igreja, que estava em reunião fechada e bateu à porta sabendo que havia alguém sempre de plantão para abrir – pois esse era o costume.

Alguém abriu, era o diácono. Ela identificou-se como a irmã Sofia, que tinha comparecido já a duas reuniões públicas.

Ele pediu que ela aguardasse, depois de fitá-la da cabeça aos pés.

Depois de 10 minutos, quem veio falar com ela foi uma senhora que se dirigiu até Sofia, puxando-a para o lado de fora enquanto lhe revelava:

- Querida, quer um conselho? Não venha para a igreja com um cabelo tão lindo como esse. Pois a esposa do pastor vai terminar fazendo tudo para você ser impedida de fazer parte de nosso grupo.

Sofia deu meia volta e foi para casa, com um sorriso de felicidade no rosto.

O Estudante que Ficou Feliz com Zero e Um (0 – 1)

Por: Tex Rocketann

Naquele tempo não havia um garoto que (como ele) fosse tão confiante na lógica e na razão.

O pequeno Martin olhava os números de forma diferente.

Na visão dele, o "zero" não era uma coisa sem valor. Ali ele enxergava uma lâmpada apagada.

Aquela lâmpada apagada guardava nela "uma" INFORMAÇÃO, "um" INTERVALO, "uma" EXPECTATIVA.

Um intervalo? Isso mesmo! A lâmpada apagada apenas escondia o impulso da energia elétrica, que estava ali invisível. Sim, a corrente de eletricidade mantinha-se escondidinha! Mas lá estava ela o tempo todo, até que alguém MUDASSE tudo isso com um leve toque numa chave elétrica ou interruptor. E, como num passe de mágica, aquela aparência de um "nada" revelava "alguma coisa". Melhor dizendo: UMA coisa.

E, então, Martin esforçou-se bastante nos estudos porque sua mente lógica entendeu rapidamente que o conjunto dos Números Naturais (na matemática) iniciava-se com: 0, 1 (...).

Porém, para esse brilhante menino, não era apenas por aí que a coisa ficava.

Sim, é bem verdade que o pequeno Martin já estava acostumado com a nota 10 (dez) na escola, onde o número "1" vinha primeiro do que o "0".

Mas, para ele, nada era tão fascinante quanto a binária sucessão de: número "0" seguido de número "1" — porque imaginava a informação armazenada no "ZERO" da lâmpada apagada,

que depois se atualizava no “UM” da lâmpada acesa (0 – 1).

Então, uma lâmpada apagada era igualmente importante para lembrar alguma coisa?

Onde foi parar o pequeno Martin, quando cresceu?

Não foi “um choque” para a família ver aquele menino dominar tudo sobre eletricidade, quando nem bem havia completado 16 anos de idade. Nem quando em seus 18 anos já havia se tornado um gênio em matéria de ciência eletrônica.

Sim, nasceu com o pequeno Martin aquele tal de “sistema binário” que deu origem à programação de computadores. Trata-se de uma maneira de armazenar informações (que mais adiante tornaria possível as operações de registrar e calcular em altíssima velocidade) com base apenas em sequências de: 0101 0101.

Foi da língua inglesa (falada pelo Martin) que cada “zero” ou cada “um” dessa combinação ganhou um nome bem científico: “bit”. E toda a magia acontece com apenas dois pares: 0101 0101.

Sim, para tudo funcionar, basta apenas essa combinação de OITO “lâmpadas acesas e apagadas”, sendo que essa reunião inteira de “bits” recebe o bonito nome de: “bytes” (pronuncia-se: “baites”).

É isso aí, minha gente. Apenas por causa da imaginação do pequeno Martin, que comparava cada “zero” com uma lâmpada apagada e cada “um” com uma lâmpada acesa, é que hoje em dia nós vivemos escolhendo nossos celulares e nossos computadores pela capacidade que cada um deles pode oferecer em: megabytes, gigabytes... e assim por diante.

Quer saber mais sobre o surgimento da Informática? Não economize energia e vá buscar mais conhecimento na internet, onde há infindáveis métodos de entendermos isso tudo. A lâmpada das grandes ideias pode estar esperando quietinha para acender na sua mente.

INFÂNCIAS ROUBADAS

Wedson Oliveira de Santana (UFS)

Um jovem casal se casa debaixo do sol escaldante do sertão nordestino, em meio ao toque do acordeão. Abençoados pelos pais, mas talvez amaldiçoados pelos deuses, as suas vidas secas daqui para frente não serão nada fáceis, muito pelo contrário, a fome, a miséria e a dificuldade serão suas indesejadas companheiras.

O trabalho era essencial, mas o moço recém casado era mesmo um preguiçoso, tudo sobrava para a pobre mulher, que trabalhou durante toda a sua primeira gestão. Eu evidentemente não estava lá, pois ainda não era nascido, no entanto faço parte dessa história, não sei se por destino ou por castigo. — Meu nome? Prefiro que descubra comigo.

Desse matrimônio nascera Jerônimo, o primogênito, logo depois veio Maria, a primeira menina da família. E não parou por aí, um ano depois da segunda gestão da jovem mulher, que tinha por nome Rosalina, logo foi anunciada a continuidade da sua sina. O terceiro filho nascera, batizado como João, que logo ganhou mais um irmão, o Ronaldo. E essa árvore genealógica não parou por aí, muitas outras crianças nasceram, como é comum no sertão, enquanto o solo parece ser infértil, as mulheres não o são.

O trabalho continuava escasso e a família, agora não mais representada somente pelo jovem casal, acumulava novos maus. Manter tantas crianças, não era uma simples missão. Jerônimo, o primogênito, logo não resistiu a batalha, morreu aos oitos anos. Dizem que por causa da professora que o deixou beber água fria após comer comida quente, mas nada se sabe, até porque não se pode acreditar em toda gente. Mesmo assim, mamãe nunca mais deixou a gente beber água fria e nem tomar banho depois de comer algo quente.

O luto mal podia ser vivido, pois o trabalho não parava e nesse meio tempo Rosalina já era mãe de seis crianças, Maria, João, Ronaldo, Roberto, Simone e a pequenina Leninha. O Jerônimo, infelizmente não vingou, deixou o seio familiar de forma tão repentina e cheio de dor.

Logo após sua partida, muitas mudanças aconteceram, tivemos que trabalhar eu e Ronaldo.

— Se você ainda não sabe quem sou, vou logo me apresentar, sou o João, o homem da família! Após a morte do Jerônimo.

— Meu pai? Aquele lá era mais preguiçoso do que homem, tratou logo de colocar a gente pra trabalhá feito gente grande, tirou eu e meu irmão da escola, nós era pixotinho ainda, eu tinha seis anos e Ronaldo cinco.

Trabalhei de sol a sol junto com meu irmãozinho, a gente não tinha tempo para nada, além de se preocupar com as contas da casa. Às vezes eu tinha a impressão de que já nasci adulto, pois os únicos momentos que ousei ser criança foi ao ser amamentado e protegido pela mamãe, até aprender a andar e a falar, mas depois desta proeza precisei crescer depressa. Papai e mamãe logo me ensinaram a utilizar uma enxada, com oito anos eu já limpava mais do que certos marmanjos, uma vez mesmo, na fazenda de seu Antonho. Meu pai chegou na presença do véio e disse:

— Fiquei sabendo que o senhor tá precisado de trabalhadores pra limpar o seu terreno.

E o véio fez que sim com a cabeça e papai continuou.

— Pois eu tenho aqui dois garotos e garanto que eles podem limpar mais rápido que esses marmanjos que o senhor contratou.

O véio riu, duvidando de papai e depois os trabalhadores riram também, me deixando com mais raiva. Em seguida o véio disse:

— Mas eles são apenas molecotes, não vão conseguir limpar nem um metro.

Meu pai então o desafiou.

— Vamos fazer um teste, se os menino não conseguir, o senhor paga apenas pelo feito de cada um.

O véio então concordou e logo começamos a trabalhar. Foi quase o dia todo, aguentando o sol quente, que fervia em nossas costas, mas não queríamos desapontar papai e então nos dedicamos ao máximo. Enquanto trabalhávamos, papai e o homem observavam e riam horrores dos trabalhadores, homens feitos já, que mal conseguiam nos acompanhar.

Limpamos tudinho, enquanto os homens grandes não conseguiam limpar nem metade da carreira. O véio parecia não acreditar e no final das contas decidiu pagar o dobro a mim e meu irmão e apenas metade do combinado aos marmanjos, eles de prontidão pestanejaram, mas sem razão.

Papai então pegou o dinheiro e contente logo guardou, tudo isso parecia até engraçado, mas nosso trabalho era mesmo sinônimo de muita dor. E em vez de papai ficar arrumando serviço, para mim e para o meu irmão, o certo não seria ele mesmo ser o nosso ganha-pão?!

Enquanto trabalhávamos ele só se divertia, na minha mente de criança eu já achava aquela atitude uma verdadeira tirania, mas eu não o questionava. Fazia tudo que ele mandava, sem pestanejar. Só que, ao mesmo tempo que eu e meu irmão não queríamos desapontá-lo, nós sentíamos falta de sermos crianças, de frequentar a escola, de correr nas ruas e até jogar bola.

Às vezes eu estava tão envolvido na minha prematura vida de adulto, que ao ver as crianças brincarem, logo pensava. — Mas que tolos, não poderiam estar fazendo algo mais útil? Mas na verdade o tolo era eu, pois minha infância estava sendo roubada. De tal maneira que já não mais me enxergava, como criança mimada.

Quando chegava em casa o trabalho ainda não acabava, era preciso cuidar dos meus irmãos, ferver o leite e dá-los de comer. Nessa época, mamãe já esperava o seu sexto filho. Quando nasceu era mais um menino, este recebeu o nome de José. — E você acha mesmo que parou por aí?

Passando um ano mamãe já estava grávida novamente e assim sucessivamente até o décimo terceiro filho. E o trabalho só aumentava, quanto mais criança nascia mais o trabalho crescia.

Só que nós não tínhamos sorte com ajudante, pois os que nasceram depois, pouco precisavam trabalhar, enquanto eu e Ronaldo procurávamos serviço, os outros frequentavam a escola. E minha irmã mais velha, Maria, cuidava da casa, cozinhava, lavava, passava e dava banhos nas crianças, essas eram as tarefas do seu dia a dia.

Mamãe era a única que trabalhava, além de mim e Ronaldo, até mesmo quando estava grávida, já meu pai, esse com nada se importava. Não queria trabalhar, às vezes até tentava, mas na verdade só enrolava, deixava os serviços pela metade.

— Às vezes eu me pergunto, será que ele fez tanto filho pensando em ser sustentado? Mas, pelo visto, seu plano foi muito mal planejado, pois após eu e Ronaldo os outros filhos saíram todos acomodados, preguiçosos como ele. Não nos ajudavam em nada, depois nem quiseram estudar, mesmo com a permissão de papai. Um ou outro às vezes trabalhava, mas mal se sustentam, imagina só nos sustentar.

Nessa época a gente morava no interior de Paripiranga lá no interior da Bahia, mas papai não sabia para onde ia. Não se sustentava em nenhum lugar, parecia até um retirante, sempre vivia pra lá e pra cá.

E lá vamos nós, arrumar as trouxas e pegar a estrada. Papai pegou todo dinheiro que tinha e comprou um sítio no interior de Itapicuru, também na Bahia. Tivemos que começar do zero, plantar, colher, arar a terra e ver todos os nossos sonhos morrer dia após dia. Essas mudanças insanas não nos ajudavam em nada, só atrapalhava. Os mais novos tinham que mudar de escola e nós tínhamos que nos adaptar às novas condições de trabalho.

Nesta mudança mamãe já estava grávida, dessa vez do seu oitavo filho, chamado de Leandro e logo após seu nascimento mamãe novamente engravidou e antes mesmo do caçulo ostentar seu posto, nasceu Leonardo.

— Sim! Ninguém me perguntou, mas eu gostaria de fazer esse favor. Os nomes foram inspirados na dupla sertaneja Leandro e Leonardo, se você não os conhece pergunta o seu ou ao colega aí do lado. Foi Maria que quis assim, ela era uma fã convicta, pediu tanto até que papai aceitou nomear seu novo filho com nome de cantor.

Na nova morada Maria logo se engraçou com um rapaz, mas papai não gostou, dizia que ele era muito queimadinho, fazendo referência a sua cor, mas isso era pura hipocrisia, pois papai só era um pouco mais claro, mas não deixava de ser miscigenado. Aquilo era mesmo, um racismo impregnado.

O tempo foi passando, eu, Ronaldo e mamãe continuávamos a trabalhar sol a sol e enquanto isso Maria cuidava da casa, às vezes ela dava umas escapulidas, ia na casa das amigas e lá encontrava o tal namorado, aquele que papai não gostava.

Um dia mamãe e papai precisaram viajar, me deixando juntamente com Ronaldo e Maria cuidando da casa. Maria sempre muito organizada, colocou o leite no fogo e preparou a comida do mais novo, o Leonardo. Deixou Ronaldo dando a mamadeira para o bebê e disse que ia ali, esse ali demorou e demorou tanto até que papai e mamãe chegaram. Minha mãe ficou logo preocupada e mandou a gente ir à procura de Maria. E a gente foi, quando a encontramos, não é que ela estava com o namorado.

Ai Ronaldo todo alvoroçado logo falou.

— Volte já para casa Maria, mãe tá preocupada.

Determinada, Maria logo respondeu.

— Eu não vou, minha casa agora é aqui, diga a mamãe e papai que eu fugi com meu namorado e não quero mais voltar.

Ronaldo não aguentou, o baixinho era ousado, disse que se ela não voltasse iria dar uma surra nela e no namorado. O menino era arretado, além de ainda muito moço, mal tinha tamanho o coitado, parecia um

tamborete, tão pequeno que mal conseguia segurar um porrete.

Maria não hesitou, não teve jeito de fazê-la voltar para nossa casa. Eu e Ronaldo então desistimos, voltamos para casa acuados e tristes. Papai logo de cara já imaginava o que havia acontecido e logo se enfureceu, já mamãe, esmoreceu. Chorou bastante e papai só jogando a culpa para cima dela, que ela não soube educar a filha, que não a deu modos, entre outras tentativas de negar a sua participação enquanto pai.

Depois deste acontecimento desastroso mamãe ficou doente, já não podia mais amamente o Leonardo e nem tampouco trabalhar, desejou mudar de cidade, pois naquela situação sabia que não iria suportar.

Papai arrumou as malas, vendeu um pedaço do sítio e comprou um terreno na cidade de Lagarto, no interior de Sergipe. Lá foi bem difícil no início, ficamos na casa de um conhecido, até que o nosso lar fosse totalmente construído. Papai foi o responsável pela obra, apesar de preguiçoso, ele até levava jeito pra pedreiro. Enquanto isso eu e Ronaldo logo tivemos que pegar carrego, pra colocar comida em casa.

Maria já não estava mais no seio familiar, pois havia fugido com o namorado. O restante estudava, menos os pequeninos que mal engatinhava, Leandro tinha um ano e pouco e Leonardo apenas seis meses. O peito de mamãe secou totalmente, então a gente tinha que dar um dobrado para comprar o leite dos meninos. Papai passou a trabalhar um pouco, não era sempre, mesmo assim não nos liberou, pois os nossos ganhos juntos eram insuficientes, imagina só separados.

Mamãe parou totalmente de trabalhar e se dedicou somente aos cuidados da casa. Lavava e cozinhava como uma escrava, mal tinha tempo pra nada, nem mesmo se cuidava.

Em mais um dia dos meus carregos, fui levar as compras de um senhor, ao chegar lá ele trancou a porta, só Deus sabe o meu pavor, não sei bem o que ele queria, mas foi Deus que me livrou. Pulei o muro do quintal e fui parar no quintal de uma senhora, lá tinha um raivoso cachorro, mas ela chegou na hora e viu meu desespero. Contei tudo que aconteceu e minha sorte foi que ela se convenceu, me levou para casa e lá contei tudo para papai, ele logo ficou enfurecido, foi até atrás do homem, mas quando chegou lá, ele já havia fugido. Desapareceu e eu mal podia pegar trauma, pois se deixasse de trabalhar, quem iria nos sustentar?!

Logo voltei a trabalhar, mesmo contra a vontade de minha mãe, mas com um tempo eu e Ronaldo mudamos de profissão, começamos a trabalhar como serventes em uma construção. Logo a gente pegou o jeito e o emprego não mais faltou, chegou o ano de 2000 e logo mamãe mais uma vez engravidou, aquele era um ano azarado, pois estava rolando um papo furado de que o mundo iria acabar e meu novo irmãozinho ou irmãzinha já ia nascer jurado.

— Se ficamos acuados? Todos nós se preocupou, mas seguimos levando nossas vidas com rigor. Eu e Ronaldo sempre trabalhando, papai meio cá, meio lá e mamãe sempre cuidando do nosso lar.

— É, eu sei… é muita história para contar, mas como agora não sou mais criança, eu vou deixar pros outros terminar.

— Eu só queria dizer mais uma coisa, antes de me ausentar. Essa história é verídica, seja aqui ou em qualquer lugar. Trabalho infantil é crime e contra isso temos que lutar. A criança nasceu para brincar, estudar e desenhar. Se fosse para trabalhar não nasceríamos também pequeninos e frágeis.

— Eu não quero me prolongar, mas ainda tenho mais a falar, se alguém te forçar a trabalhar você tem

que denunciar. Eu, mais do que ninguém, sei que as dificuldades são grandes.

Hoje eu me orgulho de ter todos os meus irmãos vivos e crescidos, mas ao mesmo tempo choro os irmãos falecidos. As minhas feridas infelizmente nunca vão se curar. — Mas, se você ver alguém sendo explorado é só denunciar e aí sim, muito sofrimento você vai evitar.

— Você está chateado com o fim interrompido da história? Relaxa! Em breve, eu volto e a gente tagarela por algumas horas.

Agora eu me despeço, peço somente que brinque, se divirta, estude e viva, pois a vida, a vida não pode parar. E enquanto os adultos trabalham, a sua única obrigação é acriançar.

Wedson Oliveira de Santana é graduando em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) / Campus Prof. Alberto Carvalho - Itabaiana/SE. Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). É voluntário no Programa Residência Pedagógica do DLI/UFS.

Cordéis

“Já amanheço sonhando em me deitar novamente”

Sujeito desmantelado

Vou lhes narrar nesse instante

A que ponto chega um ser

Que mais prefere viver

Parecendo morto falante

Não dá um passo adiante

E diz com gosto aparente

Repete eternamente

E a todos vai anunciando

Já amanheço sonhando

Em me deitar novamente

Seu nome é **Zé Alencar**

Do Rosário Olivença

E não há quem lhe convença

Sua conduta mudar

Ou opinião alterar

O proceder do vivente

Que brada alegremente

Como um troféu conquistando

Já amanheço sonhando

Em me deitar novamente

Sujeito desmantelado

Entregue a boa vida

Não valoriza a lida

Vive sempre sossegado

O dia todo deitado

Largado na cama quente

Sem plantar uma semente

Inda diz chacoteando

Já amanheço sonhando

Em me deitar novamente

Papai tá aposentado

Mamãe já se aposentou

Ajuda a eles eu dou

Atendo logo o chamado

Mas gosto de ficar deitado

Que é pra não cansar a mente

Se é pra ficar no sol quente

Ver o juízo cozinhando

Já amanheço sonhando

Em me deitar novamente

Não dou trabalho a ninguém

Que é para não ter trabalho

Nessas coisas eu sou falho

Credo em cruz **três vez** amém

Cada um dá o que tem

Pra ajudar um inocente

Que vive honestamente

Um bom viver procurando

Já amanheço sonhando

Em me deitar novamente

Deve ser bom trabalhar

Fazer uma ocupação

Mas todos se queixam então

As dores que no corpo dar

Coluna fica a reclamar

A lida num verão bem quente

Que ferve os miolos na mente

Prefiro é ficar meditando

Já amanheço sonhando

Em me deitar novamente

Não tenho pressa pra nada
Por isso escolho o caminho
Estando então eu sozinho
Minh'alma não fica cansada
Eu gosto da madrugada
Que vela meu sono inocente
Sou bom filho e penitente
Nesse viver labutando
Já amanheço sonhando
Em me deitar novamente

Quando a mamãe me chama
E diz vem tomar café
Ô sacrifício que é
Ter que deixar minha cama
Mas sei que ela me ama
E seu amor é envolvente
Levanto "**quase contente**"
Ao ouvi-la me chamando
Já amanheço sonhando
Em me deitar novamente

Tô me sentindo enfadado
Sem vontade de comer
Será que vou adoecer
Ou pode até ser olhado?
Aqui tem cabra invejado
Que olha a vida da gente
Um monte de indecente

Invejam eu descansando
Já amanheço sonhando
Em me deitar novamente

Se eu to cansado me deito
Se deito vou logo dormindo
E assim o viver vou seguindo
Achando o mundo perfeito
Em tudo damos um jeito
Na rede ou na cama da gente
O corpo se entrega contente
Quando eu já vou me deitando
Já amanheço sonhando
Em me deitar novamente

Como é bom meditar
Em uma cama macia
Sendo de noite ou de dia
O importante é deitar
Viver sem muito esforçar
De forma pura inocente
Se preocupando somente
Com o corpo ali relaxando
Já amanheço sonhando
Em me deitar novamente

Clamo aos deuses mitológicos
Da antiga Grécia querida
Que de forma aguerrida

Nos meus esforços tão lógicos
De esmeros simbológicos
Ditos em verso dormente
Façam-me literalmente
Um semideus agraciando
Já amanheço sonhando
Em me deitar novamente

O sono é um ato sagrado
Dormir então nem se fala
A alma relaxa e se cala
O corpo vira pro lado
Momento abençoado
Que o bom dormidor sente
Nesse gesto tão frequente
O cabra vai delirando
Já amanheço sonhando
Em me deitar novamente

Se deito já quero dormir
Sem pressa pra me acordar
E se for pra eu levantar
Só pro meu juízo ferir
Ou pensamento consumir
Com lamentar dessa gente
Um lote de incompetente
Que só vive reclamando
Já amanheço sonhando
Em me deitar novamente

Essa conversa de agora
Já tá me deixando cansado
Eu proseei um bocado
Perdi a noção da hora
Vou me deitar sem demora
Pra descansar novamente
O corpo ficou mais demente
Estou até bocejando
Já amanheço sonhando
Em me deitar novamente

Amanhã ao despertar
Nas bandas do meio dia
Almoçarei com alegria
E depois vou repousar
Pra terminar de sonhar
Aquele sonho fervente
Que bole as carnes da gente
E nos deixam levitando
Já amanheço sonhando
Em me deitar novamente

Mas se o sonho é ruim
Não faço questão de sonhar
Volto a me acomodar
E me deito em fim
Mergulhando em mim
Em águas de sono crescente
Que adormece bem quente

O dormir assossegando

Já amanheço sonhando

Em me deitar novamente

Nem Major nem Capitão

Sargento ou General

Deputado federal

Presidente da nação

Coiteiros de Lampião

Nem um garboso Tenente

Ou tenha qualquer patente

Tá melhor que eu deitando

Já amanheço sonhando

Em me deitar novamente

Agora me deem licença

Vão caçar o que fazer

Vou deitar e adormecer

Rezar pra que minha crença

Esse cansaço não vença

No meu momento decente

Vou dormir alegremente

E minha fé exercitando

Já amanheço sonhando

Em me deitar novamente

Quem quiser ter boa saúde

Preste muita atenção

Não se esforce demais não

Tome outra atitude

Sua consciência mude

Senão pira de repente

Afaste-se de toda gente

Que quer te ver trabalhando

Já amanheço sonhando

Em me deitar novamente

O nobre **Zé Alencar**

Do Rosário Olivença

Desfaleceu na morrença

Sem nada poder criar

Nenhuma herança deixar

Pro pai, pra mãe, ou parente

Morreu perdido e demente

E outro mote fui criando:

Viveu a vida sonhando

Voltou pro pó novamente

Obras publicadas em cordéis

1. O Brasil em visto com outros olhos
2. Me sinto feito menino nessa terra abençoada
3. Combate a exploração do Trabalho infantil
4. Euclides o libertador
5. Encontros no além
6. Mestres da Literatura(Primeira edição)
7. O nordeste Brasileiro
8. Combatendo a dengue
9. A cidade de Inhambupe(Primeira edição)
10. Os cem Zés de Itamira
11. Itaporá ou Apomira
12. Patente de Capitão
13. Manihot – Casa de Mani (Primeira edição)
14. Mestres da Literatura(Segunda edição)

15. APLB – Sindicato Núcleo Aporá
16. Migrantes da Coragem(1)
17. A pedra de Bendengó
18. A cidade de Inhambupe (Segunda edição)
19. A presença nordestina em São Paulo vol. 1(Sextilha)
20. A presença nordestina em São Paulo vol.2(Septilha)
21. Teodoro Mendes Vasconcelos
22. O Centenário de Luiz Gonzaga
23. Migrantes da coragem (Pela Editora Luzeiro)
24. Caldas de Cipó (Um oásis no sertão)
25. Áureo de Oliveira Filho
26. Alice de Oliveira Costa
27. Dominguinhos (O discípulo do rei do baião)
28. Casa de Mani (segunda edição)
29. Tres vates e uma peleja
30. Peleja com Janete Lainha
31. Coronel Ludugero
32. Mazzaropi
33. Eles perto de mim eu dou castigo e encomendo suas almas lá pro cão
34. Coisas do sertão
35. Língua portuguesa
36. Folclore Brasileiro
37. Sujeito desmantelado

Carlos Silva

– Poeta, cantor, compositor e escritor de livretos de cordéis. Paulistano, mudou-se ainda pequeno para a cidade de Nova Soure e posteriormente para Itamira município de Aporá.

Trás a vivencia do verso, colhido no modo de viver e de falar do seu povo, assim também, é a forma de identificar o estilo musical do artista, que utiliza também a linguagem urbana, publicando suas poesias em vários sites pelo Brasil.

Participou de uma coletânea de Livro e cd da coperifa, produzido pelo Itaú cultural (SP).

Viaja o Brasil, divulgando a cultura popular, participando de feiras e exposições (Como Feira do livro em Feira de Santana e Fenagro em Salvador, além da Bienal do livro em Salvador na Décima edição – 2011).

Hoje faz parte do Conselho Estadual de Cultura, tendo sido eleito na V conferência de cultura em Camaçari em 2013 na cidade das artes.

Contatos para shows e eventos educacionais
(75) 9834-3217

E-mail carlossilvampb@yahoo.com.br

Twitter: @poetacantador

www.bandasdegaragem.uol.com.br/carlossilvacantador

GALDINO E INÊS
UM AMOR ACIMA DE TUDO

Francisco Luiz Mendes

foi no ano, setenta e sete
bem lá no século passado
No Nordeste brasileiro
Num determinado estado
Aquele caso de amor
Também revelou terror
Num pequeno povoado.

Num quieto vilarejo
Habitava um cidadão
Moço, fino e educado
Querido na região
Honesto e trabalhador
Digno e respeitador
Pra qualquer ocasião.

Ele festejava a vida
Com intensa alegria
Aonde ele estivesse
Tristeza não existia
Era um garoto do bem
Vivia como ninguém
Densamente o dia a dia.

Esse moço pro os amigos
Era versado por Dino
Codinome recebido
Ainda quando menino
E nem imaginaria
O que lhe reservaria
Seu oportuno destino.

Porém esta vida prega
Mil peças no ser humano
É de arrepiar a alma
Até mesmo em desumano
Assim desde pequenino
Que é traçado o destino
Aliás, não há engano.

E foi o que sucedeu
Com esse pobre rapaz
Que ficou preso às rédeas
Da donzela Inês Ferraz
Filha desse Coronel
Gusmão Ferraz de Gurgel
E Ana de Souza Tomaz.

Chegava a maior idade
Galdino seguia estrada
Numa de suas andanças
Já cansado de pernada
De um rancho se achegou
Foi gentil, solicitou
Pernoitar nessa pousada.

O senhor daquele rancho
O aceitou pernoitar
Galdino ficara grato
Queria o remunerar
Mas ele não concordou
Suavemente expressou
Nada aqui tens a pagar.

Galdino lhe deu boa-noite
No seu canto acomodou
Estava muito esgotado
Tanto que peregrinou
Do jeito que ele estava
No cubículo se espojava
Ali mesmo se apagou.

Noutro dia bem cedinho
Pois já estava de pé
Ligeiro juntou seus trapos
Depois fez o ato de fé
Ele em oração pedia
Proteção, Virgem Maria
E também meu São José.

Outra vez agradeceu
Ao amo da hospedaria
Por ele ter lhe acolhido
Nessa sua moradia
Galdino apertou sua mão
Disse-lhe: obrigado irmão
Então, até qualquer dia.

Esporou seu pangaré
Mundo afora ele saía
Nas veredas do sertão
Sem rumo ali seguia
Só o canto da cigarra
Barra após outra barra
Fazia-lhe companhia.

Depois de seguidas horas
Caminhando sem parar
Vencido pelo cansaço
Decidiu ali ficar
Na sombra dum juazeiro
Arquiteta seu poleiro
Para nele descansar.

Pois aquele seu sossego
Pouco tempo demorou
Um tiro de mosquetão
No juazeiro ribombou
O susto foi tão danado
Que seu pangaré coitado
Desacordado ficou.

Galdino ficou sem fala
Do alarme que passou
Fez menção de se erguer
Em seguida tropeçou
De trêmulo que estava
Nem em pé se segurava
Para o chão se inclinou.

Totalmente atordoado
Tentava se levantar
O autor desse disparo
Começou lhe indagar
Moço você de onde vem?
E com a ordem de quem
Nessas terras se arranchar?

Meu caro amigo rapaz
Não me julgue bandoleiro
Eu lhe peço, por favor
Para me escutar primeiro
Pela fadiga fui vencido
Também está esbaforido
Pangaré meu companheiro.

O capataz respondeu:
Para mim nada a contar
Pois essa sua história
Você vai ter que explicar
Para o meu patrão somente
Agora, evidentemente
Porque aqui veio parar.

Galdino obedeceu
Com o capataz marchou
Pelas rédeas também
O seu pangaré puxou
Não tinha o que ocultar
Só a verdade a falar
Porque ali ele parou.

Galdino estava sereno
Diante da intimação
E não tinha o que temer
Por isso não fez questão
Capataz acompanhar
Para se justificar
Com o seu senhor patrão.

O capataz prontamente
Ao patrão comunicou
Que na sua propriedade
Um forasteiro encontrou
E que tinha lhe trazido
Para ser por ele ouvido
Pelo que ele lhe falou.

Bem defronte pra Galdino
Lá estava aquele senhor
Para ele se dirigiu
E de modo ameaçador
Rapaz aqui a que veio?
Responda-me sem rodeio
E ligeiro, por favor.

Com muita tranquilidade
Galdino lhe respondeu:
Não tenho o que camuflar
Só carrego o que é meu
Comigo não tem segredo
Apresento-me sem medo
Já lhe digo quem sou eu.

O meu nome é Galdino
De Pádua Gondim Arrais
Eu sou digno e correto
Bem como meus ancestrais
Não sou nem um vagabundo
Apenas mais um no mundo
Adentro tantos mortais.

Meu caro senhor, me ouça
Peço-lhe até, por favor
Eu só parei por aqui
Por um simples indispor
Meu nanico pangaré
Não ficava mais de pé
De tanta, fome e dor.

Pois muito bem meu rapaz
Causou-me boa impressão
Destemido e astucioso
E comprova educação
Eu vou me apresentar
Pois aqui nesse lugar
Sou o Coronel Gusmão.

Há pessoas por aqui
Falam até mal de mim
Dizem por aí que tenho
Sangue de porco-espim
O que vão ainda lhe falar
Não se deixe impressionar
Eu não sou nenhum Caim.

Dino disse: - Coronel,
Pois não fique preocupado
Eu já estou de partida
Entendi o seu recado
Se o senhor é bom ou não
Não me deve explicação
O que ouvi fica enterrado.

Gostei de sua postura
Disse-lhe: o Coronel
Você é audacioso
Fala como um bacharel
É de boa aparência
Usa-se de inteligência
E demonstra ser fiel.

Pra você tenho proposta
Gusmão diz: ouça-me bem!
Que é do meu interesse
Deve ser do seu também
Refiro-me a serviço
Aqui para o noviço
Diga-me, se lhe convém.

Bem espontaneamente
Galdino diz: - Coronel,
Aceito sim o convite
Trabalhar no seu cartel
E eu quero já saber
O quanto vou receber
Por mês moeda em papel.

Não se atente com isso
O Coronel respondeu:
A partir desse instante
Já és empregado meu
Não importa qual valor
Seja lá que preço for
Recompenso o custo seu.

O Coronel fica grato
Pela resposta evidente
Pra o capataz ordenou
Que apresentasse urgente
Para todo o proletário
Aquele novo operário
O contratado recente.

Galdino era carismático
Aliás, muito eficaz
Desse modo foi ganhando
Crédito do capataz
Por ser muito divertido
Ganhara o apelido
Boa-pinta e bom rapaz.

Ele era muito romântico
Gostava de emoção
Seu anseio acresce mais
Ao despertar a paixão
E veja logo por quem
Coração ficou refém
Foi da filha do patrão.

No momento que ele a viu
E deslumbrado ficou
Ligeiro o seu coração
Num instante o confessou
No mundo primaveral
Nunca vi beleza igual
Diante da qual estou.

Essa donzela formosa
Que chamou sua atenção
A filha do Coronel
O seu temido Gusmão
Além de ser poderoso
Tinha fama de tinhoso
Por toda a região.

Galdino estava aquecido
Borbulhava de paixão
Aquela beleza única
Mexeu com seu coração
Almejava lhe falar
Porém como se achegar
Daquela flor do sertão?

Ferraz era o sobrenome
Daquela linda donzela
E que deixara Galdino
Doido de amor por ela
Como ele mesmo disse
Desde sua meninice
Jamais viu moça tão bela.

A cada dia da semana
Galdino se apaixonava
Em silêncio ele sofria
Por ela ele murmurava
Batia o seu coração
Afogado de paixão
Enquanto nela pensava.

Aquela menina moça
Pela manhã todo dia
Passeava pelos prados
Sempre pela mesma via
E por força do destino
O apaixonado Galdino
Seu curso descobriria.

Para o dia subsequente
Já estava à sua espera
E de repente lá vem
Sua flor de primavera
Ela vinha acompanhada
De sua fiel empregada
A quem muito considera.

Galdino não hesitou
Para ela fez um sinal
E a senhorita Inês
Num gesto bem cordial
Dele se aproximou
Seu coração quase parou
Nesse encontro casual.

A emoção foi tamanha
Que sua fala engasgou
E muito educadamente
Logo a cumprimentou
O meu nome é Galdino
Pra você apenas Dino
Para o seu dispor estou.

Inês se sentiu nas nuvens
Diante do galanteio
Para o senhor cavalheiro
Não demonstrara receio
Pois muito pelo contrário
E sem muito comentário
Ela adorou seu gorjeio.

Mas logo já percebeu
Que ele se emocionou
Ela além disso sentiu
Que seu coração vibrou
Não dando demonstração
Acenou-lhe com a mão
E dali se retirou.

Ele emocionadamente
Pra ela só gesticulou
Com olhos aboticados
Apenas lhe admirou
O seu coração se agita
Nem uma palavra dita
Tão abalado que ficou.

A partir desse encontro
Outros ares do destino
Deram mesmo um empurrão
Para Inês e Galdino
O acaso selava os dois
O que ocorria depois
Tava nas mãos do divino.

Inês ficou pensativa
Após o seu galanteio
Seu coração parecia
Que estava até alheio
E Galdino novamente
Queria vê-lo urgente
No seu próximo passeio.

Inês evidentemente
Diferente se sentia
E percebeu que mudara
Depois desse bento dia
Que encontrara Galdino
Esse gentil figurino
Da mente não lhe saía.

Sua empregada também
Alguma coisa notou
Ela estava mais alegre
Que rola fogo-pagou
Vivia cantarolando
Inclusive até ensaiando
Frases que Dino citou.

Mas parece que o acaso
Dos dois a favor soprava
Galdino ao Pôr do Sol
Meio cabisbaixo andava
E quando tão de repente
Ele vê à sua frente
Quem tanto ele desejava.

E ele por um instante
Não queria acreditar
Assim logo a cortejou
Com voz a balbuciar
Tava muito emocionado
E até desajeitado
Nem sabia o que falar.

Inês logo percebeu
Tamanha foi a emoção
Pois o mesmo ela sentira
Dentro do seu coração
Não sabia o que fazer
Tampouco como esconder
Também a sua paixão.

Eles prendem os olhares
E silenciosamente
Só o céu testemunhava
Esse momento envolvente
Ali a mão do destino
Sagrava, Inês e Galdino
Sob a luz do Sol-poente.

Ali se aproximaram
Trêmulos e emocionados
Pelo impulso da paixão
Ficaram entrelaçados
E Inês por um momento
Perdia-se em pensamento
Nos beijos apaixonados.

Após aquele instante
Ela ficou embaraçada
Com o rosto cabisbaixo
Ainda muito envergonhada
Porque era a primeira vez
Que a bela jovem Inês
Estava sendo beijada.

E Galdino percebeu
Que ela ficara vexada
Disse-lhe: erga a cabeça
Não fique encabulada
Pois quando o coração manda
A gente obedece e anda
Enfrenta qualquer parada.

Com a voz balbuciando
Ainda toda sem jeito
Ela diz para Galdino
Não há segredo perfeito
Estou preocupada sim
Não sei o que será de mim
Quando souber um sujeito.

Inês ficara cismada
Galdino preste atenção
Esqueceste que meu pai
É o rei desse sertão?
O homem mais poderoso
Influente e majestoso
Além disso o seu patrão?

Galdino lhe respondeu:
Você tem toda razão
Seu pai pode ser também
O dono desse mundão
Esqueceu-se, porém, ele
Que nem tudo aqui é dele
Mormente seu coração.

Vamos ter que dar um jeito
Galdino pra Inês falou
Eu não sei como vai ser
Mas assim articulou
A solução é fugir
Se arrume para partir
Ela logo concordou.

Sem medo eles combinaram
E tudo bem direitinho
Já para o dia seguinte
Fugiram e bem cedinho
Somente sua empregada
Sabia da trama armada
De Inês e seu brotinho.

Capataz Chico das Dores
Tinha por obrigação
Que uma vez por semana
Ele fazia inspeção
De porta em porta saía
Fazendo a romaria
Barracão a barracão.

Da cabana de Galdino
Porém ao se aproximar
Ele percebe algo errado
Começa a questionar
Pensou assim o capataz
Será que o bom rapaz
Já acordou e foi trabalhar?

Encerrou a inspeção
Dirigiu-se para o roçado
E quando chegou por lá
Não foi Galdino avistado
Indagou Chico das Dores
Aos outros trabalhadores
Se alguém o tinha encontrado.

Mas a resposta foi seca
Aqui ele não passou
Capataz deu meia-volta
E dali se retirou
Esporou seu alazão
Em busca do seu patrão
Que a poeira levantou.

Senhor Coronel Gusmão
Quando viu o capataz
Parecia que ele vinha
Correndo de Satanás
Pra ele assim perguntou:
Quem dessa vez aprontou?
Desembucha já rapaz.

Senhor quer mesmo saber?
O capataz respondeu:
Galdino até o momento
Na roça não apareceu
Ninguém sabe o paradeiro
Andei todo catingueiro
O homem se escafedeu.

Mas o Coronel Gusmão
Até de surdo se fez
Para o capataz falou:
Oh, mas quanta estupidez!
Porém o que aqui me traz
Já sei de tudo rapaz
Ele fugiu com Inês.

Desse modo o Coronel
Pra o capataz ordenou
Reúna a cabroeira
Vão atrás deles, falou!
E só é para voltarem
Quando os dois encontrarem
Esperando aqui estou.

O capataz e seus homens
Em seguida se reuniram
Ligeirinho à procura
De Galdino e Inês saíram
Uma pista aqui e acolá
Um rastro ali e outro cá
Mundos afora sumiram.

A essa altura dos fatos
O casal de enamorados
Já estavam bem distantes
Mas ainda preocupados
E vigilantes e atentos
Porém em quaisquer momentos
Podiam ser capturados.

Foi naquele mesmo rancho
Que Galdino certo dia
Pediu para pernoitar
Partilhava sua alegria
Com Inês primeiramente
Depois quem teve presente
Naquela hospedaria.

A turma do Coronel
Tomando informação
Procedia em pista certa
Daquele casal fujão
Furava toda barreira
De fronteira a fronteira
Em nome de Seu Gusmão.

Os fujões Galdino e Inês
Pois já estavam sabendo
Que a turma do Coronel
Seus rastros vinham lambendo
Que lhes restavam fazer
Sertão afora correr
Para seguirem vivendo.

Quanto mais se evadiam
Da turma do Coronel
Mais pertos eles ficavam
Das garras desse cruel
Do intimidante Gusmão
O poderoso chefão
Da Fazenda Cascavel.

Senhor Coronel Gusmão
Pelo Agreste nordestino
A prêmio já colocara
À cabeça de Galdino
Pagava-se um bom dinheiro
Pra quem desse o paradeiro
Do intrépido libertino.

Enquanto, Galdino e Inês
Viviam felicidade
Na Fazenda Cascavel
E na sua extremidade
O tema era a premiação
Daquele genro fujão
Com sua cara-metade.

Apesar disso, Galdino
Soube da premiação
Rápido se preveniu
Tomou uma decisão
Ir ao Sítio Cascavel
Pra cobrar do Coronel
A sua indenização.

Inês sabendo quem era
O pai que ela tinha
Disse: - Galdino nem pense
Fazer essa abobrinha
Vamos esperar um pouco
Portanto, não seja louco
Deixa pra lá a picuinha.

Ele contradisse, Inês
De morte já estou jurado
Pois o seu pai não sossega
Até que me veja velado
Porém antes que aconteça
Viro de ponta a cabeça
O sertão e o seu reinado.

Assim Inês respondeu:
Faça uma reflexão
Cabeça é para pensar
Não haja pela emoção
E seja lá como for
Eu lhe peço, por favor
Esqueça a provocação.

Não leve em conta o que ouviu
Isso é mera falação
Porém o que decidir
Tem a minha aprovação
Estou pronta pra aceitar
E com você me embrenhar
Afora nesse mundão.

Com essa declaração
Ele eufórico ficou
Ainda muito comovido
A sua amada abraçou
E disse-lhe assim mulher!
As pazes se seu pai quiser
Também disposto estou.

Enquanto, lá na Fazenda
Cascavel por sua vez
Bochichos continuavam
Pelo que Galdino fez
O senhor Chico das Dores
Alerta os trabalhadores
Vejam! Que dizem vocês!

No mando do capataz
À procura foi em vão
O Coronel resolveu
Lavar também suas mãos
Não fez mais nenhum alarde
Já sabia que mais tarde
Ocorreria o perdão.

Galdino ainda temia
Sobre essa premiação
Por isso não dava bola
Pra não passar por vilão
Precisava estar atento
Porém a qualquer momento
Podia haver confusão.

No entanto, Inês e Galdino
Arrumaram as bagagens
E determinadamente
Marcharam logo em viagens
Em plena lua de mel
Pra Fazenda Cascavel
Retratar suas imagens.

Bem antes deles chegarem
Na Fazenda Cascavel
Alguém dessa redondeza
Informava ao Coronel
Que vira Inês e Galdino
Lá no Sítio Ouro Fino
Do seu primo Ezequiel.

Ao receber a notícia
Ali daquele emissário
Coronel Gusmão, apenas
É grato ao signatário
Ali estava sentado
Permaneceu abancado
Não fez nenhum comentário.

Coronel Gusmão estava
Com coração balançado
E só ele entendia
Porque ficara calado
Porém consigo ele disse:
Essa rixa é tolice
Por mim estão perdoados.

Aí o Coronel Gusmão
Sentiu a necessidade
Botar um ponto final
Naquela rivalidade
Ele já estava cansado
Para que remoer passado
Queria tranquilidade.

Finalmente chegou o dia
E a hora da decisão
Ambos, Inês e Galdino
Frente a frente com Gusmão
Assim sem muito rodeio
Eles não fizeram feio
Pediram o seu perdão.

Com os olhos lacrimados
Coronel os perdoou
E disse-lhes: oh, meus filhos!
Bem melhor agora estou
Com vocês aqui comigo
Do meu coração lhes digo
A minha bênção lhes dou.

Além disso completou
Quero esquecer o passado
O mais importante agora
É tê-los aqui ao lado
Como muito que rezei
Até aos céus supliquei
Pra esse dia ter chegado.

Gusmão Ferraz de Gurgel
Um festejo preparou
Pra celebrar com Inês
Com quem ela se casou
Em meio àquela alegria
Num canto alguém se doía
Do que viu nada gostou.

Pois estou me referindo
Ao senhor Chico das Dores
E desde que Inês fugira
Ele ficara aos rancores
Não foi segredo a ninguém
Gostava dela também
Diziam nos bastidores.

Com o Coronel Gusmão
E com Inês e Galdino
Estava às maravilhas
Como manda o figurino
Birras, ódios e rancores
Tudo isso viraram flores
Ante os olhos do divino.

O moço Chico das Dores
Não estava satisfeito
Ligeiro bolou um plano
Se atinando no direito
Separar Galdino e Inês
Pra acabar de uma só vez
Aquele amor-perfeito.

De uma hora para outra
Foram surgindo boatos
O casal Galdino e Inês
Estavam quebrando os pratos
Eternos enamorados
Sequer eram bem-casados
Viviam a gatos e ratos.

Chico não se conformara
Com alegria de Galdino
Porém de tudo ia fazer
Para mudar o destino
Daquele tal casamento
Mais falado do momento
Do Agreste nordestino.

No entanto, esse mexerico
Na região se espalhara
O capataz prontamente
Daquilo se aproveitara
Aos quatro cantos do mundo
Ele fala num segundo
O que ele mesmo inventara.

E estava insustentável
A situação do casal
Por onde eles sobrevinham
O gracejo era total
Tinha sempre uma pessoa
Pra debochá-los na boa
Et cetera, e tal.

Galdino não suportava
Escutar tanta balela
Sua história com Inês
Mais parecia novela
Se dele nada diziam
Fuxicos apareciam
Contudo, falando dela.

Porém Galdino decide
O zunzum desvendar
Chamou Inês e lhe disse:
Boatos têm que acabar
Vou pôr um fim nisso tudo
E quem for o linguarudo
Vai ter que se explicar.

Inês logo o preveniu
Galdino tenha cuidado
Se for quem estou pensando
É bom estar preparado
Só em pensar me arrepio
Da pessoa que desconfio
Meu corpo tá até gelado.

Inês estava segura
Diante da intuição
Juntou as peças do xadrez
Chegando à conclusão:
O senhor Chico das Dores
Era autor dos rumores
Falado na região.

Ante probabilidade
Galdino disse pra Inês
E já não temos mais dúvida
Agora é a nossa vez
Nós vamos desmascarar
O dito-cujo e levar
Direto para o xadrez.

Contaremos pra seu pai
Quem é o autor do fuxico
E quem criou esse clima
Espalhando o mexerico
Por causa desse incréu
Nós fomos até corréu
Por conta desse futrico.

Inês respondeu: - Galdino
Vamos resolver é já
Desvendamos o segredo
E chega de blá-blá-blá
Ele não é confiável
Vai explicar o inexplicável
Por tramar esse fuá.

E Galdino concordou
Com a decisão de Inês
Disse: vamos pôr um fim
Nesse boato descortês
Ao senhor Chico das Dores
Desejo mil dissabores
Pelo mal que ele nos fez.

Ligeiro Galdino e Inês
Tomaram disposição
Foram até ao Coronel
Delataram o vilão
Essa notícia foi forte
O velho quase foi à morte
Ao saber da ingratidão.

Coronel ficou pasmado
Também muito constrangido
Escutara com atenção
O relato dolorido
E disse: - Galdino e Inês!
Garanto para vocês
Ele terá o merecido.

Galdino ali interceptou
Disse: - Coronel Gusmão
Não se atente com isso
Já chega de confusão
Já que sabemos quem é
Pra que mais arranca pé
Esqueçamos o vilão.

Rapaz deixe de tolice
Coronel lhe respondeu:
Como esquecer essa afronta
O que ouvi me doeu
Desconsidero o pedido
Fingirei não ter ouvido
Mediante o rogo seu.

O senhor Chico das Dores
Deve-me explicação
Ele sabe muito bem
O peso da minha mão
Porém tim-tim por tim-tim
Vai debulhar para mim
O porquê dessa invenção.

Assim o Coronel fez
Ao Chico ele intimou
Que imediatamente
O seu chamado acatou
Sem saber do que tratara
Para o encontro marchara
Mas de nada suspeitou.

Na presença de Gusmão
Já estava o capataz
Assim ele lhe indagou
Que novidade me traz?
O Coronel tão somente
Respondeu-lhe calmamente
Saberás já, já rapaz.

Capataz encafifou
Na resposta de Gusmão
E consigo resmungara
Que bicho mordeu o patrão?
De mim nunca fez desdém
E sempre me tratou bem
Está estranho esse gajão!

O moço Chico das Dores
Percebeu que o Coronel
Tava muito impaciente
Feito cobra-cascavel
Confuso e angustiado
Indaga o subordinado
Quem lhe deixou nesse fel?

O senhor seu Coronel
Respondeu pro capataz
Oh, meu caro servidor!
Sempre lhe achei eficaz
O que eu vou lhe perguntar
Você não pode negar
Confirme se for capaz.

E o que foi indagado
O capataz confirmou
Disse: - Coronel Gusmão
Sei o quanto lhe abalou
Traí sua confiança
Agi feito uma criança
Muito arrependido estou.

Respondeu-lhe o Coronel
Você foi longe demais
Não mediste as consequências
Feriste meus ancestrais
Fazendo o que não devia
Criou o que não existia
Propagou nos arraiais.

Coronel continuava
Debulhando seu sermão
Disse: para o capataz
Apunhalou seu patrão
Diante desse despeito
Suas desculpas não aceito
E nem te dou meu perdão.

A partir deste momento
Você está dispensado
Não preciso de você
Aqui como meu empregado
Sinto muito lhe informar
Há alguém no seu lugar
Pra chefiar ao meu lado.

Vou lhe dizer ainda mais
Por justa causa é demitido
Não adianta contestar
E nem fazer alarido
Tu sabes qual a razão
O porquê da demissão
Não banque o desentendido.

O moço Chico das Dores
A cabeça ali baixou
Um tanto contrariado
Mais cabisbaixo ficou
E como quem não quer nada
Só deu uma resmungada
E dali se retirou.

O imperante capataz
Saindo contrariado
Logo idealizou
Um plano e já destinado
À Fazenda retornar
Do seu ex-coronel cobrar
O que lhe foi denegado.

Atentos Galdino e Inês
Ficam com um pé atrás
Pois sabiam muito bem
Do que o Chico era capaz
Estavam ante de um louco
Todo cuidado era pouco
Para com o capataz.

Para algumas pessoas
O fato ficou esquecido
E para Inês e Galdino
Nada tava esclarecido
O moço Chico das Dores
Saiu cheio de rancores
Por ter sido despedido.

Com o nome do sujeito
Na Fazenda proibido
Ai quem ousasse falar
Na certa era demitido
Senhor Coronel Gusmão
Na sua jurisdição
Difamara esse bandido.

Aliás, desse episódio
Nada mais se comentava
Até parece que o vento
Para bem longe o levava
Só que pra Inês e Galdino
Desse sujeito cretino
Nada de bom se esperava.

Era alegria demais
Na vida da moça Inês
De repente tudo muda
Ela entristece outra vez
Senhor Coronel Gusmão
Faleceu do coração
Não fazia nem um mês.

A notícia logo ecoa
Quatro cantos do sertão
Mundo afora corria
O aviso de antemão
Se teve quem lamentasse
E também quem debochasse
Da morte de Seu Gusmão.

O senhor Chico das Dores
Sabendo do acontecido
Não se sentiu muito bem
Ficou até entristecido
Apesar da divergência
Teve boa convivência
Com o recém-falecido.

O capataz aguardara
Família se recompor
Pra retornar à Fazenda
O seu fingimento expor
Estava até disposto
Embora de contragosto
Em situação se dispor.

Nas sobrevindas semanas
Capataz se destinou
Pra Fazenda Cascavel
Ligeiramente marchou
Apesar do seu malfeito
Ia cobrar um direito
Que Gusmão lhe sonegou.

Na Fazenda Cascavel
De supetão apeou
Todo mundo ficou pasmo
Quando ele ali chegou
Jamais, Galdino e Inês
Pensaram vê-lo outra vez
Pelo que ele aprontou.

Operários se assustaram
Como vissem Satanás
Ficaram se questionando
Será mesmo o capataz?
Dito-cujo respondeu:
Não se assustem sou eu
Estou em missão de paz.

Galdino e Inês ficaram
Ressabiados demais
Pois aquele tom de voz
Negava as credenciais
Pois sabiam muito bem
Com quem tratavam e também
Confiar nele jamais.

Na presença de Galdino
E de sua esposa Inês
O senhor Chico das Dores
Demonstrava ser cortês
Disse-lhes: fui indecente
Convosco principalmente
Fico a cargo de vocês.

Como Galdino queria
Nesse cujo acreditar
Já sentiu foi pena dele
Queria até ajudar
Diante da condolência
Doeu-lhe na consciência
Com Inês foi conversar.

Inês ainda estava triste
Diante do acontecido
E disse para Galdino
Estás muito derretido
Não evidencie fraqueza
Com agrado não se põe mesa
Não dê ouvidos a gemido.

E ele lhe respondeu:
Veja-me quanto sou fraco
Meu coração é tão mole
Esfarela feito naco
Sou assim desde menino
Cordeiro feito um rabino
Nunca gostei de barraco.

Galdino muita atenção!
Escute-me e fique atento
Que o dito-cujo falou
Não passa de fingimento
Já conheço esse sujeito
Ele é muito do suspeito
Falar de arrependimento.

Assim responde Galdino
Você tem toda razão
Eu não posso fraquejar
Ante a filha de Gusmão
O meu coração é mole
Doce feito um rocambole
Dessa vez fica durão.

Ele logo se explicou
Pois isso não quer dizer
O que eu declarei agora
Realmente venha ser
Longe de ser um lacrau
Tampouco um lobo mau
Valor que não quero ter.

Galdino e Inês decidiram
Não dar bola ao capataz
Eles estavam cientes
Do que ele era capaz
Na Fazenda Cascavel
Seu emprestado papel
Não passou dum leva e traz.

O moço Chico das Dores
Ao saber da decisão
Não foi de fazer alarde
Diante da rejeição
Com mais ninguém comentou
E depois se retirou
Sem deixar explicação.

Inês não se convencia
Da calma do capataz
E disse para Galdino
Ainda não estamos em paz
Nós vamos ficar atentos
Tenho maus pressentimentos
Mormente desse rapaz.

O senhor Chico das Dores
Dissipou da região
Sem saber do paradeiro
Do ex-capataz de Gusmão
O suspense era total
A fofoca era geral
O homem sumiu do sertão.

Corria solto o boato
Por todos os bastidores
A pergunta era uma só
Cadê o Chico das Dores?
O enigma aumentava
Cada vez mais intrigava
Os seus admiradores.

Sumiço do capataz
Tava dando o que falar
Os simpatizantes, dele
Não sabiam onde o caçar
Nem uma pista chegava
Suspense continuava
Deixando dúvidas no ar.

Alguns amigos do Chico
Culpam Inês e Galdino
Do sumiço do capanga
Do Agreste nordestino
Pretextos sempre existiram
Por isso os atribuíram
Na condição de assassino.

Enquanto nos bastidores
O boato circulava
O ex-capataz de Gusmão
De saúde até gozava
Lá no Sítio São Tomé
Do seu primo Barnabé
Sereno ali repousava.

E por ordem do destino
Um dos admiradores
Subitamente ele cruza
Com senhor Chico das Dores
Ao vê-lo se espantou
Seu semblante já mudou
Ficando de certas cores.

E muito timidamente
Aquele admirador
Seguidamente o indaga
É você embaixador?
Ele responde ligeiro
Sou eu mesmo companheiro
Seu ex-administrador.

Qual o motivo do espanto?
Desse modo o interrogou
Aquele seu companheiro
Levemente disfarçou
Meu caro e grande amigo
Ah, que bom lhe ver eu digo!
Ainda acanhado o saudou.

Porém já faz muito tempo
A gente não se viu mais
Por onde pisou o amigo?
Que fizestes onde andais?
Já que nós nos deparamos
Ao reencontro brindamos
Tais períodos joviais.

Corre um certo zunzum
Que você virou um encanto
Nesse mundo não se vive
Foste para o campo-santo
Sem querer lhe ofender
Agora dá pra entender
Motivo do meu espanto?

O senhor Chico das Dores
Com ironia gargalhou
Indagando o companheiro
O rumor quem inventou?
Respondeu o seu amigo
A linhagem desse artigo
Não sei quem arquitetou.

Outra vez Chico das Dores
Mais um riso disparou
E que gente mais maluca
Para o seu amigo falou
Não sei se eu tinha morrido
Nem pro céu tinha subido
Agora nem sei quem sou!

Diante desse deboche
Eles caíram em risada
O ex-capataz de Gusmão
Disse: não saber nada
Perguntou para seu amigo
Eu posso contar contigo
Numa básica empreitada?

Seu amigo o questionou
Do que se trata, afinal?
E Chico lhe respondeu:
É uma causa pessoal
Faço questão que você
Esteja nesse auê
E conto com seu aval.

Para que eu lhe diga o sim
Preciso saber o quê?
Primeiramente é claro
Esclareça-me o porquê
Qual o motivo e razão
Minha participação
Lá nesse seu fuzuê?

Caro amigo Paturi
Ouça-me com atenção
Vou abrir o jogo agora
Dizer-lhe a causa e a razão
Vais entender o porquê
Precisamente você
Comigo nessa questão.

Chico das Dores cumpriu
Que havia lhe prometido
Sua versão lhe contou
O que ele tinha sofrido
Além da humilhação
Imposta pelo Gusmão
Depois que foi demitido.

O seu amigo Paturi
Porém sem contestação
Disse-lhe: conte comigo!
Pra qualquer atuação
Você sabe muito bem
Fui humilhado também
Pelo Coronel Gusmão.

E entre ambos os comparsas
Esse pacto foi selado
Só faltou marcar o dia
Para aquele combinado
Era preciso cautela
E agir na sentinela
Pra nada sair errado.

Enquanto isso na Fazenda
Do poderoso Gusmão
A harmonia era total
Entre empregado e patrão
Estavam bem satisfeitos
Por eles tinham respeitos
Não havia reclamação.

Galdino é conhecido
Pela sua gentileza
Era um homem do povo
Não escondia nobreza
Do mais humilde empregado
Ao cargo mais elevado
A mesma delicadeza.

Diante sua bondade
Inês sempre o alertara
Galdino fique atento
Dele a atenção chamara
O que ela lhe dizia
Com carinho ele ouvia
Mas não se preocupara.

A fama de bom patrão
Pelo sertão circulava
Aos olhos dos abelhudos
Seu conceito aumentava
Por ele ser boa-gente
Espontâneo e decente
Em qualquer um confiava.

E Inês mais uma vez
Com a mesma precaução
Caro Galdino me escute
Não seja tanto turrão
Não confie em todo mundo
Tem o bom e o vagabundo
A quem você estende a mão.

Ele respondeu pra Inês
Você tem toda razão
Jamais pensei ter comigo
Ao meu lado um guardião
Já que estás me pedindo
Estarei me prevenindo
Conforme orientação.

Assim Galdino cumpriu
Não sair sem proteção
Para o lugar que fosse
Lá estava seu guardião
Passo a passo vigiando
Atento e observando
Qualquer gesto do patrão.

Porém o senhor Galdino
Com aquela situação
Achara-se incomodado
Não tava gostando não
Quer de noite e quer de dia
A mesma ave-maria
Com o mesmo guardião.

Inês também percebeu
Que ele tava agoniado
E chamou seu esposo para
Diálogo reservado
Disse: - Galdino atenção!
Com a nossa posição
É preciso ter cuidado.

Ela ainda lhe disse:
Importa ficar esperto
Confiar, desconfiando
É o pensar mais decerto
Pois assim diz o ditado:
Se um olho tiver fechado
Outro tem que estar aberto!

Enquanto Inês e Galdino
Tomavam todo cuidado
Aqueles dois companheiros
Já tinham tudo traçado
A hora o dia e o mês
O alvo era a própria Inês
Do sequestro planejado.

Aqueles velhos comparsas
Já sabiam o que fazer
Com o plano já traçado
E sem tempo a perder
Pra Fazenda Cascavel
Falecido Coronel
Saem antes do alvorecer.

O senhor Chico das Dores
No mando da operação
Só pensava na vingança
À família do ex-patrão
Pois o ódio lhe dominava
E quando ele lembrava
Daquela humilhação.

Aos olhos do ex-capataz
Ali finalmente estava
A Fazenda Cascavel
Nem ele acreditava
De onde foi expulso um dia
Por vingança voltaria
Sequestrar quem ele amava.

Num instante refletiu
E consigo murmurou
No entanto, seu coração
Ligeiro o contrariou
O que estava planejado
Seria realizado
Com plano continuou.

Já próximo a fazenda
Os comparsas se amoitavam
Com os olhos bem abertos
Observando ficavam
Movimentação e horário
De todo o proletário
Que saíam e entravam.

Foi chegado o momento
Do que estava tracejado
Quando o vigia deu mole
Logo foi amordaçado
Numa fração de segundo
Aquele crime oriundo
Já estava executado.

Para o dia subsequente
A notícia se espalhou
Por todos os arredores
O que mais se comentou
O sequestro de Inês
Indagaram – E quem fez?
No ar a dúvida ficou.

Desse modo concluíram
Que foi alguém conhecido
Sabia toda rotina
Dela e de seu marido
E é dessa região
Foi essa a opinião
E fica subentendido.

Galdino não se atenta
Quem poderia ter sido
Só pensava em resgatar
Sua Inês do bandido
Mirava um comunicado
Mais um dia é passado
Nem um recado trazido.

Seguintes dias se vão
Nem uma pista assuntada
O silêncio persistia
Vai-se pela madrugada
Galdino disposto estava
Qualquer quantia pagava
Para ter a sua amada.

O pesadelo aumentara
Galdino entristecia
Impetrava a Jesus Cristo
E pra sua Mãe Maria
Ouvissem sua oração
Que tivessem compaixão
Daquela sua agonia.

Todo o seu proletário
Não sabia o que fazer
Por todos os arredores
Saíram a percorrer
Nos quatro cantos do Agreste
Ao Norte ao Centro-Oeste
Nada ficou sem rever.

Enquanto lá no covil
Presa Inês permanecia
Aos olhos do capataz
Dia e noite e noite e dia
O senhor Chico das Dores
Não dava bola aos clamores
Que ela lhe imploraria.

Ele estava doído
Rancoroso e magoado
Dizia que muito a amava
No entanto, não era amado
A vingança sussurrava
Cada vez mais liderava
Coração obcecado.

Por fim, o ex-capataz
Resolveu dar ar da graça
Chamou Inês e lhe disse:
Seja uma boa-praça
Se comporte como tal
Faça-me ser cordial
Com você sem ameaça.

Sendo assim Inês cumpriu
A ordem do capataz
Seu perfil já conhecia
De que ele era capaz
Ela assim se comportou
Fez como ele mandou
Em troca de sua paz.

Pra que tantos guarda-costas
O que me adiantou?
Galdino tinha razão
Consigo ela murmurou
Nas mãos desse assassino
Salafrário e cretino
Encarcerada cá estou.

Seus pensamentos voavam
Aos quatro cantos do Agreste
Meu marido como estar?
Sofrendo feito um peste
Ela mesma respondia
Fitando a estrela guia
No espaço azul-celeste

Aquela estrela distante
Que ela via a brilhar
Era a mesma que Galdino
Estava a contemplar
Oh, estrela radiante!
Diga-me, e neste instante
Onde Inês pode estar?

Faziam quatro semanas
Nenhum contato chegava
Na Fazenda Cascavel
O desespero aumentava
Galdino em sua aflição
Jurou de joelhos no chão
Que sua amada encontrava.

Com sua gente reunida
Ele ali desabafou
Com os olhos rasos d'água
Para seus cabras falou
Pois custe o que custar
Inês eu vou resgatar
E juro por Deus que vou.

Conivente Paturi
Notava uma agitação
Sai imediatamente
De onde estava de plantão
Completamente assustado
No covil chega afobado
Com seguinte informação.

Chico das Dores amigo
Preste-me bem atenção
A notícia que lhe trago
Não é muito boa não
Galdino tá impaciente
Agita amigo e parente
Para uma grande ação.

Melhor a gente sair
Logo daqui e bem ligeiro
Vou lhe dizer algo mais
Estou fora companheiro
Um ditado diz assim:
Quem espera tempo ruim
É pedregulho ou lajeiro.

O capataz discordou
Diante essa sugestão
Disse: caro Paturi
Preste aqui bem atenção
Você é cúmplice meu
Cabeça ao pé se envolveu
Agora é tarde amigão.

Compadre e caro amigo
Muita calma nessa hora
Pois já está decidido
Estou saindo agora
Esse caso é todo seu
Paturi lhe respondeu
Já me considero fora.

Respondeu Chico das Dores
Caro amigo digo, eu.
Como você diz assim
Que esse caso é todo meu
Você participa sim
Não queira jogar pra mim
Pois o que também é seu.

E Inês presenciava
Toda aquela discussão
O capataz não aceitara
De Paturi o seu não
A sua arma sacou
Em sua direção mirou
Deixando-lhe sem ação.

Paturi disse meu caro
Baixe a arma, por favor
Não vejo nem um motivo
Para agir assim senhor
Que você queira ou não
Já tomei a decisão
De não tomar sua dor.

O capataz não gostou
De ouvir o anunciado
E olhou para Paturi
De um jeito endiabrado
O seu ódio era tanto
Se ali descesse um santo
Seria ele fuzilado.

Porém o Chico das Dores
Contudo, quis ser cortês
E disse para Paturi
Perdão pela insensatez
Esqueça esse episódio
E já passou o meu ódio
Aperte minha mão outra vez.

O comparsa Paturi
Curvou-se ao seu pedido
Dizendo: está tudo bem!
Não estou mais ofendido
Nós estamos juntos nessa
Assim sendo ajas depressa
Pra não ser surpreendido.

No entanto, o ex-capataz
Tava mal-intencionado
E pensou: hoje dou fim
Nesse cabra que é safado
Bem na hora da comida
Aplico-lhe inseticida
Ele morre asfixiado.

Paturi deixou de ser
Para Chico uma arruaça
O tirou do seu caminho
Como se tira uma traça
E se vendo ameaçado
O capataz foi forçado
Liquidar o seu comparsa.

Pois se encerrara assim
Lá naquela sepultura
O vínculo de amizade
Dele com tal criatura
A partir desse momento
Capataz ficou atento
A qualquer ação futura.

Aos fatos sobrevivendo
Tudo Inês presenciava
E entontecida pela
Cena que testemunhava
Para Deus ela pedia
Livrá-la da tirania
Do perigo que a cercava.

Após o ato praticado
O moço Chico das Dores
Voltou-se pra Inês e disse:
Faço assim com traidores
E ninguém zomba de mim
Você sabe que sou ruim
Nunca neguei meus rancores.

Ela assim o respondeu:
Oh, meu caro capataz!
E para que tanto ódio
No seu coração rapaz?
Dê uma chance a sua vida
Cicatrize essa ferida
Que atormenta sua paz.

Ele assim a rebateu:
Minha paz você tirou
Desde que lhe conheci
Meu coração desandou
Por um afeto proibido
E jamais correspondido
Por você se apaixonou.

Você agora está aqui
Que deboche do destino
Bem diante dos meus olhos
Porém pensando em Galdino
Nada de mim lhe importa
Sou sempre urtiga-morta
Neste Agreste nordestino.

Diante declaração
Inês, então, se assustou
Aquele seu tom de voz
Em nada lhe agradou
Parecia estar disposto
Enfrentar com muito gosto
Que o destino o reservou.

O silêncio era total
O instante decisivo
O dito-cujo estava
Realmente apreensivo
Com aquela reação
Inês tem forte impressão
Daqui não sai ninguém vivo.

Galdino com sua gente
A essa altura dos fatos
Botam os pés na estrada
E sumiram feitos ratos
Entre pedras e espinhos
Sobem e descem caminhos
Iguais aos bichos nos matos.

Pista aqui a outra lá
Mais um dia que se ia
O sertão cada vez mais
Parece até que crescia
Quanto mais se aprofundava
Mais distante ele ficava
Mais padecer lhe trazia.

Debaixo de um Sol ardente
Comboio sertão afora
Galdino irrequieto
Não via chegar a hora
De resgatar sua amada
Que estava encarcerada
Nas mãos daquele caipora.

Em pausas bem vigiadas
Pouco tempo ele dormia
Mesmo estando cansado
Repousar não conseguia
Era sempre o primeiro
Acordar o companheiro
Antes do nascer do dia.

O autor dessa façanha
Galdino já imaginava
O senhor Chico das Dores
No seu crânio já soava
Outro não tinha sentido
O nome desse bandido
Cada vez mais estrondava.

Enquanto lá no refúgio
O capataz cauto estava
Sabia-se que a qualquer
Momento se deparava
Com Galdino e sua gente
Então dali para frente
Qualquer duelo enfrentava.

O moço Chico das Dores
Parecia ter razão
Já estava na hora de
Botar o pé no estradão
E não tinha mais sentido
Estar ali escondido
Esperando uma invasão.

Diante daquela cisma
Sair dali resolveu
Chamou Inês e lhe disse:
Nosso tempo aqui já deu
Eu não quero ter surpresa
Seu Galdino com certeza
Já está no encalço meu.

Inês nada questionou
Apenas lhe obedeceu
Com coração apertado
De medo ela tremeu
Murmurando diz consigo
Que Deus esteja comigo
Antes ele do que eu.

O Chico e sua refém
Dessa toca despistaram
Por entre os espinheiros
Por sertão afora andaram
E na grota do morcego
No Sítio Limão-galego
Os dois ali se amoitaram.

Como já havia previsto
Capataz se preparou
E para si mesmo disse:
Aqui eu seguro estou
Pra Galdino me achar
Terá muito a cavalgar
Bem cínico gargalhou.

Porém esse cabra estava
Completamente enganado
Galdino tinha uma pista
Onde ele tinha passado
Alguém a bem poucos dias
Avistou duas companhias
Cruzando o seu roçado.

Com essa pista valiosa
Galdino seguia em frente
Ele estava destemido
Mais ainda sua gente
O sertão tava pequeno
Não havia mais terreno
Pra o capataz insolente.

Galdino cada vez mais
Ficara, então, ansioso
Cada minuto para ele
Era muito precioso
Esse sujeito pacato
Agora era um insensato
De coração furioso.

Galdino mesmo estando
Totalmente destemido
Ainda desconfiava
Da fúria desse bandido
Contudo, se preocupava
Sabendo de quem tratava
Nada estava garantido.

Não se deixou abater
Diante da conclusão
Ele seguia as ordens
Escutando o coração
E diz: custe o que custar
Inês eu vou resgatar
Das garras desse leão.

Galdino também estava
Decidido a duelar
Sua fúria era tanta
Não via a hora chegar
O mal que o capataz fez
O bem que queria a Inês
Faria ele avançar.

Mas o capataz sabia
Que o rival e sua gente
No seu encalço já estavam
No entanto, dali pra frente
O encontro era real
Um lapso era fatal
Disso ele tava ciente.

Estava também Galdino
Ciente do que podia
Vir acontecer com ele
A qualquer hora do dia
Para ele todo cuidado
Mesmo estando preparado
Por Inês ainda temia.

No entanto, não fraquejou
Caminhou sertão afora
No rastro de sua presa
Saía feito uma caipora
E pedindo proteção
Ao santo de devoção
Também a Nossa Senhora.

E a grota do morcego
Enfim, foi localizada
Ali era o esconderijo
Onde estava a sua amada
Galdino não acreditava
De alívio até chorava
Por concluir a caçada.

Reúne ali sua tropa
E lhes falou brevemente
Disse-lhes: caros amigos!
Fiquem aqui atentamente
Asseguro-lhes e digo
O resto agora é comigo
Porém daqui para frente.

Porém ninguém concordou
Com a sua decisão
E disseram-lhes: - Galdino,
Ouça nossa opinião
Nós estamos decididos
Mesmo sendo proibidos
Vamos onde for patrão.

Galdino ficou sem jeito
E consigo resmungou
Dizendo-lhes: tudo bem!
Reintegrá-los eu vou
Porém numa condição
Não quero intervenção
Enquanto a duelar estou.

Ninguém ali se atreve
De Galdino discordar
E todos lhe responderam:
Atentos vamos ficar
Só podemos intervir
Se caso você pedir
Para a gente lhe ajudar.

Sendo assim ficou sabido
E esse acordo tratado
Ele e seus companheiros
Num gesto bem arrojado
Cercam aquele covil
Como uma cobra sutil
Golpeando invertebrado.

Ali na boca da grota
Galdino se afoitara
E desesperadamente
Por Inês ele gritara
Uma bala de repente
Foi a resposta evidente
Que o rival enviara.

Galdino ligeiramente
Feito um gato pulou
Por trás de um pedregulho
Logo se acomodou
O tiro que ali zuniu
Por sorte não lhe atingiu
Num alívio suspirou.

Diante aquele estampido
Ele não se intimidou
E muito pelo contrário
Mais furioso ficou
Assim da mesma maneira
Dali daquela pedreira
O disparo revidou.

Logo os seus companheiros
Ficaram de prontidão
Estavam só esperando
Qualquer sinal do patrão
Ninguém se manifestava
Silêncio continuava
Lá no núcleo do grotão.

Galdino soltou um berro
Insultando o capataz
Disse-lhe: - Chico das Dores
Saia da toca rapaz
Você não é tão valente
De Lampião é parente
Desafie-me se é capaz.

O capataz respondeu:
Aceito seu desafio
Quando estiver pronto diga
Oh, meu caro senhorio!
Com muita satisfação
Vou lhe dar uma lição
Seu xexelento vadio.

Galdino em cima da bucha
Desse modo o respondeu:
Essa sua valentia
Em nada amedronta eu
Uma coisa eu lhe garanto
Você vai sentir um tanto
Da força do braço meu.

Inês de dentro da grota
Ouvia-lhes com atenção
Rogava a todos os santos
Pra interferir na questão
Sabia ela muito bem
Que Galdino era ninguém
Com uma arma na mão.

De onde ela estava
Deu um grito alarmante
Parem! Com esse duelo!
Besta e insignificante
Escutem-me, por favor
Nada disso tem valor
A vida é mais importante.

Porém ninguém dá atenção
Àquele apelo seu
Eu já estou decidido
Galdino assim respondeu:
Pois fique tranquila Inês
O capataz dessa vez
Muito mal ele se deu.

Inês com essa resposta
Ficou foi mais assustada
Olhou para o céu e disse:
Meu santo, Anjo da guarda
Livrai meu amado Galdino
Das mãos desse assassino
Não lhe aconteça nada.

Com ou sem consentimento
De Inês Ferraz de Gusmão
O combate teve início
Na grota do morcegão
Galdino logo atacou
Capataz só desviou
Sua desastrosa ação.

Dito-cujo gargalhava
Daquela vil circunstância
Apenas se divertia
Com tanta deselegância
E disse para Galdino
Parece mais bailarino
Fazendo-me insinuância.

Ele assim o retrucou
Chico das Dores sujeito
Eu vou lhe mostrar quem dança
Nessa grota de trejeito
Quem aqui vai rebolar
Se apronte para bailar
Saracotear direito.

Capataz imediato
Pois assim lhe respondeu:
Foi você quem se enganou
Quando disse que sou eu
Digo que quem vai dançar
Agora eu vou lhe mostrar
Que o rebolado é só seu.

Galdino de arma na mão
Foi para cima do tal
Muito furioso ficou
Do desaforo verbal
Disse: capataz se apronte
Você vai sentir na fonte
A ponta do meu punhal.

O capataz novamente
De Galdino debochou
Com sua arma empunhada
Em busca dele avançou
Disse: você sabe orar
Pois é melhor começar
A sua hora já chegou.

Naquele momento ali
Golpeá-lo ele tentou
Galdino rapidamente
Quão um leopardo pulou
Foi um salto tão audaz
Que o valentão capataz
Quando viu se assustou.

Galdino com rapidez
Já ficou de prontidão
Disse: para o capataz
Assustou-se valentão!
Não dê bobeira comigo
Saiba que eu sou um perigo
Com uma arma na mão.

Chico logo rebateu
A afronta de Galdino
Diz: vou mostrar pra você
Quem é aqui masculino
Mostrarei também quem manda
Que é o mesmo que desmanda
Nesse Agreste nordestino.

Vamos deixar de lorota
Que a luta nem começou
Você vai saber agora
O que eu fui e o que sou
Capataz feito um leonino
Foi pra cima de Galdino
Outro golpe lhe aplicou.

Continuava atacando
Sem dó e sem compaixão
Capataz cada vez mais
Rugia feito um leão
Tão forte era seu rugido
Parecia um estampido
Estrondando no grotão.

Pra cada golpe aplicado
Galdino se defendia
Inês tremendo de medo
De novo pro Anjo pedia
Rogando-lhe proteção
Com um rosário na mão
E o duelo prosseguia.

O capataz percebia
Que Galdino já estava
Sem forças e já cansado
Nem dele mais caçoava
Sem nenhuma piedade
Com muita ferocidade
Mais golpes lhe aplicava.

Galdino sentiu cansaço
E não deu o braço a torcer
Disse: para o capataz
Melhor você se render
Decidindo se entregar
Sua vida vai poupar
Se contestar vai morrer.

Dizendo isso avançava
Pra decidir o combate
Ligeiro como um felino
E deu-lhe um xeque-mate
Golpeando fortemente
O capataz insolente
Quase ele foi ao abate.

Capataz cambaleou
Para trás e para frente
Ele estava ferido
Porém ainda consciente
Para Galdino falou
Ainda não me matou
Eu estou vivo e presente.

Com a arma empunhada
De raiva esbravejou
Dizendo: - Galdino agora
Nossa luta começou
Se prepare cavalheiro
Hoje é seu dia derradeiro
Nesse mundo que o criou.

Galdino assim lhe responde:
Oh, meu caro capataz!
Não vou deixar de existir
Mas você seu ineficaz
E se não quiser morrer
Procure se defender
E se você é capaz.

Chico das Dores gargalhou
Debochando de Galdino
Disse: mas que ousadia
Desse metido a grã-fino
Para você vou mostrar
Quem de galo vai cantar
Nesse Agreste nordestino.

Seu Galdino se prepare
Pra dar adeus ao sertão
Pra Cristo se recomende
Rezando peça perdão
Ouça o que vou lhe dizer
De você eu não vou ter
Um tico de compaixão.

Dito-cujo esbravejava
De ódio no coração
Mesmo estando ferido
E sem qualquer condição
No combate prosseguia
De raiva e dor gemia
Espumando feito um cão.

Naquele momento ali
Outra vez Inês gritou
Parem! Com esse duelo!
Valentia se provou
Todo o ódio foi dito
Desarmem-se desse atrito
Esqueçam o que passou.

Galdino ligeiramente
A sua Inês contestou
Como assim esquecer?
Muito mal ele causou
A luta assim continua
Até chegar outra lua
Magoado ainda estou.

E para surpresa dele
Capataz contrariou
Oh, meu caro não ouviu
O que ela nos implorou?
Rendo-me ao seu pedido
Por mim está concedido
Aos pés dele a arma jogou.

Galdino ficou pasmado
Diante da rendição
Até indagou-lhe o gesto
Ainda de arma na mão
Ele se sentiu humilhado
Também desmoralizado
Por aquela decisão.

O capataz respondeu:
Já me cansei dessa briga
E confesso-lhe meu caro
Chega dessa tola intriga
Pra esquecer disposto estou
Porque nada se provou
Porém só me deu fadiga.

No entanto, faço o mesmo
Não fique encabulado
Inês tem toda razão
É um duelo quadrado
Não banque o teimoso
Sinta-se vitorioso
Já me sinto derrotado.

Vamos arriar as armas
Não vale mais duelar
Eu não vejo mais sentido
Da briga continuar
Se ontem fomos inimigos
Já podemos ser amigos
Não custa a gente tentar.

Galdino lhe respondeu:
Você pode estar certo
Vou ouvir o seu apelo
Porém de olho bem aberto
Não banque o espertinho
Ou você vai rapidinho
Virar horto no deserto.

No entanto, está avisado
O recado já lhe dei
Lembre-se foi por Inês
Que, de fato, concordei
Não esqueça que sua vida
Foi por ela decidida
Por mim usaria a lei.

O dito-cujo lhe disse:
Galdino eu lhe fico grato
Também lhe peço perdão
Por lhe causar um distrato
Reconheço que fui mau
Agi feito um lacrau
Além disso sou um ingrato.

Estou muito arrependido
Digo-lhe de coração
Pode até me caçoar
E lhe dou toda razão
Porém é pura verdade
E não tem leviandade
Nessa minha afirmação.

Porém sei que é difícil
Você confiar em mim
Depois de tantas que eu
Só lhe fiz coisa-ruim
Sei que errei em excesso
Modestamente lhe peço
Uma chance mesmo assim.

Eu sei também que você
Tem um grande coração
Essa sua qualidade
Inveja qualquer patrão
Tens índole e boa-fé
Por isso que você é
Bem falado no sertão.

Eu não estou lhe pedindo
Pra você ter piedade
A decisão é só sua
Portanto, fique à vontade
Há razões pra me odiar
Compreendo e vou respeitar
Não querer minha amizade.

Galdino queria crer
No gesto do capataz
Mas ficara realmente
Muito com o pé atrás
Porque o Chico das Dores
Não tinha lá seus valores
De mentir era capaz.

No entanto, disse pra ele
Outra chance eu vou lhe dar
Aliás, preste atenção
Pra dessa vez não errar
Pois qualquer deslize seu
Para você digo eu
No xilindró vai mofar.

Porém para isso eu quero
Assine esse documento
Na presença dessa gente
E aqui nesse momento
Pra ficar testemunhado
Batido e sacramentado
O seu comprometimento.

De fato, Chico das Dores
A exigência acatou
Lá na grota do morcego
O documento assinou
E num aperto de mãos
Diante dos cidadãos
Seu testemunho selou.

A partir desse momento
Despediu-se de Galdino
Afora seguiu sem rumo
Cabisbaixo sem destino
Amargurado da vida
Saía em marcha perdida
Pelo sertão nordestino.

Sendo assim o capataz
Num retiro se isolou
O preço daquela trama
Muito alto ele pagou
Convivia capiongo
Triste feito um camundongo
Do feito que praticou.

Enquanto isso na fazenda
A famosa Cascavel
Uma festança era dada
Num bonito coquetel
Três dias rolou o festão
Forro, xaxado e baião
Bebes, comes a granel.

Todos estavam contentes
Com a volta dos patrões
Vivas, aplausos e abraços
Entre inúmeros peões
Num céu todo estrelado
Num ressoo musicado
Ecoavam os foguetões.

E felizes para sempre
Enfim, Inês e Galdino
Por um longo e bom período
No Agreste nordestino
Viveram eternamente
Com toda a sua gente
Sob as bênçãos do divino.

Mesmo persistindo luta
Entre o mal e o bem
Não há vitória do mal
Diz a história além
Estar, porém, comprovado
Só o amor constrói, amém!

FIM

Carta ao Planeta

Guaratiba – Rio de Janeiro, 19 de abril 2020

Senhor Planeta perdão
Pela culpa que carrego
Por poluir toda a Terra
E ainda inflar meu ego
Durmo e acordo tranquilo
Sempre cada vez mais cego.

Mil perdões por te fazer
Duma lixeira gigante
No entanto, achar que sou
Um ser de mente brilhante
Desculpa, perdão por isso,
Porque sou um arrogante.

Perdão por disseminar
Mentiras e falsidades
Eu descobri tudo o quanto
Gozando das liberdades
Mas encontrei no humano
Um pacote de maldades.

Não há segredo que faça
Me livrar do crime insano
Do devastar a Floresta
Nem poluir do Oceano
Peço clemência ao pedir
Direito a viver de engano.

Desviai-me do orgulho
Livrai-me da ambição
Me permita novo ser
Despistai a ingratidão
Porque é disto que vivo
Sem país e sem Nação.

Eu teimo em te esquecer
Como palco do destino
Como quem dá em certeza
Correto caminho e tino
Seja brasileiro nato
Galileu ou palestino.

Nos astros jogo poeira
Que lhes disfarça a beleza
Na Terra mato sem pena
Com crueldade e rudeza
Eu ainda não sei como
Desfruto desta riqueza.

Não há lugares em q'ue
Tenha lá posto meu dedo
Porém não encontro pares
Para ousar em segredo
No desejo de ser primeiro
Mesmo o fim, não causa medo.

Não causa medo, respeito
Meu modo rude de agir
Apostando em tudo bem
Lá vou no Mundo a fingir
Que sou dono da verdade
Não permito divergir.

Eu implantei ditaduras
Dizendo que era o bem
Inspirei a inquisição
A guerra insana também
Do luxo criei o lixo
Para pisar mais alguém.

De posse a sabedoria
Faltou destreza, bom senso
Até mesmo a temperança
Que chamei de contrassenso
Para meus atos malignos
A caridade eu dispenso.

Oh, meu sagrado Planeta,
Q'ue descubra o equilíbrio
Antes que chegue meu fim
Que me resplandeça o brio
Que mesmo a morte sem dor
Não me gere um ser tão frio.

Matei os teus animais
Pra fazer da pele roupa
Escavei gigantes minas
Fazer brilhar quem não poupa
Ou mesmo quem desconhece
O teor dum prato de sopa.

Não há nada especial
Nessa sangrenta atitude
Pois se escapamos criança
Morremos na juventude
Ou mesmo a velhice tosca
Não será de concretude.

Na tua vida de escola
Eu não me dei às lições
Eu mergulhei os olhares
Fui imerso em ilações
Um bravateiro maior
Sob inúmeras condições.

Não me preparei pra ser
Mediador do progresso
Grotesco quanto espinho
Neguei rever o processo
E hoje aos teus pés me vejo
Uma vítima do excesso.

Sou vítima da violência
Por me negar ao mistério
Desconhecer sua cátedra
Que te deu o magistério
Pois entregar-se à humildade
Deve ser ato mais sério.

O teu útero eu ultrajei
Quando pus os pesticidas
Para fazer produzir
Foras as formas comedidas
Te negando às gestações
Ao Mundo, em sadias vidas.

Não acolhi com carinho
No tempo, tua mensagem,
Preferi em desacordo
Viver a lei da vantagem
Multiplicar sem razões
Numa arriscada coragem.

Fiz a leitura de forma
A meu ego favorecer
Transformei astros em peças
Fazendo o Mundo entender
Que a concretude da estrada
É ao sábio compreender.

Quis eu demonstrar talento
Sendo o astro principal
Por conseguinte descubro
De forma descomunal
Em tudo ter me tornado
Humano irracional.

Eu tropecei na soberba
Do humano convencido
Dele nasceria o rumo
Do Mundo comprometido
Mas o progresso mesquinho
Fez com prazer iludido.

Em cartas e juramentos
O Homem brincou de Deus
Transformou o conteúdo
De loucos, ébrios, plebeus...
Em manuais de ensaios
E testamentos de ateus.

Mergulhou na escuridão
De como fazer dinheiro
E negando o fim natural
Esquece ser um grosseiro
Perdeu sua boa chance
De um ser alvissareiro.

Tamanha a velocidade
Os sinais foram quebrados
Barreiras foram vencidas
Princípios ultrapassados
Quando os sensatos se forem
Saberes serão calados.

O Mundo plano ou redondo
Isso a mim não preocupa
Venho rogar ao Planeta
Uma leitura com lupa
Para q'ue não erre mais
Tenha que assumir a culpa.

Não se trata de jogar
O fogo do meu mal feito
Em alguém que não merece
Pois que viveu sem defeito
Mas de unir mentes sãs
Para viver d'outro jeito.

Nem sempre quando se pensa
Amamos corretamente
É assim que hoje venho
Gritar de forma inclemente
Grifar em todas as falas
A dor que o Planeta sente.

Não vou pedir confiança
Pois este laço quebrei
Recebemos todos nós
Planeta com Vida e Lei
A corrente foi tomada
Da ferrugem que gerei.

Venho apresentar aqui
Minha própria acusação
Mas não há como negar
Ao Homem desta Nação
De pagar por este crime
Sequência de imperfeição.

Não encontro perfeição
Na minha prática de ser
Envergonhado me entrego
Sem poder me defender
Não posso te pedir chance
Sabendo desmerecer.

Encerro como avisei
No começo da escritura
Que tudo o que propaguei
Seja a verdade mais pura
Nesse mergulho profundo
HONORATO atesta e apura.

Severino Honorato

Biografia resumida

Sou Severino Honorato – nascido no sítio Cipoal de Utinga, a 26 de fevereiro de 1963, sendo registrado 17 anos depois, como se tivesse nascido em 29 do mesmo ano, meio a Caatinga, do município de Mulungu – PB, Nordeste do Brasil.

Filho do seu Manoel Antônio Honorato e de dona Maria Luzia da Conceição, tendo chegado ao mundo pelas graças da mãe Natureza, com a colaboração de Severina Valdivino, parteira atuante na região, levado à pia batismal com o nome de Severino Manoel Honorato. Filho, neto, irmão, sobrinho, tio, pai de filhos e filhas que ama muito; e amigo acima de tudo.

Fez-se, por excelência da vida, agente social, defensor da Natureza, da Justiça, e da interação humana entre seres, por amor à Vida. Por isso tem como lema: "Salve a Natureza – Inclusive o Ser Humano".

Radicado no Rio de Janeiro desde 1984, onde trabalhou desde a Construção Civil ao comércio com livros e Cultura. Atua como oficineiro de Literatura de Cordel desde 1987 servindo aos mais variados segmentos culturais, sociais e educacionais da Sociedade, entre eles, os preferidos, as escolas e universidades. Tornou-se editor pela RPC Editora, colunista do Jornal Abaixo-Assinado.

Agente Cultural com formação em extensão pela Universidade Federal Fluminense – UFF, em 2009. Fez, ao longo de 2018, um quadro diário na rádio Roquete Pinto FM 94. Está entre os fundadores da Caravana do Cordel, movimento de fortalecimento e fruição do Cordel brasileiro, cuja paternidade atribuímos a Leandro Gomes de Barros.

Obras publicadas em cordel:

Salve a Natureza – Inclusive o Ser Humano: I, II e III; Dia das Mães I e II; Dia dos Pais; Mulungu; A Infância de Jesus; O Casamento da Chuva; A Morte de Marielle Franco – ou o crime contra a justiça – 100 dias depois; Na Feira de Mangaio – parceria com Chico Mulungu; História da Vida de Santo Antônio; João das Cores – cuidando da alimentação; Igualdade de Gênero – como vejo?; Racismo, Preconceito e Bullyng – cabem na lata do lixo; Debatendo o Racismo e o Preconceito; A Invenção do Amor; O Livro e o Texto; A Peleja de Jitirana e Catingueira; Retrato Falado do Amor; Educandário Menino Deus; Severino de Maria; Meu Nordeste pra Você; Estatuto Brasileiro do Idoso; Os Benefícios da Amamentação Humana; 3) Anos da Constituição – cidadã do Brasil; Folclore – Literatura Brasileira de Cordel; Os Elementos da Natureza; Brumadinho – Descaso, Tragédia, Crimes… Hoje; Sustentabilidade; A Tragédia de Brumadinho sob o olhar dos poetas – Coletânea; Cordel da Casa Ser Cidadão; O Ninho em Chamas – Flamengo Chamuscado.

Contatos:

Severino Honorato – Facebook

Correio eletrônico: ds.honorato1@gmail.com

Telefone/WhatsApp.: 21 9 6938-5444

Amil
PLANTÃO DE VENDAS
MED MAIS
(84) 3201-1030
ALMOÇO
ALMOÇO 4,50
GOPE

Crônicas

APENAS UM TEXTO

Ah menina. Não precisa e não tem que fazer nada.
Você usou de toda sinceridade comigo. Que mais posso querer de você senão isso.
O tempo irá encarregar-se de mim, fique tranquila.
Você não tem culpa de nada, eu de nada culpa tenho, o que está ocorrendo são estas situações que a vida nos prega sem termos tido o objetivo de fazer isto acontecer.
Eu estava procurando algo diferente do que você quer, você procurando algo diferente do que quero. Mas por alguma razão nos "encontramos". Compreendo-te de "A a Z".
Não se preocupe, não sou mais adolescente, apesar de que é o que me sinto depois deste "encontro". Assim é a vida.
Eu não QUERO te deixar, mas eu PRECISO te deixar por mim, por ti por nós.
São os caminhos que não planejamos, mas temos que trilhar. Não sendo trágico, espero que minha vida não se alongue por muito tempo, pois estou num tempo errado. Apenas isto.
Esperava poder vê-la. Apenas para vê-la nada, além disso. Se te gosto a culpa é minha.
Você foi e é sincera, estou sendo sincero também.
Se não é para ser, fazer o que?
Que o sol que me ilumina, busque teu brilho para iluminar o mundo.
Cuida-Te.
Cuido-Me.

arnor milton

ALÔ MINHA AMIGA, ALÔ

Alô minha amiga, alô, como você está? Não mais conseguimos nos encontrar Quanto tempo distante quantos caminhos desconcertantes

Não conseguimos nem mesmo mais falar, diremos que é falta de tempo, que nem mais vamos a algum evento

Alô minha amiga, alô

Às vezes sinto sua presença mesmo nesta longa ausência Gostaria de estar sentado ao seu lado agora, em alguma calçada deste mundo afora jogando conversa fora.

Trocando conversas mil, olhando o céu enluarado, sentido o vento gelado Alô minha amiga, alô

Será que de fato não nos veremos mais, será que nossos caminhos não cruzarão jamais?

Tudo neste mundo piora os tempos não são como outrora, ficávamos horas e horas sem ter muitas preocupações, íamos até o romper da aurora. Torcíamos para aparecer uma cadente, um pedido em nossas mentes fazíamos os mesmos pedidos e nunca fomos ouvidos

Alô minha amiga, alô

Agora posso dizer que cheguei me arrepender de não ter pedido você Talvez assim como eu, talvez você se arrependeu também, mas naquela idade era tão bela nossa amizade e seja lá como for achávamos que não era amor

Alô minha amiga, alô

Lembro seus cabelos ao vento, a silhueta tua a sombra feita pela clara lua, brincávamos sempre contentes éramos dois adolescentes não pensávamos naqueles "agoras", tudo era "lá na frente"

Esta "frente" é agora e meu coração quase chora, não dá para voltar mais, quanto tempo já faz?

Alô minha amiga, alô

Será por onde você anda, tem a mim ainda na lembrança? Tem ainda a esperança de um dia encontrar-me? Seria assim como antes naqueles tempos distantes, tanta cumplicidade de uma verdadeira amizade, penso aqui e dá saudades e dá vontade de chorar Alô minha amiga, alô

Estou já de cabelos brancos, sinto-me bem e, no entanto, o ontem teima em voltar, bem poderia ser diferente e eu voltar para lá. Eu sou muito agradecido por ter te conhecido e continuo sentido por nossos caminhos se separar, nada tem a ver com paixão só nosso jeito de gostar Alô minha amiga, alô

Se eu me for de repente a não há encontrar novamente, e você vier saber, não deixe lágrimas correr lembre-se da amizade sincera era tão sorrir somente, lembre e fique não há o que lamentar, só vou ficar contrariado por um abraço não lhe dar.

Tudo valeu a pena, não era o seu menino nem você minha pequena Hoje tudo passado eu entendo e conformado por não termos conseguidos estar um pouco mais aproximados e nossas amizades permanecidas quanta falta minha amiga

Alô minha amiga, alô

Com você ainda estou, e você anda levo dentro do coração, que sabe em outra dimensão nós voltamos a nos encontrar, e o tempo aqui perdido quem sabe recuperar

Adeus minha amiga, adeus se não puder mais te encontrar

arnor milton

Verdade Gambiarra

Nunca vou me conformar com a meia verdade, a verdade gambiarra, com essa mania de muitas pessoas que optam só pela "verdade" que lhes favorece. Estou meio chateado e meio revoltado com a nossa sociedade, uma sociedade mofina, conivente com o absurdo, uma sociedade incapaz de exigir seriedade e competência. Uma sociedade de araque;

Apenas para registrar minha desilusão com a sociedade que prefere a verdade gambiarra vou transcrever um poema de Drummond (Verdade): A porta da verdade estava aberta/ mas só deixava passar/ meia pessoa de cada vez.// Assim não era possível atingir toda a verdade,/ porque a meia pessoa que entrava/ só trazia o perfil de meia verdade.// E a sua segunda metade/ Voltava igualmente com meio perfil./ E os meios perfis não coincidiam// Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta/ cegaram ao lugar luminoso/ onde a verdade esplendia seus fogos. / Era dívida em metades, / diferentes uma da outra.//Chegou-se a discutir qual a metade mais bela,/ Mas carecia optar. Cada um optou conforme/ seu capricho, sua ilusão, sua miopia». BINGO. Inté.

Dartagnan Ferraz

Sentido da Vida

PENSO que não dá mais para nutrir qualquer tipo de esperança em relação a disposição do governo no tocante à tarefa prioritária da vacinação em massa do povo brasileiro. É púbico e notório a má vontade desse governo tabajara,a desfaçatez é clara, coloca obstáculos propositadamente, o presidente chega a dizer que não dá bola pro assunto, e ontem chegou a afirmar que que são os laboratórios que precisam procurar os compradores da vacinas. Sinceramente, o povo brasileiro não merecia um governo tão cruel e irresponsável.

Mas deixemos esse governo tabajara de lado e façamos nossa parte. Sim, é hora do povo brasileiro, independente de suas posições políticas e ideológicas ou de quaisquer espécies e também das nossas próprias limitações, exigir a vacinação imediata. Como está acontecendo em vários países.

A vida é o nosso bem mais precioso. Não podemos deixar de preservá-la. A vida tem um sentido: viver com dignidade. O sentido da vida é esse, não podemos desperdiçar a vida por causa de um governo irresponsável, cruel e que só dá maus exemplos.

Que fique claro, sem o clamor do povo ficaremos sem as vacinas. A hora é de se exigir a vacinação. Viva a Vida. Inté.

Dartagnan Ferraz

Pensamento e Vida

ESTAMOS em meio a uma travessia. Não digo que já estamos à beira de um precipício porque ainda acredito nas vacinas e na consciência das pessoas. Não, não aceito que entreguemos os pontos e aceitamos de modo passivo e omissos o negacionismo e irresponsabilidade, além das provocações desse governo fascista, medíocre, tosco e nefasto.

Tudo bem, estamos, por força das circunstâncias, da pandemia e do governo nota zero, limitados e isolados, sem condições de fazer grandes manifestações. Não, não podemos ir às ruas.

Mas se estamos limitados, não deixamos de pensar e nem de agir. Podemos fazer do pensamento uma arma. A arma da conscientização. Não com fake news como faz o gabinete do ódio, mas dizendo a verdade. Nada ilumina tanto quanto a verdade. A verdade é o sal da terra. E somada a coragem e cidadania é capaz de derrubar muros de ódio. É capaz de vencer quaisquer obstáculos.

Vou ficando por aqui neste domingo desejando coragem, saúde e coragem cívica a todos e citando uma frase de Viana Moog:

"A vida pertence aos que sabem unir o pensamento à ação". BINGO. Inté.

Dartagnan Ferraz

Emecê Garcia é poeta, contista, filósofo, professor formado em Letras e pós-graduado em Literatura Brasileira pela UFRN.

O CANTO DO GALO NO GALO

Entre o cantar do galo e os primeiros raios do sol, como num sonho interminável, anuncio a alvorada de cada dia. São as minhas latas que despertam o povo do Galo; e todos me agradecem por matar a sua sede?...

Isso é hora menino! Nem ouvi o galo ainda. E o sol?

Sou o galo e o sol desse povarejo, Dona Leonir.

Menino danado! Queria ter um filho assim.

Me chama de Ozo. Uma mania da nossa gente que vive de barriga cheia de palavras? Estão sempre a diminuir o nome; encurtam o nome, mas falam mais que o homem da cobra; ela não suporta me chamar Ozodyrak; é sempre Ozo. José é Zé; Manoel, Mané. E aí vai. É Ozo prá lá, Ozo prá cá. E as minhas canelas finas de sibite a subir e a descer ladeira. É o pote de dona Leonir; a quartinha de dona Marifele; a jarra de dona Lebasir; o panelão da minha mãe. E este é o fortificante para eu ficar parrudo; e ir pro Exército ser homem; o desejo maior do meu pai.

Ainda muito pequeno
Assumi obrigação
Assim como gente grande
Que eleva a nação
Botava água pro povo
Eu, moleque muito novo
Já batia o meu cartão.

Do Livro de Emecê Garcia - O ESPECIALÍSSIMO (As Reminiscências Oníricas de Ozodyrak Narum) – Cap. 03 – Editora MMO Graf – Natal/RN – 2012.

O QUE REVELAM TEXTOS ACADÊMICOS

Na minha rotina acadêmica lia (e ainda leio) muitos trabalhos de estudantes, especialmente os de conclusão de curso. Pois bem, a análise nesses casos deve ser rigorosa, ou seja, deve-se buscar neles a consistência lógica dos argumentos teóricos, a coerência textual e a objetividade que caracteriza o texto de ciência. Por certo, também se deve observar as regras da língua culta, o uso correto de expressões, artigos, conjunções e advérbios, haja vista que esses elementos, quando não usados corretamente, interferem na coesão do texto.

Neste sentido costumo usar técnicas, na verdade, formulação de perguntas (aprendidas com um professor de Filosofia por ocasião do meu mestrado) que contribuem para esclarecer o que, de fato, o autor quer dizer a partir dos argumentos usados para defender sua tese.

Logo na Introdução dos trabalhos, geralmente me surpreendo com a dificuldade em ligar a redação da pergunta à escolha do objetivo, assim como com a dissociação entre o objetivo geral e os específicos, estes nem sempre necessários, mas, quando a profundidade da pesquisa sugere, cada um destes deve corresponder às estratégias operacionais para o alcance do objetivo principal, qual seja, encontrar a resposta para o questionamento que conduz a pesquisa.

Avançando nas seções seguinte, vamos tendo a convicção de que, realmente, será necessário (re)orientar o autor do texto a se encontrar com sua pergunta e entender melhor seu referencial para dialogar com os autores, para que possa construir, de fato, argumentos que deem sustentação as suas análises e considerações finais.

É muito mais comum do que gostaria, fazer a seguinte indagação: de que fala o autor? Que argumentos ele defende? Falta encadeamento lógico das ideias e diálogo com os autores que escolheu para fundamentar o tema. Há muitas citações cujos parágrafos anteriores e posteriores estão completamente dissociados do assunto tratado, o que costumo chamar de “colcha de retalhos com acabamento ruim”.

Constantemente me vem o questionamento: a que se deve essa dificuldade dos alunos de escrever sobre um tema que eles escolheram? Há quem diga que são limitações metodológicas. No entanto, tenho a impressão de que não é um problema de técnica, mas de fragilidade no processo de construção do conhecimento. Lê-se pouco, interpreta-se menos ainda, dialoga-se pouco com as leituras e se faz pouco exercício de crítica ao conhecimento produzido. Como consequência, escreve-se pouco, porque a maioria de nossos alunos não foi estimulada e orientada a produzir. Faço uma observação: nós professores contribuímos para ampliar esse comodismo quando recomendamos o uso de apostilas e as deixamos disponíveis nos escaninhos das cópias, o que, sem dúvida, os induz a acostumarem-se com xerox, não com produção original. Acho que o excesso de textos em fragmentos pode contribuir para não seguir o fio da meada do conhecimento necessário sobre determinado tema ou assunto.

Muitas vezes fui testemunha de alunos que reclamavam da quantidade de textos que tinham que ler e, curiosa, perguntava: você sabe o que vai fazer com o resultado dessas leituras? A maioria das respostas apontava para o fato de o aluno não ter recebido a orientação sobre o objetivo das referências sugeridas, daí, limitarem-se a adquiri-las e fazer a dita leitura para a próxima aula.

Em síntese, se na nossa vida escolar fomos orientados apenas a ler sem questionar, sem orientações sobre o que tínhamos que buscar entender ou discordar, como aprendermos a fazer questionamentos e buscar respostas? Acredito que a lógica para esta superação será a de ensinar os nossos alunos a fazerem perguntas a partir do conhecimento acumulado, incentivá-los a ampliar a curiosidade sobre determinado assunto, orientá-los quanto à pesquisa teórica, e assim incentivar a produção acadêmica.

Quero concluir que esta minha inquietude advinda do convívio com alunos de graduação e de pós tem, reconhecidamente, origem na deficiente formação da educação básica, notadamente no ensino fundamental, onde deve se dar o alicerce, a apreensão de conhecimentos basilares para o desenvolvimento intelectual. Faltam incentivos para que os professores possam se dedicar a atualizar-se em seus conhecimentos e práticas pedagógicas, assim como são poucos os investimentos em bibliotecas e equipamentos tecnológicos que potencializam o ensino e a aprendizagem para uma sociedade em constantes transformações, cujo item de maior demanda é o conhecimento.

Está na hora dos educadores, gestores de políticas educacionais e a sociedade saírem do discurso e colocarem em prática ações efetivas para uma educação de qualidade, básica e superior, lembrando todos que a educação é um bem público, um direito social.

Ieda Freitas

O MEU PENSAR ...

Ieda Freitas

Achava eu que o meu pensar era leve como uma pluma, mas aos poucos

fui descobrindo que ele apenas flutua em um mar de incertezas.

(Iêda Chaves Freitas)

Certo dia conversando com amigos sobre vários temas do cotidiano, ouvi uma frase que dias depois me fez refletir. Dentre os assuntos que vieram à tona estava a política atual – e os seus meios esdrúxulos de administrá-la –, a literatura em época de leitura virtual, a educação na modalidade de oferta remota e, naturalmente, os diferentes alcances das tecnologias e os aspectos mutantes da sociedade no contexto da modernidade.

Nessa conversa, em determinado momento, um dos interlocutores opinando sobre um dos assuntos em pauta, disse assim: "É o meu pensar". Na hora apenas ponderei com um ponto de vista, assim como os demais colegas, que seguiram cada um com o seu modo de enxergar a situação em foco.

Alguns dias depois, fiz-me a seguinte indagação: – o que diz "o meu pensar" sobre algumas inquietações que insistem em querer me apontar a possibilidade de eu repensá-las? Lembrei-me, talvez orientada por alguma leitura recente, que quando se emite uma opinião, o fazemos a partir do conhecimento que se tem sobre aquele assunto.

Como sou curiosa e, para não ficar apenas no nível dos devaneios, resolvi fazer algumas leituras sobre os temas que tem me causado inquietações, haja vista as diferentes interpretações como são abordados. Portanto, para que me sinta mais segura no atual meio social, ponderei que seria oportuno relembrar teorias ou conceitos aprendidos, que podem ter sido modificados com as mudanças nesta sociedade do conhecimento e da informação.

Como de praxe, escrevi as perguntas para as quais queria obter respostas "ao meu pensar". Neste sentido, quis testar a minha capacidade de julgar, conceber ou deduzir, sobre o que, notadamente, em relação aos temas específicos, possa estar cometendo erros na escolha do agir ou no de expressar.

E assim, essa busca por explicações, para alguns aspectos do meu pensar ganhou perspectivas relevantes, melhores do que pensei inicialmente, quando apenas vislumbrei descortinar conhecimentos sobre temas corriqueiros, mas que sobre eles posso ter verbalizado opiniões de modo equivocado. Essa minha inquietação tem a ver, também, com o fato de que, cada vez mais me convenço ser indispensável praticar o que se diz, e esta é uma marca que tento fortalecer.

Confesso que o exercício foi mais difícil do que eu pensava, pois quando nos sentimos incomodados com alguma coisa é porque há razões para procurar ajustes, não só no conhecimento, mas em relação a mudança de postura, e sair da zona de conforto não é uma tarefa fácil.

Pois bem, nessa aventura fui descobrindo que, o que eu sabia sobre um determinado tema, não tinha mais como eu sustentar numa hipótese ou conjectura, pois o contexto se encarregou de mudar os conceitos que havia aprendido e, nesse sentido, minhas opiniões seriam mesmo na base do "eu acho", ou seja, não importa ou não tem valor para quem detém conhecimentos atualizados e válidos sobre o assunto.

Com o avançar das respostas aos meus questionamentos iniciais fui descobrindo outras questões que me incomodavam, e eu ainda não havia me dado conta. Algumas delas são assuntos do cotidiano, sobre os quais não quero que comentários ignorantes possam interferir na minha imagem, posto que ainda tenho e desejo contribuir com a sociedade, pois, sou uma educadora.

Há dimensões socioculturais que não tem um único conceito ou base de sustentação teórica, ou de acordo com o que aprendi há tempos. No atual contexto de um "mundo líquido"[1] algumas das minhas concepções de vida

e de sociedade já não mais convergem. No entanto, como disse Platão, “a vida é para ser questionada se não for, não merece ser vivida”.

E assim continuei com minhas indagações filosóficas, questionadoras, em busca de reaprender novos conceitos e buscar compreender as concepções atuais sobre as quais moldam-se alguns temas, como educação, política e economia, já que fazem parte do complexo tecido social que constrói e reconstrói o comportamento da sociedade.

O que enfim descobri, com essa imersão na perspectiva de atualização do saber, foi que vivemos em mundo cada dia mais complexo, posto que muda de forma rápida e imprevisível, de modo que será preciso um constante repensar, com base nas diferentes concepções teóricas e nas diversas áreas do conhecimento, para que, no mínimo, tenha-se uma compreensão se não, necessariamente, harmônica, pelo menos possa permitir um bom diálogo.

1 Conceito apresentado por Zygmunt Bauman.

Biografia

IÊDA Maria Araújo CHAVES FREITAS é economista, mestre em Administração e doutora em Engenharia de Produção. Professora (aposentada) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). É avaliadora do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Foi secretária Municipal de Educação de Mossoró/RN (2009-2015) e acumulou a função de gerente executiva de Esporte e Lazer (2011-2012). Integrou e presidiu o Conselho Municipal de Educação (CME) do município de Mossoró/RN e foi membro (suplente) do Conselho Estadual de Educação do Estado do Rio Grande do Norte (CEE/RN).

Foi conselheira em Conselhos Superiores de três Instituições de Ensino Superior e parecerista de Revistas Científicas. É autora do livro Avaliação da Educação Superior (Ed. Insular/1997), do Manual de Orientações para Elaboração de Projetos e Monografia (1999), do livro de crônicas “Nas Entrelinhas da Vida” (Sarau das Letras, 2020). Tem artigos e capítulos de livros publicados em anais e revistas científicas. Escreve em Antologias e no espaço jornalista Martins de Vasconcelos, no Jornal de Fato- Mossoró-RN. Integra a Confraria Café & Poesia – Mossoró-RN. É coautora no livro Verso e Prosa – Poesia na Escola, publicado pela Editora Palavra é Arte (2020).

Associada do Rotary Clube Florianópolis- Trindade, no qual exerce a função de diretora de Protocolo e eleita Presidente para o Ano Rotário - 2023-2024.

Reside em Florianópolis/SC.

Currículo mais resumido.

Iêda Maria Araújo **Chaves Freitas,** natural de Portalegre – RN, é professora (aposentada) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Economista, mestre em Administração e doutora em Engenharia de Produção. Tem artigos e livros publicados, sendo um livro de Crônicas “Nas Entrelinhas da Vida” (Sarau das Letras, 2020); escreve para Antologias e é coautora no livro Verso e Prosa – Poesia na escola (Editora Palavra é Arte, 2020). Reside em Florianópolis -SC.

“RESPEITO AO PROFESSOR – EU APOIO”

Pelas redes sociais, tomei conhecimento de um movimento denominado “Operação Respeito ao Professor - Eu apoio”[1], originalmente organizado pelo Sindicato dos Trabalhadores em Educação (SINDIUPES), com o objetivo de “despertar nas pessoas que a educação é um dos principais pilares da vida”. A campanha ressurge a cada novo episódio no ambiente escolar ou contexto educativo.[2]

Tudo bem, eu apoio, sou professora. No entanto, inquieta-me saber: qual (is) motivo(s) de uma campanha para valorizar e respeitar essa profissão? Obviamente, lembrei-me de uma constatação clichê, a de que o professor é imprescindível para a formação das demais profissões, e, talvez por isso, mereça uma sistemática campanha em nível nacional.

Quero crer que não foi a estatística sobre o analfabetismo no Brasil nem sobre as pessoas sem formação ou desempregadas, e nem tampouco o número de alunos indisciplinados que deu origem a ideia desse movimento. Imagino que a conveniência dos professores em proporem a campanha clamando por respeito tem a ver com o eco que deve vir da sociedade, atrelado a outras insatisfações com as políticas educacionais e sociais.

Mas minha indignação se dá pelo fato de, logo nestes tempos da “Sociedade do Conhecimento”, ainda assim ser preciso deflagrar uma “operação” para clamar o respeito da sociedade para o profissional que tem a função de gerar o saber, de estimular a curiosidade, de orientar como fazer leituras, teóricas e de mundo, pelas lentes do conhecimento, e que se inicia no processo de alfabetização e letramento.

É fato que tem sido recorrente a divulgação nos meios de comunicação de muitos atos que têm causado desencanto com a profissão, como violência no ambiente e no exercício da docência, inclusive o desrespeito verbal e as agressões físicas as (aos) professoras(es), além de outros incidentes que provocam traumas ou sequelas, a exemplo da depressão e da falta de entusiasmo para continuar a dar aulas e desenvolver as demais atividades pedagógicas essenciais no processo de ensino e de aprendizagem.

Há outros motivos no contexto da educação brasileira, sendo o mais sério a baixa qualidade do ensino quando avaliado por sistemas nacionais e internacionais, a exemplo dos resultados apontados pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) na Educação Básica, e do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade), na Educação Superior.

Com base nessa realidade, ao longo das últimas décadas foram implementadas políticas e programas, o que não tem sido suficiente para provocar melhoria nos processos de ensinar e aprender e, consequentemente, no desempenho dos estudantes.

Vale salientar que para ampliar essa teia de descontentamentos, outras questões têm sido postas em discussão e análise, desde o sucateamento das escolas, notadamente as da esfera pública, com isso afetando as condições de trabalho dos professores e espaços de aprendizagens dos alunos; do desinteresse em aprender por parte dos alunos. Acrescenta-se a tudo isso a “desvalorização” salarial, mesmo que esteja em vigor, desde o ano de 2009 a “Lei do Piso Salarial Nacional dos Profissionais do Magistério Público da Educação Básica”.

Na verdade, há um conjunto de fatores que não podem ficar de fora da discussão quanto à qualidade do ensino: o papel da escola, dos pais, da sociedade e do compromisso político-social dos professores para a formação cidadã. Nessa profissão há que se manter o interesse contínuo por qualificação e atualização de métodos e técnicas de ensino e pesquisa, para a busca sistemática da produção e transmissão do conhecimento e, especialmente, do envolvimento com os seus alunos, uma função a mais do professor excelente, como deve ser.

Há que se descortinar a influência do ambiente doméstico no processo educativo. Refiro-me, entre outras coisas, a “falta” de tempo dos pais em acompanhar as tarefas escolares dos filhos, incentivá-los à leitura e à participação sistemática em atividades culturais e esportivas, ou seja, práticas que auxiliam no processo de desenvolvimento motor, intelectual e de interação social.

Perdeu-se, no seio familiar, a responsabilidade pela formação de valores que, firmados no ambiente escolar, contribuem para o desenvolvimento de virtudes que moldam o caráter e a personalidade de um ser humano, tornando-o uma pessoa respeitosa em todas as etapas de sua vida e de contextos sociais, isto é, **ensinando-o** desde a infância a conhecer seus deveres e direitos como cidadãos.

Entendo que ainda deve ser atual, e não coisa do passado, os pais, as famílias orientarem seus filhos sobre normas de bons costumes, respeito e educação, pois estas não são tarefas da escola, e sim são deveres que se aprende e se pratica no primeiro e mais importante lugar que se habita, nosso lar, antes de a criança frequentar a escola e aprender lições na rua.

Os pais precisam aprender, e neste caso, talvez seja oportuno até voltarem para a escola, para não esquecerem seus deveres a responsabilidade por seus filhos. Cabe-lhes provê-los de afeto, autoridade moral e respeito, impondo-lhes os limites que a vida e o mundo irão impor de outra maneira.

Acrescenta-se a influência dominadora do uso das tecnologias digitais, dispostas nas mãos e de frente para os olhos, fixando na mente das crianças, ainda na tenra idade, imagens e sons, muitos deles desprovidos de conteúdo, mas que está despertando falta de interesse por outras atividades educativas, lúdicas e esportivas, desperdiçando o uso do tempo e desestimulando outras formas de aprendizagens significativas.

Essa rotina do uso preferencial das tecnologias digitais, substituindo as leituras e os diálogos, tem se tornado hábito, não apenas para as crianças e jovens, mas para os adultos também, e assim tem se perdido o rumo e o significado do papel de cada ente no conjunto da sociedade. Nesse contexto, transfere-se responsabilidade e dispersam-se os compromissos dos pais, dos professores, das autoridades e, por consequência, da sociedade.

Há que se fazer uma profunda reflexão e encontrar soluções ágeis e viáveis, para o grande caos que está se formando nesta sociedade moderna, com avanços espetaculares no desenvolvimento científico e tecnológico, nas tecnologias da informação e do conhecimento e nas inteligências emocional e artificial. Trazendo a realidade para o Brasil, indicadores têm apontado o crescimento dos desequilíbrios socioeconômico, político e cultural, cujos resultados afetam sobremaneira o comportamento da sociedade, com impactos significativos, especialmente na vida dos jovens.

Tenho dificuldades para aceitar a "normalidade" com a qual se trata todas as formas de desrespeito que há na sociedade, não apenas com os professores, mas com todos os profissionais, autoridades constituídas, enfim, as pessoas que circulam no embrenhado sistema social que nós mesmos construímos, cuja base de sustentação está na ganância, no egoísmo e na ideia de igualdade sem responsabilidades, predominando a falta de ética e a destruição de valores.

Pressuponho que se não houver comprometimento na forma individual de as pessoas agirem para que mudanças nos valores morais se efetivem na sociedade, daqui a pouco precisaremos de uma "operação" - Respeite a mim.

Ieda Freitas

1 https://www.folhaonline.es/operacao-respeito-ao-professor-eu-apoio-e-voce/

https://www.youtube.com/watch?v=h08aavf_21k

https://www.facebook.com/pages/category/Community/Operação-Respeito-ao-Professor-EU-APOIO-201537896551156/

A minha felicidade num auau lindo

A vida inteira procuramos a felicidade no futuro e esquecemos que devemos ser felizes no presente, eu só aprendi a ver a felicidade todos os dias depois que meu namorado Ricardo, me presenteou com um cachorrinho.

No início, a escolha do nome foi bem difícil mas chegamos a conclusão que nosso bichinho se chamaria Théo, e olhe que Théo era travesso, pegava as meias nos sapatos e saía correndo, rasgava as almofadas do sofá da vovó e mais ainda só quer dormir no ar-condicionado, chique é ele.

Thor, queria sempre está no colo sendo envolvido por um caloroso abraço.

Há quem diga que existem animais que não gostam de serem pegos no colo, mas ele ama e sempre pede quando percebe que seus donos estão tristes.

Théo é inteligente e não aceita comer a ração pura, ele chora e pede até colocarmos sachê, e assim ele se delícia na sua vasilha.

Eu aprendi a ser feliz no presente com Théo, porque ele me traz alegria desde que entrou na minha vida, por ele eu optei seguir a carreira de médica veterinária, pois ele tinha comportamentos que às vezes me despertava a curiosidade de estudar mais e mais.

Eu sempre amei os animais, mas a partir do momento em que ele apareceu na minha vida eu pude entender que meu amor, não é só um sentimento, é o cuidado, o estudar e o saber desvendar quando os animais sentem dor, precisam de algo, mesmo que seja apenas um carinho, pois nossos bichinhos nos ensinam a amar a vida e aos outros apenas com gestos como lambidas em forma de beijos, e abraços de pequenas patinhas peludas.

Agradeço a Ricardo e a Théo por me proporcionarem tamanha felicidade.

Isabel Delfino

Estudante de medicina veterinária

BANANA, TRÊS REAIS A DÚZIA!

Naquela manhã de sexta-feira, um dia de dezembro, na parada do bairro de São Brás, na espera do ônibus para ir à universidade, eis que vejo vindo uma espécie de carroça puxada por dois homens, um mais velho e um mais novo. Sobre a carroça, muitas bananas, bananas à mão cheia! Amarelas como ouro, aquilo era uma visão empolgante. Aqueles dois homens, então, suados, como que tivesse percorrido um longo caminho, começaram a dizer, encadeando as falas:

— Banana, três reais a dúzia!

— Banana, três reais a dúzia!

Um após outro, como em um jogral. O mais velho, com mais ênfase, o mais novo, com certa malandragem.

— Banana, três reais a dúzia!

Em meio ao barulho, muita agitação. Naquele ponto de ônibus, o pregão:

— Banana, três reais a dúzia!

Ao lado, um pouco mais à frente, um cesto de palha ou vime, forrado com folhas de bananeira, estava repleto de uma iguaria muito apreciada no local: o beiju de Bragança, torradinho, amarelinho como as bananas na carroça.

— Banana, três reais a dúzia!

Ônibus passando...

Banana cacau, banana prata, banana maçã, banana da terra, banana roxa! Bananas à mão cheia!

Talvez, por ter ouvido uma pergunta de uma curiosa, o vendedor apressou-se, dizendo:

— Banana prata!

— Banana prata, hein!? Só vendo — disse a senhora atrás de mim.

Uma olhada para a fruta. Lá vem o ônibus que esperava. Uma correria. Entro no ônibus. Passo na roleta. Um cartão digital para pagar a viagem. Sento-me na poltrona. Ao fundo, ainda conseguia ouvir: “Banana, três reais a dúzia!”.

Luis Fernando Almeida

LUIS FERNANDO RIBEIRO ALMEIDA nasceu em Pinheiro (MA), no dia 15 de agosto de 1988. É professor da rede pública de ensino. Graduado em Letras/Português pela Faculdade Atenas Maranhense – FAMA. Na mesma instituição, fez especialização em Língua Portuguesa e Literatura. É Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia. Filiado à Associação Maranhense de Escritores Independentes – AMEI e associado ao Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos.

Autor de Entre margens: Euclides da Cunha e a Amazônia (Albatroz, 2017).

Publicações:

- **Entre margens: Euclides da Cunha e a Amazônia** (Prosa – Crítica Literária). Editora Albatroz, 2017.
- **Nas miragens do Pericumã** (Conto). Coletânea de contos e poesias: rede de letras. 3. ed. Editora Albatroz, 2018.
- **Jeremias Finissecular** (Poema). Antologia Poesia Agora – Edição Inverno. Editora Trevo, 2018.
- **O letramento literário na Educação Básica** (Artigo). In: Rumos da Educação. São Paulo: Dialogar, 2018.

CRÔNICA PARA RECUPERAR O QUE NÃO FOI PERDIDO

Há momentos em que nossa vida passa por um furacão de acontecimentos negativos. Tudo parece dar errado. Acho que nesse momento estou tentando escapar de um vendaval. Um simples gesto, uma simples palavra – talvez não tão simples assim - mexeu com o coração de uma das pessoas que mais amo no mundo.

A única amiga, aquela a quem considero verdadeira, está passando por um delicado momento: seu pai sofre sério problema de saúde e eu, no alto de minha arrogância e 'sabedoria', achei que sabia da solução para seus problemas e acabei dizendo coisas que ela não merecia ouvir.

Seus olhos marejaram de água. Um engolir seco fez tremer meu coração, e a súplica de que eu compreendesse e respeitasse sua dor tornou minha aflição ainda mais dolorida. Contudo, eu não me deixei abater e insisti nas palavras que eu julgava estarem certas. Quem nunca errou?

Nunca vou esquecer quando ela, delicadamente, levantou-se de onde estava sentada e, em passos humilhados, dirigiu-se à porta de saída. Não olhou para trás, como se soubesse que à sua sombra tivesse aquela a quem a 'razão' não abandonou. A porta fechou-se, e o coração também.

Depois de uma semana, ainda ouço o soluço de suas lágrimas e o ranger da porta que se cerrou.

Mas, por que não consertar o que foi quebrado? Cristal quando quebra não tem conserto, eu sei. Mas a nossa amizade não é de cristal nem de porcelana. Solidificamos sua base num ponto onde vento ou tempestade nem sequer abalam. Não é o tamanho ou a largura de um pilar que sustenta um edifício, mas o material com o qual ele foi feito. Nossa amizade foi construída com o mais sólido de todos os sentimentos: o amor. E não posso deixar que um gesto cruel e impensado, que uma palavra rude apague todas as outras mais que já foram ditas.

Vou pedir desculpas. É isso. Vou correr atrás do prejuízo e recuperar o que ainda não foi perdido. Ela é especial demais para mim. É como um porto seguro que tenho para depositar minhas aflições, angústias e esperanças.

Vou pedir desculpas. Ela merece isso e eu devo isso a ela, porque eu errei. Porque eu a amo.

Desculpa esse meu jeito sem jeito, Evilásia.

Nara Minervino

Pandemia do Bisnaga

Um novo dia surgiu, os primeiro raios de sol alcançaram a janela do meu quarto, que eu esqueci com a cortina semi aberta, e nesse mesmo momento, ouço o despertador de meu celular tocar, me estico com a intenção de colocar no soneca, porem lembrei-me que não poderia me atrasar para o meu compromisso diário.

Poderia esse ser mais um dia igual aos outros, porém não era, ou melhor, estava sendo há alguns meses devido à uma doença que contaminou todas as pessoas dessa pequena cidade. Às vezes, sinto meu culpado, as vezes sinto que fiz o meu melhor, contudo tenho plena consciência de que fui o mensageiro desse vírus.

Me recordo que naquele dia, um sábado de sol, temperatura acima do agradável, acordei um pouco mais tarde, pois usei o soneca algumas vezes, pois eu havia recém chegado de um viagem longa e desejava descansar. Essa viagem foi muito especial para mim, tive a oportunidade de visitar os pontos turísticos da cidade, tomar aqueles cafezinhos magníficos e suas tortas saborosas que estavam sempre a disposição nas pequenas confeitarias. O motivo da viagem foi para eu participar de um curso que me trouxe muitos conhecimentos de extrema importância pessoal.

Enfim, após me arrumar para sair e pegar meu chapéu, eu saí pela porta, e foi onde tudo começou.

Pela primeira vez eu percebi que no jardim em que minha esposa passava horas a fio, haviam flores e que naquele exato momento haviam borboletas multicoloridas sobrevoando pelo jardim, pareciam disputar a área com os beija flores que vinham rapidamente, se aproximavam das flores e da mesma forma voavam para longe, retornando novamente em seguida, e muitas outras vezes mais.

Percebi meu vizinho caminhando com seu cachorro, pequeno porem longo, com seu rabo a balançar demonstrando uma alegria oposta ao seu dono, que para minha grande surpresa, me saudou com um “Bom Dia Bisnaga”.

Um passo mais à frente e me deparo com algumas mulheres conversando, algumas de cabeça baixa enquanto outras de nariz empinado. Apesar de suas belezas naturais, pareciam insatisfeitas com o que tinham. E foi logo após que passei por elas que me senti obrigado a olhar para elas novamente, motivado pelo som de risos de alegria. Ao observá-las percebi que estavam todas de frente uma com a outra, conversando e rindo de suas imperfeitas decepções idealizadas sobre si mesmas, essa mudança de comportamento me deixou um tanto intrigado, porem resolvi continuar a seguir na minha trilha.

Enfim, lá estava eu no ponto de ônibus, que como qualquer outro dia havia fila para aguardar o embarque, cada um no seu celular ou com seu fone de ouvido, buscando se abstrair da vida alheia. Me posicionei no final da fila e não demorou

muito para outras pessoas chegarem e se colocarem atrás de mim na fila.

No que mudo meu olhar da minha carteira, onde buscava pegar meu cartão passe, levantando meu olhar para observar o ônibus que estava a chegar, percebo que as pessoas não estavam mais em fila, estavam todas abraçadas, sem fones de ouvido, sem celular, conversando e sorrindo. E logo atrás de mim, havia pessoas cantando e dançando.

Entro no ônibus, motorista cansado e desmotivado, passo a catraca com dificuldade devido ao excesso de pessoas que bloqueiam espaços para si próprias, muitas com a cara fechada. Busco um espaço para me acomodar e poder seguir viagem, porem parecia que conforme eu caminhava dentro do ônibus em direção ao lado oposto, mais espaço livre para mim havia. Foi então que observei que todos estavam sendo gentis umas com as outras, as que estavam sentadas estavam se oferecendo para carregar as sacolas e bolsas pesadas daquelas que estavam em pé. Ao longe eu estava ouvindo o motorista sorrindo e desejando bom dia aos que embarcavam.

- Para tudo! O que está acontecendo? Devo me beliscar?

Puxei a campainha, desci e me direcionei para o posto de saúde mais próximo do local, e por mais incrível que pareça havia algo se transformando, eu sentia o aroma das flores que haviam ao longo da calçada, eu ouvia um som baixo e contagiante de harmonia que vinha das casas da região, pareciam que todas tocavam a mesma música relaxante.

Logo cheguei no posto de saúde, retirei minha senha para atendimento e me sentei no banco no aguardo de ser chamado, era possível sentir uma certa tensão naquele ambiente, a energia desses locais geralmente são contagiadas pelos medos e insegurança motivados pelos problemas de saúde de quem por ali passava. Ao ser chamado e me aproximar da atendente, tive a sensação estranha de que eu estava bem, pois a mesma manteve a cara fechada e expressão de cansaço por todo o tempo de atendimento.

Ao ser chamado novamente, agora pelo médico plantonista, descobri que a atendente era deficiente visual, porem que nesse momento estava dançando com os pacientes que estavam no aguardo de serem chamados.

Relatado tudo ao médico e a resposta foi a mais simples e óbvia de todas:

- Seu Bisnaga é apenas uma virose!

Sim, era uma simples virose que eu estava contaminando a todos que por mim passavam, uma virose perigosa, pois estava se multiplicando rapidamente como o bater de asas de um beija flor. E logo se tornou uma pandemia, na qual muitas pessoas se isolaram para não serem contaminadas.

Contaminadas por o que?

Pela alegria, pelo riso, pela sensibilidade humana, pela empatia, pela afetividade entre humanos, animais e a natureza, desbloqueio dos sentidos e pela sensação de paz interior.

Para identificar as pessoas que foram contaminadas, o teste necessário é visual, basta contemplar uma manha de cor avermelhada no nariz.

Foram longos meses assim, e hoje, acordo cedo todos os dias para me unir a outras pessoas contaminadas para aproveitar mais os momentos da vida.

Viva a pandemia do Bisnaga, do palhaço Bisnaga.

Odair Schirmer - @ojschirmer – www.odairschirmer.com.br

COMPLICAÇÕES MODERNAS

Ah! Quanta saudade das coisas simples, ligar um rádio e pronto. Ouvir o que das ondas sonoras vier, ligar a TV em horários específicos ver alguma coisa programável e depois pular na cama e dormir. Ir para a cidade, dizer: vou ao cinema, chegar ter a satisfação de aguardar a hora do filme imaginando este ou aquele protagonista ou coadjuvante conhecendo o nome de alguns ou vários deles, indo ao cinema, inclusive por causa dos artistas. imaginar a sensação que o filme causará. E aquele almoço na casa de alguém com convite prévio? Silvio Santos, Macarrão, guaraná. A missa era um compromisso resolvido antes das nove. Por aqueles tempos era comum ter a roupa só do domingo e ninguém quer a volta de tais hábitos, mas ficava uma certeza: O domingo era um dia aguardado com euforia a partir de quinta-feira, principalmente quando havia alguma coisa de especial na data tiritando.

Hoje os dias são todos iguais, as pessoas também, ninguém quer saber de tornar as coisas especiais. Estamos enfurnados no comboio morro abaixo das complicações modernas. Impessoais, intempestivos, desinteressados e o que é pior, conectados com algo do outro lado do mundo sem saber nome de quem está a seu lado. É o ônus das complicações modernas.

Pacomolina

FINALMENTE UM RESULTADO LÁ DE TRÁS

Era uma orquídea, a Vanda. Amanheceu logo ali no quintal de casa com sua flor azul violácea. Escolheu florir quando flor alguma se manifestasse para ser a de maior visibilidade. Nada de concorrência, ainda mais da azaleia que não dava espaço algum e era bem Aparecidinha com suas flores vermelhas.

Acolheram-na as corruíras, pardais e até lagartixas, passando perto, sem importuna-la, provavelmente maravilhados com suas flores nunca antes vista por ali, radiantes. Veio para casa adotada por minha mulher num dia qualquer de outubro 2010. Na verdade, estávamos voltando Do Triângulo Mineiro, Cidade de Uberaba, terra do Chico Xavier, onde fomos visitar o meu amigo Cristalino. Este que por sua vez me apresentaria a uns cantores da cidade chamados Rei Gaspar e Baltazar, não me atendeu no quesito.

Bom, servimos da boa acolhida do anfitrião e sua culinária saborosa, e

claro, um passeio interessante pela cidade interiorana que na verdade eu não conhecia bem, passei por ela uma única vez indo para a cidade de Araguari, bem mais adiante. Gostei, foi uma semana excelente. Quanto ao Rey Gaspar e Baltazar realmente, não consegui localizar os homens e tive que contentar com uma violadas na casa do Cristalino mesmo, e os cantores ficaram para depois, e passados dez anos ainda estamos nesse "depois". Foi onde pensei: Tudo que fica pra depois, depois fica pra depois e vem um engraçadinho e diz, - Ah! Deixa pra depois. No caso dos cantores creio que seria melhor dizer: -Deixa pra nunca.

A Vanda, ah! Sim, a Vanda, bem, baldeou pelo jardim aqui em casa por dez anos sem florir e suas folhagens sempre verdejantes, alimentando a esperança na dona aqui que numa primavera dessas...

Mas nada, a paciência estava acabando e eu disse a ela. Esperemos mais. - quanto mais? Pergunta. Ah! o tempo que precisar uma hora ela parece ai com uma florzinha. Não deu outra, em que pese a demora. E então... PIMBA! AÍ ESTÁ. Finalmente, um resultado lá de trás.

Pacomolina

PROMESSA REPETIDA

(idealizado por Pacomolina como texto a partir de uma anedota contada pelo José Roberto na cidade de Antônio Carlos MG.)

Existe uma história que um sujeito perdeu uma quantia em dinheiro, (umas quinhentas pratas) e precisando muito dela rezou assim:

«Falo como devoto, meu São Benedito,

perdi 500 pratas lá pro lado da rua

se eu achar, de volta, procurando

prometo certo que a metade é sua»

Procurou e pertinho de uma moita de capim gordura lá estava seu bolinho de dinheiro que ele acabou encontrando antes de um provável afortunado que passasse. Agradeceu ao santo e já estava indo para a paróquia local e como está estivesse longe, muito longe refletiu levianamente e pensou - Caramba. pra que que esse santo quer esse dinheiro todo? Cem pratas ficam de muito bom tamanho, até porque o danado do sacristão ainda vai acabar pegando uma casquinha - Aquele lá eu já conheço e não tem boa fama.

E definindo-se pelas cem pratas, foi andando fazendo planos próprios aos outros quatrocentos. Passados 15 minutos, como se o santo não tivesse gostado nada da mudança do rumo da conversa em seu desfavor, ocorre que o sujeito perdeu o dinheiro de novo.

- Diacho o dinheiro sumiu! Perdi outra vez!! É muito azar, refletiu lamentando. E no aperto prometeu de novo dessa vez trezentas pratas pro Santo. Estranhamente o dinheiro que estava num bolso desses mais encasquetados de sua calça de brim e novamente apareceu. O sujeito firmou na promessa, mas Resmungou: - Nossa! Pelo amor de Deus, que santo mais desconfiado.

Pacomolina

Ensaios

"PELO TELEFONE", DE DONGA, E "PELA INTERNET", DE GILBERTO GIL: APROXIMAÇÕES

Elane da Silva Plácido

Doutoranda PPGL/UFS

Ao comparar e analisar as canções "Pelo telefone" de Donga (1916) e "Pela Internet" (1997) de Gilberto Gil, observamos manifestações do eu-lírico que retratam sentidos diferentes, mas que se relacionam através de semelhanças relacionadas à evolução das tecnologias de comunicação.

A primeira comparação parte necessariamente dos títulos: "Pela Internet" e "Pelo telefone" que são significativos por mostrarem dois processos da comunicação, dois tempos e estilos de épocas diferentes, que ajudam muito a ter uma visão importante desses respectivos períodos. Desse modo, é necessário ressaltar que o tempo que separa uma música da outra corresponde a oito décadas 1916/1997. Também cabe lembrar que cada canção, em seu tempo, fez bastante sucesso.

A canção de Donga, primeiro samba oficialmente brasileiro (JOST, 2015), teve boa recepção na época em que foi lançada, sendo regravada, imitada e parodiada várias vezes. A de Gil foi lançada pela primeira vez através de uma transmissão ao vivo Pela Internet em meados dos anos 90, momento em que a Internet iniciava lentamente seu processo tardio de popularização pelas camadas menos favorecidas (SEGURA, 2017).

As canções nos ajudam a refletir sobre o tempo, considerando a época em que foram produzidas. Nesse caso, ambas se referem a canais de comunicação, como o telefone, a Internet e o celular. A canção de Donga, "Pelo telefone", pode ser representada como o início da comunicação que aproximou indivíduos num processo que mostra a notícia sendo comunicada pelo telefone em 1916 e que tem seu auge ou continuação nos anos 90, com a explosão da Internet, que passou a interligar culturas, religiões, línguas, identidades, desmascarando mitos e preconceitos que Gil astutamente já previra há duas décadas.

A canção de Gil representa uma outra perspectiva na linguagem, traz palavras em inglês, cria novas palavras quando aborda no texto uma escrita mais moderna. Um exemplo é "infomar, informar", que trabalha a junção de informação e mar/maré. Essas palavras na canção possibilitam identificar significativas interpretações relacionadas à rede mundial de comunicação, no caso a Internet, pois é através dela que se tem o acesso ao mundo, ou, nas palavras do poema, a um mar de informações.

No que se refere à linguagem nas respectivas canções, observa-se que são distintas. Enquanto na canção de Donga se destaca uma linguagem coloquial que representa um espaço popular do ambiente urbano e periférico do Rio de Janeiro, com palavras como: "Tu apanhe". "Pra não tornar fazer isso"; na canção de Gil, observamos palavras que caracterizam a linguagem da Internet, com expressões que comparam a "navegação" com o mar: "velejar", "barco", "porto de um disquete", "vazante", "jangada". Através de um jogo de palavras com termos como "web site", "gigabyte", "home-page", o eu-lírico prevê um futuro de uma maior aproximação de culturas, identidades e linguagens.

Sobre a versificação, em "Pelo telefone", de Donga, observamos a rima como recurso da linguagem

poética, desenvolvida através das repetições: trás/rapaz/ capaz. É possível identificar na quinta estrofe da canção que os versos são terminados por "isse" e na nona estrofe a terminação com "osto", que causam efeitos sonoros nas terminações e nos permitem observar a produção desses sons que mudam de forma constante passando a construir os sentidos de forma harmoniosa e criativa. Como pode ser observado abaixo:

O peru me d**isse**

Se o morcego v**isse**

Não fazer tol**ice**

Que eu então saísse

Dessa esquisit**ice**

De disse-não-d**isse.**

Quem for bom de g**osto**

Mostre-me disp**osto**

Não procure enc**osto**

Tenha o riso p**osto**

Faça alegre o r**osto**

Nada de desg**osto.**

Nessas estrofes, identificamos o eu-lírico manifestado através da primeira pessoa, nos seguintes versos: "O peru me disse"; "Que eu então saísse" "Mostre-me disposto". A partir desses versos é fácil constatar as manifestações do discurso comunicativo em que o eu-lírico se expressa fazendo um pedido ou até mesmo ordenando que as pessoas que são de bom gosto se mostrassem alegres, dispostas e não desgostosas. Verifica-se que o eu-lírico, através da sua subjetividade, quer ver as pessoas alegres e felizes e, por isso, manifesta seu pedido.

Quanto às rimas em "Pela Internet", de Gilberto Gil, elas são encontradas na sonoridade das palavras: acessar/soltar e Milão/ Japão. Nessa canção, é importante destacar também o sentido figurado, caracterizado através da metáfora na seguinte frase: "Fazer minha home-page com quantos gigabytes se faz uma jangada."

Na quinta estrofe da canção de Gil, observamos um eu-lírico que quer usufruir da Internet para se comunicar, promover discussões e unir pessoas. Através da rede, conectar-se com o mundo de forma rápida e em um tempo menor, permitir a comunicação. Dessa forma, observa-se que o eu-lírico destaca que a rede de Internet passa a partir daquele momento a ser vista como necessidade importante no processo de comunicação:

Eu quero entrar na rede

Promover um debate

Juntar via Internet

Um grupo de tietes de Connecticut

Ainda sobre o eu-lírico, destaca-se a questão da religiosidade africana nas duas canções. Em "Pelo telefone", o eu-lírico dá novos significados à linguagem do samba quando aborda características que destacam os terreiros. Cabe salientar que, naquela época, de acordo com Nei Lopes apud Cotrim *et al* (2005) "Havia pressões policiais às reuniões - mesmo aquelas de caráter mais religioso que havia um forte sentimento de eugenista". O preconceito com religiões africanas era presente na época e essa questão é percebida através da voz do eu-lírico nas estrofes:

Tomara que tu apanhe

Pra não tomar fazer isso

Tirar amores dos outros

Depois fazer teu feitiço.

Se quem tira o amor dos outros

Por deus fosse castigado

O mundo estava vazio

E o inferno habitado.

Observa-se que o eu-lírico fala de reprimir o outro que trabalha com "feitiço" e ainda fala em castigo de Deus.

Na canção "Pela Internet", o eu-lírico trata a questão da religião com mais liberdade, sem preconceitos quando diz: "Que leve meu oriki do meu velho orixá". Ou seja, com a Internet, o oriki, canto para chamar os orixás, vai se expandir, ampliando a força da religiosidade afro-brasileira.

A partir da teoria da semiotização lírica, de Anazildo Vasconcelos da Silva, também se pode estabelecer um diálogo com as canções. Silva (1984, p.33) aponta que: "a obra lírica ou poema é a estrutura verbal de uma expressão subjetiva do eu-lírico, que pressupõe uma proposição de realidade." Quando as canções apontam nos versos questões de religião, observamos que as expressões do eu-lírico passam a pressupor a realidade. Ou seja, imaginam a forma em que as religiões são desenvolvidas na vida das pessoas, seja tirando amores dos outros após fazer um "feitiço", como se observou na canção de Donga, ou de maneira livre, como na canção de Gil, quando retrata que a religião africana se expande através da Internet.

Nesse contexto, identificamos uma intertextualidade nas canções quando o eu-lírico de "Pela Internet" expressa com simplicidade e criatividade uma homenagem a canção de Donga "Pelo telefone". De forma paródica, o eu-lírico emite o recado quando faz a alteração e substitui a palavra "pelo telefone" por "pelo celular". Essa substituição identifica a evolução do processo dos sistemas de informações de uma época a outra, como pode ser observado no último verso da canção de Gil:

O chefe da polícia carioca avisa pelo celular

Que lá na praça Onze

tem um videopôquer para se jogar.

Observamos que cada eu-lírico mostra as formas de comunicação próprias da época em que a respectiva canção foi produzida. Desse modo, utilizando ferramentas como telefone e celular para dar realce à comunicação humana, os textos apresentam visões próprias de realidade, a partir dos acontecimentos sociais e ações observadas até mesmo através da linguagem como já comentado neste texto, o que permite identificar que o "sujeito-histórico acessa a imagem de mundo na qualidade de um eu-lírico" (SILVA,1984, p.33). Nos dois casos, os sujeitos-históricos são os compositores. Seja "pelo telefone", "pelo celular" ou "pela Internet", a canção brasileira, retratando seu tempo, se insere na própria história.

Referências

COTRIM, Cristiane, COTRIM, Ricardo & PACHECO, Gustavo (org). **Xongó da Mangueira:** recordações de um velho batuqueiro. Rio de Janeiro: CASA,2005.

JOST, Miguel. A construção/invenção do samba: mediações e interações estratégicas**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 62, p. 112-125, dez. 2015.

RAMALHO, Christina. **Vozes épicas:** história e mito segundo as mulheres. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. Tese de doutorado, 825 p.

SEGURA, Mauro **A incrível história por trás da música** "Pela Internet" de Gilberto Gil. Mauro Segura. 2017. Disponível em: https://www.maurosegura.com.br/pela-Internet-gilberto-gil/. Acesso em: 24 Out.2020.

SILVA, Anazildo Vasconcelos da. **Semiotização literária do discurso**. Rio de Janeiro:

Elo, 1984.

LEITURA CRÍTICA DE "ELA E ELES", DE HELENA PARENTE CUNHA

Luciana Novais Maciel

Doutoranda PPGL/UFS

"Ela e Eles", um conto com aparência estrutural de poema, seria um poema em prosa? Helena Parente Cunha desenvolve em seus textos uma espécie de jogo com os formatos, com a distribuição do texto, com as definições do gênero literário neste miniconto não foi diferente.

A princípio observamos a estrutura elaborada pela autora. O texto está inserido na página com um recuo de dois centímetros da margem esquerda, distribuído em onze parágrafos que se parecem com versos. Aparentemente estão organizados em blocos de necessidades das personagens, ou seja, cada parágrafo traz a representatividade de uma pessoa da família, como também direcionado aos afazeres dela. Percebemos que os parágrafos são iniciados com três vírgulas, substituindo o travessão na fala deles. Os parágrafos não são concluídos, não há ponto final, ou ponto e vírgula, aliás o texto não é concluído, mas é finalizado com a conjunção aditiva "e".

Curioso que, no título do miniconto, temos os pronomes pessoais "Ela" no singular e "Eles" no plural, permitindo ao leitor criar um horizonte de expectativas, segundo Iser (1979) apud Lima (2011), em que a experiência do leitor com a recepção do texto atualiza o enredo em diferentes épocas e de acordo com o momento da leitura. Assim, esse singular acompanhado do plural cria a perspectiva de que é uma única mulher para atender aos interesses de toda a casa, das plantas, do marido, dos filhos, dos netos. Mas e os interesses dela? Da protagonista não nomeada?

No tocante **à** observação da construção do sujeito no decorrer do conto, associamos a discussão trazida por Agamben (2009) acerca do que chama de "dispositivo". Ela, a personagem do texto, está sujeita a uma série de situações concretas e subjetivas que a sociedade impõe ao longo do tempo, o que podemos chamar de dispositivos, vejamos: "O termo dispositivo nomeia aquilo em que e por meio do qual se realiza uma pura atividade de governo sem nenhum fundamento no ser. Por isso os dispositivos devem sempre implicar um processo de subjetivação, isto é, devem produzir o seu sujeito" (p. 38)

O narrador parece traçar uma trajetória temporal ao longo do conto. No primeiro parágrafo, percebemos a voz masculina esbravejando uma sequência de ordens:

> ,,,mulher, me traga meu prato de comida, mulher lave minha camisa [...] mulher, venha deitar na minha cama
>
> ,,,ela sorria e levava e lavava e temperava e deitava e (CUNHA, 2011)

Os verbos deferidos pela voz masculina estão no modo imperativo, impondo que é a mulher quem

cozinha, lava, passa, e deita na cama. Instigante observar que a cama é do homem, “na minha cama”, o espaço de dominação masculina. Diante de tantas solicitações, o narrador parece nos colocar em um espaço temporal que pode corresponder ao início do matrimônio, da vida conjugal. A percepção da mulher neste parágrafo é de submissão, o parágrafo que corresponde a essa ideia é construído por uma sequência de ações, sem pausa, finalizado com uma ideia de adição, de outras atividades a fazer, ficando a cargo da interpretação do leitor.

No terceiro parágrafo, lemos os cuidados com as plantas, com o jardim. Era a mulher que também cuidava das flores, o movimento apresentado parece ser um agradecimento pela atitude d’Ela, “,,,os canteiros do jardim se dançavam em pétalas e gotas de quando ela vinha com suas águas e cuidados” (CUNHA, 2011)

No quarto parágrafo, quem solicita a disponibilidade da mulher é o/a filho/a. No texto não encontramos as marcas linguísticas para esta definição. Há novamente uma sequência de solicitações e pedidos, como também algumas marcas dos conflitos recorrentes entre mãe e filho. “mãe, eu não tenho que dar conta de minha vida para você, mãe, eu não quero que você me faça perguntas” (CUNHA, 2011). Além das exigências de atividades relacionadas **à** alimentação, fica evidenciado um relacionamento conturbado entre mãe e filho, entretanto em resposta a mãe apenas “,,,ela sorria,, ela media o açúcar, ela anotava os nomes, ela ouvia, ela não perguntava e” (CUNHA, 2011). A primeira resposta da mulher frente ao outro é o sorriso, como se ela já soubesse de tudo o que iriam lhe exigir. Esse sorriso pode denotar ironia ou simpatia, submissão ou atividade rotineira pré-estabelecida pela sociedade. Neste parágrafo o narrador parece dar um salto temporal e apresentar alguns anos depois do início do matrimônio, com os filhos já crescidos.

O parágrafo seguinte traz uma tranquilidade, uma pausa entre as inúmeras atividades da mulher, “,,,o passarinho entrava e saía da gaiola e dançava na palma da mão aberta para voos e caminhos” (CUNHA, 2011). Este espaço temporal no percurso do conto apresenta-se como um refrigério para Ela, mas pode levar **à** reflexão de que é no passarinho que ela busca inspiração para a liberdade, para poder ir e vir, fazer as tarefas domésticas quando puder. É na ação do passarinho que ela pode começar a desejar buscar novos voos e caminhos.

No parágrafo sexto, notamos a presença dos netos, que vão seguir a mesma orientação dos demais personagens. Eles também determinam as ordens para a avó, que prontamente os corresponde. Ela mais uma vez responde em sequência “,,,ela sorria, ela não ia, ela ia, ela não contava, ela sentava no chão e” (CUNHA, 2011). A presença da colocação das vírgulas parece apontar para passos mais lentos, há mais pausas na vida da mulher, essas pausas podem ser provocadas pelo tempo, agora idosa, avó. Observamos que na condição de mãe e avó existe a colocação de vírgulas, enquanto na condição de esposa, a sequência de respostas é apresentada sem pausa, o que aponta para uma crítica às relações de ordem patriarcal presentes no conto.

Ao ler “,,,ao longe ela ouvia os apelos do mar, perto da voz do búzio no ouvido anunciava horizontes e abismos sem fronteiras” (CUNHA, 2011), nos deparamos com uma possibilidade de mudança. Há uma intertextualidade presente neste parágrafo com Virgínia Woolf, no romance *Mrs. Dallowey* (1925) em que a protagonista parece viver um casamento por conveniência, e chega um momento em que toda a sua trajetória de vida reaparece em sua memória. Entretanto, é necessário escolher entre viver os seus anseios ou continuar no espaço da submissão. Os apelos do mar parecem ser também os apelos da sua consciência, do seu desejo de realização pessoal. Percebemos neste parágrafo o conflito que provoca na mulher uma decisão, ouvir a voz da casa ou ouvir a voz do mar.

Nos parágrafos seguintes, quando a voz da narrativa é dos demais personagens, surgirá a interferência

de “etc,” e como manifestação da sociedade, tudo o que de errado acontecer com a família a culpa é da mulher. Essa tradição cultural vem desde uma leitura equivocada dos escritos bíblicos, em que Eva é condenada como culpada por ter aceitado a maçã da serpente e oferecido a Adão. Ficou impregnado no inconsciente coletivo da sociedade esta máxima, de que a mulher é sempre a culpada. “,,,mulher, este menino quebrou a perna porque você etc, mãe, este menino está com febre porque você etc, será possível mulher?, será possível, mãe?, é preciso dar limites às crianças” (CUNHA, 2011). A febre, a perna quebrada, os limites, tudo é colocado sob a responsabilidade d’Ela. No entanto a resposta que agora se apresenta é diferente, “,,,ela não sorriu, mas”, verificamos outra mudança no texto, antes os parágrafos que correspondiam a Ela eram marcados no final com a conjunção aditiva “e”, agora, após o ponto de conflito, encontramos a finalização do parágrafo com a conjunção adversativa “mas”, sugerindo que a mulher mudou, está com outra postura e poderá tomar outras atitudes.

Uma mudança de perspectivas e atitudes é encontrada no parágrafo nove, em que o sorriso é dedicado à dança das pétalas, ao amanhecer, ao pássaro, “não pegou a bolsa nem deixou a mesa posta, mas deixou o portão aberto e” (CUNHA, 2011). Segundo os dispositivos implicados pela sociedade, Ela deveria ter deixado a mesa posta, “e não deveria ter saído, deixar o portão aberto pode inferir que alguém irá voltar, ou que alguém saiu tão apressado que não conseguiu fechá-lo” (CUNHA, 2011).

Nos dois últimos parágrafos, encontramos o clímax do ponto de vista da mulher “,,,sorria e foi pela rua, pela pracinha, e molhou suas águas no sal das águas do mar e foi além do trilho do trem e foi e / ,,,ela sorria e caminhava a dança dos caminhos e das portas abertas e” (CUNHA, 2011). Temos expressão da liberdade representados pelo mergulho na imensidão do mar, ultrapassar os limites do trilho do trem e como o pássaro, realizar a dança dos caminhos.

O conto de Helena Parente Cunha permite abordagens no espaço dos estudos culturais, na perspectiva da crítica feminista sob o olhar da personagem, que fora construída, segundo a semiotização ficcional na dimensão dos acontecimentos, das motivações subjetivas. A estruturação do texto traz a apresentação do contexto das personagens, o conflito e o clímax, cuja liberdade almejada é concretizada, ora no plano real do discurso, ora no plano imaginário.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios.** Chapecó: Argos, 2009.

CUNHA, Helena Parente. **Fala e Falares.** Minicontos. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2011.

LIMA, Luiz Costa. **A literatura e o leitor, textos de estética da recepção.** 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

RAMALHO, Christina. **A semiotização ficcional do discurso como base teórica para a análise de narrativas caboverdianas.** Disponível em: https://pt.slideshare.net/AlbertoCuambe1/a-semiotizao-literria-do-discurso Acesso em: 21 setembro 2020.

PROSA E POESIA

(Mario Roberto Guimarães)

A arte da escrita, creio que é ponto pacífico, é algo que nasce ou não com a pessoa, uma sublime dádiva do Criador, que funciona como um verdadeiro bálsamo, tanto para quem escreve, como para quem lê. Esse talento, essa força que imprime aos escritos um toque especial, manifesta-se claramente, tão logo começamos a leitura, seja de prosa, seja de poesia.

No tocante à prosa, vejo esse toque especial sobressair, com nítida vantagem em relação aos seus pares, no romancista que considero o maior da História de nosso país, o gaúcho Érico Veríssimo, secundado pelo pernambucano José Lins do Rego, outro luminar do ofício de escrever romances. Seria de se perguntar, então, o que há na obra deles, que me leva a pensar assim?

O mesmo se dá com relação às crônicas, onde também, a meu ver, um nome se destaca, o de Fernando Sabino, que eu coloco um degrau acima dos também notáveis Orígenes Lessa, Paulo Mendes Campos e João Ubaldo Ribeiro.

A característica que encontro na obra desses magníficos autores é que eles conseguem, com extrema facilidade, fazer com que o leitor se sinta parte do cenário onde dão os acontecimentos narrados, quase como se pudesse conversar com as personagens. Ora, essa habilidade não se aprende, ela é nata e salta aos olhos do leitor, límpida como a água pura.

Passando à poesia, algo semelhante acontece, quando lemos um poema extraorinário, a chamada obra-prima. Ao bater os olhos nos primeiros versos, sentimos a poesia, ao invés de, simplesmente lê-la, ela nos conduz, qual fizéssos uma viagem mágica, verso a verso, através de um mundo singular, encantado e encantador. E, no caso da poesia, não vou citar nomes, pois a lista faria crescer por demais o texto, tantos são os poetas que nos têm legado os mais fascinantes versos.

O fato marcante, comum à prosa e poesia, de que tanto se fala e que tanto nos toca, como leitores, é, sem dúvida, a emoção. Assim como um romance, um conto, ou uma crônica, fica gravada em nossa memória como uma obra ímpar, o mesmo se verifica quanto à poesia, resultando, enfim, que é a emoção a grande pedra basilar sobre a qual é construída a obra escrita, qualquer que seja ela.

Quão grande é a importância da valorização da mulher pela sociedade

Mais da metade da população brasileira é composta por mulheres e mesmo assim uma grande parte da nossa população feminina enfrenta muitos desafios perante a área profissional.

Mesmo com as vagas do ensino superior preenchidas em mais da metade por mulheres, elas ainda são as que mais sofrem para entrar no mercado de trabalho.

Ainda que nos últimos anos, houve um aumento da participação feminina em vários seguimentos trabalhistas e até como representantes na política, ainda temos uma jornada longa a conquistar.

A importância de valorização da mulher, entra no contexto de garantirmos uma sociedade mais equilibrada, digna e justa, garantindo o respeito, a saúde e melhores salários.

Com isso começamos a construir uma base mais sólida e segura em nossas mulheres, ajudando no seu desenvolvimento social e profissional.

É imprescindível expressar que a sociedade pode ganhar muito quando valoriza e reconhece o trabalho feminino. Os talentos e a agilidade das mulheres garantem ótima gestão de pessoas. A autonomia e o alto nível de motivação além de acrescentar dinamismo em uma empresa, contribuem para o sucesso. Por isso é importante valorizarmos as mulheres pois elas possuem toda versatilidade e empatia, que são detalhes que fazem toda diferença no final do trabalho.

Esse caminho é longo, podemos ficar contentes e otimistas com as transformações positivas que aos poucos estão ocorrendo no dia a dia, sigamos confiantes e atentos.

Simone R. Carvalho

AS TENSÕES CONTEMPORÂNEAS EM "O OUTRO", DE RUBEM FONSECA

Tatiana Cíntia da Silva

Doutoranda PPGL/UFS

Em tempos líquidos, o conto "O outro", de Rubem Fonseca, revela ao leitor como a insegurança e a instabilidade criam tensões que levam indivíduos de mundos diferentes a **não pode**rem se relacionar de forma sadia. Nas duas pontas da economia, mas em mesmo espaço urbano, encontram-se um mendigo e um homem de negócios, os quais se aproximam e se repelem em um jogo ficcional que nos faz refletir sobre a existência ou não da alteridade no hodierno.

A disparidade social entre as duas personagens é grande, o que não justifica a violência urbana no tratamento dado ao que não tem posses, mas, no enredo, temos nítida alusão à teoria darwinista de que os mais fortes sempre vencem, principalmente no desfecho do enredo com um tiro no mendigo:

> Fechei a porta, fui ao meu quarto. Voltei, abri a porta e ele ao me ver disse "não faça isso, doutor, só tenho o senhor no mundo". Não acabou de falar ou se falou eu não ouvi, com o barulho do tiro. Ele caiu no chão, então vi que era um menino franzino, de espinhas no rosto e de uma palidez tão grande que nem mesmo o sangue, que foi cobrindo a sua face, conseguia esconder (FONSECA, 1994, p. 224).

A não aceitação do outro tem um transcorrer dramático e que termina em um ato trágico: uma violência urbana. Enquanto o mendigo trata o outro por "doutor" e "senhor", pois é visivelmente um subalterno ou até um parasita social – fruto da violência dos grandes centros e da ausência do Estado – o homem que trabalha muito e representa o cidadão comum, trabalhador e estressado de todos os dias, alimenta o seu medo de alteridade e banaliza uma vida, quer por vontade de preservação própria, quer por medo ou sensação de impunidade.

Com o tiro, ato final de uma construção de enfrentamento sem armas iguais, o mendigo perdera sua fisionomia ameaçadora e forte. Agora sobrara a ele a palidez, o raquítico corpo ensanguentado e ele se tornara mais um número, seria mais um jovem ainda de espinhas no rosto jogado em uma rua nobre e morto sem motivo algum, mas não por um tiro perdido. O tiro fora totalmente certeiro. Acertou-se no alvo certo pelo reflexo da própria obscuridade. Aliás, Agamben salienta que o

> [...] contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta a contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente" (AGAMBEN, 2009, p. 62).

É exatamente essa obscuridade que é destacada por Rubem Alves. O autor vive os deslocamentos contemporâneos e os transborda ficcionalmente para apreender o tempo e, para isso, neutraliza as luzes para melhor compreender as trevas conforme vimos no conto analisado. Mesmo sabendo que as luzes e as trevas são inseparáveis, no enredo o mesmo homem que ajuda financeiramente é o que no futuro mataria outra pessoa apenas por medo ou cansaço.

O término do texto vai sendo delineado desde suas primeiras linhas, pois o narrador-personagem já inicia dizendo que só tem relações voláteis pelos dispositivos, como o telefone e, com isso, sem qualquer relação afetiva com o outro. O executivo apenas passava horas ao telefone em meio a memorandos e problemas, pior, com a sensação eterna de inutilidade e de atividades nunca terminadas e isso só poderia gerar um sujeito espectral e quebrado, pois o foco do dispositivo é apenas orientar, modelar, gerir e controlar, não criar laços com a alteridade.

Sabemos que, para existir o eu, é necessária a existência do outro, pois somos seres sociais e heterogêneos em transformação, afinal, nossa identidade é criada e recriada continuamente pelas relações entre o eu e o mundo. Ao narrar os seus dias; porém, o executivo deixou claro que não tinha tempo para feriados e que brigava com o relógio, ou seja, a falta de flexibilidade em tempos líquidos só pode resultar em falta de socialização e problemas de saúde, como foi o caso dele com taquicardia.

Destarte, para Bauman (2005), a identidade volátil interfere em todas as relações humanas e tende a reafirmar e intensificar ressentimentos e medos sociais já tão devastadas. Dito isso, é pela própria voz no narrador-personagem que conhecemos o mendigo: rapaz sem rosto e sem identidade, mas um entre os outros tantos invisíveis sociais. A invisibilidade do rapaz, no entanto, é deixada de lado quando o executivo começa a ter medo do mendigo, pois nas palavras do narrador, o rapaz encostou o corpo próximo ao seu "enquanto caminhávamos, e eu podia sentir o seu hálito azedo e podre de faminto. Ele era mais alto do que eu, forte e ameaçador". Mas por que só agora percebera a altura e o jeito ameaçador do outro? Será que sempre fora assim ou por resultado do isolamento, na negação do outro ou por autoproteção agora enxergara uma ameaça nunca vista antes? Outrossim, ainda para Bauman:

> a vida social se altera quando as pessoas vivem atrás de muros, contratam seguranças, dirigem veículos blindados, portam porretes e revólveres e frequentam aulas de artes marciais. O problema é que essas atividades reafirmam e ajudam a produzir o senso de desordem que nossas ações buscam evitar. (2007, p. 15)

Dialogando com a teoria de Bauman à ficção de Fonseca, temos o total reflexo das anomalias criadas pelo contemporâneo: pessoas presas em suas jaulas blindadas e cheias de revolver para destruir qualquer possível alteridade, seja consciente ou inconscientemente. No mais, de forma seca e direta, em Fonseca tivemos a verossímil vida urbana violenta e a representação de um personagem tipo marginalizado

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? E outros ensaios.** Santa Catarina: Argos, 2009.

BAUMAN, Zygmunt, **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FONSECA, Rubem. **64 contos Reunidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Fábulas

A CORUJA E O PAVÃO

Uma coruja e um pavão se reuniram para falar sobre a coisa mais importante da vida.

A coruja disse:

- Penso que a coisa mais importante da vida é a sabedoria, porque o sábio consegue ver tudo o que é belo na vida.

O pavão, cheio de sua beleza exterior, disse:

- Que nada! A coisa mais importante da vida é a beleza exterior, porque tudo o que é belo chama a atenção, é aplaudido e desperta o interesse de todos.

A coruja, sabendo que era feia por fora e vendo que todos admiravam, de fato, a beleza do pavão, pensou que o pavão estava certo. Então, resolveu deixar de estudar e se dedicar a ficar cada dia mais bonita por fora.

O tempo passou, a coruja não adquiriu a beleza que procurava e, além disso, deixou de ser sábia.

Quando a coruja foi procurar pelo pavão, considerando-o seu amigo, o pavão disse:

- Não fale comigo, coruja burra! Não sou seu amigo! Tu não sabias que a coisa mais importante da vida é a sabedoria ou não terias deixado de estudar para se dedicar a ter uma beleza que, com o tempo, só vai se acabando!

MORAL: Cuidado quando um inimigo dá um conselho amigo.

Nara Minervino

Resenhas

Cruz-altense Naican Escobar e o fascinante Livro O Recomeço de Elisa Amyr

O Recomeço de Elisa Amyr (*The Beginning of Elisa Amyr)* é um livro do seguimento Young adult - a literatura para adolescentes e jovens adultos. E explora os temas da adolescência, como entrar no colegial, apaixonar-se, encontrar amigos, ter as primeiras experiências sexuais e Depressão. Assuntos abordados de uma forma muito tranquila. O Livro pretende levantar discussões sobre Depressão na adolescência.
O ***Recomeço de Elisa Amyr*** foi publicado pela editora Flyve. O livro lançado em 2020 é escrito em forma de cartas .Elisa é uma jovem de 17 anos que se recupera de uma depressão. Tímida, se esconde em seu próprio mundo depois que sua melhor amiga se suicida. Muda de cidade com a nova proposta de trabalho do seu pai e começa a redigir cartas para a amiga que partiu. É através destes textos que a protagonista se revela para os leitores.

Com um texto delicado e cheio de empatia, Naican Escobar lançou *O recomeço de Elisa Amyr*, livro do seguimento Young adult que pretende levantar discussões sobre afeto, cuidado e depressão na adolescência. "A única verdade que realmente sei é que por mais que seja difícil, sempre teremos alguém importante por perto", diz o autor, revelando que as possibilidades de recomeço residem nos relacionamentos interpessoais – como naqueles que a sua protagonista começa a experimentar na nova etapa de vida, rica em descobertas e novos afetos.

Ao mesmo tempo confuso, divertido e interessante o livro reúne As Cartas de Elisa Amyr, uma adolescente de quem pouco se sabe a não ser pelo Que ela conta a Alexia por suas cartas. Nessas cartas, que vive entre a descoberta de coisas novas e o Entusiasmo, descobrindo territórios inexplorados, encurralada entre o desejo de viver a própria vida, e ao mesmo tempo fugir dela mas também não querer desistir.

As dificuldades por ser tímida demais, as descobertas do primeiro encontro amoroso, os dramas dos amigos, as festas Alucinantes e a oportunidade de estar "Recomeçada" ao lado dos amigos. Temas que enchem de felicidade e confusão a cabeça da protagonista em fase do ensino médio.

Naican Escobar capta com emoção esse vaivém dos sentidos e dos sentimentos e constrói uma narrativa vigorosa costurada pelas cartas de Elisa endereçadas a sua ex melhor amiga que se suicidou Alexia. Íntimas, às vezes com momentos tristes outros felizes no final o sentimento de se sentir recomeçada faz com que Elisa Amyr dê a volta por cima e entende que momentos felizes e tristes sempre vão existir e o que importa é que sempre vai existir alguém que se importe conosco.

O Livro físico está disponível no site da editora Flyve: https://www.editoraflyve.com/product-page/o-recome%C3%A7o-de-elisa-amyr

E em formato E-book na Amazon: https://www.amazon.com.br/Recome%C3%A7o-Elisa-Amyr-Naican-Escobar-ebook/dp/B08LMRT6V3

Nome da Editora : FLYVE

Autor : Naican Escobar

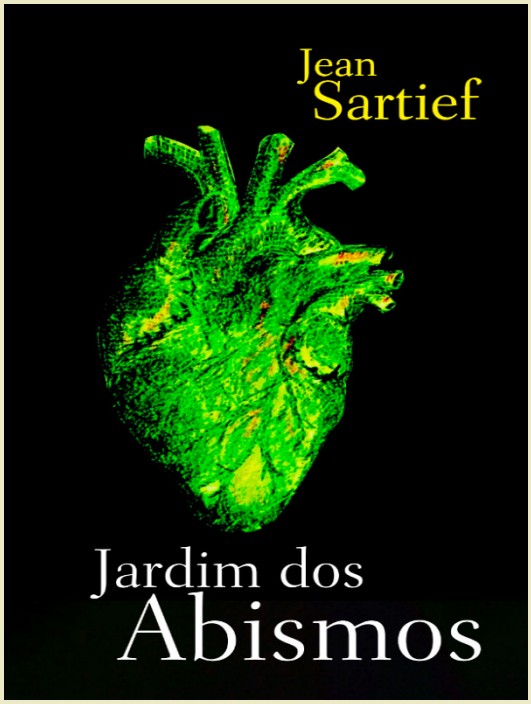
Valor do Livro Físico: R$29,90

Valor do livro em formato Digital Amazon: R$ 8,99

Biografia do Autor

Naican Escobar (2000) é um escritor romancista brasileiro e cruz-altense, autor de livros do seguimento chamado de Young adult – a literatura para adolescentes e jovens adultos.

Naican Costa Escobar nasceu em Cruz Alta, no estado do Rio Grande do sul, no dia 30 de maio de 2000. Filho de Elisangela Pereira Costa e de Sebastião Nascimento Escobar, Foi criado em Cruz Alta, onde frequentou o início do Ensino fundamental na Escola Carlos Gomes e finalizando o na Escola Protássio lima de Moraes em Tupanciretã, Posteriormente retornando a Cruz Alta formou-se no Ensino médio no Instituto Estadual de Educação Professor Annes Dias. No ano 2019, Naican Escobar formou-se em Terapeuta complementar em Saúde Mental pela Fiocruz, chegando ir atuar no estado de Santa Catarina. Naican Escobar iniciou-se suas primeiras experiências com leitura e escrita em casa. Aprendeu a ler relativamente cedo, aos 6 anos, vendo sua mãe ensinar a irmã mais velha. Cedo também foi o contato com a leitura, os livros e a literatura. Aos dezoito anos já tinha lido muitos clássicos da literatura brasileira e estrangeira. Até meio incompreensíveis para ele. *Memórias do Cárcere*, do Graça; *Culpa das Estrelas*, do John Green: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* do Machado de Assis, Clarissa de Érico veríssimo entre outras.



ESCAPISMO DA MORTE E RENASCIMENTO

EM *JARDIM DOS ABISMOS*, DE JEAN SARTIEF

Samuel de Souza Matos

Poeta e escritor

Doutorando em Estudos Linguísticos

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Jean Sartief (Jean Sartief Soares Amorim de Freitas) é poeta nascido em Natal/RN e, desde pequeno, sempre morou em diversas cidades brasileiras. Além disso, o bardo é também artista visual com pesquisa em diversas linguagens (fotografia, performance, vídeo, pintura, arte conceitual, cerâmica e ilustração), atuando na gestão de mídias digitais e em projetos que envolvem literatura e artes visuais. Formado em Comunicação Social e em Administração de Empresas, também possui mestrado em Antropologia Social, todos pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Publicou cinco livros de poesia: *Entre o sol e a lua* (1997); *Eclipse* (2001); *Na boca das tuas palavras* (2004); *O mar sou eu* (2010) e *Jardim dos abismos* (2020)[1]. Participa de várias coletâneas e publicações impressas e digitais. Alcançou diversas premiações nas duas áreas de atuação, tanto no Brasil como em outros países. Atualmente, reside e trabalha em Portugal.

Dentre os trabalhos que recobrem a produção artística de Sartief, o seu último livro de poemas, intitulado *Jardim dos abismos* e publicado pela Editora Lucgraf (Natal/RN), no ano de 2020, joga em diversas posições com os temas da morte e do renascimento do ser humano, segundo minha leitura. A morte, que é parte da vida, é ao mesmo tempo alvo de desejo e de repulsa; igualmente, a vida é o lugar onde os conflitos existenciais

1 Ressalto que o livro foi originalmente registrado pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) no ano de 2018, mas sua publicação e seu lançamento só ocorreram no ano de 2020.

traduzem o entrelaçamento entre a natureza e o ser humano. São essas interconexões (e/ou contradições) que, *grosso modo*, convidam o/a leitor/a dos poemas a viajar e desfrutar da saga entre a vida e a morte.

Já nas primeiras páginas que antecedem os noventa e dois poemas do livro, sob a forma daquilo que costumamos chamar de "apresentação" ou "prefácio", as palavras do autor evidenciam algumas dessas ideias que me provocam durante a leitura: "Escrever para plantar na alma a esperança, mesmo quando ela parece não mais existir. Escrever e plantar. Plantar e colher" (SARTIEF, 2020, p. 9). Nesse momento, noticia-se que a poesia ali presente permite apreciar/vivenciar sentimentos e relações entre o ato de escrever e o ato de plantar, assim como entre o ato de plantar e o ato de colher, num processo de ação e reação. Mas, plantar e colher o quê?

Como explicita Sartief, nesse tom prefacial das primeiras páginas do livro, a voz predominante nos poemas, dispostos em 112 páginas, traz uma complexidade inerente ao próprio contexto de vida do poeta no momento exato em que a poesia se materializou em cada verso e estrofe. A complexidade não diz respeito à dificuldade de compreensão dos poemas, mas ao entrelaçamento de sentimentos de dor e de alegria, de tristeza e de paz, isto é, enfrentamentos cotidianos comuns de quem convive com a depressão. No entanto, antes de qualquer melodrama ou inclinação para um sentimentalismo meramente exacerbado, cada poema que o/a leitor/a tem aos olhos contém questões humanas cruciais para o entendimento da linha que vai da vida à morte.

O primeiro poema "Alerta" traz consigo uma indicação da condição do eu lírico em se prostrar perante algum mal – supostamente o da depressão – mas um anjo de barro, presente no jardim, parece convidá-lo a poetizar, a lançar sobre o mundo a doçura da poesia: "um anjo de barro/que cheio de raízes/lê poesias" (SARTIEF, 2020, p. 25). Face ao mal, o jardim parece ganhar vida própria, isto é, via personificação e metonímia, sendo representado *a priori* pelo anjo de barro. Já na sexta estrofe: "A poesia mais doce/também arde/São palavras com batimento próprio/e na dose certa/mata" (SARTIEF, 2020, p. 25). Aqui parece se instalar um conflito entre a dura realidade da vida e o ato de poetizar, sendo a poesia colocada quase como sinônimo de doçura, e, neste sentido, incompatível com as coisas tristes da vida. Por outro lado, até mesmo sua doçura carece de forças para suportar o peso da vida. Diante desse impasse, o eu lírico se recolhe ao silêncio (a um período gestacional/germinativo) e, após determinado tempo, o convite é aceito: "Já era noite/quando chegou/desviando-se/da poça d'água/acarinhada pelo chão/Farejava as flores cardeais/raras" (SARTIEF, 2020, p. 27).

Em vários poemas do livro, fica evidente que o renascimento (ou o potencial de vida) só é possível se o eu lírico luta para escapar da morte mediante o ato de plantar e de colher; "renascer", aqui, não remete aos padrões clássicos do Renascimento (séc. XIV-XVI), mas à realidade de nascer de novo. Assim, se plantar consiste na ação de gerar vida, por consequência, a prática da colheita diz respeito à conclusão que essa ação desencadeia, positiva ou negativamente. Eis aqui, portanto, três temas caríssimos da tradição literária: o escapismo, a ligação do ser humano com a natureza e a busca pela compreensão de si. Os dois primeiros estão atrelados aos movimentos árcade e romântico, cuja característica importante é a procura "de um refúgio ameno [pelo sujeito]", uma busca pela natureza, configurando "uma contradição entre a realidade do progresso urbano e o mundo bucólico [...] idealizado" (DE NICOLA, 1998, p. 111). Os textos da poesia árcade, por exemplo, deixam entrever "um estado de espírito, uma posição política e ideológica" (DE NICOLA, 1998) associada à simplicidade da natureza.

Já o terceiro tema (busca do sujeito pela compreensão do próprio eu) pode ser interpretado como uma outra característica importante do movimento romântico: o egocentrismo. Na leitura dos poemas de Sartief, é

possível notar que questões subjetivas e sentimentais se encontram de forma predominante nas visões do ser humano sobre o mundo ou, mais especificamente, sobre a natureza exemplificada pelo jardim. Na vivência cotidiana, a supervalorização das emoções pessoais (DE NICOLA, 1998) do eu lírico se intensifica no seu processo de ligação quase que orgânico com o jardim da casa: "Planto pimentas no jardim/Decoram e afastam mau-olhado/Os bem-te-vis comem-nas inteiras/Tenho medo de que/eles morram de gastrite/e eles têm medo/ de que eu morra/sem comê-las" ("Bem-te-vis", SARTIEF, 2020, p. 53).

Eis aí uma singularidade da obra de Sartief: o eu lírico não tenta fugir exatamente do ambiente urbano para poder encontrar a paz de espírito que tanto almeja, como também não parece se colocar no centro das coisas (traço comum do comportamento egocêntrico); na verdade, a meu ver, parece-me que a voz vazada nos poemas procura fugir do próprio eu para construir um outro "eu", durante o processo de ação e reação existente entre plantar e colher, numa união indissolúvel entre o eu atual e a natureza ao redor (o jardim): "[...] revelo segredos dormindo e/acordo com medo/Meu coração/é verde/raro/e combate todo tipo de praga/ Tive uma infância assustada/A primeira coisa que me desperta/é sair pela janela/É o jardim que me salva" ("Canção", SARTIEF, 2020, p. 55). Nesses versos, por exemplo, o eu lírico se despersonifica, de certo modo, para fugir do sentimento do medo, encontrando, pois, no jardim, um caminho de salvação; mesmo de posse da metáfora do coração como uma planta poderosa, que protege contra qualquer mal (erva daninha - medo), o eu lírico vê como alternativa eficaz de fuga o ambiente do jardim. Além disso, há em outros poemas a sinalização de múltiplas fugas da realidade (DE NICOLA, 1998).

No poema "Proteção", por exemplo, a natureza, além de oferecer refúgio ao eu lírico, é compreendida como uma grande protetora dos males que o perseguem: "Banho de ervas/Benzedura/A poesia é o único lugar confiável" (SARTIEF, 2020, p. 131). Aliás, poesia e natureza, aqui, são quase sinônimas, num processo metafórico, diferentemente do que ocorre no primeiro poema ("Alerta"), em que a personificação dota o jardim de condições humanas a partir do anjo de barro adornado pelas plantas. No final das contas, a ligação entre vida e poesia e entre poesia e natureza é o que predomina em todos os poemas da obra: "Diagramas/ Recortando letras do teu nome/para um campo fértil/Sementes/Palavras/Peço passagem com a terra em minhas mãos" ("Arado", p. 201). A poesia vaza dos dedos, das pétalas das flores e das folhas das plantas para salvar aquilo que pouco resta de vida humana: "Vasculhar a paisagem/e abandonar o desamparo/A força dessa terra de Auta/me comove/O tico-tico canta suas rimas/Aflora amontoados brotos/Safra generosa/Lá pra fora/a colheita" ("Alto da noite", p. 141).

Embora, em minha leitura, sejam coerentes as relações estabelecidas entre os poemas e o estilo árcade, é importante assinalar que, ao contrário desse movimento literário, *Jardim dos abismos* não apresenta necessariamente um "fingimento poético" (DE NICOLA, 1998), já que o mundo bucólico não é idealizado, mas personificado, pelo menos parcialmente. Inserido nessa busca pelo "eu" que está em processo de construção-desconstrução-reconstrução, o eu lírico de Sartief parece fundir questões existenciais com o refúgio encontrado na natureza, no ambiente natural que lhe circunda. O que está em jogo é o ato de plantar emoções ou sentimentos de sofrimento em versos e tentar colher da natureza a poesia que só ela tem – por sua pureza, simplicidade e calmaria – para, desta maneira, conseguir reconstruir o próprio eu. Porém, tal reconstrução não se limita à sua identidade, mas também a uma trajetória de busca por mais vida, a fim de escapar da morte, cujo prenúncio é a depressão experienciada pelo poeta. Nesse sentido, o refúgio no jardim é uma ação de plantar vida e poesia onde há sofrimento, levando o eu lírico a colher mais vida e menos sofrimento.

É por estar inserido na busca pelo renascimento (nascer de novo) e pelo escapismo da morte que o eu lírico de Sartief, na obra em questão, oscila sempre que pode entre a personificação e a despersonificação, pois, ora são atribuídas qualidades ou atitudes humanas a seres irracionais – plantas, animais ("um argueiro latejante/grita o meu nome", em "O jardim do príncipe", p. 29; "Vic, Alÿs e Adèle/dizem que para fora da porta/quase sempre há um equilíbrio", em "Dentro do portão", p. 209), ora são desfeitas as características humanas do eu lírico ("Meu coração/é verde/raro/e combate todo tipo de praga", em "Canção", p. 55). Porém, a partir das ocorrências observadas, o que se sobressai é a fusão entre a natureza e o eu lírico (veja-se a própria capa do livro – o desenho de um coração verde, representando a natureza), cada qual com suas características comuns, embora o jardim seja muito mais que um local qualquer da casa; na verdade, ele faz parte essencial da vida de quem o cultiva, está entranhado e associado às vivências boas e ruins do eu lírico, que canta cada evento como se disso dependesse seu último suspiro.

As idas e vindas entre a morte e a vida traduzem um tom cambaleante e instável para poemas como "A casa cai" e "A palavra é a mesma", em que o eu lírico por pouco escapa da morte ou morre parcialmente ("Antes de qualquer chuva/desenterrar-se/mas os braços já estão pesados/Ânimos esfacelados/A casa cai/(ou parte dela)[...]/A morte é um espaço-tempo/Acolho-me no jasmim-laranja/Corpo em dilúvio/que sangra", p. 151); ou o ciclo de ir/estar no extremo entre a vida e a morte é interminável, pois ele sempre se repete ("Requer esforço/reconstruir os caminhos/O horto/as flores/Vida/onde nós dois não existíamos/Alguns minutos e/tudo se desfaz/Repetição", p. 153). No primeiro poema, a título de ilustração, parece-me que o eu lírico passa por uma "experiência de quase morte" (E.Q.M), e, nesse caso, distancia-se da vida por uma pequena fração de tempo, já que logo em seguida encontra refúgio embaixo de uma planta, livrando-se, pois, de morrer completamente; algumas palavras são bastante representativas da cena de um corpo recém-falecido ou prestes a ser sepultado: "desenterrar-se", "braços pesados", "ânimos esfacelados", "corpo que sangra", etc.

Somada a essas questões, a estrutura dos poemas, em *Jardim dos abismos*, aproxima-se mais do estilo romântico do que necessariamente do estilo da poesia árcade. Isto é, todos os poemas apresentam versos livres (ausência de métrica e estrofação) e versos brancos (ausência de rimas), o que os posicionam, também, no lugar da literatura brasileira contemporânea, cujos resquícios e heranças advêm das vertentes modernista e marginal (cf. SANTOS JÚNIOR, 2014). Não há uma preocupação do poeta em segmentar uniformemente as estrofes dos poemas, tampouco em articular e organizar os versos por rimas e sílabas poéticas. Apesar disso, há um esquema rítmico singular em cada texto, proporcionado pela espontaneidade e pela fluidez com que o eu lírico interpreta subjetivamente a realidade a sua volta.

A essa altura das reflexões, acredito ainda ser relevante apontar que poemas como "Fogueira" e "O sonho", dispostos após a segunda metade do livro, e "Tatuagem", último poema, compõem-se da esperança que sobrevive aos olhos do eu lírico, apesar de todos os embates cotidianos entre a vida e a morte, entre plantar palavras e colher sementes para renascer. Ainda depois da dura travessia pelos labirintos da depressão (pois, por diversos motivos, a obra possui traços de autoficção ou autobiografia), nos últimos versos, o eu lírico e o poeta, a um só tempo, demonstram ter esperanças de que a vida vai melhorar: "Novos desejos/do que se compõe/mais leve.../Por ora/sigo criando/um jardim na pele" (p. 211). Nesse limiar, embora o jardim seja o lugar onde vida e morte coocorrem/competem, resta àquele que vive acreditar que a poesia desfrutada pela natureza pode socorrê-lo e, consequentemente, livrá-lo do fim.

Referências

DE NICOLA, José. *Literatura brasileira:* das origens aos nossos dias. São Paulo: Scipione, 1998.

SANTOS JÚNIOR, Luiz Guilherme. Uma revisão crítica da poesia marginal brasileira. *Revista Estação Literária*, Londrina, v. 12, jan. 2014, p. 217-228. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/26218/19015. Acesso em: 04 fev. 2021.

SARTIEF, Jean. *Jardim dos abismos*. Natal/RN: Lucgraf, 2020.

Tirinhas

VOLTOU PRO GRUPO DA FAMÍLIA? VÊ SE NÃO FAZ DRAMA DESSA VEZ!
TU ME CONHECE MELHOR QUE ISSO, MULHER! RESILIÊNCIA É MEU FORTE!
SEI...
CHIQUINHO POSTOU UM VÍDEO DE ALGUÉM SENDO MORTO A FACADAS...
COMO FAZ PRA BLOQUEAR ALGUÉM NO WHATSAPP?
Everton Pessan

ISSO É SÓ UM PRESIDENTEZINHO! É APENAS ALGO QUE GRANDE MÍDIA PROPALA... ER... PROPAGA PELO MUNDO TODO!
O PRESIDENTE TÁ AÍ! MAS TEM QUE ENFRENTAR COMO SERINGA DE PISTOLA, PÔ! NÃO COMO SERINGA DE PLÁSTICO!
SENHOR... 180 MILHÕES DE ELEITORES ARREPENDIDOS!
E DAÍ? QUER QUE EU FAÇA O QUÊ? EU NÃO SOU URNA ELETRÔNICA!
IMPÕE SIGILO NO MEU TÍTULO DE ELEITOR PARA 1000 ANOS, TAOKÊI?
Everton Pessan

EM UMA REALIDADE MAIS OU MENOS ALTERNATIVA
PESQUISA FALSA-FOLHA... VOCÊ ACEITARIA APLICAR UMA DOSE DO PRESIDENCIALISMO BRASILEIRO?
CLARO QUE NÃO!
NÃO TEM COMPROVAÇÃO DE EFICÁCIA... ALÉM DISSO, SEMPRE TEVE CORRUPÇÃO NESSE PAÍS E AGORA ELES QUEREM DISTRIBUIR A DEMOCRACIA?
Everton Pessan

Barbantinha

Especial escrito por crianças

ANO I - NÚMERO 01 - MARÇO DE 2021

Carta aos pequenos e pequenas leitores(as)

Querida criança, estamos bastante felizes por ter você aqui! A Barbantinha tem como objetivo estimular a leitura, a escrita, o desenho e a criatividade. Todo mundo pode tornar-se um artista! É só pegar um lápis e um papel e soltar a imaginação! Vamos lá?!

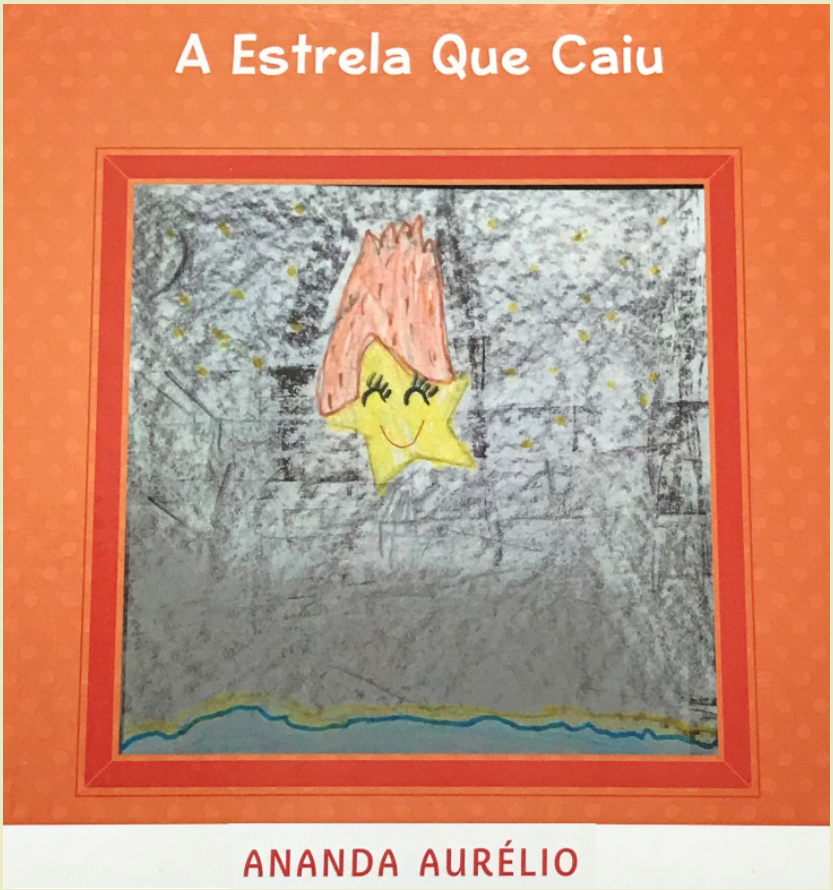
O nosso desejo é o de recebermos muitas colaborações de crianças do mundo inteiro que queiram mostrar os textos que escrevem e suas pinturas e desenhos. Por isso, pedimos aos pais, às mães, responsáveis, professores e professoras que incentivem suas crianças na arte da escrita e do desenho, para que possam compartilhar conosco dessa alegria.

A Barbantinha nasce quando a Barbante completa nove anos de idade! Que a irmã mais velha possa estimular a caçula a ficar cada vez mais alegre e colorida! E isso acontecerá sempre você que nos enviar suas criações!

Um abraço,

As editoras.

Poemas



A Estrela que Caiu

Era uma vez um Estrela...
Ela morava no Céu
e amava muito o brilho do mar.

Uma noite, a Estrela fez tanta força
Pra descer do céu que,
Ela acabou caindo.

Então ela virou
Uma linda Estrela Cadente...
E caiu no oceano.

A Estrela agora
É uma Estrela do Mar
Com muitos amigos peixinhos.

Ela adora a vida no Oceano
E de noite, a Estrela do Mar
Gosta de ver o céu.

(Ananda Aurélio - 7 anos/RJ)

Gato Preto

(JP Mees)

Que mania é essa
Deixa de ser bobo
Para de inventar
Meu povo
Temos que ter limite
Bruxa malvada não existe
Não vejo vassoura voando
No céu só tem nuvem
Sol e lua, dia e noite
Sem essa de caldeirão
No máximo do céu
Só vem chuva e trovão
Quem sabe olhando para o alto
eu veja um avião
E se for colorido
é um balão
E quem foi que disse
Que gato preto da azar
O bichano é tão bonito
Pelo pretinho
Brilhando
Todo manhoso
Inocente brincando
Com um novelo no chão
Gato branco ou preto
Por que tanto preconceito
O gato pretinho
É da criança um amigo ligeiro
E não um vilão
Sem essa de abandono
Jogado num canto
Sem carinho ou sem um dono
Que mundo vivemos
Sendo humano ou gato preto

Sou criança
E não aceito preconceito
Na cor da pele ou do pelo
Perante Deus
Somos todos do mesmo jeito
É igual a cor dos nossos ossos
Nossa alma é o que vale
E o amor que estampamos no peito
Espero que entenda
A minha comparação
Na fila da adoção
Diga adeus ao preconceito
Seja verdadeiro
Distribua amor
Seja humano ou gato preto
Seja família de coração.

MEU PEQUENO MUNDO

NÃO CONSIGO DESCREVER
ESTE MUNDO TÃO LOUCO
MINHA VIDA AGITADA
O CANSAÇO EM MEU CORPO

SEM ESTRATÉGIAS VOU SEGUINDO
SEM RUMO OU DIREÇÃO
ESCREVO MINHA PRÓPRIA HISTÓRIA
COM ALEGRIAS E DIVERSÃO

TENTO ALEGRAR A TODOS
DOU O MELHOR DE MIM
MAS ÀS VEZES NÃO CONSIGO
COMEÇO A CAIR SEM FIM

TENHO MOMENTOS MEUS
DE ALEGRIAS E SOLIDÃO
ENTÃO OUÇO MUITAS MÚSICAS
QUE ACALMAM MEU CORAÇÃO

ESSE MUNDO APERTADO
FICOU BEM MENOR AGORA
COM TRISTEZAS E SOFRIMENTOS
QUE LOGO IRÃO EMBORA

NÃO PODEMOS DIZER
QUE NOSSO MUNDO É PERFEITO
MAS PODEMOS MELHORAR
E SÓ MEXER UM DEDO

MONALIZA PREVIATO – 13 ANOS
BOTUCATU (SP)

Cartas

Escola Municipal
BRIGADEIRO
EDUARDO GOMES

Projeto cartas virtuais para semeadores de fé, amor e esperança

Alunos participantes do projeto que escreveram as cartas:

1. **Karla Julyanne Santos Freire** (6° ano) – Agentes de cultural, gestores educacionais, vereadores, cuidadores de idosos, transportes públicos. (5 cartas)
2. **Hellen Caroline Bordin Duarte Domingues** - (6° ano) - Farmácias e mercados (1 carta)
3. **Ana Luiza Cabral de Lima e Silva** (7° ano) – Professores, alunos (2 cartas)
4. **Maria Fernanda Nuñez Albuquerque** (7° ano) - Comunicação (1 carta)
5. **Monalisa Heloisa da Silva** (7° ano) – Saúde (1 carta)
6. **Pablo Ítalo de Moura Figueiredo** (9° ano) - Funcionários escolares (1 carta)
7. **Rita de Cássia Dantas** (9° ano) - Segurança pública, caminhoneiros (2 cartas)

Escola Municipal BRIGADEIRO EDUARDO GOMES

Parnamirim/RN, 13 de junho de 2020

Caríssimos profissionais da segurança,

Espero que, mesmo com esta pandemia pelo novo Coronavirus, vocês estejam bem e firmes no desempenho de suas funções, as quais consistem em proteger o cidadão, a sociedade e preservar a ordem pública.

Esta cartinha tem como objetivo agradecer a cada um que trabalha em prol da proteção do outro.

Seguranças, policiais e bombeiros saibam que o ofício desempenhado por vocês é muito importante. Proteger a sociedade já é algo louvável, visto que muitas vezes arriscam suas próprias vidas para salvar a do outro. Imagine agora! Com a Covid-19? Doença que pode ser contraída por pessoas que se exponham ao vírus.

A profissão de vocês não os permite ficar em casa, em isolamento social, porque necessitam cuidar da população que continua enfrentando vários problemas e somente vocês podem ajudar.

Obrigada por nos proteger, por não deixar de realizar o trabalho de vocês durante essa pandemia.

Cuide-se e cuide de seus familiares!

"NÃO IMPORTA QUAL É O SEU TRABALHO, FAÇA-O COMO SE DELE DEPENDESSE O MUNDO".

Rita de Cássia – (9º ano)

Escola Municipal BRIGADEIRO EDUARDO GOMES

Parnamirim, 04 de junho de 2020

Caríssimos Cuidadores e Cuidadoras,

Venho, por meio desta carta, parabenizar o trabalho realizado por vocês! Sempre cuidando e protegendo, alimentando e dando total apoio aos Idosos ou a quem necessita de cuidados especiais.

Mesmo em meio a esta pandemia, que tem causado vários problemas para muitas pessoas, vocês continuam firmes e fortes, fazendo essa ação solidária! Realizando um trabalho que é tão importante para essas pessoas e seus familiares.

Muitas vezes é difícil prosseguir, mas Deus está com vocês nessa jornada de **amor** e **esperança**.

Espero que vocês estejam e permaneçam bem. Que continuem se cuidando e cuidado da família de vocês!

Com **fé** de que tudo vai passar, parabenizo-os, novamente, pelo esforço e pelo **amor** que vocês têm pelas pessoas que cuidam!

Beijos da Aluna Karla Julyanne, 6º ano ♡

Escola Municipal BRIGADEIRO EDUARDO GOMES

Parnamirim/RN, 06 de junho de 2020

Caríssimos profissionais da comunicação, espero que estejam bem e com saúde!

Com alegria, escrevo esta carta para agradecer a todos os que com competência e determinação trabalham incansavelmente para manter a população bem informada com notícias e reportagens, sejam elas boas ou ruins.

Acredito que um país democrático depende de uma sociedade bem formada e informada e muito disso são vocês os responsáveis por realizarem!

Em meio a essa pandemia do novo corona vírus, preocupa-nos o quanto vocês arriscam suas vidas e daqueles que estão próximos a vocês para trazerem até nós as informações necessárias e corretas sobre o que, verdadeiramente, está acontecendo em todo o mundo acerca dessa doença, a Covid-19. Nosso reconhecimento!

Agradecemos também aos youtubers e a todos os que utilizam as mídias em geral de forma positiva, com produção de vídeos educativos que contribuem com a nossa formação e, em outros casos, com o nosso entretenimento. Além daqueles que disseminam mensagens de fé, esperança, alegria e amor neste período tão difícil para todos nós.

Com fé de que tudo isso vai passar!

Maria Fernanda (7º ano)

Escola Municipal BRIGADEIRO EDUARDO GOMES

Parnamirim/RN, 09 de junho de 2020

Caríssimos profissionais da saúde,

Agradecer é a palavra de ordem neste momento difícil o qual atravessamos.

Os médicos, enfermeiros e todos os demais profissionais da saúde, que estão na linha de frente, esforçando-se como nunca para cuidar de cada pessoa que necessita, merecem nosso respeito e agradecimento. Saibam que vocês são incríveis; autênticos lutadores! Pessoas que nos salvam e nos ajudam a viver melhor. É maravilhoso compartilhar este mundo com vocês, aliás, a vida só vale a pena assim.

Um agradecimento sincero e votos de sucesso nesta batalha que enfrentamos. Nesta luta que só terá fim porque vocês são profissionais competentes, capazes de sanar ou amenizar os males causados por essa doença que tanto está fazendo as pessoas sofrerem.

Por Deus! Cuidem-se e cuidem dos seus! Temos fé e esperança de que logo tudo vai passar!

Aos nossos heróis, gratidão!

Monalisa (7º ano)

Escola Municipal BRIGADEIRO EDUARDO GOMES

Parnamirim/RN, 06 de julho de 2020

Caros agentes de cultura!

Por meio desta cartinha, quero falar o quanto vocês são especiais para todos nós, pois os eventos e atividades culturais promovem o conhecimento, o lazer e o bem estar; o que nos ajuda a viver melhor. A arte nos dá; através da literatura, da música, do teatro e de tantas outras formas de expressão artística, um entendimento do mundo. Contribui para compreendermos melhor a vida e nossas emoções.

Durante essa pandemia do novo coronavírus, muitos que vivem da arte estão produzindo cultura por meio de lives. Isso muito nos alegra devido ao isolamento social. Acredito que para vocês não está sendo fácil! Não é mesmo?

No momento, está difícil para quem depende financeiramente de atividades que não podem ser realizadas. Mas, quero dizer que tudo há de se ajeitar e que, brevemente, todos vocês aquecerão presencialmente o coração de muita gente, produzindo cultura, contribuindo para o desenvolvimento social e econômico de nossa cidade e de nosso país.

Com esperança de que teremos dias melhores, agradeço por tudo que vocês têm feito pela arte. Obrigada por entreter e alegrar o coração de cada um de nós! 😊

Espero que estejam bem e cuidando das suas famílias.

Tenham **fé** e **esperança** que tudo isso passará! A música de Gilberto Gil não deixa dúvida: **"Andar com fé eu vou, que a fé não costuma faiá".**

Um grande abraço! Da aluna Karla Julyanne (6º ano) ✨

Escola Municipal BRIGADEIRO EDUARDO GOMES

Parnamirim/RN, 10 de junho de 2020

Queridos profissionais da limpeza,

Estou escrevendo esta carta para os agradecer pelo serviço que desempenham e os cuidados que estão tendo com a população.

Estamos num momento muito difícil devido a essa pandemia do novo coronavírus, mas esse vírus logo, logo vai embora, pois os cientistas estão desenvolvendo uma vacina e estudando como tratar das pessoas infectadas.

Neste momento, necessitamos nos unir. Sei que você precisa trabalhar por todos nós para limpar os espaços coletivos, recolhendo o lixo que produzimos. No entanto, não esqueça das recomendações para não contrair a doença.

Quando puder, fique em casa, use máscaras e luvas, lave as mãos ou passe álcool recomendado, pois é muito importante para sua saúde. Peço que se cuide bastante, mantenha sempre a fé, o amor e a esperança, porque é isso que todos nós estamos precisando.

A sua profissão é muito importante para todos. Temos orgulho da função que desempenha, pois você contribui com a saúde das pessoas. Vamos nos cuidar para que tudo isso passe logo! Cuide da sua família e de quem você mais ama.

Neste momento difícil, tenha fé, amor e esperança.

Larissa do Carmo – (8º ano)

Escola Municipal BRIGADEIRO EDUARDO GOMES

Parnamirim/RN, 09 de junho de 2020

Queridos profissionais de mercados e farmácias; espero encontrar todos com saúde!

Venho por meio desta carta prestar uma homenagem a todos vocês, (operadores de caixas, balconistas, vendedores, encarregados de estoque, repositor de mercadoria, entregador, empacotador, pessoal da limpeza, entre outros). Todos com as suas funções, extremamente, importantes para o bom atendimento à população.

Imaginem o que seria de nós, se não fosse possível reabastecer-nos com alimentação e remédios? Impossível imaginar!

Mesmo em meio a esta pandemia do novo coronavírus, a qual tem causado imensos transtornos para as pessoas, vocês continuam firmes, trabalhando com muito amor, dedicação e o mais importante: esperança!

Embora correndo riscos, desempenham suas atividades com amor e fé de que tudo vai ficar bem, permanecendo firmes em um trabalho tão essencial para a sociedade.

Vivencio essa luta, diariamente, como filha de uma profissional dessa área e dedicada ao trabalho, tal qual a de vocês. Por isso parabenizo a todos.

Com amor!

Hellen Caroline (6° ano)

Escola Municipal BRIGADEIRO EDUARDO GOMES

Parnamirim/RN, 08 de junho de 2020

Caríssimos gestores educacionais,

Venho, através dessa carta, parabenizar o trabalho de todos os que ajudam as escolas onde quer que elas estejam. São tantas instituições escolares e muitas coisas para fazer! No entanto, vocês se esforçam para fazer o melhor e dão todo o seu potencial.

Mesmo em meio a essa pandemia do novo coronavírus, tomam as devidas decisões para o bem maior de todas as escolas .

Sei que, às vezes, ficamos cansados ou desanimados para continuar, mas Deus vai ajudar e Ele já está os ajudando nessa jornada pela Educação!

Deixo alguns versículos do livro mais lido do mundo, a bíblia, para uma reflexão:

"Recordando-nos, diante do nosso Deus e Pai, da operosidade da vossa FÉ, da abnegação do vosso AMOR e da firmeza da vossa ESPERANÇA em nosso Senhor Jesus Cristo". (I Tessalonicenses 1.3)

Amor: "O Amor trata dos nossos relacionamentos em todos os sentidos e expressões".

Esperança: "A esperança é o que nos faz olhar para o Futuro".

Fé: "Nossa salvação, Cura, Libertação, Prosperidade, Adoração. Todas as riquezas da Graça de Deus são dadas a nós através da nossa Fé".

"Pela Fé temos acesso a essa Graça" (Romanos 5:2)

Espero que estejam bem, e estejam se prevenindo e cuidando da família de vocês, pois tudo isso vai passar!

Com fé, amor e esperança!

Beijos da Aluna Karla Julyanne – (6º ano)

Escola Municipal BRIGADEIRO EDUARDO GOMES

Parnamirim/RN, 08 de junho de 2020

Caríssimos professores e professoras! Tudo bem com vocês? Espero que estejam bem e cumprindo a quarentena, hein?!

Estamos passando por um momento muito preocupante. A pandemia pelo novo coronavírus está cada vez pior; por isso, temos que tomar TODOS os cuidados necessários para o nosso bem e o bem do próximo.

Estamos em isolamento social, mas isso não significa ficarmos parados sem fazer nada, no caso, muitos de vocês estão sugerindo muitas atividades, estudos e leituras literárias para os alunos, e nós, tentado aprender para correspondermos positivamente. Mas queridos professores, não se prendam muito a isso. Talvez estejam preocupados em recuperar o tempo que estamos perdendo, sem as aulas presenciais, e esquecem de descansar, ler um livro, desenhar, aprender a tocar algum instrumento, meditar, colecionar algo ou até fazer o que gostaria de ter feito no início do ano letivo e não tiveram tempo suficiente.

Vocês são muito importantes para nós e para a nossa educação. Acredito que estão com muitas saudades de nós, alunos, assim como também estamos de cada um de vocês. Não fiquem tristes. Tudo isso vai passar e terão muitas aulas juntos aos seus alunos.

Versos da música "Um bom professor, um bom começo" ilustra a importância de vocês:

A base de toda conquista é o professor/ A fonte de sabedoria, um bom professor/ Em cada descoberta, cada invenção, todo bom começo tem um bom professor [...]

Saibam que estamos todos unidos pelo amor e pela educação. Espero que essa carta tenha os ajudado a tornar mais leve esse momento e com Fé, Amor e Esperança aguardamos vocês no nosso recomeço.

Vocês são especiais, professores! beijinhos no

Ana Luiza (7º ano)

Escola Municipal BRIGADEIRO EDUARDO GOMES

Parnamirim/RN, 04 de junho de 2020

Caros colegas, alunos; espero que estejam bem!

Sou aluna do ensino fundamental e resolvi escrever como forma de interagir com outros estudantes, que assim como eu, sentem a necessidade de dizer o que estou sentindo e,

talvez conseguir ouvir o outro.

Estamos vivendo um isolamento social em virtude de uma pandemia que nunca imaginei existir. Estamos sem aulas, sem encontros, sem um monte de coisas que gostamos de fazer. Entretanto, estamos tendo a oportunidade de aprender com isso. Não acham?

Em minha escola, existem umas professoras que pensando nisso, sugeriram esse meio de comunicação como forma de estarmos próximos, de dizer que o outro importa. Eu achei bem legal!

Assim, colegas, não podemos desanimar! Mesmo sem as aulas presenciais, sem estarmos com professores e amigos todos os dias, temos que continuar estudando e seguindo nossa vida. Não podemos ficar sem fazer nada. Necessitamos treinar nosso cérebro com atividades como leituras, estudo utilizando nossos livros didáticos ou algum outro que nossos professores estão nos passando, pois quanto mais lemos mais aprendemos, e isso é muito importante.

Percebi que essa pandemia está servindo para aprendermos que podemos nos unir, mesmo estando longe, porque conseguimos nos comunicar por mensagens virtuais que é uma forma de diminuir a ausência do outro.

Espero ter passado minha mensagem. SAIBA QUE IREMOS SAIR DESSA MAIS FORTES, COM MUITO APRENDIZADO.

Temos que tomar muito cuidado para não contrair o vírus. Então, nada de sair de casa!

Carinhosamente, Ana Luiza – 7º ano

Escola Municipal
BRIGADEIRO
EDUARDO GOMES

Parnamirim/RN, 06 de julho de 2020

Caríssimos caminhoneiros 🚚,

Espero que estejam bem e com saúde.

Escrevo esta carta, em agradecimento ao trabalho realizado por vocês. A profissão de caminhoneiro sempre foi de extrema importância para a economia do país e, neste momento de pandemia pelo novo Coronavírus, esse ofício se torna ainda mais admirável, pois já pensou se a população ficasse sem acesso aos itens básicos e necessários para a sobrevivência?

A atividade de dirigir requer atenção constante e muita responsabilidade. Vocês, caminhoneiros, enfrentam desafios diariamente, como estradas ruins, roubos de cargas, riscos de acidentes e a solidão que é comum nesta profissão, já que passam vários dias sozinhos pelas estradas. Mas, saiba que o trabalho desempenhado por vocês é essencial para que nosso Brasil continue "funcionando" e a gente sobrevivendo.

Lembro do protesto feito pelos caminhoneiros em 2018. O país enfrentou muitos problemas. Isso foi a prova de que se vocês pararem, o Brasil para também.

Obrigada por continuarem trabalhando durante essa pandemia. Por deixarem seus familiares em casa, preocupados. Cuidem-se e zele por sua família.

Gratidão a todos vocês, caminhoneiros. 🚚

Rita de Cássia (9º ano)

Escola Municipal BRIGADEIRO EDUARDO GOMES

Parnamirim/RN, 23 de junho de 2020

Caríssimos motoristas do transporte público,

Através desta carta, quero dizer o quanto vocês são importantes para a população, pois são os responsáveis por conduzirem as pessoas aos diversos lugares onde necessitam ir. E, mesmo em meio a esta pandemia do novo Coronavírus, continuam na batalha, desempenhando seu ofício, tomando os devidos cuidados para o bem de todos os passageiros. Faça chuva ou faça sol 24h por dia, vocês estão trabalhando duro pelo pão de cada dia!

A profissão que desempenham exige que enfrentem muitos perigos. Muitos de vocês saem de casa ainda muito cedo, deixando suas famílias angustiadas, sem saber se o retorno será tranquilo após um longo e difícil dia de trabalho. Mesmo assim, permanecem firmes e fortes acreditando que Deus vai ajudá-los e protegê-los na conquista de seu sustento!

Sabemos que muitos motoristas trabalham até a madrugada para transportar os passageiros que estão voltando de seus compromissos diários. Realmente, sem vocês ficaríamos muito prejudicados! Vocês são profissionais essenciais em nossa sociedade.

Obrigada por tudo! Acreditem que vai ficar tudo bem. Tudo vai passar! Tenham **fé** e **esperança** em dias melhores. ✨

Continuem se cuidando. Fiquem em paz! Obrigada!

Um grande abraço da Aluna Karla Julyanne do 6° (ano) ♡

Escola Municipal
BRIGADEIRO
EDUARDO GOMES

Mulheres

A mulher é guerreira
Luta por sua casa até na faxina de sexta-feira
A mulher que é esforçada
Merece ser valorizada

A mulher é sexo frágil
Mas pode virar o HULK
Ela merece respeito
E também muito aconchego

Pode ser o que quiser!
Menina, jovem ou mulher
E nesse poema, vim falar
Do amor e respeito que devemos lhe dar!

Mulher! Lembre-se de se cuidar,
Não deixe "qualquer" homem lhe tocar.
Seja feliz e tenha autoestima
Para sua saúde ficar lá em cima!

E, um último recado eu quero dizer
Certamente não vai lhe surpreender,
Pois não importa o que você é, mãe ou tia
Lembre-se, mulher, todo dia é o seu dia!

Karla Julyanne - (6º ano)

A Barbantinha espera por novas crianças escritoras, leitoras ou desenhistas na sua próxima edição

Biografia do fotógrafo desta edição

Cícero Batista de Oliveira Júnior, potiguar, 52 anos, graduado em jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, atua como fotojornalista desde 2006. Possui experiência também em fotodocumentarismo, fotografia publicitária, e como professor de fotografia, tendo trabalhado como instrutor no Pronatec, Universidade Câmara Cascudo, Universidade Potiguar e atualmente na UFRN. É um dos autores do livro Hora Imortal – UFRN Contemporânea.

Expediente

Revista Barbante
Ano IX - Nº 34 - 21 de feveiro de 2021
ISSN 2238-1414

09 anos da revista Barbante

Editores
Rosângela Trajano
Christina Ramalho
Ítalo de Melo Ramalho

Revisão
Dos autores

Conselho editorial
Juli Lima
Sandra Erickson
Sylvia Cyntrão
Samuel de Mattos

Conselho editorial da Barbantinha
Eliane Teixeira
Carlos Alexandre
Cléo Sousa

Fotografias desta edição
Cícero Batista de Oliveira Júnior

Ilustrações da Barbantinha
Danda

Diagramação
Rosângela Trajano

Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

Revisão dos autores.

A revista Barbante agradece a todos os colabodores que ajudam a construí-la ao longo desses nove anos.